

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LARA OLEQUES DE ALMEIDA

***PARADAS SOBRE PALAVRAS: UM ESTUDO (META)ENUNCIATIVO DOS
PARÊNTESES NA LÍNGUA FALADA***

SÃO PAULO
2021

LARA OLEQUES DE ALMEIDA

***PARADAS SOBRE PALAVRAS: UM ESTUDO (META)ENUNCIATIVO DOS
PARÊNTESES NA LÍNGUA FALADA***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Gaston Hilgert

SÃO PAULO
2021

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A447p

Almeida, Lara Oleques de

PARADAS SOBRE PALAVRAS: UM ESTUDO (META)ENUNCIATI-VO DOS
PARÊNTESES NA LÍNGUA FALADA: [recurso eletrônico] / Lara Oleques de
Almeida.

4130 KB ; il.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie,
São Paulo, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Jose Gaston Hilgert

Referências Bibliográficas: f.200 -206

1. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Modalização Autonímica.
Metaenunciação. Parênteses. Parentetização Metaenunciativa.. I.
Hilgert, Jose Gaston, *orientador*.II. Título.

Bibliotecário Responsável: Andrea Alves de Andrade - CRB 8/9204

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: LARA OLEQUES DE ALMEIDA

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras

Título do Trabalho: PARADAS SOBRE PALAVRAS: UM ESTUDO (META)ENUNCIATIVO DOS PARÊNTESES NA LÍNGUA FALADA

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria:
- Outro:

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

LARA OLEQUES DE ALMEIDA

**PARADAS SOBRE PALAVRAS: UM ESTUDO (META)ENUNCIATIVO DOS
PARÊNTESES NA LÍNGUA FALADA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.


Aprovada em 08 de novembro de 2021.

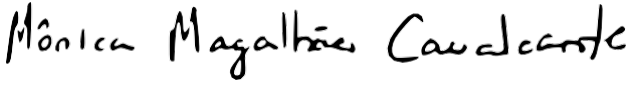
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Gaston Hilgert
Universidade Presbiteriana Mackenzie


Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros
Universidade Presbiteriana Mackenzie


Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Batista
Universidade Presbiteriana Mackenzie


Prof. Dra. Isabel Maria Loureiro de Roboredo Seara
Universidade Aberta de Lisboa


Prof. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante
Universidade Federal do Ceará

À Valentina, sempre.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Orientador, Prof. Dr. José Gaston Hilgert, mestre que inspira e amigo que acolhe, porque seus dizeres e seus fazeres científicos estão representados nesta tese, que considero uma singela homenagem à sua trajetória como pesquisador.

Aos Professores e às Professoras Dra. Aurora Gedra Ruiz Alvarez, Dra. Diana Luz Pessoa de Barros, Dr. José Gaston Hilgert, Dra. Maria Helena de Moura Neves, Dra. Maria Lúcia Marcondes C. Vasconcelos, Dra. Regina Helena Pires de Brito, Dr. Ronaldo de Oliveira Batista, porque com vocês aprendi a reconhecer e a escutar as diferentes vozes que tramam os discursos.

À Profa. Dra. Regina Helena Pires de Brito, porque sua amizade é um presente; porque com você conheci os caminhos da lusofonia.

À Profa. Dra. Elisabetta Santoro, porque me aceitou como aluna em sua disciplina na USP; porque suas lições me permitiram vislumbrar outros horizontes de pesquisa.

Aos Professores Dr. Sírio Possenti e Dr. Ronaldo de Oliveira Batista (um privilegio tê-los como enunciatários), pela leitura atenta de meu trabalho de qualificação, pelos desafios propostos.

Aos Professores e às Professoras Dra. Isabel de Roboredo Seara, Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, Dra. Diana Luz Pessoa de Barros e Dr. Ronaldo de Oliveira Batista, por terem aceitado o convite para integrar a banca examinadora desta tese.

Ao Prof. Dr. Yadir González Hernández, porque sua amizade é valiosa; porque me ajudou em vários momentos da pesquisa.

À Profa. Dra. Simone Pires de Assumpção, porque sua amizade é inquebrantável; porque me ajudou com os percalços da língua inglesa.

Ao Prof. Fabrício de Oliveira Vasconcelos, pela ajuda com os percalços da língua francesa.

A todos os amigos e familiares que, de inúmeras e diferentes maneiras, contribuíram concretamente para a realização deste trabalho.

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em especial, à Coordenadora, Dra. Regina Helena Pires de Brito, e ao Secretário Pedro Zambon, porque, com competência técnica e humana, ajudaram a tirar muitas pedras do caminho.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie, pela concessão de bolsa e pelo apoio financeiro para participação em eventos de pesquisa.

À CAPES, pela concessão de bolsa.

Essas palavras porosas, carregadas de discursos que elas têm incorporados e pelos quais elas restituem, no coração do sentido do discurso se fazendo, a carga nutriente e destituente, essas palavras embutidas, que se cindem, se transmudam em outras, palavras caleidoscópicas nas quais o sentido, multiplicado em suas facetas imprevisíveis, afasta-se, ao mesmo tempo, e pode, na vertigem, perder-se, essas palavras que faltam, faltam para dizer, faltam por dizer – defeituosas ou ausentes – aquilo mesmo que lhes permite nomear, essas palavras que separam aquilo mesmo entre o que elas estabelecem o elo de uma comunicação, é no real das não-coincidências fundamentais, irreduzíveis, permanentes, com que elas afetam o dizer, que se produz o sentido. Assim é que, fundamentalmente, as palavras que dizemos não falam *por si*, mas pelo... "Outro": Outro que abre o discurso sobre sua exterioridade interdiscursiva interna, a nomeação sobre a perda relativamente à coisa, a cadeia sobre o excesso de sua "significância", a comunicação sobre a abertura intersubjetiva e, no total, a enunciação sobre a não-coincidência consigo mesmo do sujeito, dividido, dessa enunciação.

(Jacqueline Authier-Revuz)

ALMEIDA, Lara Oleques de. *Paradas sobre palavras: um estudo (meta)enunciativo dos parênteses na língua falada*. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2021.

RESUMO

Partindo da perspectiva da teoria da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) (AUTHIER-REVUZ, 1990[1984], 1998, 2004), inserida no âmbito da Linguística da Enunciação, convocamos a teoria da parentetização (JUBRAN, 2005) para propor e compor um estudo (meta)enunciativo dos parênteses na língua falada. Trabalhamos com a hipótese geral de que as formas da modalização autonímica, consubstanciadas em não-coincidências do dizer, comportam uma face pragmática de parentetização no discurso oral. Como decorrência desta, formulamos uma segunda hipótese: a própria teoria da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) apresenta elementos que permitem a aproximação teórica entre os fatos de metaenunciação e os de parentetização e a consequente identificação desses fatos no fio do discurso. Para testar essas hipóteses, elegemos como *corpus* de análise 20 inquéritos do Projeto NURC/SP, a modo de exemplário dos fenômenos em estudo. Partindo dessas hipóteses, traçamos como objetivo geral desta tese descrever e analisar as formas da modalização autonímica manifestadas no discurso oral para nelas reconhecer não só funções enunciativas, mas também funções pragmáticas de parentetização. Para tanto, perseguimos os seguintes objetivos específicos: 1) descrever a dinâmica de funcionamento metaenunciativo dos quatro campos de não-coincidências do dizer; para, então, 2) propor a aproximação do fenômeno da metaenunciação com o fenômeno da parentetização com base na própria estrutura de funcionamento das não-coincidências do dizer; 3) sustentar a existência do fenômeno da parentetização de natureza metaenunciativa e, por conseguinte, a adequação do termo *parentetização metaenunciativa* e suas variantes. A abordagem metodológica aos fenômenos investigados é dialógica (BAKHTIN, 2011[1979]) e eminentemente qualitativa, mas sem descuidar da análise quantitativa quando esta se mostrar relevante para a descrição dos mesmos. Os resultados da pesquisa apontam que o fenômeno da parentetização metaenunciativa se caracteriza pelo movimento concomitante de ruptura e coesão enunciativas (ruptura ligada), típico da dinâmica da modalização autonímica, que ocorreu, com frequência equitativa no *corpus*, tanto por meio de um retorno ou volta ao dizer (o que denominamos de laçada para trás) quanto por meio de uma antecipação ao dizer (o que denominamos de laçada para frente).

Palavras-chave: Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Modalização autonímica. Metaenunciação. Parênteses. Parentetização metaenunciativa.

ALMEIDA, Lara Oleques de. *Paradas sobre palavras: um estudo (meta)enunciativo dos parênteses na língua falada*. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2021.

RESUMEN

Tomando como punto de partida la perspectiva de la teoría de la(s) heterogeneidad(es) enunciativa(s) (AUTHIER-REVUZ, 1990[1984], 1998, 2004), inscrita en el ámbito de la Lingüística de la Enunciación, nos hemos valido de la teoría de los parentéticos (JUBRAN, 2005) para proponer y componer un estudio (meta)enunciativo sobre los paréntesis en la lengua hablada. Trabajamos con la hipótesis general de que las formas de la modalización autonímica, materializadas en no coincidencias del decir, comportan una dimensión pragmática de paréntesis en el discurso oral. Como resultado de esta, formulamos una segunda hipótesis: la propia teoría de la(s) heterogeneidad(es) enunciativa(s) presenta elementos que permiten la aproximación teórica entre las manifestaciones metaenunciativas y parentéticas y la consecuente identificación de dichas manifestaciones en el hilo del discurso. Para poner a prueba estas hipótesis, elegimos como *corpus* de análisis 20 entrevistas del Proyecto NURC/SP, a modo de ejemplo de los fenómenos en estudio. Partiendo de esas hipótesis, nos trazamos como objetivo general de la investigación describir y analizar las formas de la modalización autonímica manifestadas en el discurso oral para reconocer en ellas no sólo funciones enunciativas, sino también funciones pragmáticas de paréntesis. Para ello, perseguimos los siguientes objetivos específicos: 1) describir la dinámica de funcionamiento metaenunciativo de los cuatro campos de no coincidencias del decir; para, entonces, 2) proponer la aproximación del fenómeno de la metaenunciación al fenómeno de los parentéticos con base en la propia estructura de funcionamiento de las no coincidencias del decir; 3) sustentar la existencia del fenómeno de los parentéticos de naturaleza metaenunciativa y, por consiguiente, la adecuación del término *parentéticos metaenunciativos* y sus variantes. El abordaje metodológico de los fenómenos investigados es dialógico (BAKHTIN, 2011[1979]) y eminentemente cualitativo, pero sin descuidar el análisis cuantitativo cuando este se muestra relevante para la descripción de los mismos. Los resultados de la investigación apuntan a que el fenómeno de los parentéticos metaenunciativos se caracteriza por el movimiento concomitante de ruptura y cohesión enunciativas (ruptura ligada), típico de la dinámica de la modalización autonímica, que se produjo, con una frecuencia equilibrada en el *corpus*, tanto por medio de un regreso o vuelta al decir (lo que denominamos bucle hacia atrás) como por medio de una anticipación al decir (lo que denominamos bucle hacia delante).

Palabras clave: Heterogeneidad(es) enunciativa(s). Modalización autonímica. Metaenunciación. Paréntesis. Parentéticos metaenunciativos.

ALMEIDA, Lara Oleques de. *Paradas sobre palavras: um estudo (meta)enunciativo dos parênteses na língua falada*. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2021.

ABSTRACT

From the perspective of the theory of enunciative heterogeneity(ies) (AUTHIER-REVUZ, 1990[1984], 1998, 2004), within the scope of Enunciation Linguistics, we selected the theory of bracketing (JUBRAN, 2005) to propose and develop a (meta)enunciative study of bracketing in spoken language. We worked with the general hypothesis that the forms of autonymic modalization, embodied in non-coincidences of saying, bear a pragmatic aspect of bracketing in spoken discourse. As a result, we formulated a second hypothesis: the theory of enunciative heterogeneity(ies) itself presents elements that allow a theoretical approximation between meta-enunciation and bracketing facts and the consequent identification of these facts in the thread of the discourse. In order to test these hypotheses, we selected 20 interviews from the NURC/SP Project as our corpus of analysis, as examples of the phenomena under study. Based on these hypotheses, the main aim of this doctoral dissertation was to describe and analyze the forms of autonymic modalization manifested in spoken discourse in order to recognize in them not only enunciative functions, but also pragmatic functions of bracketing. For this purpose, we pursued the following specific objectives: (1) to describe the meta-enunciative functioning dynamics of the four fields of non-coincidence of saying; so that we could, then, (2) propose the approximation of the phenomenon of meta-enunciation with the phenomenon of bracketing based on the functioning structure of the non-coincidences of saying; and (3) to support the existence of the phenomenon of bracketing of a meta-enunciative nature and, consequently, the adequacy of the term meta-enunciative bracketing and its variants. The methodological approach to the investigated phenomena was dialogical (BAKHTIN, 2011[1979]) and eminently qualitative, but without neglecting quantitative analysis when it proved relevant for data description. Research results showed that the phenomenon of meta-enunciative bracketing is characterized by the concomitant movement of enunciative rupture and cohesion (connected rupture), typical of the dynamics of autonymic modalization, which occurred, with equitable frequency in the corpus, either through a return to saying (what we call backward loop) or an anticipation of saying (what we call forward loop).

Key-words: Enunciative heterogeneity(ies). Autonymic modalization. Meta-enunciation. Bracketing. Meta-enunciative bracketing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Percurso de análise do quadro formal da enunciação (FLORES, 2019, p. 160).....	65
Figura 2 –	Parentetização metaenunciativa com laçada para trás – volta ao dizer.....	131
Figura 3 –	Parentetização metaenunciativa com laçada para frente – antecipação ao dizer.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Detalhamento dos inquéritos integrantes do <i>corpus</i> de pesquisa.....	40
Quadro 2 –	Formas metaenunciativas selecionadas para análise no <i>corpus</i> – prototipicidade e recorrência.....	42
Quadro 3 –	Exemplos de variantes das formas metaenunciativas selecionadas para análise no <i>corpus</i>	43
Quadro 4 –	Classes e funções dos parênteses (JUBRAN, 2015, p. 302-303).....	116
Quadro 5 –	Expressões de parentetização metaenunciativa identificadas a partir da classificação de classes e funções dos parênteses de Jubran (2015, p. 302-329).....	121
Quadro 6 –	Exemplos de expressões que revelam o movimento de <i>ruptura sem laçada</i> – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca por uma nomeação).....	137
Quadro 7 –	Exemplos do movimento de <i>laçada para frente</i> – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca por uma nomeação).....	138
Quadro 8 –	Exemplos do movimento de <i>laçada para trás e para frente</i> – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca pela transparência na nomeação).....	144
Quadro 9 –	Exemplos do movimento de <i>laçada para trás</i> – não-coincidência das palavras consigo mesmas (subtipos fixação do sentido e ampliação do sentido).....	157
Quadro 10 –	Tipos de "outro" – não-coincidência interdiscursiva (subtipo outro dizer).....	162
Quadro 11 –	Exemplos do movimento de <i>laçada para trás e para frente</i> – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um outro dizer).....	163
Quadro 12 –	Tipos de "outro" – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um dizer por rodeios).....	168
Quadro 13 –	Exemplos do movimento de <i>laçada para trás e para frente</i> – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um dizer por rodeios).....	169
Quadro 14 –	Exemplos do movimento de <i>laçada para trás e para frente</i> – não-coincidência interlocutiva (subtipo injunção a dizer em uma só voz).....	177
Quadro 15 –	Tipos e funções da parentetização metaenunciativa – expressões levantadas em <i>corpus</i>	186

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Distribuição dos movimentos de <i>laçada</i> por inquérito – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca por uma nomeação).....	139
Tabela 2 –	Frequência de uso dos verbos <i>dicendi</i> nas não-coincidências entre as palavras e as coisas (subtipo busca por uma nomeação).....	141
Tabela 3 –	Distribuição dos movimentos de <i>laçada</i> por inquérito – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca pela transparência na nomeação).....	145
Tabela 4 –	Frequência da expressão <i>em termos/em termos de</i> em alguns inquéritos – todas as funções.....	152
Tabela 5 –	Frequência da expressão <i>em termos de x no sentido de</i> e variantes por inquérito – função metaenunciativa.....	153
Tabela 6 –	Distribuição dos movimentos de <i>laçada</i> por inquérito – não-coincidência das palavras consigo mesmas (subtipos fixação do sentido e ampliação do sentido)	157
Tabela 7 –	Distribuição dos movimentos de <i>laçada</i> por inquérito – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um outro dizer).....	163
Tabela 8 –	Frequência de uso dos verbos <i>dicendi</i> nas não-coincidências interdiscursivas (subtipo um outro dizer).....	165
Tabela 9 –	Distribuição dos movimentos de <i>laçada</i> por inquérito – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um dizer por rodeios).....	169
Tabela 10 –	Distribuição dos movimentos de <i>laçada</i> nos inquéritos com maiores ocorrências – não-coincidência interlocutiva (subtipo injunção a dizer em uma só voz)	178
Tabela 11 –	Frequência das expressões <i>digamos, vamos dizer</i> e variantes por inquérito – todas as funções.....	180
Tabela 12 –	Frequência das expressões <i>digamos, vamos dizer</i> e variantes por inquérito – função metaenunciativa.....	181

SUMÁRIO

	PREÂMBULO – Teorias em diálogo: esboço de reflexão epistemológica.....	15
1	INTRODUÇÃO	27
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O PERCURSO DA PESQUISA.....	38
2.1	DESCRIÇÃO E DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA.....	38
2.2	DEFINIÇÕES TERMINOLÓGICAS – TEORIA DA HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA	44
3	A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO E A TEORIA DE JACQUELINE AUTHIER-REVUZ.....	52
3.1	PALAVRAS PRELIMINARES SOBRE A LÍNGUA FALADA E O SEU ESTUDO..	52
3.2	A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO.....	56
3.2.1	Breves linhas sobre a teoria de Émile Benveniste.....	59
3.2.2	Brevíssimas linhas sobre a recepção da teoria de Émile Benveniste no Brasil.....	66
3.3	A TEORIA DE JACQUELINE AUTHIER-REVUZ.....	68
3.3.1	Filiações teóricas de Authier-Revuz.....	68
3.3.2	A teoria da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s).....	70
3.3.3	As formas da modalização autonímica no campo da metalinguística.....	80
3.3.4	A modalização autonímica: ruptura ligada opacificante.....	82
3.3.5	As não-coincidências do dizer e suas representações metaenunciativas.....	89
4	A PARENTETIZAÇÃO E A TEORIA DE CLÉLIA SPINARDI JUBRAN.....	99
4.1	A ORIGEM DO TERMO E A TRADIÇÃO DE ESTUDOS DOS PARÊNTESES.....	99
4.2	A TEORIA DA PARENTETIZAÇÃO DE CLÉLIA SPINARDI JUBRAN.....	103
4.2.1	A perspectiva textual-interativa.....	104
4.2.2	O conceito de tópico discursivo (JUBRAN, 2015)	106
4.2.3	O conceito de parentetização (JUBRAN, 2015) e sua problematização.....	108
4.2.4	As classes de parênteses e suas funções (JUBRAN, 2015)	115
5	A PARENTETIZAÇÃO METAENUNCIATIVA: ANÁLISES DOS FATOS EM <i>CORPUS</i> DE LÍNGUA FALADA.....	125

5.1	PALAVRAS PRELIMINARES.....	125
5.2	DESENHANDO A MODALIZAÇÃO AUTONÍMICA: O FUNCIONAMENTO ESTRUTURAL DOS PARÊNTESES METAENUNCIATIVOS.....	126
5.2.1	Paradas sobre palavras.....	126
5.2.2	Dinâmica dos parênteses metaenunciativos com laçada para trás.....	131
5.2.3	Dinâmica dos parênteses metaenunciativos com laçada para frente.....	131
5.3	AS ANÁLISES DA PARENTETIZAÇÃO METAENUNCIATIVA EM <i>CORPUS</i>	132
5.3.1	Não-coincidências entre as palavras e as coisas.....	132
5.3.1.1	Figuras da falta da nomeação.....	133
5.3.1.1.1	A busca por uma nomeação: <i>como é que se chama? como se diz?</i>	133
5.3.1.2	Figuras do um realizado na nomeação.....	141
5.3.1.2.1	A busca pela transparência na nomeação: <i>propriamente dito</i>.....	142
5.3.2	Não-coincidências das palavras consigo mesmas.....	148
5.3.2.1	A fixação do sentido: <i>no sentido (de), em termos (de)</i>.....	148
5.3.2.2	A ampliação do sentido: <i>num sentido amplo, em termos gerais</i>.....	155
5.3.3	Não-coincidências interdiscursivas ou do discurso consigo mesmo.....	159
5.3.3.1	Um exterior apropriado ao objeto do dizer.....	160
5.3.3.1.1	Um outro dizer: <i>como se diz, como se falava</i>.....	160
5.3.3.1.2	Um dizer por rodeios: <i>o que se chama, o chamado</i>.....	165
5.3.4	Não-coincidências interlocutivas.....	172
5.3.4.1	Um dizer ou um sentido não inteiramente compartilhados entre os interlocutores.....	172
5.3.4.1.1	Uma injunção a dizer em uma só voz: <i>digamos, vamos dizer</i>.....	173
5.4	OS TIPOS E AS FUNÇÕES DOS PARÊNTESES METAENUNCIATIVOS.....	185
5.5	O SUJEITO DA PARENTETIZAÇÃO METAENUNCIATIVA.....	186
5.6	SÍNTESE CONCLUSIVA: OS MOVIMENTOS E OS SENTIDOS DA PARENTETIZAÇÃO METAENUNCIATIVA.....	189
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	196

REFERÊNCIAS	200
ANEXO	207

PREÂMBULO – Teorias em diálogo: esboço de reflexão epistemológica¹

Poderíamos nos perguntar o porquê de um preâmbulo nesta tese sobre um tema que poderia render uma tese própria. Poderíamos nos perguntar, ainda, o porquê de justificar o ponto de vista epistemológico do qual partimos, uma vez que raras são as teses na área de estudos discursivos que apresentam uma justificativa dessa natureza.

Antes de mais nada, a apresentação de um preâmbulo nesta tese se justifica pela necessidade que sentimos de explicar a nossa proposta teórico-metodológica, que parte dos estudos da enunciação e agrega os estudos da parentetização para dar conta da explicação dos fenômenos investigados na medida em que os próprios fenômenos em *corpus*, em uma leitura dialógica, revelam a necessidade de uma abordagem multiteórica, distante da imposição sobre eles de uma única teoria de forma ortodoxa.

Essa posição não conflita com a famosa máxima de Ferdinand de Saussure, que, no *Curso de Linguística Geral*, faz uma reflexão – erigida à categoria de princípio epistemológico – acerca do objeto da Linguística: "é o ponto de vista que cria o objeto" (1975[1916], p. 15). O mestre genebrino quis indicar, com essa máxima, que o objeto a ser estudado não preexiste ao ponto de vista e que a sua construção está na dependência de um método de descrição adequado (BATTISTI; OTHERO; FLORES, 2021, p. 86)².

O nosso ponto de vista parte de um olhar múltiplo, que concebe a pesquisa em linguagem como um processo enunciativo e alteritário, portanto único e irrepetível. A nossa metodologia de pesquisa é de base dialógica, ou seja, tem como princípio basilar a interação do pesquisador e do suporte teórico com o objeto pesquisado, num movimento dinâmico de ida e de volta. A partir dessas reflexões, formulamos algumas questões prévias que queremos delinear sob a forma de prólogo, antes de adentrarmos na discussão teórico-metodológica propriamente dita, ainda que algumas delas se repitam no corpo do trabalho.

Quando a maioria dos estudos em linguagem de que temos notícia no Brasil não explicita uma preocupação epistemológica (e, de fato, não há nesse sentido uma tradição, se

¹ A semente das reflexões esboçadas neste espaço preambular foi lançada pela leitura do livro *A linguagem e os falantes: ideias linguísticas e sua história* (BATISTA, 2017) e pelas discussões realizadas no âmbito de disciplina ministrada pelo autor, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, no ano de 2018.

² Novas leituras da obra de Ferdinand Saussure vêm sendo feitas a partir de estudos de manuscritos do autor, que reconfiguram a visão de língua tal como assentada pela recepção das ideias saussurianas no Brasil. Recentemente, há um interesse renovado, também no Brasil, por essas releituras da obra do mestre genebrino. Para o tema, ver: BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004 e FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

assim podemos chamar), ao colocarmos em diálogo áreas da Linguística diversas³ (ou deveríamos dizer "Estudos da Linguagem"?) – diálogo este que parte sempre de uma teoria enunciativa que, em sua composição, já é heterogênea –, a questão epistemológica ganha relevo justamente porque entendemos fundamental explicitar o nosso ponto de vista sobre os fatos de língua estudados, o fio condutor que amarra os diferentes aspectos teóricos aqui reunidos ou confrontados.

Esse fio condutor é tecido por duas grandes linhas: de forma bastante ampla, a epistemologia dialógica de Mikhail Bakhtin, um dos pilares da nossa teoria de base, a heterogeneidade enunciativa, de Jacqueline Authier-Revuz, que defende, no mesmo passo, a "heterogeneidade teórica" para o estudo da enunciação (p. ex., 1998, p. 166)⁴; de forma mais específica, mas não sem ligação com a linha anterior, a própria margem aberta pela teoria da heterogeneidade enunciativa quando afirma que as funções das formas de metaenunciação devem ser reconhecidas em um "plano duplo" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 85)⁵ – como não-coincidências do dizer e como estratégias comunicacionais –, identificando uma de suas características, levantadas em *corpora* de língua falada e escrita, com um tipo de parênteses, a modo de *incisas opacificantes* (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20), *incisas reflexivas*, *incisas parentéticas* ou *incisas metaenunciativas* (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 100-101), o que, dentre outros aspectos da teoria da heterogeneidade, autoriza-nos a unir teorias díspares, mas com pontos de enlaces que entendemos possíveis e legítimos.

Assim, pelas próprias escolhas teóricas, sentimos a necessidade de esclarecer qual a nossa postura epistemológica acerca das relações que se estabelecem entre o sujeito que pesquisa em ciências humanas, no nosso caso, em ciências da linguagem, e o sujeito/objeto pesquisado. Importa esclarecer que os termos epistemológico e epistemologia aqui utilizados dizem respeito ao movimento do pesquisador ou cientista da linguagem em direção ao objeto pesquisado quando da produção do conhecimento científico.

³ Aqui caberia uma discussão ampla sobre o que é Linguística, quais os parâmetros para defini-la como ciência, quais os sentidos da palavra ciência, etc. Uma discussão que, por fugir ao escopo desta tese, não desenvolveremos, mas que, por outro lado, subjaz a todas as questões levantadas, a modo de reflexão, neste espaço preambular, as quais podem ser sintetizadas na ideia de que "a Linguística", como área do saber unívoca e homogênea, não se sustenta.

⁴ Jacqueline Authier-Revuz destaca a necessidade, para o estudo da enunciação, de se convocar exteriores teóricos à Linguística, quais sejam, o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise lacaniana (p. ex., 2004, p. 22).

⁵ Essa ideia pode ser depreendida de uma interpretação mais ampla do conjunto da obra de Authier-Revuz; entretanto, em alguns pontos de seus escritos, essa noção se mostra mais evidente.

O que é ciência? O que é ciência humana? O que é científico em uma ciência humana? O que é científico em Linguística? Existem teorias linguísticas ou discursivas que não pertencem à Linguística? O método garante o caráter científico de uma pesquisa em linguagem? Seria mais coerente denominarmos a área dedicada a estudar a língua/linguagem como "Estudos da Linguagem" em vez de "Linguística"?⁶ São todas questões epistemológicas de fundo e de tamanha extensão e complexidade que não cabem nos limites deste preâmbulo, mas que trazemos no intuito de provocar a reflexão.

Frise-se que os termos "ciência", "língua" e "linguagem" são polissêmicos, como, de resto, uma série extensa de termos pertencentes a diferentes áreas ou teorias linguísticas ou a uma mesma teoria, conforme advertem Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira quando, em obra introdutória⁷, argumentam a favor do caráter científico da área denominada "Linguística da Enunciação", uma vez adotados os parâmetros epistemológicos adequados. Corroboramos a ideia de que "ser científico é uma questão de ponto de vista. Evidentemente, a linguística da enunciação não pode ser avaliada com os padrões de cientificidade referentes a uma linguística gerativa, por exemplo." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 98-99).

Para os fins a que nos propomos e em sintonia com os pressupostos teóricos e metodológicos que nos servem de base, limitamo-nos a esclarecer que a nossa forma de fazer pesquisa em ciência da linguagem se afasta diametralmente dos preceitos e mitos oriundos do paradigma racionalista de matriz cartesiana e positivista⁸, que também foi admitido como norte

⁶ Apresentamos um argumento pelo viés oposto, que revolve questões epistemológicas e ajuda na reflexão acerca da cientificidade de áreas ou pesquisas em linguagem, a partir da existência de uma "Linguística *Folk*" ou "Linguística Popular", feita por não linguistas, do que é exemplo um volume dedicado ao tema da revista francesa *Pratiques: linguistique, littérature e didactique*, número 139/140, do ano de 2008, com alguns artigos traduzidos ao português, como: PAVEAU, Marie-Anne. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. *Policromias*, Ano III, dez/2018, p. 21-45.

⁷ Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira são dois nomes que colaboraram fortemente para a consolidação da área de especialidade chamada "Linguística da Enunciação", termo utilizado, pela primeira vez, no Brasil, por Valdir Flores (2001, p. 8). Duas obras foram fundamentais nesse processo de "assegurar estatuto epistemológico ao campo [da enunciação no Brasil]" (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 109): FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005 e FLORES et al. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

⁸ Em breves palavras, entendemos por paradigma racionalista aquele apoiado nos mitos da modernidade forjados a partir da obra *O Discurso Do Método* (1637), de René Descartes, que formulou a famosa máxima "Cogito ergo sum", com a qual desenvolveu a noção de um sujeito onisciente e conhecedor de todas as coisas do mundo por meio de um método racional, separando sujeito de objeto. No mesmo sentido, o termo "racionalista" também pode ser estendido a outras vertentes filosóficas que resultaram do cartesianismo, como é o caso do positivismo, que se tornou uma radicalização dos postulados cartesianos, ao conceber o objeto de conhecimento como uma realidade apreensível e elevando a ciência à única forma de conhecimento válido. Ao longo do século XX, novos desenvolvimentos no âmbito das ciências abalaram o racionalismo, especialmente, a teoria da relatividade, de Albert Einstein (1879-1955), e a descoberta do inconsciente, por Sigmund Freud (1856-1939), dando ensejo à era pós-moderna (BAUMAN, 2001) e às chamadas teorias pós-modernas, dentre as quais se situa, no campo da Linguística, a teoria de Jacqueline Authier-Revuz.

pelas ciências humanas (incluída a Linguística, evidentemente)⁹, na tentativa de conferir-lhes caráter de cientificidade, uma discussão bastante ampla que igualmente escapa aos limites da presente tese e que merece um estudo próprio, sugerido desde já.

Julgamos que a discussão epistemológica é um tema de suma pertinência no âmbito da ciência da linguagem ou estudos da linguagem, pois o supramencionado racionalismo segue exercendo grande influência nas diferentes teorias, mesmo em algumas ditas "discursivas"¹⁰, no sentido de que só é considerado científico o conhecimento que se submete a um método rígido e seguro, à moda saussuriana, ou que advém da imposição de uma teoria sobre os objetos estudados. A rigidez do método e os limites (até mesmo as limitações) da teoria seriam a garantia do caráter científico de uma pesquisa, com a separação do sujeito pesquisador do sujeito ou objeto pesquisado. Todas essas são ideias que conformam, de uma maneira geral, o imaginário dos linguistas e profissionais da área acerca do que é científico ou não em estudos da linguagem¹¹.

Neste espaço preambular, apontamos para uma reflexão sobre a epistemologia em ciências da linguagem, inseridas no âmbito maior das ciências humanas, a partir de algumas noções oriundas da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, que integra uma das vertentes mais fortes dentro dos estudos da enunciação.

Ao contrastar a forma como se dá a produção do conhecimento nas ciências exatas e nas ciências humanas, Mikhail Bakhtin, na obra *Estética da Criação Verbal*, em seção intitulada "Metodologia das ciências humanas", assevera:

⁹ Uma discussão prolífica e interessante seria estabelecer as conexões entre o estruturalismo saussuriano e o paradigma racionalista mencionado, por exemplo, a partir da crítica ao objetivismo abstrato feita em *Marxismo e Filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010[1929]). Aqui nem falaremos da "Linguística cartesiana" de Chomsky, já que, neste autor, o paradigma racionalista fica bastante evidente e nenhum linguista teria dúvidas acerca da cientificidade de sua teoria. Por outro lado, é uma teoria mais distante do horizonte dos estudos discursivos, razão pela qual o parâmetro de cientificidade para esses estudos é, em geral, o estruturalismo imanentista de Saussure (inclusive a maioria das teorias enunciativas dele se originam, mas com ele rompem ao incorporarem o sujeito para o centro da teoria).

¹⁰ Mesmo naquelas áreas ou teorias em que os paradigmas de base não são explicitados (talvez exatamente por essa razão), faz-se sentir a influência do paradigma racionalista, daí a pertinência e a atualidade dessa discussão. Authier-Revuz, ao longo de seus trabalhos, demonstrou grande interesse pela questão epistemológica, em especial, pelas abordagens do sujeito nas diferentes teorias, tecendo críticas àquelas que, ao tratarem do sujeito, não esclarecem os paradigmas em que estão apoiadas (p. ex., 1998, p. 171-172).

¹¹ Destacamos que "(...) há entre os profissionais da área muito preconceito sobre o que pode (ou não) ser considerado a linguística, já que desde Saussure ela é, ou deveria ser, uma ciência. A pergunta a ser feita aqui é: o que se entende pela palavra *ciência*, neste contexto? Certamente, a concepção de ciência que interessa a uma área do conhecimento pode não ser a que interessa a outros setores." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 99, itálico do original).

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*. (2011[1979], p. 400, itálicos do original)

Da passagem acima, podemos inferir que, nos estudos da linguagem, o objeto a ser estudado não pode ser concebido como *coisa muda*, estática e pronta, à espera de captura. Os objetos de estudo têm algo a dizer e cabe ao pesquisador aproximar-se desses objetos/sujeitos com um aparato teórico-metodológico que permita tal escuta. Esse deve ser um movimento dinâmico entre pesquisador e pesquisado, que permita a plena e verdadeira relação dialógica de interação do pesquisador e do suporte teórico com o objeto/sujeito pesquisado, num movimento de ida e volta¹², pois entendemos, com Luciane de Paula, em artigo em que reflete sobre o lugar epistemológico dos estudos bakhtinianos no Brasil¹³, que "a teoria não deve ser usada como camisa de força que leve a leituras analíticas equivocadas porque forçadas ou porque o analista possui empatia por ela" (2013, p. 242). A postura epistemológica adotada nesta tese defende que as escolhas teóricas devem estar a serviço dos fenômenos em estudo e não o contrário.

Bakhtin (2011[1979], p. 393-410) reivindica para as ciências humanas – e, por extensão, para as ciências da linguagem – uma outra forma de fazer ciência, distante dos paradigmas tradicionalmente aplicáveis às ciências exatas (cartesianismo e positivismo, de uma forma geral), já que o objeto de estudo é fruto de uma subjetividade, ou melhor, um encontro ou confronto de subjetividades: o sujeito que pesquisa é, ao mesmo tempo, o objeto pesquisado. Essa constatação implica reconhecer que os estudos da linguagem devem afastar-se dos critérios de exatidão e certeza. De fato, a filosofia da linguagem de Bakhtin problematiza o paradigma racionalista no que tange à produção de conhecimento científico nas ciências humanas, nas

¹² As propostas teóricas do Círculo de Bakhtin sobre os "modos de conhecer o mundo cientificamente" envolvem dois momentos. "O segundo [momento] é o fato de usarem os elementos obtidos no exame do fenômeno concreto, com base na concepção teórica inicial, para alterar essa concepção e em seguida voltar a ele com uma outra compreensão. Trata-se de um constante movimento de ir e vir, sem a circularidade dos sistemas fechados e com base numa permanente tensão." (SOBRAL, 2018, p. 135).

¹³ Nosso trabalho se aproxima desse modo de fazer Linguística no Brasil, descrito por Luciane de Paula: "a Análise de Discurso (AD), no Brasil é, na verdade, as Análises de Discursos (ADs), no plural, dada a diversidade de influências e amplitude de abordagens aqui desenvolvidas. [...] Aqui [...] colocamos em embate as várias perspectivas (AD francesa; ACD – Análise Crítica do Discurso; ADD – Análise Dialógica do Discurso; as semióticas – inglesa e norte-americana, francesa e russa; bem como as teorias enunciativas – de Benveniste aos contemporâneos), dando-lhes um tom identitário (uma cara) brasileiro(a)." (2013, p. 241, sublinhado nosso)

quais o homem¹⁴ volta o conhecimento para si mesmo, para aspectos que o constituem como homem, como é o caso da linguagem.

[...] Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. [...] Não se trata do que ocorre dentro mas *na fronteira* entre a minha consciência e a consciência do outro, *no limiar*. Todo o interior não se basta a si mesmo, está voltado para fora, dialogado, cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda a sua essência. [...] O próprio ser do homem (tanto interno quanto externo) é *convívio mais profundo*. Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*. (BAKHTIN, 2011[1979], p. 341-342, itálicos do original).

Esse excerto – pleno de poesia, como, de resto, toda a obra de Bakhtin, por tocar em questões tão profundamente humanas – sintetiza o movimento epistemológico que defendemos nesta tese e que efetivamente tivemos ao estudar os fenômenos de metaenunciação com efeitos discursivo-pragmáticos. É o encontro do pesquisador com o objeto/sujeito pesquisado, o seu *outro*, que descortina a natureza dialógica e intersubjetiva da produção de conhecimento revelada na relação *eu-tu*, condição básica de existência da linguagem e constitutiva da subjetividade, ideia também presente em Benveniste (2020[1966], p. 283).

Em harmonia com esse entendimento, concebemos a pesquisa linguística como uma experiência intersubjetiva e singular na qual o pesquisador, ao mesmo tempo que compreende, interpreta os fatos em estudo, já que são movimentos que andam juntos: "não se pode separar compreensão e avaliação (...) [, pois] são simultâneas e constituem um ato único integral. (...) No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento." (BAKHTIN, 2011[1979], p. 378)

Assim, a pesquisa dos fatos de linguagem ou fenômenos da linguagem desenvolvem-se por meio da "compreensão responsiva" (BAKHTIN, 2011[1979], p. 332-335), que se traduz não só no diálogo estabelecido entre o pesquisador e o objeto de pesquisa (destinatário imediato da compreensão), mas entre estes e um terceiro destinatário, um "supradestinatário", a quem esse diálogo se dirige de forma virtual, "com maior ou menor consciência" (BAKHTIN, 2011[1979], p. 333), como uma resposta aos já-ditos e ao que se dirá no futuro. O processo de

¹⁴ O termo *homem* é empregado nesta tese com o sentido de pessoa, longe de qualquer conotação sexista. No referencial teórico que fundamenta esta tese, esse termo é assim utilizado, em especial nos estudos de Émile Benveniste, que se empenhou em fazer uma antropologia da enunciação. Por exemplo: "É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*" (BENVENISTE, 2020[1966], p. 282, itálico do original).

compreensão responsiva, inerente à linguagem na dinâmica de produção dos sentidos, que é infinita, decorre da própria natureza da palavra,

que sempre quer ser *ouvida*, sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediata* mas abre caminho sempre mais e mais à frente (de forma ilimitada). (...) A palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta, e assim *ad infinitum*. Ela entra no diálogo, que não tem final semântico (mas que pode ser fisicamente interrompido para esse ou aquele participante). (BAKHTIN, 2011[1979], p. 333-334, itálicos do original)

O filósofo destaca como um dos critérios epistemológicos mais importantes em ciências humanas exatamente a "profundidade da compreensão" (BAKHTIN, 2011[1979], p. 334), que se trata de uma compreensão dialógica dos objetos de estudo, no nosso caso, a palavra, que ecoa discursos pretéritos e antecipa discursos futuros, em resposta a supradestinatários pressupostos, "quer na distância metafísica, quer no distante tempo histórico" (BAKHTIN, 2011[1979], p. 333).

Essas reflexões são pertinentes no contexto da presente pesquisa não só para situar a nossa posição teórica acerca da produção do conhecimento em estudos da linguagem, mas para demonstrar como uma leitura dialógica tanto dos fatos estudados quanto das teorias permitiu que estas fossem colocadas em aproximação nesta tese.

Percebemos que as teorias linguísticas em geral invadem os campos umas das outras por força de uma relação dialógica que faz ressoar aspectos em comum. Os discursos se entrecruzam, unidos por pontos temáticos, em movimentos de confluência ou de divergência, ainda que as teorias não tenham se baseado umas nas outras, nem de forma expressa, nem de forma tácita¹⁵:

Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). Qualquer resenha da história de alguma questão científica (independente ou incluída no

¹⁵ Por exemplo, encontramos na teoria de Émile Benveniste (um dos pilares da teoria da heterogeneidade linguística, de Authier-Revuz) muitos ecos dos conceitos de enunciação, discurso e intersubjetividade desenvolvidos por Mikhail Bakhtin, sendo aquele herdeiro do estruturalismo saussuriano (com a diferença de ter incluído no centro de sua teoria a noção de sujeito) e este um crítico a construtos teóricos oriundos da teoria de Saussure, tais como signo linguístico e língua como sistema abstrato e imanente; contudo, "Bakhtin não desconsidera o paradigma saussuriano, mas [...] o pressupõe para propor a metalinguística" (FLORES, 1998, p. 21). Assim, tendo ambos os teóricos como ponto de partida a teoria de Saussure e não tendo um conhecido o pensamento do outro (até onde se sabe hoje), as várias convergências e divergências conceituais existentes em suas teorias podem ser percebidas e explicadas por força do dialogismo.

trabalho científico sobre uma determinada questão) realiza confrontos dialógicos (entre enunciados, opiniões, pontos de vista) entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros. O aspecto comum da questão gera aqui relações dialógicas. (BAKHTIN, 2011[1979], p. 331).

Não pretendemos neste espaço cotejar os diferentes conceitos ou aspectos das diferentes teorias nesta tese reunidas, os quais, vistos sob um enfoque dialógico, reverberam entre si, o que seria um trabalho de fôlego muito interessante, que fica também sugerido. Ao contrário, pretendemos apontar apenas alguns dos aspectos que determinaram a decisão epistemológica de aproximar a teoria da parentetização à nossa teoria enunciativa de base (heterogeneidade linguística) para a explicação dos fenômenos metaenunciativos e neles identificar funções pragmático-interacionais, o que passaremos a desenvolver nas linhas que seguem.

Ao entrarmos em contato com essas teorias, percebemos claramente o diálogo existente entre elas no que tange aos fenômenos de metaenunciação. Em ambas encontramos resultados de trabalhos com *corpus* de língua falada que descreviam enunciados ou expressões metaenunciativas tipologicamente idênticas ou semelhantes. Melhor explicando, na(s) teoria(s) da parentetização (JUBRAN, 2015; SCHNEIDER, 2007; FUENTES RODRÍGUEZ, 2018), identificamos muitas formas metaenunciativas inventariadas¹⁶ e descritas por Jacqueline Authier-Revuz como exemplos de não-coincidências do dizer, tais como *digamos* (não-coincidência interlocutiva) e *por assim dizer* (não-coincidência entre as palavras e as coisas), apenas para citar duas expressões prototípicas e muito frequentes na língua falada.

Ambas as teorias se debruçaram sobre o mesmo tipo de expressões, classificadas em cada uma delas de acordo com a face do fenômeno privilegiada em cada estudo. Assim, o diálogo estabelecido por esse aspecto em comum, que poderia ser qualificado como interdiscursivo e intertextual¹⁷, mas que preferimos atribuir como efeito do dialogismo, foi o

¹⁶ Em sua tese de doutorado, a autora trabalhou com o levantamento de "[...] **mais de quatro mil exemplos** atestados, **escritos e orais**, pertencentes aos mais diversos 'registros' [...]" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 19, negrito e sublinhado nosso). Em inúmeros artigos subsequentes, a linguista se valeu desse mesmo levantamento para exemplificar aspectos teóricos específicos.

¹⁷ Bakhtin não se ocupou de diferenciar expressamente interdiscurso de intertextualidade, referindo-se apenas a "dialogismo" ou "dialogicidade interna" (BAKHTIN, 1998, p. 88) do discurso, em contraposição a uma dialogicidade externa (intertextualidade), assim caracterizada pelos seus intérpretes. No Brasil, Fiorin faz uma diferenciação entre texto e discurso que atende ao que necessitamos explicar neste ponto do trabalho: "[...] o discurso é do plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão [...]. O texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso [...]" (FIORIN, 2012, p. 148). Não é nossa intenção discutir o conceito de texto/discurso, mas justificamos a nossa preferência, nesta tese, pelos termos *discursivo* ou *pragmático*, em detrimento de *textual*, por duas razões principais: a teoria da qual partimos não trata dos mecanismos textuais propriamente ditos; a teoria da parentetização, nesta tese convocada, não será abordada a

mote para o desenvolvimento do enfoque teórico múltiplo desta tese, apto a dar conta das duas faces principais dos fenômenos em estudo: enunciados de natureza metaenunciativa que geram efeitos discursivo-pragmáticos de parentetização na língua falada.

Ao longo de seus inúmeros trabalhos, Jacqueline Authier-Revuz demonstra grande preocupação com a questão epistemológica, a fim de esclarecer a partir de onde lança seu olhar para os objetos de conhecimento. Preocupa-se em traçar com clareza quais os limites de sua teoria, que nasce com a incorporação de exteriores teóricos à Linguística – o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise para tratar a questão do sujeito (p. ex., 2004, p. 11/22) –, ao mesmo tempo que estabelece diálogos com uma série de teorias vigentes na época em que publicou o ensaio que lhe conferiria reconhecimento e fama internacional, no ano de 1982: "Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours"¹⁸.

Naturalmente, estamos cientes das fronteiras que separam a teoria da heterogeneidade enunciativa da teoria da parentetização, que trazemos para compor o nosso enfoque epistemológico-teórico-metodológico – as teorias que estudam a língua de um ponto de vista pragmático, textual, interacional ou, de alguma forma, comunicacional, a linguista francesa denomina de teorias pragmático-comunicacionais (p. ex., AUTHIER-REVUZ, 1998, p.169). Essas fronteiras se resumem à questão do sujeito, da qual se originarão as demais questões teóricas. O sujeito considerado pela teoria de Authier-Revuz se distancia do sujeito do racionalismo cartesiano-positivista, onisciente e controlador de seu dizer e este, por sua vez, aproxima-se¹⁹ do que ela chama de sujeito-origem, "fonte intencional do sentido" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 169).

Apesar de reconhecer tanto a existência do sujeito-origem como a possibilidade de seu estudo, é enfática ao longo de seus vários trabalhos que a teoria da heterogeneidade por ela concebida se funda no conceito de sujeito-efeito de "um sentido que escapa à [sua] intencionalidade" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 170). De modo que as fronteiras para o estudo

partir de seus fundamentos (inseridos na Linguística Textual), até porque proporemos outros critérios (não textuais) para a definição de parênteses.

¹⁸ No Brasil, a tradução desse ensaio chegou apenas no ano de 2004 ("Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso"), publicada no livro *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*, pela PUCRS, com apresentação de Marlene Teixeira e revisão de Leci Borges Barbisan.

¹⁹ A autora não faz essa aproximação de forma direta, mas inferimos da leitura mais ampla de sua teoria que podemos associar o sujeito-origem ao sujeito do racionalismo, que influenciou o projeto de muitas teorias pragmático-comunicacionais, a exemplo da Pragmática em seus primórdios, em especial, a interpretação que Searle fez dos postulados de Austin, considerada como "leitura oficial", passível de vários questionamentos, o que ensejou revisões críticas pelo que hoje se conhece como "Nova Pragmática" (RAJAGOPALAN, 2010).

dos fenômenos enunciativos, seja sob a concepção de um sujeito como efeito ou como origem do sentido, não são intransponíveis, como a própria autora deixou entrever quando propôs o estudo das formas metaenunciativas em um duplo plano (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 85), como já referimos; contudo, essas fronteiras precisam ser definidas de forma clara, tal como o faz Authier-Revuz em seus vários estudos.

No que se refere ao nosso posicionamento quanto à questão do sujeito, cremos que a abertura proporcionada pela própria teoria de Authier-Revuz serve de fundamento para defendermos dois aspectos que entendemos interrelacionados: a dupla face dos fenômenos de metaenunciação – como não-coincidência do dizer e como estratégia pragmático-discursiva²⁰ – e a compreensão do sujeito como efeito de um jogo entre o domínio e o não domínio enunciativo, entre o descontrole inconsciente e o controle consciente sobre o dizer, ou seja, "um sujeito nem livre nem assujeitado"²¹ (POSSENTI, 2000, p. 94) ou "um sujeito estratégico, ainda que clivado" (CAVALCANTE; BRITO; GIERING; PINTO, 2019, p. 104)²². Essas duas definições, advindas de pesquisadores atuantes em áreas diversas, resumem o nosso entendimento acerca da questão do sujeito no âmbito dos estudos linguísticos.

Ao conceber a sua teoria da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s)²³, Authier-Revuz traça um movimento orgânico, ao amalgamar e tornar compatíveis teorias aparentemente incompatíveis (resumidas em FLORES, 2001, p. 50), o que "possibilitou-lhe fundamentar um domínio do saber sobre a linguagem com enorme força heurística" (ORLANDI, 1998, p. 5)²⁴,

²⁰ Além de nossa Dissertação de Mestrado (ALMEIDA, 2017), que trata de funções pragmáticas de atenuação em formas metaenunciativas, levantamos alguns trabalhos que também atestam os efeitos textuais, comunicacionais ou pragmáticos em formas da heterogeneidade enunciativa ou discursiva, sob aportes teóricos diversos: BARROS, 2003; CAVALCANTE e BRITO, 2011; FONSECA, 2015; BRITO, 2016.

²¹ Sírio Possenti filia-se à Análise do Discurso (AD) francesa, linha que também faz uma leitura de Authier-Revuz, embora com diferenças importantes com relação à Linguística da Enunciação, área que com a AD não se confunde, mas que com ela guarda fundamentos em comum. De modo que "[...] todos os autores [...] [tais como Authier-Revuz, Oswald Ducrot e Mikhail Bakhtin, pertencentes à Linguística da Enunciação], alguns mais outros menos, são referidos na bibliografia dos analistas de discurso." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 91).

²² As autoras afirmam: "[...] sustentamos, com Charaudeau e Amossy, que o locutor, para a Linguística Textual, é um sujeito estratégico, ainda que clivado. Essa visão justifica 'as ações estratégicas dos dois participantes, cada um tentando se impor ao outro, e construindo um *ethos*, cada um buscando fazer o outro se identificar com ele' (CHARAUDEAU, 2015, p. 128-129)." (CAVALCANTE; BRITO; GIERING; PINTO, 2019, p. 104)

²³ Em 1990, publicou-se no Brasil o artigo intitulado "Heterogeneidade(s) enunciativa(s)", em revista da UNICAMP, uma tradução de artigo originalmente publicado em 1984 na França.

²⁴ Interessante observar que Authier-Revuz, linguista já renomada à época, passou a ser conhecida no Brasil nos anos 1990 pelas mãos de Eni Orlandi, responsável pela introdução, no final da década de 1970, da AD de linha francesa em nosso país. Eni Orlandi fez a apresentação e a revisão técnica da tradução da primeira obra de Authier-Revuz ao português. Tratava-se de vários ensaios reunidos em *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*, livro publicado em 1998 pela editora da UNICAMP.

instaurando um paradigma *sui generis* na Linguística, que permite um novo olhar sobre os fenômenos de linguagem. Nas palavras de Eni Orlandi, Authier-Revuz:

[...] consegue um lugar próprio na tradição do pensamento linguístico na França, fazendo avançar o campo da enunciação sem deixar de fora a linguística. Considero o seu trabalho, assim como a análise de discurso, um belo exemplo de produção de saber pós-estruturalista, em que, sem ignorar a questão da estrutura, dá-se um lugar para o conhecimento de sua articulação com o acontecimento, que concerne à relação da linguagem com sua exterioridade. (ORLANDI, 1998, p. 7, sublinhado nosso).

No entanto, Authier-Revuz prefere se autodenominar "neo-estruturalista" e se autoinscreve no campo da Linguística da Enunciação, colocando-se dentre nomes como Bally, Benveniste e Culioli, todos estudiosos da enunciação "no sentido estrito", pertencentes a essa área da Linguística que vem se consolidando recentemente no Brasil, a partir dos anos 2000. Nas palavras da autora:

Na oposição, traçada por C. Fuchs no seio das abordagens da enunciação, entre uma corrente pragmática, que parte de "conceitos lógico-linguísticos" ou de categorias relativas à "linguagem em atos" ou à interação, e uma corrente "enunciativa no sentido estrito", "neo-estruturalista", que parte – nesse campo heterogêneo onde se encontram a língua e os seus exteriores – das formas de língua (marcada pelos nomes de Bally, Benveniste, Culioli); é a esta última que se correlaciona meu trabalho. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16, negrito do original; sublinhado nosso)

Importante frisar que Authier-Revuz é herdeira de Saussure e Benveniste, portanto defende que a língua seja concebida como "ordem própria", tecendo críticas (ao defender-se delas) a teóricos que, com o argumento de superação do paradigma estruturalista saussuriano, promovem uma "mudança do objeto, negando ou diluindo a língua como ordem própria" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 183). Contudo, sua teoria parte da base estruturalista – em especial pela adoção do conceito de enunciação de Benveniste, talvez o primeiro herdeiro de Saussure que incorporou de forma sistematizada o sujeito no estudo da língua²⁵ –, mas vai muito além, pois, pela convocação que faz a exteriores teóricos (num primeiro momento, o dialogismo

²⁵ "Émile Benveniste talvez seja o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 29).

de Bakhtin e a psicanálise de Lacan e, após, o interdiscurso de Pêcheux), "acaba operando na fronteira da linguística com outros saberes" (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 84)²⁶.

Esta é uma tese sobre enunciação e está inscrita no campo da Linguística da Enunciação, que entendemos deve adotar, assim como qualquer outra área ou teoria linguística, uma postura aberta ao encontro de novas fronteiras. Os fenômenos em estudo, na sua gênese, são de natureza metaenunciativa, antes mesmo de produzirem seus efeitos discursivos ou pragmáticos – segundo o entendimento que defendemos aqui –, porquanto a enunciação precede o próprio discurso, eis que este é uma manifestação daquela: a enunciação é uma instância que supõe a conversão da língua em discurso (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 82-83). Por isso, cremos que compreender os mecanismos enunciativos que estão na raiz das estruturas em estudo (no caso desta tese, a modalização autonímica) servirá de fundamento para a configuração do fenômeno do ponto de vista de seus efeitos pragmático-discursivos (parentetização).

Ao concluirmos estas considerações prévias, queremos dizer que a teoria da heterogeneidade enunciativa nos serve não só de teoria forte a compor o referencial teórico desta tese, a partir da qual sempre dirigimos o nosso olhar para a interpretação da outra teoria, bem como dos fatos de língua em estudo, mas, acima de tudo, serve de inspiração e segurança para realizarmos uma aproximação teórica que entendemos profícua com os estudos sobre a parentetização, conforme tentamos delinear neste espaço.

Para finalizar, recordamos uma alegoria clássica para ilustrar a visão epistemológica e teórico-metodológica que adotamos para o desenvolvimento desta tese, que tenta fugir da tentação de deitar na cama de Procusto²⁷, movimento analítico-interpretativo que, em princípio, poderia parecer seguro; no entanto, os fenômenos linguísticos, não cabendo na exatidão das medidas desse leito, correriam o risco de terem algumas partes vitais eliminadas ou estendidas para se encaixarem em uma matriz teórica a eles imposta. Eis o nosso desafio.

²⁶ Prosseguem os autores: "Sua teoria enunciativa oferece uma descrição linguística que permite surpreender, no fio do discurso, a construção dos objetos discursivos, dos acontecimentos e dos lugares enunciativos, razão pela qual vem atraindo a atenção de estudiosos do discurso." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 84).

²⁷ Na mitologia grega, Procusto era um personagem que oferecia hospedagem aos viajantes e os convidava para dormir em uma cama de ferro. Se a pessoa fosse maior do que a cama, Procusto cortava-lhe o que sobrava (pés, braços ou cabeça), mas, se a pessoa fosse menor, ele a esticava até que ficasse exatamente do tamanho da cama.

1 INTRODUÇÃO

O espaço das não-coincidências do dizer é formado por heterogeneidades que tendem à dispersão e ao desfazimento do tecido discursivo e, ao mesmo tempo, é o espaço onde atuam forças de ligação que impedem que esse tecido se rompa. Nesse jogo contraditório – entre o que é heterogêneo e o que é homogêneo na língua, entre o que é transparente e o que é opaco, entre o que é simples e o que é complexo, entre a falha e a ilusão do controle, entre o um e o não-um, entre o sujeito e seu(s) outro(s) –, a enunciação se produz, o discurso se constitui e o sentido se constrói.

Nesse espaço heterogêneo de tensões e negociações, onde o dizer não é óbvio, surge a configuração enunciativa complexa da modalização autonímica, denominação proposta por Jacqueline Authier-Revuz para designar um "tipo de comentário metaenunciativo que o sujeito faz sobre seu próprio dizer durante a produção desse mesmo dizer."²⁸ Segundo a linguista francesa, há um modo desdobrado de dizer que consiste na inserção, na linearidade discursiva, de um comentário que se volta reflexivamente sobre o próprio dizer. É um retorno opacificante²⁹ do dizer sobre si próprio que tem o efeito de duplicar esse dizer e, simultaneamente, torná-lo opaco (visível) no curso da cadeia discursiva.

No contexto desse processo, o sujeito-enunciador – heterogêneo, dividido pelo atravessamento do inconsciente – sinaliza que o uso de determinada palavra não é óbvio, ao detectar um "ruído", alguma coisa que falha ou falta no seu dizer, diante do que reage e interpõe um comentário em resposta a esse problema enunciativo ao qual dá alguma solução, preenchendo, de alguma forma, o espaço do equívoco.

Tomando distância de suas próprias palavras (um distanciamento interno), o enunciador assume duas posições, quais sejam, enunciar e observar as palavras com que enunciou, tornando-se um "autocomentador de si mesmo" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84) ou um "glosador de suas palavras"³⁰, que descreve os seus sentidos "quando as comenta ao mesmo

²⁸ Conforme definição do *Dicionário de Linguística da Enunciação*, que apresenta como equivalente o termo *modo enunciativo desdobrado* (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 166). As definições terminológicas necessárias ao melhor entendimento da teoria da heterogeneidade enunciativa, no contexto desta tese, encontram-se no capítulo 2, seção 2.2.

²⁹ Ver definição do termo *opacificação* no capítulo 2, seção 2.2.

³⁰ Ver definição do termo *glosa metaenunciativa* no capítulo 2, seção 2.2.

tempo em que as enuncia, através da laçada reflexiva³¹ de um dizer que se volta explicitamente sobre si mesmo." (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 29).

O movimento de retorno reflexivo pode ser visualizado de forma mais clara por meio da imagem oferecida pelos termos *parada-sobre-palavras*³² (AUTHIER-REVUZ, 2011a) e *laçada reflexiva* (AUTHIER-REVUZ, 1995; 1998, p. 29): o sujeito detém o fluxo do dizer por um breve ou brevíssimo instante e interrompe a linearidade discursiva ao inserir um comentário que, ao mesmo tempo que rasga o tecido do dizer, tenta restaurá-lo com uma costura que estende seus fios opacificantes ao redor de uma palavra (já enunciada ou que vai enunciar). A palavra que paralisou o dizer, ao provocar o enunciador a interpor um comentário no trajeto desse dizer, coloca-se como objeto deste e ganha corpo ao mesmo tempo que perde a transparência que a caracteriza na função de mediadora da nomeação, já que passa a ser reconhecida na cadeia discursiva na sua condição de signo, pelo movimento da laçada reflexiva opacificante.

No "jogo de um que 'junta' e de não-um que 'esgarça', como um modo de costura aparente, que ressalta em um mesmo movimento a falha da não-coincidência enunciativa (contrariamente ao modo da superfície una) e sua sutura metaenunciativa (contrariamente ao modo da ruptura 'bruta' do lapso)" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 26-27, aspas simples do original), mostra-se a negociação do sujeito com a heterogeneidade que o constitui.

Essa dinâmica da modalização autonímica implica o que Authier-Revuz chama de *ruptura ligada*³³ (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 27; 2004, p. 182) ou *ruptura-sutura* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 182), um aspecto formal, no sentido estrutural, da modalização autonímica, que atende a todo o processamento anteriormente descrito, assim sintetizado pela autora e simplificado por nós: "[...] essa *ruptura* produzida pelo jogo de *duas* construções é combinada com um *elo* regular entre o elemento X da frase de base e o elemento – metalinguístico ou autonímico – que o designa na glosa metaenunciativa [...]" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 181, itálico do original).

Em suma, as formas metaenunciativas apresentam um caráter dúplice que se manifesta de forma concomitante na materialidade discursiva: por um lado, ruptura, por outro, coesão. Essa é a natureza estrutural de seu funcionamento enunciativo.

³¹ Ver definição do termo *laçada reflexiva* no capítulo 2, seção 2.2.

³² Ver definição do termo *parada-sobre-palavras* no capítulo 2, seção 2.2.

³³ A noção de *ruptura ligada* está relacionada diretamente com os termos *modalização autonímica*, *parada-sobre-palavras* e *laçada reflexiva*, conforme consta na seção 2.2 do capítulo 2.

Tal funcionamento, descrito com amplitude e profundidade no âmbito da teoria da heterogeneidade enunciativa, serve-nos como base para propor a aproximação com a teoria da parentetização, desenvolvida por Clélia Spinardi Jubran (2015), que tomamos como referência para compor um estudo dos parênteses na língua falada do ponto de vista da enunciação, a partir do detalhamento da dinâmica da modalização autonímica, manifestada nas não-coincidências do dizer.

A assunção desse ponto de partida teórico nos afasta dos parâmetros conceituais adotados por Jubran no contexto da sua perspectiva textual-interativa: para Jubran, os parênteses, enquanto estratégias de construção do texto falado, definem-se pelo desvio do tópico desenvolvido (JUBRAN, 2015, p. 280); diferentemente, de acordo com a proposta desta tese, os parênteses (do tipo que nós estamos chamando de metaenunciativos³⁴) se definem por sua própria natureza metaenunciativa, pela ruptura ligada que promovem no tecido do dizer.

No entanto, tal afastamento não ocorre por completo. Ao contrário, foram os pontos de contato vislumbrados entre ambas as teorias que nos motivaram a compor o presente estudo, uma vez que identificamos uma confluência semântica entre vários termos utilizados por Jubran (2015) para definir o conceito de parêntese em sua teoria e os termos utilizados por Authier-Revuz (1998, 2004) para definir o funcionamento das não-coincidências enunciativas: *desvio*, *descontinuidade*, *ruptura*, *rompimento*, *interrupção*, *suspensão*, *suspensão momentânea*, *intercalação*, *interposição*, *enxerto*, *inserção*, *incisa*, *corte*, *cisão*, *perfuração*. Ambas as autoras se dedicaram ao estudo de formas metaenunciativas em comum (por exemplo, *digamos assim*, *por assim dizer*), levantadas e analisadas em *corpora* de língua falada (para este propósito específico, Jubran trabalhou de forma exclusiva com a língua falada e Authier-Revuz de forma conjunta com a modalidade escrita da língua).

Neste ponto, cabe uma breve digressão histórica. O termo *parênteses* já era utilizado na retórica clássica, de diferentes pontos de vista, para aludir à inserção de elementos na continuidade do discurso (SCHNEIDER, 2007)³⁵ e, desde lá, a ideia de inserção vem sendo mantida na maioria dos estudos, ao lado da ideia de desvio. *Grosso modo*, há duas linhas principais de estudos da parentetização, conforme se detalhará em seção própria: a que segue

³⁴ Está claro que não pretendemos tratar da parentetização como um todo, e sim de apenas um tipo (o metaenunciativo), apresentado por Jubran (2015) de forma dispersa na sua classificação, ou seja, não como categoria própria, o que estamos sugerindo na presente pesquisa.

³⁵ Todas as traduções realizadas nesta tese de passagens em língua estrangeira são de nossa autoria (citações diretas e indiretas).

uma abordagem textual-discursiva e a que não segue uma abordagem textual-discursiva. Esta última privilegia o critério sintático (combinado ou não com os critérios semântico e pragmático), ao passo que a primeira concebe os parênteses como um dos elementos da construção de um texto falado ou escrito.

No Brasil, os estudos sobre parentetização foram desenvolvidos de forma mais ampla pela chamada perspectiva textual-interativa, nascida no âmbito do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF)³⁶, sendo uma de suas expoentes Clélia Spinardi Jubran, pesquisadora que mais se dedicou ao estudo do fenômeno da parentetização ao construir um arcabouço teórico complexo para a explicação desse fenômeno. Seus estudos são referência obrigatória nas pesquisas sobre parênteses na língua portuguesa.

De outra parte, Authier-Revuz realizou um extenso inventário em *corpora* de língua escrita e oral, por ocasião de sua tese de doutorado, que evidenciam algumas características do fenômeno da modalização autonímica, dentre as quais se destaca o "**emprego de incisivas opacificantes mais livre do que o dos 'parênteses' classicamente descritos [...]**, que corresponde a uma verdadeira ruptura sintática" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20, negrito e aspas simples do original, sublinhado nosso). A autora destaca como uma das características gerais das formas metaenunciativas a sua manifestação a modo de *incisivas opacificantes*, de estrutura mais livre do que os tradicionais parênteses, pois tais incisivas não necessariamente interrompem a organização sintática dos elementos na frase (nível em que os parênteses tradicionalmente foram estudados, conforme se verá), embora também possam fazê-lo (conforme atesta o levantamento realizado por Authier-Revuz, bem como a nossa análise em *corpus*).

Podemos dizer que Authier-Revuz chega a teorizar sobre os parênteses quando trata da dimensão temporal do dizer, que indica que a enunciação precisa de um tempo para se produzir, mas esse tempo não coincide entre o que o sujeito diz (um tempo) e o que comenta o que diz (outro tempo). O emprego de *incisivas reflexivas* ou *incisivas parentéticas* ou *incisivas metaenunciativas* (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 100-101), ao alterar a linearidade temporal da cadeia enunciativa, inclusive com interrupção da ordem sintática e sintagmática dos elementos na frase, opera "como [uma] figura de 'suspensão' do tempo, de retenção do seu desenrolar materializado pelo fio do enunciado, imaginariamente retido no decorrer da duração do

³⁶ Em 1987, tiveram início as pesquisas para o Projeto de Gramática do Português Falado, idealizado e organizado pelo linguista Ataliba Teixeira de Castilho, do qual resultaram os dez volumes da Gramática do Português Falado, elaborados por mais de 30 pesquisadores de várias universidades brasileiras. A construção da Gramática se baseou em trabalho de *corpus*, composto por uma seleção de entrevistas do Projeto NURC/BR (CASTILHO, 1991).

comentário metaenunciativo" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 86, aspas simples do original). Essa parada no tempo da enunciação é outro aspecto inerente ao movimento de parada-sobre-palavras supramencionado.

Essas constatações, surgidas no bojo da teoria da heterogeneidade, aliadas à noção de que as funções das formas de metaenunciação devem ser reconhecidas em um "plano duplo" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 85) – como não-coincidências do dizer e como estratégias comunicacionais –, o que depreendemos de uma interpretação do contexto geral da teoria, ancoraram e motivaram a abordagem dos fenômenos em estudo por meio da interface teórica que estamos propondo. Nesse caminho, reivindicamos, para os fenômenos abordados nessa interface, a denominação *parentetização metaenunciativa*, por entendermos que a explicação do funcionamento da modalização autonímica deve estar na base conceitual e descritiva desse tipo de parêntese, que não foi contemplado como classe própria na teoria de Jubran (2015) e nem desenvolvido de forma ampla na teoria de Authier-Revuz³⁷.

Antes de apresentarmos as hipóteses que nortearam este trabalho, bem como seus objetivos, passaremos a tratar de cada um dos campos de não-coincidências enunciativas, com exemplos retirados dos inquéritos que integram o *corpus* de análise desta pesquisa³⁸, para melhor compreensão das noções até agora desenvolvidas.

Em pontos em que a heterogeneidade do sujeito e de seu dizer se mostram, o desdobramento metaenunciativo se manifesta em várias dimensões de enunciação (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84), com destaque para quatro delas:

- na relação entre as palavras e as coisas (no processo de nomear), reconhecida como problemática pelo sujeito enunciador, como nas *não-coincidências entre as palavras e as coisas*:

(Tema: *dinheiro, banco, finanças, bolsa*)

L – resta saber tamb/ é também se a fábrica manteve em dia os seus pagamentos... a: referentes a:... **como é que se chama?** ao INPS... quer dizer a:... a assistência:: previdencial... quer dizer aposentadorla... a que o trabalhador que... concorre para o INPS tem direito né? (NURC/SP, DID 250, g.n.)

³⁷ Conforme referimos, Authier-Revuz se aproxima do tema da parentetização quando identifica, dentre as características das formas da modalização autonímica, a presença de incisas opacificantes, tema que desenvolverá um pouco mais no seu artigo "Jogos metaenunciativos com o tempo" (1998, p. 83-106).

³⁸ Como se verá, abordaremos o objeto de estudo mediante a exploração de um *corpus* constituído de diálogos do Projeto NURC/SP, disponíveis *online* (<http://nurc.fflch.usp.br/>). Esclarecemos que todas as transcrições apresentadas na tese são de nossa autoria, já que sentimos a necessidade de retranscrever os fragmentos a partir da audição detalhada e da transcrição já existente no *site*: entendemos que a transcrição também é um ato enunciativo, portanto, singular e irrepitível. De toda forma, devemos destacar o minucioso trabalho dos transcritores do Projeto NURC/SP, sem o qual as nossas transcrições seriam frustradas em muitos momentos das falas.

A relação metaenunciativa organiza-se estruturalmente da seguinte forma: 1) a palavra alvo ou objeto do comentário reflexivo é chamada de escopo (aquilo que o sujeito já disse ou que dirá na sequência da cadeia enunciativa) e 2) o comentário autorreflexivo que incide sobre o escopo é chamado de forma ou expressão metaenunciativa. "O primeiro componente é, portanto, o *escopo* do segundo, constituindo este último a atividade metaenunciativa propriamente dita" (HILGERT, 2012, 118, itálico do original).

No exemplo acima, a expressão "como é que se chama?" é um comentário que o sujeito realiza sobre o seu próprio dizer ("INPS"), que revela a busca por uma nomeação que falta. Tem como escopo a palavra "INPS", opacificada pelo movimento que aqui denominamos de *laçada para frente*: o sujeito antecipa a enunciação da forma metaenunciativa e, enquanto processa a falha no dizer, ganha tempo para a emissão do escopo, em um evidente trabalho de gerenciamento do tempo, que sugere um maior controle enunciativo por parte do sujeito, fenômeno que Authier-Revuz chama de *jogos metaenunciativos com o tempo* (1998, p. 83).

- nas palavras reconhecidas como atravessadas pelos outros sentidos ou outras palavras, configurando-se um processo polissêmico ou homonímico, como nas *não-coincidências das palavras consigo mesmas*:

(Tema: os instrumentos da vida intelectual – aula universitária)

L – É significativo esse número de acerto esse número de erros?... É **significativo em termos estatísticos... em termos QUANTitativos?**... (né?) então:... o que nós fazemos? nós compARA::mos:... esses resulTAdos... com padrões... determinados (NURC/SP, EF 377, g.n.)

No exemplo, a expressão "em termos estatísticos... em termos quantitativos" é um comentário que o sujeito realiza sobre o seu próprio dizer ("significativo"), que revela a necessidade de fixação de um sentido dentre todos os que a realidade polissêmica da língua impõe. Tem como escopo a palavra "significativo", opacificada pelo movimento que aqui denominamos de *laçada para trás*: o sujeito retorna reflexivamente ao dizer, localizado em posição anterior ao comentário metaenunciativo.

Segundo atestam as análises realizadas no *corpus* desta pesquisa, as laçadas para trás são constitutivas desse subtipo (fixação de um sentido) dentro do campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas, em que sempre o escopo vem antes do metaenunciado que especifica o seu sentido. Uma das características destacadas no movimento de fixação de um

sentido diz respeito à possibilidade desse tipo de metaenunciado ser parafraseável (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 33-34).

- no discurso sobre si mesmo, reconhecido como atravessado pela presença de palavras ou de sentidos provenientes de outros discursos, como nas *não-coincidências interdiscursivas* ou *não-coincidências do discurso consigo mesmo*:

(Tema: a casa, o terreno, vegetais, agricultura, animais, gado)

L1 – antigamente se fazia coalhada só deixando o leite:... pra: **talhar... como se falava** (NURC/SP, DID 18, g.n.)

No exemplo em destaque, a expressão "como se falava" é um comentário que o sujeito realiza sobre o seu próprio dizer ("talhar"), que revela a indicação de uma outra fonte enunciativa, uma voz oriunda de uma outra época. Tem como escopo a palavra "talhar", opacificada pelo movimento que denominamos de *laçada para trás*: o sujeito retorna reflexivamente ao dizer, situado na cadeia em posição anterior ao comentário metaenunciativo.

Nesse subtipo, as análises no *corpus* desta pesquisa permitem afirmar que as laçadas são bidirecionais, podendo ocorrer para trás ou para frente, pois dotadas da mobilidade permitida pela própria estrutura do metaenunciado. Por hipótese, no exemplo acima, a laçada poderia se dar para frente ("deixando o leite **como se falava pra talhar**"), neste caso, com implicações na administração do tempo da enunciação. Uma de suas características diz respeito à variedade de tipos de "outro" que o sujeito traz para dentro de seu dizer: "outra língua, região, época, registro, 'socioleto', discurso teórico, posição política" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 22-23, aspas simples do original).

- na relação entre os interlocutores, que se reconhecem como não redutíveis ao mesmo, como nas *não-coincidências interlocutivas*:

(Tema: transportes e viagens, cinema, televisão, rádio e teatro, os meios de comunicação e difusão, a cidade e o comércio)

DOC – (...) outras revistas o senhor citaria assim::... da **imprensa... vamos dizer assim** ((fala em tom mais baixo)) (NURC/SP, D2 255, g.n.)

No exemplo em destaque, a expressão "vamos dizer assim" é um comentário que o sujeito realiza sobre o seu próprio dizer ("imprensa"), que revela a convocação do interlocutor para que este aceite e compartilhe esse dizer (dizer junto em uma só voz). Tem como escopo a

palavra "imprensa", opacificada pelo movimento que denominamos de *laçada para trás*: o sujeito retorna reflexivamente ao dizer localizado em posição anterior ao comentário metaenunciativo.

Tal como nas não-coincidências interdiscursivas, no espaço das não-coincidências interlocutivas ilustradas no exemplo acima, as laçadas são bidirecionais, conforme atestam as análises em *corpus*, podendo ocorrer para trás ou para frente, pois dotadas da mobilidade permitida pela própria estrutura do metaenunciado. Por hipótese, no exemplo acima, a laçada poderia ocorrer para frente ("outras revistas o senhor citaria **vamos dizer assim da imprensa**"), neste caso, com implicações na administração do tempo da enunciação. Uma característica desse subtipo diz respeito à tendência à cristalização e estereotipia das formas, ensejando os chamados tiques linguísticos (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 101), também registrados por outros estudos como tiques discursivos (FRANCKEL, 2020, p. 7).

Serão os procedimentos linguístico-discursivos dessa natureza – descritos sucintamente a partir dos quatro exemplos acima destacados – o objeto específico de nosso estudo, para o qual convocamos a perspectiva da teoria da heterogeneidade enunciativa, de Authier-Revuz (1998, 2004) enquanto teoria base para realizarmos uma aproximação à teoria da parentetização de Jubran (2015).

Concebemos que todas essas formas metaenunciativas desempenham não só funções enunciativas, mas também funções pragmáticas ou comunicativo-interacionais de parentetização. Essas funções podem se resumir na necessidade originada na própria dinâmica interacional de otimização dos enunciados com vistas à argumentação, à intercompreensão ou, ainda, ao compartilhamento de responsabilidades pelo uso de determinadas palavras, em um processo de mútuas influências entre os parceiros de interlocução, que constroem os sentidos em colaboração.

Assim, trabalhamos com a hipótese geral de que as formas da modalização autonímica, consubstanciadas em não-coincidências do dizer, comportam uma face pragmática de parentetização no discurso oral. Como decorrência desta, formulamos uma segunda hipótese: a própria teoria da heterogeneidade enunciativa apresenta elementos que permitem a aproximação teórica entre os fatos de metaenunciação e os de parentetização e a consequente identificação desses fatos no fio do discurso.

Partindo dessas hipóteses, traçamos como objetivo geral desta tese descrever e analisar as formas da modalização autonímica manifestadas no discurso oral para nelas reconhecer não

só funções enunciativas, mas também funções pragmáticas de parentetização. Para tanto, perseguimos os seguintes objetivos específicos: 1) descrever a dinâmica de funcionamento metaenunciativo dos quatro campos de não-coincidências do dizer; para, então, 2) propor a aproximação do fenômeno da metaenunciação ao fenômeno da parentetização com base na própria estrutura de funcionamento das não-coincidências do dizer; 3) sustentar a existência do fenômeno da parentetização de natureza metaenunciativa e, por conseguinte, a adequação do termo *parentetização metaenunciativa* e suas variantes (p. ex., *parênteses metaenunciativos*, *metaenunciados parentéticos*).

Para testar essas hipóteses, elegemos como *corpus* de análise 20 inquéritos do Projeto NURC/SP, a modo de exemplário dos fenômenos em estudo. Tais inquéritos representam mostras de fala em interação face a face com registro semiformal e que serão analisadas de forma qualitativa, mas sem descurar de uma abordagem quantitativa, quando esta puder auxiliar na interpretação dos fatos enunciativos.

Como se pode notar, a presente tese defende a existência de uma categoria específica de parentetização que se define pelo critério metaenunciativo para estabelecer os limites do que consideramos como *parentetização metaenunciativa* no discurso oral. A ideia defendida nesta tese nasce em meio a uma literatura acerca da temática da parentetização que apresenta grandes variações quanto a abordagens teórico-metodológicas.

Nesse sentido, o estudo das formas metaenunciativas em *corpus* permite-nos concluir que todo procedimento metaenunciativo é também parentético por sua própria natureza: dentro do parêntese aflora a dinâmica da modalização autonímica que envolve dois movimentos enunciativos concomitantes, de ruptura e de coesão, compondo uma ruptura ligada.

O interesse pelo recorte temático – que se transformou em problema de pesquisa – já vem se consolidando de longa data. Antes mesmo de nossa pesquisa de Mestrado, que tratou da atenuação metaenunciativa, já tínhamos tido contato com o tema da metaenunciação e com trabalhos em *corpus* de língua falada, por meio dos estudos no âmbito das pesquisas desenvolvidas pelo Orientador (HILGERT, 2014; 2012; 2011; 2009), que nos levaram a conhecer a teoria da heterogeneidade enunciativa manifestada no discurso oral.

Essa aproximação inicial ao fenômeno da metaenunciação nas interações orais, além de nos proporcionar familiaridade com o universo empírico das pesquisas que, desde então, estamos desenvolvendo, possibilitou-nos a observação de outros sentidos que emergiam do conjunto dos fatos linguísticos analisados nos inquéritos que compõem o Projeto NURC/BR,

mais especificamente os atinentes às cidades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, ou seja, o trabalho aprofundado com os inquéritos do Projeto NURC permitiu que percebêssemos que as expressões metaenunciativas também revelavam uma função pragmática de parentetização.

Assim, fomos em busca de bibliografia pertinente e entramos em contato com as obras do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), em especial com os estudos de Clélia Spinardi Jubran, o que nos impulsionou a definir o foco da nossa pesquisa de Doutorado, uma vez que conseguimos visualizar, de um lado, que se tratava de um fenômeno único, mas multifacetado (faces enunciativa, textual e pragmática) e, de outro, que não havia nenhum trabalho que partisse da Linguística da Enunciação, mais especificamente, da teoria da heterogeneidade de Authier-Revuz, para o tratamento desse fenômeno em *corpus* de fala. O presente estudo encontra nessa lacuna uma de suas justificativas e um de seus desafios.

Dito isso, importa apresentar a estrutura geral desta tese.

De início, delineamos um preâmbulo no qual esclarecemos qual o norte teórico-epistemológico e metodológico orientou a concepção desta tese, com destaque para os fios condutores que amarram os diferentes aspectos teóricos aqui reunidos ou confrontados: a epistemologia dialógica de Mikhail Bakhtin e a abertura que a própria teoria da heterogeneidade proporciona ao reconhecer que as não-coincidências do dizer atuam em um duplo plano, enquanto formas da heterogeneidade e enquanto estratégias pragmáticas.

A seguir, neste espaço introdutório, fornecemos um panorama geral do caminho percorrido pela pesquisa, apresentando a construção do problema, as hipóteses de trabalho e a definição do objeto de pesquisa; as motivações e a relevância para seu estudo; os objetivos gerais e específicos do trabalho; a base teórico-epistemológica e os principais conceitos com que trabalhamos; uma breve apresentação do *corpus* e dos procedimentos metodológicos adotados para análise dos fatos linguísticos; e, por fim, a estrutura geral do trabalho.

No primeiro capítulo, trataremos dos procedimentos metodológicos adotados: a descrição do *corpus* de pesquisa, o detalhamento dos passos percorridos na exploração do mesmo e as definições terminológicas para melhor compreensão dos aspectos teóricos desenvolvidos.

No capítulo segundo, desenvolveremos os principais temas teóricos que integram a teoria da heterogeneidade enunciativa, inserida na área da Linguística da Enunciação.

A noção de parentetização, suas raízes históricas, bem como as principais teorias que a sustentam serão tratadas no terceiro capítulo.

O quarto e último capítulo será dedicado à análise interpretativa dos fenômenos de parentetização metaenunciativa levantados no *corpus*, à discussão dos resultados e à síntese das principais conclusões dessa análise.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O PERCURSO DA PESQUISA

2.1 DESCRIÇÃO E DEFINIÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA

A escolha do *corpus* se deu pelo interesse no estudo dos fenômenos de metaenunciação na língua falada, que começamos a desenvolver desde o início do Mestrado, quando entramos em contato com as pesquisas do Orientador, que, por sua vez, nos levaram a conhecer a teoria de Authier-Revuz. Esta trabalhou com inventário extenso de formas de não-coincidências do dizer em língua escrita e falada, em diferentes gêneros e registros (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 19), oferecendo exemplos, ao longo de seus estudos, que foram confirmados em nossas pesquisas no âmbito dos inquéritos do Projeto NURC/BR, realizadas desde a época do Mestrado (v. ALMEIDA, 2017, p. 17).

Assim, para a análise dos fenômenos em estudo nesta tese, exploramos diálogos de inquéritos do Projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta da cidade de São Paulo), que integra o Projeto NURC/BR, iniciado no ano de 1969. Esse grande projeto foi concebido a partir de outro ainda maior, o "Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Linguística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y la Península Ibérica", destinado à descrição da língua espanhola falada e proposto pela Universidade Autónoma do México, no ano de 1964, mas com a ideia de ser estendido para a descrição da língua portuguesa do Brasil (SILVA, 1996, p. 83-84).

O objetivo do Projeto NURC era documentar e estudar a norma falada culta de cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador) nas décadas de 1970 e 1980, que atendessem a dois requisitos: a cidade deveria ter, ao menos, um milhão de habitantes e estratificação social suficiente para atender às demandas do Projeto. Assim, a escolha dos falantes baseou-se em seu nível instrucional, origem geográfica e local de residência, e não na capacidade de desenvolver o tema sugerido.

Considerou-se falante culto aquele com escolaridade universitária completa, de ambos os sexos, nascido na capital em questão e que não houvesse morado mais de cinco anos fora da cidade. Os falantes foram divididos em três faixas etárias – de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante – e gravados em três diferentes situações: aulas ou palestras; diálogos (entrevistas) com dois falantes e um entrevistador e diálogos (entrevistas) com um falante e um documentador. Todas as características do Projeto NURC, em geral, podem ser aplicadas aos

Projetos regionais, uma vez que, desde o princípio, houve uma tentativa de harmonização de critérios que garantissem o controle de variáveis e permitissem análises contrastivas futuras. O Projeto NURC/BR ainda constitui o maior acervo de língua falada recolhido no Brasil, com aproximadamente 1.500 horas de arquivo sonoro. Os diálogos foram gravados, originalmente, em fitas *cassete* e as transcrições, em sua maioria, publicadas em livros; algumas dessas transcrições, bem como os áudios, estão disponíveis para consulta *on line*, como é o caso do Projeto NURC/SP.

Assim, o acervo do Projeto NURC/BR é composto por três tipos de inquéritos: elocuições formais/EF (aulas, palestras, conferências), diálogos entre informante e documentador/DID (entrevistas) e diálogos entre dois informantes/D2 (entrevistas entre documentador e dois entrevistados). Para a seleção do *corpus* que serviu às nossas análises, partimos de levantamento prévio em todos os tipos de inquéritos (DID, D2 e EF) do Projeto NURC/SP, disponíveis no *site* da Universidade de São Paulo (www.nurc.fflch.usp.br), num total de 20 inquéritos, com transcrições e áudios em formatos digitais. Esse trabalho está sendo realizado por pesquisadores da Universidade de São Paulo, que pretendem disponibilizar, em breve, a totalidade do acervo da cidade de São Paulo. Sem dúvida, essa forma de acesso se traduz em maior economia de tempo de pesquisa.

Os 20 inquéritos disponibilizados no *site* do Projeto NURC/SP e que compõem o *corpus* desta pesquisa são:

Inquérito N°	Tipo	Tema
62	D2	Tempo cronológico, instituições, ensino, profissões
255	D2	Transportes e viagens, cinema, televisão, rádio e teatro, os meios de comunicação e difusão, a cidade e o comércio
333	D2	Cinema, TV, rádio e teatro
343	D2	A cidade, o comércio
360	D2	Tempo cronológico, profissões e ofícios
396	D2	Vestuário e diversões
18	DID	A casa, o terreno, vegetais, agricultura, animais, gado
137	DID	A cidade e o comércio
161	DID	Teatro, televisão, rádio, cinema, vestuário
208	DID	Família, saúde

234	DID	Cinema, televisão, rádio, teatro
235	DID	Alimentação
242	DID	Instituições: o ensino, a igreja
250	DID	Dinheiro, banco, finanças, bolsa
251	DID	Profissão e ofícios
153	EF	O cinema brasileiro na década de trinta (conferência)
156	EF	Estética no Brasil, na década de 30 (conferência)
338	EF	A demanda de moeda (aula universitária)
377	EF	Os instrumentos da vida intelectual (aula universitária)
405	EF	A arte pré-histórica: o paleolítico (aula universitária)

Quadro 1 – Detalhamento dos inquéritos integrantes do *corpus* de pesquisa

Esses inquéritos representam mostras de fala em interação face a face com registro semiformal (gênero híbrido em que convivem traços de oralidade e de escrituralidade) e foram analisados do ponto de vista qualitativo, mais com o fim de ilustrar os conceitos teóricos com os quais trabalhamos e comprovar a existência do fenômeno da parentetização metaenunciativa, nos termos propostos, do que de realizar um inventário extenso das tipologias das expressões em estudo, tendo em vista que a discussão teórica ganhou muito relevo nesta tese. Também desenvolveremos análises quantitativas na medida em que estas puderem auxiliar na interpretação dos fatos enunciativos e servirem para atender aos nossos objetivos de pesquisa.

Quanto aos critérios de seleção das formas metaenunciativas em estudo, prevaleceu o critério da recorrência aliado ao critério da prototipicidade e relevância, com exclusão de termos duvidosos no que se refere à complexidade de classificação, que denunciam as fronteiras, por vezes movediças, entre formas que exercem função metaenunciativa e outras, homônimas, que exercem outras funções discursivas, conforme adverte Authier-Revuz quando trata das fronteiras da modalização autonímica com outras formas, com o que ela chama de "fenômenos diversamente 'vizinhos'" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 18, aspas simples do original).

À luz dessas considerações, trabalhamos com a hipótese geral de que as formas da modalização autonímica, consubstanciadas em não-coincidências do dizer, comportam uma face pragmática de parentetização no discurso oral. Como decorrência desta, formulamos uma segunda hipótese: a própria teoria da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) apresenta elementos

que permitem a aproximação teórica entre os fatos de metaenunciação e os de parentetização e a consequente identificação desses fatos no fio do discurso.

Partindo dessas hipóteses, traçamos como objetivo geral desta tese descrever e analisar as formas da modalização autonímica manifestadas no discurso oral para nelas reconhecer não só funções enunciativas, mas também funções pragmáticas de parentetização.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa implicam a persecução de cada um de seus objetivos específicos, quais sejam: 1) descrever a dinâmica de funcionamento metaenunciativo dos quatro campos de não-coincidências do dizer; para, então, 2) propor a aproximação do fenômeno da metaenunciação com o fenômeno da parentetização com base na própria estrutura de funcionamento das não-coincidências do dizer; 3) sustentar a existência do fenômeno da parentetização de natureza metaenunciativa e, por conseguinte, a adequação do termo *parentetização metaenunciativa* e suas variantes (p. ex., *parênteses metaenunciativos*, *metaenunciados parentéticos*).

O trabalho de análise dos fatos enunciativos se desenvolveu em três etapas principais.

Na primeira, antes de realizarmos as seleções por meio da busca lexical, procedemos à conversão dos arquivos com as imagens das transcrições em arquivos com formato *pdf*, para facilitar a localização de expressões metaenunciativas, as quais pudemos identificar pelo conhecimento dos exemplos fornecidos pela literatura especializada, idênticos ou análogos (AUTHIER-REVUZ, 1998 e 2004; HILGERT, 2009 e 2012). Ato contínuo, fizemos um levantamento geral e superficial por meio da busca lexical nos arquivos, a fim de constatar se os quatro campos de não-coincidências estavam presentes nos inquéritos, o que se confirmou.

Dessa filtragem, selecionamos duas expressões (e suas variantes) de cada campo para análise mais profunda, a modo de exemplo, perfazendo um total de oito expressões. Justificamos o trabalho com um número fechado de expressões porque, como já dissemos, o enfoque teórico ganhou vulto nesta tese e, portanto, nosso interesse recaiu mais em demonstrar o funcionamento das formas da modalização autonímica para comprovar a existência do fenômeno da parentetização metaenunciativa do que em descrever a sua variedade tipológica no contexto de um grande inventário, tarefa que sugerimos seja feita em outra pesquisa.

Portanto, os levantamentos quantitativos realizados obedecem estritamente ao critério de seleção das formas metaenunciativas sob um número fechado, de modo que a manifestação dos parênteses metaenunciativos, em suas diferentes tipologias e funções, é muito maior do que os números apurados nesta tese possam indicar.

A segunda etapa consistiu na audição atenta de cada um dos inquéritos selecionados, para confirmar a natureza metaenunciativa das oito expressões levantadas na etapa inicial, permitindo a identificação mais precisa dos fatos metaenunciativos diante da variedade de uso de expressões idênticas na sua forma, mas distintas em suas funções. Em outras palavras, essa etapa foi fundamental para diferenciar, conforme já referimos, uma forma metaenunciativa de outra, homônima ou "vizinha", tarefa que oferece grande complexidade e dificuldades ao pesquisador, diante das "modalizações mas sem representação explícita do dizer" e, ainda, das "fronteiras da modalização autonímica", "[...] às vezes delimitada, às vezes apagando-se em um *continuum*, entre opacificação e transparência" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 18).

Essa segunda etapa também teve por finalidade averiguar a ocorrência de outras formas que nos tivessem escapado na etapa inicial do levantamento e que pudessem representar formulações não prototípicas (mas talvez mais recorrentes do que as expressões já levantadas). Nessa etapa, pudemos identificar a presença de formas-tique (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 94-95) ou tiques discursivos (FRANCKEL, 2020, p. 7), aspectos esses que somente puderam ser confirmados pela dinâmica da escuta das conversações.

Na terceira etapa, tendo por base o cruzamento dos exemplos trabalhados na literatura especializada com os fatos metaenunciativos presentes no *corpus*, selecionamos as oito expressões e suas variantes, tentando equilibrar o critério da prototipicidade com o critério da recorrência ou frequência, de acordo com o que Authier-Revuz chama de "formas explicitamente metaenunciativas" (1998, p. 19), a saber:

Não-coincidência entre as palavras e as coisas	Não-coincidência das palavras consigo mesmas	Não-coincidência interdiscursiva	Não-coincidência interlocutiva
<i>como é que se diz?</i>	<i>no sentido (de)</i>	<i>como se diz</i>	<i>digamos</i>
<i>propriamente dito</i>	<i>em termos (de)</i>	<i>o que chamam (de)</i>	<i>vamos dizer</i>

Quadro 2 – Formas metaenunciativas selecionadas para análise no *corpus* – prototipicidade e recorrência

Quando nos referimos às expressões metaenunciativas e suas variantes, o que queremos dizer é que as expressões selecionadas apresentam grandes ou pequenas variações na sua forma de composição (formulação), segundo características específicas de cada grupo ou subgrupo existente dentro de cada campo das não-coincidências enunciativas. As variações das expressões selecionadas para análise assim se distribuem, de forma exemplificativa:

Não-coincidência entre as palavras e as coisas	Não-coincidência das palavras consigo mesmas	Não-coincidência interdiscursiva	Não-coincidência interlocutiva
<p><i>como é que se diz?</i></p> <p>Variantes → <i>como é que chama?, como chama?, como se chama?, como é que eles chamam?, como se diz?, como é que a gente fala?, eu não sei bem o termo</i></p>	<p><i>no sentido (de)</i></p> <p>Variantes → <i>no sentido (+adjetivo), num sentido (+adjetivo)</i></p>	<p><i>como se diz</i></p> <p>Variantes → <i>como diz, como se falava, como falam, que falam, como chamam, que chamam, como dizem, dizem</i></p>	<p><i>digamos</i></p> <p>Variante → <i>digamos assim</i></p>
<p><i>propriamente dito</i></p> <p>Variantes → <i>propriamente dita, propriamente (+adjetivo), as próprias palavras estão dizendo</i></p>	<p><i>em termos (de)</i></p> <p>Variantes → <i>em termo de, em termos (+adjetivo)</i></p>	<p><i>o que chamam (de)</i></p> <p>Variantes → <i>o que se chama, aquilo que se chama, isso que chamam de, aquilo que é chamado de, os chamados (+nome)</i></p>	<p><i>vamos dizer</i></p> <p>Variante → <i>vamos dizer assim</i></p>

Quadro 3 – Exemplos de variantes das formas metaenunciativas selecionadas para análise no corpus

Quanto às transcrições, conforme anunciado na introdução, sentimos a necessidade de retranscrever os fragmentos em estudo a partir da audição mais detalhada e da transcrição já existente no *site* do Projeto NURC/SP, de acordo com a nossa interpretação dos diálogos constantes dos áudios, uma vez que consideramos a transcrição também um processo enunciativo, portanto singular e marcado pela subjetividade do pesquisador, como, de resto, ocorre com todo processo de investigação científica, no nosso entender. De todo modo, devemos dizer que as nossas transcrições não divergiram sobremaneira daquelas realizadas no âmbito do Projeto NURC/SP, um trabalho minucioso que merece destaque.

Nesse sentido, é importante esclarecer que, apesar de termos feito novas transcrições dos fragmentos, decidimos manter as marcações (ou a ausência delas) com travessões duplos³⁹ na exata forma em que se apresentaram nas transcrições originais, por dois motivos principais: de um lado, para sabermos em que pontos do discurso os transcritores do Projeto NURC/BR perceberam a presença de um desvio produzido pelas formas metaenunciativas e, de outro, para não gerar confusões quanto a divergências de critérios de transcrição e suas interpretações.

Embora, em nossas transcrições, sigamos as normas do Projeto NURC/SP, no que diz respeito ao uso dos travessões duplos, que marcam a existência de um desvio tópico (critério

³⁹ Segundo as normas de transcrição do Projeto NURC/BR, em anexo, os travessões duplos servem para sinalizar a presença de "comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático".

de Jubran adotado pelo Projeto NURC/SP), nossa tendência seria marcar todas as ocorrências do que chamamos de parênteses metaenunciativos, já que defendemos nesta tese outro critério para a identificação dessas rupturas: a sua natureza metaenunciativa. Contudo, deixamos de fazê-lo pelas razões explicadas acima.

2.2 DEFINIÇÕES TERMINOLÓGICAS ⁴⁰ – TEORIA DA HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA

Para melhor compreensão dos termos teóricos com os quais operamos nesta tese, oriundos de nossa teoria de base (a heterogeneidade enunciativa), bem como para garantir o bom andamento das etapas metodológicas, apresentamos nesta seção uma série de termos que julgamos fundamentais, considerando os momentos em que nos aproximamos e os em que nos distanciamos de nossa teoria de base.

Nesse sentido, considere-se que, embora a teoria da heterogeneidade enunciativa seja o nosso ponto de partida para a interpretação dos fatos de língua em estudo, tal não significa que com ela coincidamos em todos os pontos; haverá pontos de convergência e de divergência, devidamente assinalados ao longo do trabalho, como, por exemplo, o conceito de sujeito e a consequente proposta para a identificação, nas não-coincidências do dizer, de uma função pragmático-discursiva, não considerada na teoria original. Daí a razão para esclarecer os conceitos originais, para, então, conseguirmos desenvolver as propostas desta tese.

A maioria dos termos – com as respectivas definições e notas explicativas – foram retirados do *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009), obra de referência na área da Linguística da Enunciação, que em muito colaborou para a delimitação e consolidação dessa área no Brasil. Alguns termos, entretanto, como não constam do referido dicionário, mas são importantes no contexto desta pesquisa, tiveram sua definição retirada diretamente dos textos originais de Authier-Revuz.

Dessa forma, selecionamos alguns termos da teoria da heterogeneidade enunciativa que consideramos essenciais para a compreensão de aspectos tanto teóricos quanto metodológicos desta tese, no sentido da persecução dos seus objetivos.

Sendo assim, além dos termos da teoria de Authier-Revuz, julgamos importante apresentarmos, antes de mais nada, o conceito de "enunciação" da teoria desenvolvida por

⁴⁰ A organização desta seção foi inspirada em FONSECA, 2005.

Benveniste (1989 [1970], p. 82-84), que serviu de base para a teoria da heterogeneidade enunciativa e, de uma forma geral, para todas as teorias da área da Linguística da Enunciação.

Enunciação (Benveniste) (p. 102-103)

Definição: "colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização."

Nota explicativa: "A noção de enunciação, entendida como uso da língua, pressupõe um quadro enunciativo, que se configura por sujeitos – o par eu-tu –, ou seja, a noção de pessoa – e situação –, o espaço e o tempo. Essa noção, descrita como ato de tomada da palavra, constitui-se em um processo de inserção dos sujeitos na língua, o qual envolve apropriação e atualização. O primeiro se caracteriza pela seleção de signos linguísticos, comuns aos sujeitos; o segundo exige um trabalho dos sujeitos que visam, respectivamente, à expressão e à compreensão de uma ideia relativa a ambos e à situação em que se inserem. Tal atividade dos sujeitos pressupõe o estabelecimento de inter-relações entre as palavras ou sintagmatização, exigência da ideia que é expressa ou interpretada. O estudo da enunciação é feito por meio da análise do enunciado, sua materialização. [...] Em "O aparelho formal da enunciação", texto de 1970, o autor fala em enunciação, no mínimo, em três sentidos: a) Como 'realização vocal da língua' [...]; b) Como 'conversão da língua em discurso' [...]; c) Como realização individual da língua 'no quadro formal de sua realização' [...]".⁴¹

Enunciação (Authier-Revuz) (p. 98-99)

Definição: "campo heterogêneo do conhecimento em que se articulam língua, fala."

Nota explicativa: "A enunciação, concebida como um campo heterogêneo do conhecimento, põe em jogo o sujeito e sua relação com a língua e com o sentido. É, então, considerada lugar de uma inevitável heterogeneidade teórica, que leva a linguística, entendida em seu sentido restrito, a ter que recorrer a teorias exteriores a seu campo para apoiar a descrição dos fatos enunciativos. Tais teorias exteriores são: a teoria do sujeito de J. Lacan, o dialogismo de M. Bakhtin e a noção de interdiscurso de M. Pêcheux."

⁴¹ Os autores referem que a definição apresentada até aqui é uma das mais importantes definições de enunciação na obra de Benveniste. "No entanto, não deve ser entendida como suficiente para esgotar o tema." (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 102). Para efeitos do presente trabalho, destacamos que o recorte da definição apresentada atende aos objetivos a que nos propusemos, já que não pretendemos aprofundar o estudo da teoria benvenistiana, mas, ao contrário, apenas apresentar breves noções basilares que servem para melhor compreender os temas nesta tese abordados.

Heterogeneidade constitutiva (p. 135)

Definição: "princípio fundador da própria natureza da linguagem, que diz respeito à exterioridade, não-marcada na linearidade do dizer, que constitui o sujeito e o discurso."

Nota explicativa: "O percurso pelo *continuum* de formas explicitamente marcadas da presença da alteridade no discurso, passando por sequências nas quais a presença do outro é sinalizada apenas de maneira implícita, conduz a um ponto-limite, em que a alteridade não é nem localizável, nem representável na superfície linguística. O termo 'heterogeneidade constitutiva' diz respeito a esse ponto-limite, em que o outro – sempre onipresente em toda manifestação linguística – não se restringe a um exterior a quem / de quem / de que se fala, mas é a condição para que se fale. [...]"

Heterogeneidade mostrada (p. 136)

Definição: "representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a alteridade que afeta a homogeneidade aparente de seu dizer, através de formas linguisticamente detectáveis, na linearidade do discurso."

Nota explicativa: "Ao fazer uso da linguagem, o sujeito falante vale-se de um certo número de formas, linguisticamente apreensíveis no enunciado, que indicam a inscrição do outro discurso/do discurso do outro em seu dizer. Através dessas formas, o enunciador busca apresentar como homogêneo o que é essencialmente heterogêneo, numa tentativa tanto de assegurar o domínio sobre seu dizer, como de restaurar a autonomia de seu discurso, nos pontos em que esse domínio/essa autonomia se acham ameaçados. Desse modo, procura preservar a imagem ilusória de um sujeito autônomo, que sabe quem fala, de que fala e como fala, condição necessária para que um discurso seja efetivado. [...] Assim, no campo da enunciação, estão em jogo, de maneira solidária, dois planos distintos, mas não disjuntos, o da heterogeneidade constitutiva e o da heterogeneidade mostrada. [...] As formas de heterogeneidade mostrada manifestam, então, a onipresença de uma outra heterogeneidade, a constitutiva, que, sem se marcar na linearidade discursiva, afeta radicalmente o sujeito e o discurso."

Heterogeneidade teórica (p. 136-137)

Definição: "articulação de teorias exteriores à linguística às quais é necessário recorrer para explicar fatos da língua."

Nota explicativa: "A enunciação, na teoria de Authier-Revuz, constitui um campo heterogêneo do conhecimento, cujos estudos centram seu interesse na relação do sujeito com a língua e com o sentido. Dessa forma, é inevitável que a linguística, entendida em seu sentido estrito, recorra a abordagens exteriores a seu campo, considerando a intervenção desses elementos para alicerçar a descrição dos fatos enunciativos."

Metaenunciação (p. 163)

Outras denominações: "autorrepresentação do dizer, retorno do dizer."

Definição: "forma reflexiva por meio da qual o discurso se reveste de um comentário sobre si mesmo."

Nota explicativa: "O fenômeno da metaenunciação faz parte do grande conjunto das formas de reflexividade metalinguística. Relaciona-se com a metalinguagem produzida espontaneamente pelo enunciador e não em resposta a uma solicitação explícita exterior em forma de uma investigação sistemática que ocorre junto aos sujeitos falantes a respeito de determinado fenômeno linguageiro, ou sobre o sentido dado a tal frase ou palavra emitida pelo enunciador."

Glosa metaenunciativa (p. 133)

Outras denominações: "autocomentário reflexivo, forma metaenunciativa, modalidade autonímica."

Definição: "forma de retomada utilizada pelo locutor para comentar seu próprio dizer."

Nota explicativa: "O termo glosa metaenunciativa é utilizado para designar os autocomentários reflexivos da enunciação, tais como: 'Ela me convidou... convidou modo de dizer... melhor, me intimou a ir à conferência'; 'Espetacular, o termo talvez seja um pouco exagerado'; 'É uma gentinha, como diria seu pai'. As glosas metaenunciativas possuem as seguintes propriedades: 1) são identificáveis na linearidade discursiva, uma vez que possuem características sintático-semânticas passíveis de serem descritas; 2) são estritamente reflexivas, pois num único ato de enunciação duplicam o dizer de um elemento através de um comentário 'simultâneo'; 3) são opacificantes, no sentido de que o elemento ao qual se referem perde a transparência que normalmente o caracteriza em seu uso padrão."

Modalização autonímica (p. 166-167)

Outras denominações: "modo enunciativo desdobrado"

Definição: "tipo de comentário metaenunciativo que o sujeito faz sobre seu próprio dizer durante a produção desse mesmo dizer"

Nota explicativa: "A modalização autonímica origina-se diretamente da noção semiótica de conotação autonímica, tal como proposta por J. Rey-Debove, como um fenômeno em que se dá o acúmulo hierarquizado de duas semióticas, a denotativa, que remete ao mundo, e a metalinguística, que remete ao signo. Exemplo: 'seria preciso um pouco de *caridade*, para retomar um termo cristão, em um caso desses'. Entretanto, é preciso considerar que Authier-Revuz inscreve-se no campo aberto por Rey-Debove por meio de um deslocamento do ponto de vista semiótico para o enunciativo. A passagem da conotação autonímica à modalização autonímica não é uma simples troca de nomenclatura. O ponto de vista das duas autoras não é o mesmo, assim como não é o mesmo o campo dos fatos cobertos por suas abordagens. Rey-Debove caracteriza a conotação autonímica como fato de polissemia. Para Authier-Revuz, a modalização autonímica é um fato de enunciação modalizado por uma representação opacificante, ou seja, por uma interposição de um comentário sobre o próprio signo entre o signo e o que ele designa. De acordo com a descrição proposta pela autora – apoiada no dialogismo, no interdiscurso e na concepção lacaniana de sujeito –, na modalização autonímica, o dizer retorna reflexivamente sobre um ponto de seu desenvolvimento para suspender o modo pelo qual a nomeação normalmente se dá, tornando visível a negociação do enunciador com a heterogeneidade que o constitui, e que ele tem a necessidade de desconhecer."

Opacificação (p. 179-180)

Outras denominações: "autorrepresentação opacificante do dizer, opacidade"

Definição: "fenômeno pelo qual um signo faz referência ao mundo e, simultaneamente, coloca-se como objeto do discurso."

Nota explicativa: "O fenômeno da opacificação se inscreve no quadro da oposição lógica entre transparência e opacidade do signo (cf. Récanati). Ao empregar essa noção, Authier-Revuz insiste no fato de que, na modalização autonímica, há uma alteração e não uma perda de transparência, na medida em que o termo modalizado continua a significar o mundo. Na teoria de Authier-Revuz, é um termo que indica que no ato de dizer uma palavra, ela pode ser separada de seu significado geral e passar a ser representada reflexivamente, em sua forma significante. Isso acontece mediante a interposição de um comentário que duplica a palavra em questão (por exemplo, 'X, se podemos dizer'). Essa duplicação opacificadora opacifica o dizer da palavra na medida em

que simultaneamente: a) indica que há uma ou mais formas pelas quais a palavra pode significar na mesma cadeia enunciativa; b) converte a forma escolhida em maneira de dizer."

Não-coincidência do dizer (p. 173)

Definição: "alteridade que constitui o dizer, cuja representação linguística se dá através do desdobramento metaenunciativo próprio à modalização autonímica."

Nota explicativa: "No desenvolvimento de sua teoria, Authier-Revuz acrescenta ao conceito de heterogeneidades o conceito de não-coincidências do dizer. Essas não-coincidências constitutivas que atravessam o dizer obrigam o enunciador a uma negociação, em que se manifesta, através da denegação, o jogo da heterogeneidade mostrada com a heterogeneidade constitutiva, pelo qual ele procura manter um domínio ilusório sobre sua fala. Através das marcas das não-coincidências, que designam o outro localizadamente, o sujeito empenha-se em fortalecer o estatuto da unidade imaginária. São quatro os tipos de não-coincidências que afetam o dizer: não-coincidência interlocutiva; não-coincidência do discurso com ele mesmo; não-coincidência entre as palavras e as coisas; não-coincidência das palavras com elas mesmas."

Não-um (p. 174)

Definição: "heterogeneidade constitutiva que afeta o dizer."

Nota explicativa: "O termo não-um é utilizado, na teoria de Authier-Revuz, para designar a heterogeneidade constitutiva, irreduzível, que afeta o dizer. Tal heterogeneidade é apresentada pela autora como constitutiva de quatro tipos de não-coincidências enunciativas: não-coincidência interlocutiva, não-coincidência do discurso com ele mesmo, não-coincidência entre as palavras e as coisas e não-coincidência das palavras com elas mesmas. Essas não-coincidências enunciativas que se impõem ao dizer denunciam que a enunciação ocorre na tensão entre o um do dizer e o não-um do irrepresentável. O inevitável real do heterogêneo e a necessária ilusão protetora do um criam uma autorrepresentação do dizer que procura afastar as falhas do não-um inerentes a toda enunciação."

Um (p. 234)

Definição: "representação imaginária de uma homogeneidade do dizer do sujeito falante na enunciação."

Nota explicativa: "Sendo o dizer constitutivamente heterogêneo, torna-se necessário, no momento em que esse se faz, produzir uma imagem do dizer, isto é, uma autorrepresentação que proporcione uma unidade, um controle enunciativo imaginário. O termo 'um' diz respeito à ilusão, necessária ao falante, de que o sentido, as palavras, os discursos e o real são coincidentes."

Parada-sobre-palavras (AUTHIER-REVUZ, 2011a, p. 651-679)

Outras denominações: estrato metaenunciativo, estrato metaenunciativo opacificante, retorno opacificante sobre uma palavra

Termos relacionados: laçada reflexiva, laço reflexivo, laço metaenunciativo local, laço opacificante, retorno reflexivo, volta reflexiva; modalização autonímica, ruptura ligada; glosa metaenunciativa; opacificação

Nota explicativa: Com esse termo, Authier-Revuz se refere a "formas específicas da enunciação, de retorno – paradas em seu curso por uma de suas palavras – sobre ela mesma" (AUTHIER-REVUR, 2011a, p. 652). Essa parada que o enunciador dá no curso "normal" (linearidade) da enunciação para fazer um comentário opacificante sobre uma palavra ou conjunto de palavras que enunciou ou enunciará na sequência de seu dizer é produzida pelo processo de modalização autonímica, no qual "o dizer retorna reflexivamente sobre um ponto de seu desenvolvimento para suspender o modo pelo qual a nomeação normalmente se dá, tornando visível a negociação do enunciador com a heterogeneidade que o constitui" (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 167). A parada-sobre-palavras é um ponto do discurso no qual o dizer é "parado por uma das suas palavras [e] ele retorna, em laço, sobre ele mesmo" (AUTHIER-REVUZ, 2011a, p. 657). Essa parada também implica uma suspensão do tempo do desenrolar "normal" da enunciação na linearidade da cadeia discursiva, numa tentativa de retê-lo ou pará-lo (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 104).

Laçada reflexiva (AUTHIER-REVUZ, 1995; 1998, p. 26-27/29; 2011a, p. 651-679)

Outras denominações: laço reflexivo, laço metaenunciativo local, laço opacificante, retorno reflexivo, volta reflexiva

Termos relacionados: parada-sobre-palavras, estrato metaenunciativo opacificante, retorno opacificante sobre uma palavra; modalização autonímica, ruptura ligada; glosa metaenunciativa; opacificação

Nota explicativa: O termo "laçada reflexiva" ou "laço reflexivo" é a tradução do termo francês "boucle réflexive" (AUTHIER-REVUZ, 1995), que além da ideia de "laço" ou "laçada" também expressa a ideia de "presilha" ou "fivela", do que podemos depreender que o termo enfatiza o movimento de retorno reflexivo opacificante sobre uma palavra, típico da modalização autonímica, no qual "o dizer retorna reflexivamente sobre um ponto de seu desenvolvimento para suspender o modo pelo qual a nomeação normalmente se dá, tornando visível a negociação do enunciador com a heterogeneidade que o constitui" (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 167). Relaciona-se com o termo "parada-sobre-palavras", uma parada do sujeito enunciador que detém o curso da linearidade discursiva e enlaça a palavra em um movimento reflexivo de opacificação, amarrando a glosa metaenunciativa à palavra alvo do comentário (escopo da relação metaenunciativa) e tornando-a visível (opaca) na cadeia discursiva. A laçada reflexiva é uma força de coesão do discurso que impede a sua dispersão, na dinâmica do jogo da heterogeneidade das não-coincidências, que é o "jogo de um que 'junta' e de não-um que 'esgarça', como um modo de costura aparente, que ressalta em um mesmo movimento a falha da não-coincidência enunciativa (contrariamente ao modo da superfície una) e sua sutura metaenunciativa (contrariamente ao modo da ruptura 'bruta' do lapso)" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 26-27).

3 A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO E A TEORIA DE JACQUELINE AUTHIER-REVUZ

3.1 PALAVRAS PRELIMINARES SOBRE A LÍNGUA FALADA E O SEU ESTUDO

A língua falada, nosso objeto de pesquisa mais amplo, não se enquadra de modo rígido em uma teoria ou área do conhecimento linguístico, nem mesmo é abordada por apenas um grupo de especialidade, dadas as inúmeras possibilidades de análise que oferece. Desde os primeiros estudos que trataram da fala como objeto de investigação, esta foi abordada sob os mais diferentes vieses e, paradoxalmente, a Linguística se ocupou da fala de forma tardia e por pressões externas, por estudos conduzidos em áreas do conhecimento alheias aos estudos da linguagem (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 16-24).

Os pioneiros trabalhos que, a partir de meados do século XX, trataram da fala e, mais tarde, da conversação enquanto objetos de estudo assumem uma relação de descontinuidade ou ruptura no que tange à tradição dos estudos linguísticos em vigor a partir da abordagem estruturalista desenvolvida por Ferdinand de Saussure (1857-1913), que apontou para a existência da *langue* (língua, forma, sistema) e da *parole* (fala, função, uso), privilegiando o estudo da primeira, da língua em sua dimensão sistêmica, abstrata e estrutural, em detrimento da segunda, da língua instável, sujeita às variações individuais dos falantes, não passível de ser submetida aos rigores de um método seguro, conforme a concepção de ciência do paradigma saussuriano⁴².

No intuito de recuperarem as dimensões da língua não consideradas pelo paradigma estruturalista de Ferdinand de Saussure é que se estabeleceram áreas do conhecimento como as teorias da enunciação⁴³ oriundas dos estudos pioneiros⁴⁴ de Émile Benveniste e as teorias de base pragmática em geral. Nas palavras de Cristina Altman:

Relegadas ao nebuloso domínio da *parole*, as dimensões subjetivas, espaço-temporais, referenciais, situacionais e interacionais da fala permaneceram

⁴² Conforme já referimos em nota, há, atualmente (também no Brasil), um interesse renovado pelo estudo da obra de Ferdinand de Saussure a partir de releituras ensejadas por manuscritos do autor, que começaram a vir a público nas últimas décadas.

⁴³ No Brasil, a área conhecida como Teorias da Enunciação, mais recentemente vem consolidando a denominação Linguística da Enunciação, terminologia já consolidada na França, onde se originou.

⁴⁴ Como também já indicamos em nota, “Émile Benveniste talvez seja o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação.” (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 29)

residuais no quadro dito estruturalista (Parret 1988). Nas tentativas de recuperar, na análise da linguagem, algumas dessas dimensões é que se configuraram [...] as chamadas [...] Análise do Discurso, Teoria(s) da Enunciação, Análise Conversacional, Pragmática(s) [...] (ALTMAN, 1998, p. 32)

Destaca a linguísta que as áreas citadas "se institucionalizaram e se tornaram objetos autônomos de estudo", embora "o estatuto destas disciplinas, [...] fragmentadas em múltiplas metodologias, tem sido objeto de controvérsias" (ALTMAN, 1998, p. 32). Percebe-se, realmente, uma grande fragmentação metodológica e sobretudo epistemológica se considerarmos sob a mesma égide disciplinas tão díspares quanto as Teorias da Enunciação (Linguística da Enunciação) e a Análise da Conversação, por exemplo. De toda forma, compreendemos a ideia da autora no sentido de que todas as disciplinas ou teorias dedicadas ao objeto fala, embora linguísticas, não necessariamente merecem figurar dentro dos quadros da Linguística, em razão de suas metodologias não serem consideradas científicas (num sentido bastante estrito de ciência, questão já levantada neste trabalho).

Os autores que integram o referencial teórico de nossa pesquisa (a exemplo de Benveniste e Authier-Revuz, de um lado, e de Jubran, de outro) desenvolveram suas teorias na esteira dos movimentos surgidos a partir do estruturalismo saussuriano e, por isso, podem ser chamados de pós-estruturalistas⁴⁵, tendo colocado em xeque categorias como língua enquanto sistema abstrato de regras x língua em uso; falante ideal x falante real. Os estudos pós-estruturalistas são resultado de um percurso histórico ao longo do qual a língua passou a ser concebida como discurso, e não apenas como sistema estruturado de regras.

Quanto aos caminhos dos estudos de língua falada no Brasil, destacamos a importância das pesquisas empreendidas pelo Projeto NURC/BR (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil)⁴⁶, bem como pelo Projeto de Gramática do Português Falado (o chamado PGPF)⁴⁷, cujo *corpus* foi composto por inquéritos do primeiro. Ambos os projetos, por seu vulto e pelo renome de seus pesquisadores (muitos deles tendo participado dos dois

⁴⁵ Recorde-se que, quanto a Authier-Revuz, a denominação é legítima; no entanto, ela prefere se autodesignar "neoestruturalista", inscrevendo-se em uma "corrente 'enunciativa no sentido estrito' [...], **que parte** – nesse campo heterogêneo onde se encontram a língua e os seus exteriores – **das formas de língua** (marcada pelos nomes de Bally, Benveniste, Culioli); é a esta última que se correlaciona meu trabalho." (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16, negrito do original)

⁴⁶ Ver capítulo 2, seção 2.1, em que oferecemos mais informações sobre o Projeto NURC/BR, a partir do qual selecionamos o *corpus* desta pesquisa, que serve de exemplário aos aspectos teóricos desenvolvidos.

⁴⁷ Ver capítulo 4, seção 4.2, em que oferecemos mais informações sobre o PGPF, no âmbito do qual Jubran desenvolveu sua teoria da parentetização.

projetos)⁴⁸, deram maior visibilidade ao estudo da língua falada no Brasil. Esses pesquisadores vinculam-se a duas áreas principais que foram articuladas para a abordagem do *corpus* e dos trabalhos teóricos: a Análise da Conversação e a Linguística Textual, que forneceram subsídios para a composição da abordagem interativo-textual.

A Análise da Conversação foi introduzida no Brasil nos anos 1980 "por via, sobretudo, dos brasileiros que mantiveram contato mais estreito com os estudiosos alemães da língua falada, como Luiz Antônio Marcuschi, Ingedore Koch e José Gaston Hilgert" (LEITE et al, 2010, p. 80). Em 1986, foi lançado o primeiro livro no Brasil nessa área: *Análise da Conversação*, de autoria de Luiz Antônio Marcuschi, talvez a principal referência nos estudos da língua falada em nosso país até os dias de hoje. Por outro lado, o arcabouço teórico que, inicialmente, serviu de apoio à Análise da Conversação no Brasil foi a Linguística Textual, sendo que a relação entre essas duas áreas "está na origem da recepção da Análise da Conversação no Brasil [...]" (LEITE et al, 2010, p. 80).

Em sua origem, a Análise da Conversação é uma teoria que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960, "ligada aos estudos sociológicos, ou, mais especificamente, à Etnometodologia, com os trabalhos de Harold Garfinkel, Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson" (DIONÍSIO, 2012, p. 82). Nessa primeira fase, a conversação "é entendida como uma forma básica de organização social, representando uma atividade prática e cotidiana", ao passo, que, em um segundo momento, "acolhida no âmbito dos estudos lingüísticos, a conversação se torna objeto de interesse de diferentes correntes lingüísticas" (HILGERT, 2007, p.69).

Com o passar do tempo e o desenvolvimento dos estudos discursivos, a Análise da Conversação foi-se modificando e incorporando outros aparatos teóricos que dessem conta de explicar os fenômenos lingüísticos em sua dimensão interacional e discursiva. Inclusive, atualmente, muitos pesquisadores preferem chamar essa área de Linguística Interacional em virtude da complexização do objeto de investigação fala em interação⁴⁹ e, também, por uma

⁴⁸ Como é o caso do Prof. Luiz Antônio Marcuschi, da Profa. Ingedore Koch e do Prof. José Gaston Hilgert; este é membro permanente ativo do Projeto NURC/SP (v. p. ex., HILGERT, 2013, p. 71-91) e integrante do Projeto Gramática do Português Falado (v. p. ex., 2015, p. 257-278), tendo atuado, também, no Projeto NURC/RS (v. p. ex., HILGERT, 2009); seus estudos serviram de base para o início de nossa caminhada na pesquisa em língua falada, sempre sob sua supervisão.

⁴⁹ Registre-se que há estudiosos que continuam denominando a sua área de pesquisa como Análise da Conversação, mesmo com a incorporação de outro arcabouço teórico auxiliar. Por outro lado, há pesquisadores que preferem chamar essa área de "Estudos de Fala-em-interação", especialmente (não exclusivamente) os filiados à Análise da Conversação de base etnometodológica (ou Análise da Conversa ou Análise da Conversa Etnometodológica).

questão identitária de construção de uma área de especialidade mais recente, que insere o estudo da fala em abordagens discursivas ou enunciativas, como é o caso desta pesquisa e das pesquisas do Orientador.

Nesse sentido, sem abdicar da ideia de que língua é também estrutura, e partindo da língua como ordem própria (noção nascida em Saussure), fenômenos de fala também têm recebido a atenção de teorias da enunciação, como a teoria da heterogeneidade enunciativa de Jacqueline Authier-Revuz, que realizou extenso levantamento de formas metaenunciativas típicas da língua oral, que se manifestam também na língua escrita:

A partir de um "material" de mais de quatro mil exemplos atestados, escritos e orais, pertencentes aos mais diversos "registros", são descritos os diversos tipos formais pelos quais a configuração que sobrepõe dois planos – X e uma representação do dizer de X – se realiza sobre o fio único do discurso. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 19, aspas do original, sublinhado nosso).

Para a autora, as fronteiras entre as modalidades escrita e oral são fluidas na língua, em especial, no que se refere ao seu objeto de estudo específico, já que os fenômenos da modalização autonímica, consubstanciados nas não-coincidências do dizer, apresentam a mesma "sofisticação metaenunciativa" tanto na oralidade quanto na escrita. Isso se verifica pelos fartos exemplos por ela trabalhados ao longo de seus inúmeros trabalhos, que têm como ponto de partida o referido levantamento, realizado por ocasião de sua tese de doutorado. A linguista identifica entre a fala e a escrita uma "solidariedade de práticas languageiras", revelada em

uma unidade do dizer espontâneo e da mais apurada escrita literária: em todos os casos está em jogo uma mesma materialidade da língua e um mesmo desafio subjetivo essencial, a maneira singular, para um sujeito, que é sujeito por ser falante, de se 'colocar', pelo seu dizer, na linguagem." (AUTHIER-REVUZ, 2011a, p. 654, aspas do original, sublinhado nosso)

Assim, nosso trabalho se insere nessa tradição de estudos da língua falada que se desenvolveu no Brasil, notadamente, aqueles que, por verem na abordagem linguística da fala um lugar privilegiado de confluências teóricas possíveis, conjugam perspectivas enunciativas às discursivas ou pragmáticas, a exemplo das pesquisas do Orientador (p. ex., HILGERT, 2007, 2009, 2012), que, trabalhando, dentre outros aspectos, com a teoria da heterogeneidade enunciativa e com o *corpus* do Projeto NURC/BR, serviram-nos de norte nessa trajetória.

3.2 A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

A área denominada "Linguística da Enunciação" é também conhecida, no Brasil, pela designação "Teoria da Enunciação" ou "Teorias da Enunciação". Constitui a tentativa de reunir sob essa denominação inúmeras teorias esparsas que, partindo da abordagem enunciativa, apresentem elementos em comum que contribuam para a definição de seu objeto.

Essa perspectiva enunciativa parte (não necessariamente sem dissonância) das ideias de Ferdinand de Saussure e, em muitos autores, da leitura de Saussure feita por Émile Benveniste, considerado "o principal representante do que se convencionou chamar de *teoria da enunciação*." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 29, itálico do original). Há, ainda, os que partem de Bakhtin. Deve-se considerar que, embora "[...] efetivamente haja oposição marcada à linguística saussuriana, as ideias do Círculo sobre a linguagem trazem elementos que, de algum modo, contribuem para o estabelecimento de um pensamento de uma linguística da enunciação, [antecipando-o]." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 45)⁵⁰.

No Brasil, essa área carece de visibilidade, diferentemente do que ocorre na França, onde a Linguística da Enunciação é uma área bem delimitada e consolidada⁵¹. No âmbito da Linguística brasileira, o primeiro pesquisador a utilizar o termo *Linguística da Enunciação* foi Valdir do Nascimento Flores, em artigo publicado em 2001, na revista *Letras de Hoje*, da PUCRS, intitulado "Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte)".

Nesse artigo, Valdir Flores refuta o termo "Teoria da Enunciação", ainda bastante utilizado, e defende, ao contrário, os termos *Teorias da Enunciação* – por revelar a multiplicidade de vieses teóricos e metodológicos que compõem um quadro maior – e, preferencialmente, *Linguística da Enunciação*:

⁵⁰ Os autores refletem sobre a estranheza que poderia causar a inclusão de Bakhtin nos quadros da Linguística da Enunciação, justificando, dentre outros aspectos, que, "diferentemente do que se apresenta em *MFL [Marxismo e Filosofia da Linguagem]*, nas obras em que a autoria não é compartilhada, Bakhtin tem uma relação positiva com a linguística, ou seja, institui sua teoria da linguagem sem invalidar a teoria saussuriana, embora não deixe de assinalar que ela é insuficiente para o estudo da comunicação verbal." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 53).

⁵¹ No Brasil, a área denominada Teorias da Enunciação ou, mais recentemente, Linguística da Enunciação não possui muita visibilidade se comparada a áreas como a AD de linha francesa, inclusive pela leitura que essa área fez da teoria de Benveniste no país (para o tema, ver: CREMONESE, 2007, p. 83-86). Contudo, na França, é uma área consolidada. Authier-Revuz, por exemplo, autoinscreve-se na Linguística da Enunciação, colocando-se ao lado de nomes como Bally, Benveniste e Culioli (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16), e já utiliza o termo *Linguistique de l'énonciation* no seu ensaio "Hétérogénéité(s) énonciative(s)", publicado em 1984 (p. ex., p. 98).

Falo em *teorias da enunciação* (no plural) e em *linguística da enunciação* (no singular). Com isso, quero chamar a atenção para o fato de que se, por um lado, existe uma diversidade que permite falar em mais de uma teoria da enunciação, por outro lado, considero que há traços comuns a todas as perspectivas. Em outras palavras, acredito na unicidade referencial da expressão *a linguística da enunciação* (FLORES, 2001, p. 8, itálico do original).

A discussão em torno do estabelecimento de um campo científico de estudos sob a rubrica "Linguística da Enunciação" perpassa a discussão sobre o que é ciência, língua, linguagem, enunciação, todos termos polissêmicos, que adquirem sentido específico de acordo com o contexto teórico em que estão inseridos. Nesse passo, "é retrato da situação atual da linguística, ainda, a oscilação conceitual de termos como *discurso, texto, enunciado, enunciação, sentença* [...]. Há tantas definições quantas teorias [...]. A linguística da enunciação não escapa a isso." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 99, itálico do original).

Essa pluralidade das Teorias da Enunciação tem uma explicação na própria gênese desses estudos, na teoria desenvolvida por Émile Benveniste, considerado o principal nome da área, que não teve a preocupação de criar uma teoria da enunciação nem desenvolver uma metodologia de análise da enunciação: "sua obra é mais um roteiro indicativo de questões referentes à 'presença do homem na língua' do que a proposição de um método nítido de análise". Justamente a proposta de uma metodologia de análise a partir desse roteiro já constitui uma teoria (e assim se formou a maioria das diferentes teorias da enunciação). Nisso talvez resida a grandeza da obra deixada por Benveniste, ao "permitir que sempre novas leituras se façam, a cada enunciação" (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 104).

O pioneirismo de Benveniste para o campo da enunciação diz respeito à sistematização de conceitos e à generalidade abrangente desses conceitos, e não propriamente à ideia de criar uma teoria da enunciação, já que, temporalmente, Charles Bally, no ano de 1932, já havia publicado um estudo em que tratava de uma teoria da enunciação: "bem antes de Benveniste [...], Bally publica *Linguistique générale et linguistique française*, que traz, entre os parágrafos 26 e 212, o capítulo intitulado 'Teoria geral da enunciação'." (TEIXEIRA e FLORES, 2011, p. 407-408, itálico e aspas do original).

Os principais autores considerados como pertencentes ao campo da Linguística da Enunciação são: Charles Bally, Roman Jakobson, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Oswald

Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz⁵². Estes são os nomes selecionados na obra *Introdução à Linguística da Enunciação* (FLORES e TEIXEIRA, 2005), lista ampliada por ocasião da publicação do *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009), onde constam, além dos já citados, os nomes de Michel Bréal, Patrick Charaudeau, Antoine Culioli, François Flahault, Catherine Fuchs, Algirdas Greimas, Claude Hagège e François Récanati.

Em razão de seu ineditismo, ambas as obras constituem um marco importante na construção de um campo de pesquisa muito jovem no Brasil, que tem reclamado o seu lugar na Linguística brasileira.

O que une as teorias da enunciação em sua diversidade – a justificar a sua unicidade na heterogeneidade que as constitui – é, antes de mais nada, que,

em todas as versões [teóricas], a enunciação apresenta-se como uma reflexão sobre o dizer e não propriamente sobre o dito. Estudar a enunciação é dirigir o olhar para o fato de o locutor ter dito o que disse e não para o dito em si. O estudo do dito, do enunciado, é relevante para que por intermédio dele se chegue ao dizer, à enunciação. (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 110, negrito e sublinhado nosso)

Outro motivo, "talvez o mais importante", que lastreia a justificativa dessa unicidade na heterogeneidade e que fundamenta a existência de uma área dos estudos enunciativos abarcada pela denominação Linguística da Enunciação é, segundo os autores da primeira obra introdutória no Brasil, a própria constituição heterogênea do campo, pois, assim, "sempre é possível a ele acrescentar um certo olhar sobre a enunciação ou uma interface ainda não abordada." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 110, sublinhado nosso). Esse argumento opera em um sentido bastante favorável ao argumento defendido nesta tese quanto à composição de uma interface teórica para o estudo dos fenômenos de metaenunciação.

A vinculação aos estudos de Saussure, como já dissemos, também é um ponto em comum na diversidade teórica do campo da enunciação. Entretanto, essa vinculação não se dá, necessariamente, de forma completa: "entre os autores do campo enunciativo, se vê um duplo movimento – de conservação e de alteração – em relação a Saussure" (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 18). Assim, constatada a relação das teorias que integram a

⁵² Também há breves menções a Antoine Culioli, Catherine Kerbrat-Orecchioni e François Récanati (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 8).

Linguística da Enunciação com a dicotomia saussuriana língua/fala, "quanto à formulação de seu objeto de estudo", seguem os autores:

Não seria um excesso de generalização dizer que os fenômenos estudados nas teorias da enunciação pertencem à língua, mas não se encerram nela; pertencem à fala à medida que só nela e por ela têm existência, e questionam a existência de ambas já que emanam das duas. (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 18)

A seguir apresentaremos sucintamente as principais ideias da teoria de Émile Benveniste, bem como trataremos brevemente de sua recepção nos estudos brasileiros.

3.2.1 Breves linhas sobre a teoria de Émile Benveniste

Tarefa impossível explicar um esboço dos principais conceitos desenvolvidos por Émile Benveniste sem deixarmos de dizer algo fundamental. Todavia, cremos importante dedicar este espaço para tanto, em razão da centralidade de seu nome para a Linguística da Enunciação, em especial, do conceito de enunciação, adotado pela teoria da heterogeneidade.

Tomaremos como síntese desses conceitos o artigo "O aparelho formal da enunciação"⁵³, compilado no segundo volume de *Problemas de Linguística Geral* (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 81-90)⁵⁴.

Benveniste inicia o texto fazendo a diferença entre o emprego das formas e o emprego da língua. Afirma que as descrições linguísticas normalmente se voltam para o emprego das formas, entendida como "um conjunto de regras fixando as condições *sintáticas* nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis." (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 81, *itálico do original*). Contrapõe, então, o emprego das formas, ou seja, de relações estruturais internas da língua, ao

⁵³ Sobre a possibilidade de o texto "O aparelho formal da enunciação" ser uma síntese da teoria de Benveniste, Flores vê a possibilidade de um sim e de um não (2013, p. 176). Vemos duas razões principais para essa resposta. A primeira diz respeito ao próprio conceito de enunciação, que não é unívoco na teoria benvenistiana e se associa a outras noções e outros aspectos desenvolvidos ao longo dos vários textos produzidos pelo linguista durante décadas; a segunda diz respeito à própria organização dos temas no artigo, ou seja, "[nas] duas páginas finais do artigo [...], Benveniste fala sobre coisas que, aparentemente, têm pouca coesão com o caminho adotado no texto." (FLORES, 2013, p. 176). Para uma interpretação mais profunda desse artigo, sob a forma de exegese, ver: ARESI, 2012.

⁵⁴ "O texto *O Aparelho Formal da Enunciação*, de Émile Benveniste, publicado originalmente em 1970, na revista *Langages*, mais conhecido em 1974 quando publicado nos *Problemas de Linguística Geral II*, sintetiza questões que configuram o que hoje chamamos de 'Teoria da Enunciação' " (TOLDO, 2018, p. 425, *itálico e aspas do original*).

emprego da língua ou a língua em emprego, que se refere não simplesmente à língua em uso, mas à enunciação, oferecendo, então, o famoso conceito: "A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 82). No entanto, adverte:

É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação. (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 82)

Neste trecho, o linguista faz a diferença entre enunciação (ato) e enunciado (produto), tal qual concebem as teorias da enunciação, a exemplo da teoria da heterogeneidade enunciativa. Ambos enfatizam, e isso pode ser depreendido do excerto acima, que a tarefa do analista é trabalhar com as marcas da enunciação que o sujeito imprime no enunciado, objeto de estudo do linguista. À instância da enunciação o analista não tem acesso, pois diz respeito ao ato mesmo (individual) de o locutor (sujeito falante) mobilizar a língua por sua conta, ou seja, subjaz aí o conceito de subjetividade.

Essa noção fica mais clara mais adiante no texto, quando, já tendo dado pistas sobre o conceito de discurso como "esta manifestação da enunciação" que é "produzid[a] cada vez que se fala" (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 82), afirma que "a enunciação supõe a conversão da língua em discurso" (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 83), ideia melhor detalhada na seguinte passagem:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 83-84, sublinhado nosso)

Esse fragmento reúne várias questões interligadas que conformam o multifacetado conceito de enunciação em Benveniste. O locutor se transforma em sujeito porque, antes da enunciação, existia o locutor-falante com possibilidades de formas da língua (nível do sistema, da estrutura) a seu dispor; após a enunciação, com a conversão da língua em discurso, por meio do ato individual do locutor, este se transforma em sujeito. O autor introduz, ainda, a ideia de

enunciação associada ao diálogo real e aos falantes reais (locutor e ouvinte), bem como aponta para o aspecto de realização vocal da enunciação.

Chamamos a atenção para o limiar temporal ressaltado por Benveniste ("antes da enunciação"; "depois da enunciação"), que aqui nos interessa porque entendemos que a enunciação precede o discurso, conforme já esboçamos anteriormente nesta tese. A enunciação é uma espécie de portal, através do qual ocorre a passagem de um estado de língua enquanto estrutura para outro de língua enquanto discurso.

Em seguida, acrescenta:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, por outro. (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 84, itálico do original)

O locutor se converte em sujeito quando fala por meio da apropriação que aquele faz da língua enquanto estrutura ("aparelho formal da língua"). "O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala" e essa apropriação é "um dado constitutivo da enunciação". (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 84). Flores observa que, em nenhum momento no texto, salvo no título, Benveniste usa a expressão "aparelho formal da enunciação", e sim outra expressão próxima, "aparelho linguístico da enunciação". Tal significa que "o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, e que, com ela, constrói um aparelho formal da enunciação" (FLORES, 2019, p. 158) a cada vez que enuncia, a partir dos recursos linguísticos ("aparelho formal da língua") que o sistema lhe disponibiliza em cada situação de uso.

No excerto acima, Benveniste indica os meios pelos quais se dá essa apropriação da língua pelo locutor: por meio de índices específicos – que seriam os "caracteres necessários e permanentes" da enunciação (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 83), ou seja, os índices (ou categorias) de pessoa (relação eu-tu), espaço (do aqui) e tempo (do agora) – e de procedimentos acessórios – que seriam indicadores não exclusivos da enunciação, que "estão ligados à singularidade que cada enunciação evoca", ou seja, "todos os mecanismos que o locutor utiliza para construir a referência de seu discurso [...], [como os] recursos sintáticos, lexicais, prosódicos, etc." (FLORES, 2019, p. 159)

Vale a pena observar, neste ponto, que a relação eu-tu é de natureza discursiva, uma vez que é uma "realidade de discurso", aspecto explicitado em texto anterior⁵⁵ e cujo trecho a seguir esclarece:

Qual é, portanto, a "realidade" à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma "realidade de discurso", que é coisa muito singular. *Eu* só pode definir-se em termos de "locução", não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa "a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*". Instância única por definição, e válida somente na sua unicidade. (BENVENISTE, 2020 [1956], p. 274, itálico e aspas do original)

Quanto à apropriação da língua pelo locutor, podemos dizer que, assim que assume a língua e dela se apropria, "ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário" (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 84). De modo que a relação eu-tu se produz "na e pela enunciação" a partir da consideração da situação de interação concreta: "o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário" (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 84, itálico do original).

A enunciação é um ato único, irrepitível, realizado por pessoas singulares numa situação específica. Fiorin, ao interpretar o pensamento benvenistiano, afirma que, ao gerar enunciados, a enunciação constitui objeto de estudo científico porque, "sob a diversidade infinita dos atos particulares de enunciação[,] opera sempre o esquema geral, que permanece invariante" (FIORIN, 1999, p. 30). As categorias da enunciação estão sempre pressupostas no discurso: o eu sempre enuncia num tempo e num espaço; o tempo do eu é o agora e o espaço do eu é o aqui, razão pela qual pessoa, tempo e espaço são as categorias da enunciação por excelência. Quanto à categoria de pessoa, central na teoria benvenistiana, assevera Fiorin (1999, p. 41, itálico e aspas do original) que "o *eu* existe por oposição ao *tu* e é a condição do diálogo que é constitutiva da pessoa porque ela só se constroi na reversibilidade dos papéis *eu/tu*".

Benveniste é enfático em associar a enunciação à situação concreta de interação, ao diálogo, construído na reversibilidade dos papéis interacionais. Podemos estabelecer, neste ponto, uma aproximação de suas ideias com o pensamento de Bakhtin, que também toma o diálogo vivo para propor sua teoria do dialogismo: "O que em geral caracteriza a enunciação é

⁵⁵ Consta em nota na edição de *Problemas de Linguística Geral I*, publicada originalmente em 1966, que o texto "A natureza dos pronomes" – de onde retiramos o fragmento em citação – fora "extraído de *For Roman Jakobson*, Mouton & Co., Haia, 1956." (BENVENISTE, 2020 [1956], p. 273, itálico do original)

a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo." (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 87, *itálico do original*).

Esta característica [*a acentuação da relação discursiva com o parceiro*] coloca necessariamente o que se pode denominar o *quadro figurativo* da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas "figuras" igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação. (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 87, *aspas e itálico do original, sublinhado nosso*)

Aqui poderíamos discorrer longamente, pois há muitas questões a serem levantadas e explicadas. No entanto, apenas gostaríamos de destacar que, para Benveniste, a realidade concreta do diálogo e sua estrutura são indissociáveis e fundamentais para embasar não só a noção de enunciação, mas o caminho metodológico para o seu tratamento, quando propõe uma descrição intersubjetiva da enunciação a partir de um "quadro figurativo"⁵⁶.

Nesse mesmo sentido, destacamos que a relação discursiva que se estabelece entre os interlocutores provoca neles comportamentos recíprocos, a modo de pergunta-resposta, típicos da dinâmica do diálogo *in praesentia*, ao que Benveniste chama de "um processo de comportamento com dupla entrada". E mais: Benveniste deixa claro que o locutor (que resultará no sujeito quando da apropriação da língua que permite a conversão desta em discurso) exerce influências sobre o seu interlocutor, que, por sua vez, se tornará sujeito pelo mesmo processo de apropriação da língua, em uma relação dialogal⁵⁷. Vejamos o que o linguista diz a esse respeito:

Desde o momento em que o enunciador⁵⁸ se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É, em primeiro lugar, a *interrogação*, que é uma enunciação construída para suscitar uma "resposta", por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada. Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, sequência, entonação, etc., derivam deste aspecto da enunciação.

⁵⁶ Em trabalho dedicado à exegese epistemológica do artigo "O aparelho formal da enunciação", Aresi chama a atenção para o caráter antropológico da teoria benvenistiana, aspecto que já é objeto de estudos recentes (v. FLORES, 2015; 2018), que fica evidenciada na passagem que acabamos de citar. Diz o autor: "Neste ponto, notamos que o texto de 1970 toma um viés mais antropológico, na medida em que o que está em jogo aqui é a *relação discursiva entre os interlocutores*." (ARESI, 2012, p. 160, *itálico do original*).

⁵⁷ Usamos os termos *dialogal* e *dialógico* no sentido bakhtiniano, não benvenistiano, obviamente, eis que este não chega a tal raciocínio, mas, no nosso entender, aponta para essa direção.

⁵⁸ Entendemos que Benveniste usou, nesse fragmento, o termo *enunciador* como sinônimo de *locutor*, já que está se reportando à situação de interação concreta, de modo que, na sequência, utiliza o termo *alocutário*.

(BENVENISTE, 1989 [1970], p. 86, aspas e itálico do original, sublinhado nosso)

O locutor usa a língua para influenciar o comportamento do alocutário em um processo que é, ao mesmo tempo linguístico e interacional, pragmático. Vemos, assim, que a gênese da enunciação está na dimensão pragmática da interação, que entendemos que não pode ser desconsiderada por uma teoria enunciativa ou ocultada em sua análise, como de fato não o faz nem Benveniste, nem Authier-Revuz, embora esta esteja bastante empenhada em tratar do sujeito no bojo das suas considerações sobre heterogeneidade (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 108)⁵⁹ e aquele em fazer uma teoria da antropologia da enunciação (o homem na língua), focando, no que concerne aos aspectos de que estamos tratando, as relações entre os seres humanos reais, *in concreto*, os "parceiros" sem os quais a enunciação, de fato, não acontece.

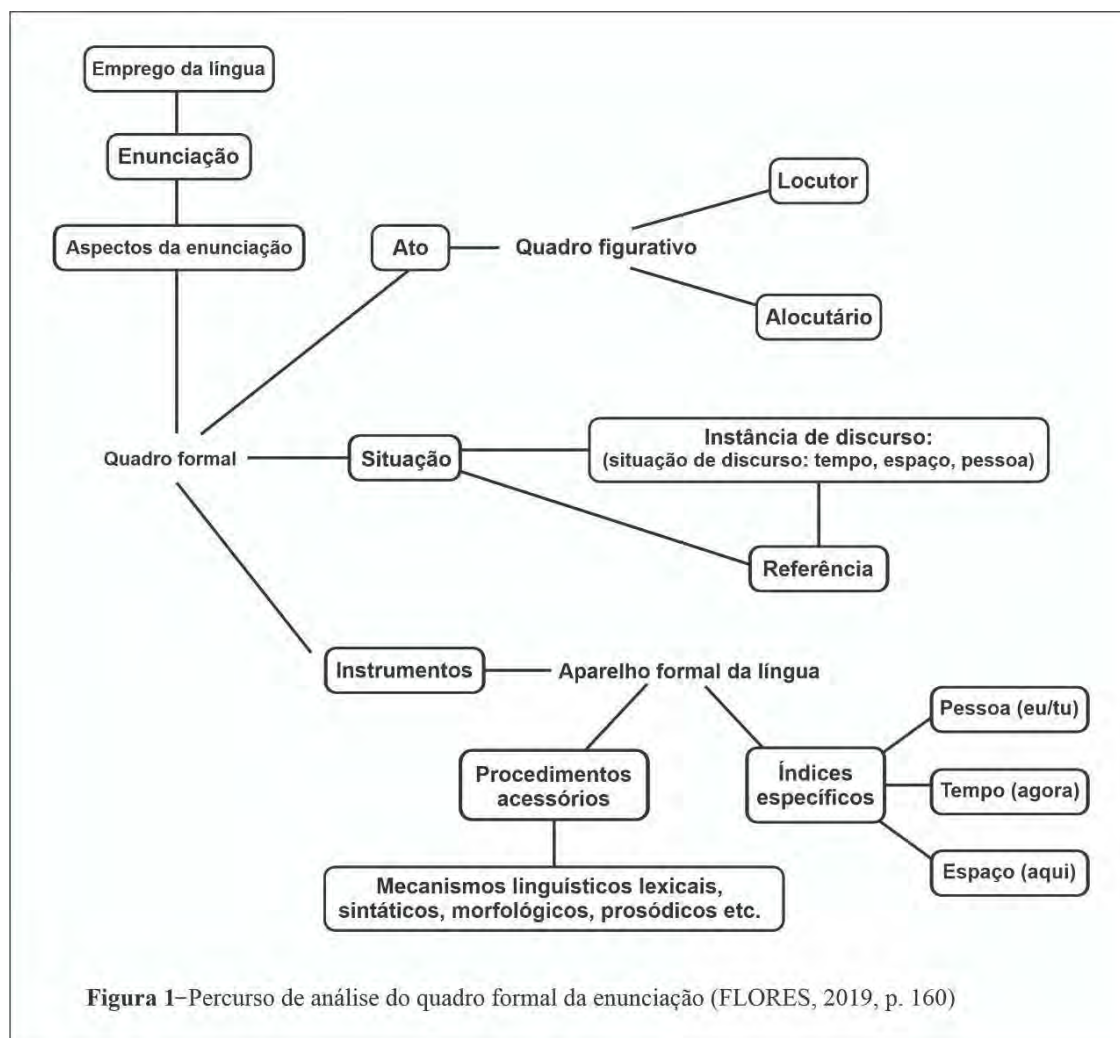
A seu turno, Authier-Revuz reconhece a importância da interlocução como um fator específico da dialogização do discurso (2004, p. 41-48). Todavia, depara-se de forma mais clara com a questão dos falantes reais e com a situação de interação concreta (e sobre isso se obriga a teorizar) quando trata das não-coincidências do dizer de natureza interlocutiva, a elas dedicando um belo texto⁶⁰ que, no nosso entender, traduz-se na síntese da teoria da heterogeneidade e aponta para novas perspectivas de tratamento teórico das formas metaenunciativas em geral.

Fazemos esse parêntese, aproveitando o contraponto estabelecido entre as abordagens dos dois autores sobre esse tema específico da relação entre a dimensão real da interação e a instância da enunciação, para argumentar em prol da comprovação de nossa hipótese básica de trabalho no sentido de que a dimensão pragmática (real, situacional ou interacional), como se queira chamar, pode (e deve) ser integrada na abordagem de fenômenos enunciativos. Não seria exagero dizer que estão em Benveniste os fundamentos para identificarmos nas formas metaenunciativas um aspecto pragmático, que, no entanto, não foi privilegiado na teoria de Authier-Revuz, embora por ela reconhecido e abordado em alguns pontos de sua teoria, como, por exemplo, quando trata das não-coincidências interlocutivas, conforme afirmamos.

⁵⁹ Authier-Revuz se interessa, no contexto de sua teoria, por aprofundar o estudo do sujeito. No entanto, "[...] se por um lado é absolutamente legítima a teoria enunciativa que busca dizer algo sobre aquele que enuncia, por outro, não se pode dizer que seja inerente ao estudo enunciativo a abordagem do sujeito. Apesar da redundância, vale insistir: a linguística da enunciação estuda a enunciação do sujeito e não o sujeito em si." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 108).

⁶⁰ "A não-coincidência interlocutiva e seus reflexos metaenunciativos" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 81-103).

Dito isso, apresentamos, de forma esquemática, um percurso de análise do quadro formal da enunciação, de acordo com o que sugere Flores (2019, p. 160) a partir da interpretação do pensamento de Émile Benveniste sobre a enunciação:



No pensamento benvenistiano (e, por extensão, em todas as teorias enunciativas)⁶¹, a enunciação é "um mecanismo total e constante que [...] afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido" (BENVENISTE, 1989 [1970], p. 82). O fenômeno da enunciação não é um nível a mais a ser analisado na língua, como o sintático e o fonológico,

⁶¹ A noção de que a enunciação não é um mero nível da língua, e sim uma dimensão que a atravessa de forma permanente, pode ser aplicada a todas as teorias enunciativas que integram a área da Linguística da Enunciação, inclusive àquelas que, como a teoria de Mikhail Bakhtin, não derivam do pensamento de Émile Benveniste, mas que com ele estabelecem uma confluência dialógica neste particular.

por exemplo, ela afeta a língua em seu conjunto, "é um ponto de vista da análise que considera o sentido, que incide em cada um dos níveis separadamente e/ou em inter-relação" (FLORES, 2013, p. 163)⁶².

Concluimos esta seção com as palavras de Sarah de Vogüé, que compara a teoria benvenistiana a uma "revolução copérnica" ao conceber que o sujeito não se limita em falar, e sim "é constituído por essa fala e por seu lugar nessa fala":

A descoberta que faz Benveniste deve ser interpretada pelo que é: na história das reflexões sobre as relações entre o homem e a linguagem, ela representa a revolução copérnica. Não é o homem que produz a linguagem, é a linguagem que produz o homem. Sem dúvida, Benveniste limita-se aqui a inscrever na língua (e, em especial nestas unidades particulares que são os índices do discurso) uma revolução que já se deu com a emergência da psicanálise e com a reflexão sobre os modos de determinação do sujeito. Mas ele acumula provas no campo empírico [...] e, sobretudo, trabalha avaliando as consequências que essa descoberta deve ter sobre o que constitui o sistema da língua [...]. Por outro lado, ele se esforça para integrar a linguística uma semiologia geral, em que linguística e "ciências do homem" possam formar um único e mesmo discurso. [...] (DE VOGÜÉ, 2011, p. 62, aspas do original, sublinhado nosso).

3.2.2 Brevíssimas linhas sobre a recepção da teoria de Émile Benveniste no Brasil

Tratar da recepção da teoria desenvolvida por Émile Benveniste, em especial no Brasil, é importante para a delimitação não só da área da Linguística da Enunciação, enquanto uma comunidade especializada que vem lutando para conquistar uma identidade no contexto da Linguística brasileira, mas de todos os estudos que partem das teorias vinculadas a essa área, como é o caso da presente pesquisa.

A primeira explicação sobre o não estabelecimento de uma Linguística da Enunciação desde os seus primórdios, como o que ocorreu com a AD de linha francesa, deve-se a que, conforme já apontamos anteriormente, Benveniste não teve a preocupação de criar uma teoria da enunciação nem desenvolver uma metodologia de análise da enunciação, tendo apontado caminhos a partir dos quais as diversas teorias enunciativas se desenvolveram⁶³.

⁶² Segue o autor: "Benveniste, assim, opera, já no início do texto ['O aparelho formal da enunciação'], uma ruptura com uma certa visão 'estratificada' de língua e um alargamento da análise enunciativa estendendo-a a todos os níveis da língua." (FLORES, 2013, p. 163)

⁶³ Observamos que esta explicação deve ser relativizada na medida em que outros autores tampouco tiveram essa preocupação e, no entanto, suas teorias foram mais imediatamente acolhidas, a exemplo do pensamento de Mikhail Bakhtin .

Outra explicação refere-se a que Benveniste não encontrou um ambiente social favorável à adesão de suas ideias, em meio a um "clima adverso com o qual se deparou [...], quando da proposta para incluir os estudos da enunciação e por eles os da subjetividade no objeto da linguística, tendo por base o mesmo estruturalismo saussuriano". Embora o linguista tenha se mantido em linha de continuidade com as ideias de Saussure, estabelece uma ruptura com relação ao imanentismo saussuriano, no auge do estruturalismo, quando, então, "apresenta meios de tratar da enunciação ou, como ele mesmo diria, do *homem na língua*. Esta é a inovação de seu pensamento: supor sujeito e estrutura articulados" (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 30). Porém, "o reconhecimento desse lugar fundador de Benveniste é tardio, mesmo na França" (TEIXEIRA e FLORES, 2011, p. 408).

Nessa trilha, "a recepção do pensamento benvenistiano no Brasil é parcial, dispersa e fragmentada", em razão de uma falta de leitura do conjunto da obra no período de 1960 a 1990, por estudiosos de outros campos de pesquisa, como a Análise do Discurso de linha francesa (AD), a Linguística Textual e a Pragmática. Aponta Flores, por outro lado, que, mais recentemente, deu-se início a uma nova recepção da obra de Benveniste no Brasil, motivada por um interesse crescente de estudiosos de outras áreas, não só as afeitas aos estudos da linguagem, em ler Benveniste (FLORES, 2017, p. 53/74).

Neste ponto, importa frisar que a Linguística da Enunciação e a chamada AD de linha francesa são áreas distintas e bem delimitadas quanto ao seu objeto, sendo que a primeira vem reivindicando um lugar legítimo dentro dos estudos da linguagem brasileiros, lugar este que a segunda já conquistou, na França e no Brasil. As diferenças entre a Linguística da Enunciação e a AD são muitas (assim como as similaridades) e podem ser resumidas no fato de que a AD rompe com a Linguística e, sendo assim, afirmar-se como uma área não científica⁶⁴ faz parte de sua própria identidade, no nosso entender; ao contrário, a Linguística da Enunciação não rompe completamente com a Linguística, parte dela e alça novos voos, mas sempre no desejo de ser científica (não sob os mesmos parâmetros de cientificidade estabelecidos para a Linguística em sentido estrito) e a ela pertencer.

⁶⁴ "Pode-se dizer que a AD é uma teoria da leitura, ou melhor, que ela formula uma teoria da leitura que se institui rompendo fundamentalmente com a análise de conteúdo, por um lado, e com a filologia (e também com a hermenêutica), por outro. Seu rompimento com a linguística tem essa conotação: é na medida em que a linguística reivindica uma semântica como um de seus componentes que se pode dizer que a AD rompe com ela." [...] "Provavelmente, a AD quis ser científica. Provavelmente, não é, nunca foi. E nisso não vai uma avaliação de demérito, antes pelo contrário. Talvez se possa dizer da Análise do Discurso o que Foucault disse do marxismo e da psicanálise: que são muito importantes para serem ciências." (POSSENTI, 2011, p. 358/388)

Recordemos as palavras de Valdir Flores quando diz que todos os autores que ele apresenta como fundadores da Linguística da Enunciação – no artigo em que esse termo é usado pela primeira vez no Brasil, no ano de 2001 – são elencados nas referências bibliográficas de trabalhos em Análise do Discurso, em maior ou menor medida (FLORES, 2001, p. 54). Guardadas as devidas proporções, essa observação poderia ser estendida para outras áreas, como a Linguística Textual ou a Pragmática, que, com o tempo, teve algumas de suas teorias afastando-se da raiz lógica e aproximando-se da dimensão discursiva da linguagem, a exemplo de movimentos como a Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010). As áreas se interpenetram e os autores são interpretados de formas diversas no contexto de cada teoria. Assim a Linguística se constrói, no nosso modo de ver.

3.3 A TEORIA DE JACQUELINE AUTHIER-REVUZ

3.3.1 Filiações teóricas de Authier-Revuz

Jacqueline Authier-Revuz se filia à Linguística, no sentido estrito do termo, ou seja, é herdeira do estruturalismo saussuriano e, por essa razão, mesmo sendo uma linguista que possa ser qualificada como pós-estruturalista, conforme já referimos neste trabalho, prefere se autodenominar "neoestruturalista", situando-se expressamente entre nomes da Linguística da Enunciação, tais como Charles Bally, Émile Benveniste e Antoine Culioli (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16).

Essa filiação é importante para que se compreenda a teoria da heterogeneidade enunciativa tal qual concebida pela linguista, à qual vem se dedicando por décadas. O ponto de partida dessa teoria é a língua concebida como ordem própria, que "corresponde ao aspecto estrutural da língua, conforme a concepção saussuriana [...]". Contudo, ainda que sua descrição parta da estrutura linguística, Authier-Revuz se afasta do paradigma imanentista quando reconhece "que a forma não tem sentido por si mesma", conforme nos esclarece o verbete "ordem própria da língua" do *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 181).

Invertendo o ângulo de análise, podemos dizer que, embora trabalhe nesse "campo heterogêneo onde se encontram a língua e os seus exteriores", por inscrever-se numa "corrente enunciativa no sentido estrito", não deixa que se perca de vista o objeto da Linguística, pois o

movimento basilar de sua pesquisa é sempre partir "das formas de língua" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16).

Nesse sentido, ponderam Flores e Teixeira⁶⁵ que

se, por um lado, Authier-Revuz propõe a viabilização do trânsito entre a língua e a enunciação – e, nesse sentido seu empreendimento escapa ao imanentismo a que a linguística aderiu para preservar a sua cientificidade – por outro lado, isso não pode se dar por um ato de dissolução do objeto tal como é definido por Saussure." (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 73)

Ainda, lecionam Flores e Teixeira que Authier-Revuz filia-se a Benveniste de forma particular, eis que a teoria benvenistiana interessa à linguista em três pontos principais:

- a afirmação da propriedade reflexiva da língua, pela qual ela se coloca em posição privilegiada entre os sistemas semióticos;
- o reconhecimento da língua como ordem própria, sem que, por isso, o linguista deva rejeitar o que é da ordem do discurso, que está aí mesmo contido;
- a indicação de que certas formas da língua – como os pronomes pessoais, os tempos verbais, os performativos, os delocutivos – são os sinais, na língua, do que lhe é radicalmente outro. (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 73)

Quanto ao segundo item elencado na citação, já discorreremos sobre ele na medida suficiente para os nossos propósitos nesta seção, que, advertimos, não está completa, pois faltam ser mencionadas as teorias externas à Linguística, que julgamos ficarem mais bem abordadas na seção seguinte, que trata do conceito de heterogeneidade enunciativa.

Em suma, os antecedentes teóricos de Authier-Revuz podem ser assim sintetizados:

No campo da metalinguagem, recorre ao trabalho fundador de J. Rey-Debove - *Le métalangage* -, no da enunciação, à corrente enunciativa inscrita no estruturalismo [Saussure, Benveniste]. A esses campos Authier justapõe exterioridades teóricas nas quais sua descrição está apoiada: a teoria do sujeito estruturalmente clivado elaborada por Lacan, a teorização do interdiscurso da análise do discurso de Pêcheux e o dialogismo bakhtiniano (FLORES, 2001, p. 50).

Na concepção de Authier-Revuz, quando da passagem da língua ao discurso, "as formas linguísticas inevitavelmente se deixam afetar pela subjetividade e pela incompletude, razão pela qual a descrição de fatos enunciativos necessita buscar apoio em outros campos do saber além

⁶⁵ Com base na conferência "Langue/Discours: clivages théoriques et incidences sur la description (exemples dans le champ méta-langagier)", proferida por Authier-Revuz em 16/01/1998, em Paris.

da linguística" (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 181). Em outras palavras, a linguista defende que, para dar conta de seu objeto de estudo, a Linguística, necessariamente, há de se servir de exteriores teóricos. Estudar o discurso "é abandonar um domínio homogêneo, fechado, onde a descrição é da ordem do **repetível**, do UM" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 166, negrito e maiúsculas do original), eis que, com os estudos da enunciação por autores como Benveniste⁶⁶, o objeto da Linguística passa

da língua, concebida como "ordem própria", sistema finito de unidades e de regras de combinação (...), à consideração da fala, do discurso (...), [que é] um campo duplamente marcado pelo NÃO-UM, pela **heterogeneidade teórica** que o atravessa, a língua articulando-se ao sujeito e "ao mundo", e pelo caráter **não-repetível** da compreensão que dele se pode ter, inevitavelmente afetada pela subjetividade e pela incompletude. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 166, negrito, aspas e maiúsculas do original)

A ideia de que o estudo da língua necessita buscar fundamentos teóricos fora dos limites da Linguística para a explicação dos fenômenos enunciativos, essa dinâmica entre o interior e o exterior da língua – um exterior que, paradoxalmente, é constitutivo da língua – é uma das pedras de toque da teoria da heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz.

3.3.2 A teoria da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s)⁶⁷

A necessidade da convocação de teorias não linguísticas para a descrição dos fenômenos de metaenunciação, compreendidos como manifestações da heterogeneidade da língua, está explicitada já nas primeiras linhas do famoso ensaio, de 1982, traduzido ao português como "Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 11-80), quando afirma "a necessária referência preliminar a pontos de vista exteriores que fundamentam essa heterogeneidade constitutiva do discurso, o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise [...]" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 11).

⁶⁶ Aqui a autora se refere aos estudos enunciativos como os de Benveniste e de Milner, que promovem "uma constante atualização [da Linguística] através de procedimentos regrados – tal como se mostra, por exemplo, no quadro dos 'níveis da análise linguística' estruturado por Benveniste, ou no núcleo comum que J. C. Milner extrai da diversidade de 'modelos' que a linguística toma emprestado [...]" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 166, aspas do original).

⁶⁷ Nesta tese, usamos o termo *heterogeneidade enunciativa* tanto no singular quanto no plural, pois vemos nessa distinção apenas uma questão de ênfase que não desnatura a essência do fenômeno. De fato, Authier-Revuz enfatiza o plural do termo em alguns de seus estudos (p. ex., 1984, p. 98; 1998, p. 177).

Só mais tarde convocaria, também, o interdiscurso de Pêcheux para compor o quadro heterogeneamente teórico, de forma articulada ao dialogismo bakhtiniano e à concepção de sujeito lacaniana, que já estavam na base de sua teoria e que, de toda forma, são mais presentes do que as remissões a Pêcheux. Um trabalho de grande fôlego, reconhecido como um construto teórico *sui generis* e inovador para a abordagem dos temas enunciativos, "um domínio do saber sobre a linguagem com enorme força heurística" (ORLANDI, 1998, p. 5).

Assim, neste ponto, fazemos um parêntese para dizer algumas palavras sobre a complexa trama articulada por Authier-Revuz quando convoca teorias externas para a composição da sua teoria da heterogeneidade.

O dialogismo bakhtiniano é entendido como princípio constitutivo de qualquer manifestação linguística. Para desenvolver o conceito de dialogismo, Bakhtin e seu Círculo adotaram a metáfora do diálogo:

O discurso vivo e corrente está imediato e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na esfera do 'já dito', o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso porém que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo o diálogo vivo (BAKHTIN, 1998[1975], p. 89, aspas do original).

Da metáfora supracitada conclui-se que o conceito de dialogismo não se restringe ao diálogo face a face e assim não deve ser interpretado, eis que todo discurso é por natureza dialógico na medida de seu caráter responsivo, o que é uma característica constitutiva da linguagem. Bakhtin, de fato, ocupou-se da interação real, do diálogo vivo, instância considerada pelo filósofo russo como "a verdadeira substância da língua [...], [constituída] pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua." (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010[1929], p. 127).

Em que pese a importância conferida na teoria bakhtiniana à interação real, o conceito de dialogismo, partindo da referida metáfora, não tem como alvo apenas esse tipo de diálogo, mas, principalmente, o diálogo entre discursos:

Essas relações [dialógicas] são profundamente originais e não podem reduzir-se a relações lógicas, ou linguísticas, ou psicológicas, ou mecânicas, nem a nenhuma outra relação natural. É o novo tipo de relações semânticas, cujos membros só podem ser *enunciados integrais* (ou vistos como integrais ou potencialmente integrais), atrás dos quais estão (e nos quais *exprimem* a si

mesmos) sujeitos do discurso reais ou potenciais, autores de tais enunciados. [...] A relação entre as réplicas de tal diálogo [real] é o tipo mais externamente notório e simples de relações dialógicas. Contudo, as relações dialógicas não coincidem, de maneira nenhuma, com as relações entre as réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas. (BAKHTIN, 2011[1979], p. 330-331, itálico do original, sublinhado nosso)

Conforme o dialogismo bakhtiniano, a interação com o discurso do outro é um aspecto constitutivo de todo e qualquer discurso: "em todos os seus caminhos até o objeto, em todas direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva, tensa" (BAKHTIN, 1998[1975], p. 88). Sendo assim,

[...] Todo o interior não se basta a si mesmo, está voltado para fora, dialogado, cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda a sua essência. [...] O próprio ser do homem (tanto interno quanto externo) é *convívio mais profundo*. Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*. (BAKHTIN, 2011[1979], p. 341-342, itálicos do original).

Authier-Revuz tomará essa noção tanto no sentido do diálogo entre interlocutores quanto do diálogo entre discursos. Essas duas modalidades de interação "inscrevem constitutivamente a presença das 'palavras dos outros' no discurso":

- a língua só se realiza atravessada pelas variedades de discurso que se relativizam umas às outras em um jogo inevitável de *fronteiras e de interferências*;
- nenhuma palavra vem neutra "do dicionário"; elas são todas "habitadas" pelos discursos em que viveram "sua vida de palavras", e o discurso se constitui, pois, por um *encaminhamento dialógico*, feito de acordos, recusas, conflitos, compromissos... pelo "*meio*" *dos outros discursos*;
- entre esses outros discursos, aquele que o locutor empresta *ao interlocutor* determina, através de um parâmetro dialógico específico, o processo dialógico de conjunto. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68-69, aspas e itálico do original, sublinhado nosso).

No que tange à psicanálise freudo-lacianiana, essa perspectiva é adotada por Authier-Revuz a partir da ideia geral de que, por detrás de uma única voz que fala, podem-se ouvir inúmeras outras vozes, o que embasa a concepção de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido (clivado) (FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 75),

noção esta que, de forma articulada na teoria da heterogeneidade enunciativa, encontra ecos na teoria bakhtiniana.

O ponto de vista da psicanálise que interessa à Authier-Revuz pode se resumir na seguinte passagem:

É por um olhar exterior à linguística – colocado sobre a linguagem, a fala, o sujeito falante, que, para a psicanálise, constitui um material e não um objeto próprio, que esta pode interessar à linguística. Contrariamente à imagem de um sujeito "pleno", que seria a causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea, sua posição é a de uma *palavra heterogênea* que é o *fato de um sujeito dividido* (o que não significa nem desdobrado, nem compartimentado) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 48-49, aspas e itálico do original, sublinhado nosso).

A noção central para a teoria da heterogeneidade é a de sujeito, que se repete em inúmeros artigos ao longo das décadas em que a linguista se dedicou ao tema. Citando as duas "proposições lacanianas" – "o inconsciente é o discurso do outro" e "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" –, a autora adere à ideia de que o sujeito é concebido como um efeito de linguagem, "o resultado de uma estrutura complexa" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 64-65).

A autora esclarece que, ao se reconhecer o papel do inconsciente na produção linguística do sujeito, reconhece-se, por conseguinte, que "o sujeito é dividido, clivado, cindido, fendido... [o que não significa] instalar-se numa dualidade de sujeito", pois consciente e inconsciente formam o sujeito como uma estrutura psicológica complexa, e não como uma moeda de duas faces:

O homem não é, na sua psique, o resultado comprovador de uma divisão em dois lados. A consciência não é a face aparente de um subconsciente oculto, e nem o inconsciente (é) a estrutura profunda não revelada de um consciente evidente. A relação não se estabelece nestes termos, mas toma a feição geográfica de um *caminho sem avesso nem direito*, de onde o sujeito se enuncia, sem saber o que ele diz numa palavra que diz muito desse saber. (ROUDINESCO, 1977, p. 42 apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 65, itálico da autora)

Sendo o sujeito dividido "não como as metades de uma pera", mas na complexidade de "um caminho sem avesso nem direito", na visão lacianiana, "*não há centro* para o sujeito *fora da ilusão* e do fantasma":

Todo sujeito está sujeito ao fantasma, e a ilusão do centro é sua "tendência". A prática do *descentramento* inaugurada por Freud e teorizada por Lacan não tem por função extrair um centro da essência humana para dar-lhe um conteúdo social ou psicológico, enfim, para dar-lhe uma nova essência. O que exprimem a clivagem do eu e o descentramento do sujeito, a barra que se imprime sobre seu ser, é o impossível do centro fora do lugar do fantasma. (ROUDINESCO, 1977, p. 42 apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 66, aspas e itálico da autora)

Adverte a autora que "essa ilusão é *necessária* e normal para o sujeito: é o que Freud designava como a "*função de desconhecimento* do eu":

O sujeito continua no fantasma sob a forma do eu. A descoberta do inconsciente permite significar esta divisão inaugural, mostrando que a *ilusão do centro* permanece e que ela é *inerente à constituição do sujeito humano* (ROUDINESCO, 1977, p. 42 apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 66, itálico da autora)

A autora pontua que a teoria do descentramento do sujeito está articulada na sua teoria da heterogeneidade, fazendo uma síntese do que acabamos de delinear acerca dos aspectos da teoria psicanalítica por ela incorporados:

- para um sujeito dividido, "clivado" (e não "desdobrado"), não há centro, de onde emanariam, particularmente, o sentido e a fala, fora da ilusão do fantasma; mas manter esta ilusão de um centro é a função necessária e normal do eu para o sujeito;
- para um sujeito que, fundamentalmente, é um "efeito de linguagem", não existe, fora da ilusão – aqui também necessária e normal – *posição de exterioridade* em relação à linguagem, de onde o sujeito falante poderia tomar distância. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 66, aspas e itálico do original)

Adentrando nas noções centrais com que Authier-Revuz trabalha na composição de sua teoria da(s) heterogeneidade(s), temos a ideia de uma heterogeneidade constitutiva do discurso – um princípio fundamentador da própria natureza da linguagem – e a de uma heterogeneidade mostrada no discurso – formas passíveis de descrição linguística em pontos do discurso que revelam que ele não é homogêneo, que é marcado pelo não-um (pelo heterogêneo).

Em ambas as modalidades, o que está em jogo é a presença do outro na linguagem, uma noção que toma em especial de Bakhtin e Lacan, mas que também está presente em Benveniste e em Pêcheux. Assim, articula todos esses "outros" que confluem para a constituição do discurso e denunciam a sua condição heterogênea:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos 'outros discursos' e pelo 'discurso do Outro'. O *outro* não é um *objeto* (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69, itálico e aspas do original).

O outro – sempre onipresente no discurso do eu, constituindo esse eu e o seu discurso, mostrando ao sujeito que ele não é a origem dos sentidos, que esses sentidos são construídos por palavras impregnadas de já-ditos, dizeres do outro e do Outro – pode assumir diferentes vieses na teoria de Authier-Revuz: o outro pode ser o interlocutor na interação face a face (o diálogo de que partem Bakhtin, para teorizar sobre o dialogismo, e Benveniste, para teorizar sobre a enunciação); pode ser o Outro do inconsciente de Lacan; pode ser outro discurso, outra língua, outra palavra, outro sentido para a palavra, outro registro para a palavra, outro enunciador, outro estatuto atribuído à forma metaenunciativa.

A presença do outro pode ser mais ou menos explícita, mais ou menos apreensível no fio do discurso, muitas vezes, atuando no campo do apenas sugerido, num jogo de mostra e esconde, o que torna a interpretação e a análise processos complexos. Authier-Revuz diz que "é desse jogo, 'no limite', que vêm o prazer – e os fracassos – da decodificação dessas formas". (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18, aspas do original). No lugar de estabelecer níveis e fronteiras, estabelece-se um *continuum* gradual a partir daquilo que esse "jogo com o outro" mostra com relação à sua maior ou menor evidência no discurso do eu:

[...] em vez de patamares e de fronteiras, um *continuum*, uma gradação, que leva das formas mais ostentatórias – em sua modalidade implícita – às formas mais incertas da presença do outro, tendo no horizonte um ponto de fuga no qual se esgotaria a possibilidade de apreensão linguística no reconhecimento – fascinado ou desiludido – da presença diluída do outro no discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18)

A ideia de um *continuum* é bastante utilizada em estudos linguísticos. No âmbito dos estudos de língua falada, existe um *continuum* clássico – proposto por Koch e Oesterreicher (2013 [1985]) e reformulado por Marcuschi (2007, p. 41) –, que indica os graus de escrituralidade e oralidade na língua, noção que se aproxima do que propõe Authier-Revuz em duas oportunidades: 1) quando não vislumbra uma fronteira rígida entre as modalidades escrita e falada da língua (AUTHIER-REVUZ, 2011a, p. 654); 2) quando sugere (embora não

desenvolva) um *continuum* representativo dos graus de maior ou menor percepção da emergência do outro no fio do discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 13/18)⁶⁸.

No excerto acima, quando a autora menciona o "ponto de fuga no qual se esgotaria a possibilidade de apreensão linguística no reconhecimento [...] da presença diluída do outro no discurso", está se referindo à forma de heterogeneidade que – assim como o dialogismo bakhtiniano que lhe serviu de base teórica –, permeia e constitui toda e qualquer produção linguística: a heterogeneidade constitutiva, um plano estrutural da heterogeneidade.

Concebendo a linguagem como o campo do heterogêneo, do múltiplo, do não-um, do entrecruzamento de vozes, dos já-ditos, do que escapa ao controle do sujeito, Authier Revuz distingue a heterogeneidade constitutiva da linguagem – a "que está **presente** nela [na enunciação], em ação, de maneira permanente, mas não diretamente observável" – da heterogeneidade mostrada: "há o heterogêneo *manifesto*, sobre o fio, produzindo nele rupturas observáveis" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 179, negrito e itálico do original). Identificam a heterogeneidade mostrada, no fio do discurso, todas as manifestações em que os outros discursos, as outras vozes, fazem-se explícitas, ou seja, mostram-se.

Dessa forma, a autora trabalha com "*um duplo plano de percepção do heterogêneo na enunciação*", que se apresenta em um "jogo *constante* [...] desse duplo plano nas contribuições que dizem respeito ao verbal: digamos, o do *fio* e o da *estrutura*" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 175, itálico do original). Esclarece:

Essas formas, a que chamo formas de *heterogeneidade* (ou de não-coincidência) *mostrada* [...] se inscrevem, como um subconjunto formalmente caracterizável, no conjunto muito mais vasto daquilo que se pode formalmente descrever como fato de *ruptura sobre o fio enunciativo* [...]
Por outro lado, tento perceber a função dessas formas de heterogeneidade mostrada no processo enunciativo, como emergência, também aí, de um tipo particular, de um outro plano de heterogêneo(s), que classifico como constitutivo(s) – compreendendo isso como da ordem do não-acidental, mas fundamental, estrutural, condição de existência do fato enunciativo (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 174-175, itálico do original, sublinhado nosso).

Os dois planos da heterogeneidade – constitutiva e mostrada – são interligados e indissociáveis: por meio da explicitação da heterogeneidade mostrada, realizada no fio do

⁶⁸ A partir dessa noção e a propósito da ideia, defendida nesta tese, de que o sujeito da parentetização metaenunciativa não é nem o sujeito totalmente dominado pelo inconsciente e nem o sujeito totalmente consciente de seu dizer, sugerimos (mas não desenvolveremos, conforme já referido neste trabalho) um *continuum* que considere os graus de maior ou menor controle do dizer pelo sujeito, de forma articulada com o supramencionado *continuum* sugerido por Authier-Revuz quanto à maior ou menor presença do outro no fio do discurso.

discurso de diferentes formas, é atestada a heterogeneidade constitutiva dos discursos, que é estrutural, permanente, condição de existência do próprio enunciado.

Além da evidente influência do dialogismo bakhtiniano, vemos também aqui a influência dos postulados benvenistianos acerca da enunciação, à qual o linguista só tem acesso por meio de seu produto, o enunciado. Segundo Authier-Revuz, o objeto de estudo da Linguística será, portanto, o plano da heterogeneidade mostrada, no qual os fenômenos linguísticos se manifestam e são passíveis de observação na superfície do fio, na materialidade da língua, no enunciado.

Distingue Authier-Revuz, ainda, a heterogeneidade mostrada marcada da não-marcada. As manifestações de heterogeneidade marcada são sempre sinalizadas, na superfície do texto, por marcas linguísticas, gráficas ou diacríticas usadas de forma fixa e constante para esse fim (por exemplo, o uso das aspas, do itálico, uma entonação):

Uma forma mais complexa da heterogeneidade se mostra em curso nas diversas *formas marcadas* [...]: o locutor faz uso de palavras inscritas no fio do discurso [...] e, ao mesmo tempo, ele as mostra. Por esse meio, sua figura normal de usuário das palavras é desdobrada, momentaneamente, em uma *outra figura*, a do observador das palavras utilizadas; e o fragmento assim designado – marcado por aspas, por itálico, por uma entonação e/ou por alguma forma de comentário – recebe, em relação ao resto do discurso, um *estatuto outro*. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 13, itálico do original)

A autora reconhece a complexidade envolvida na identificação de formas metaenunciativas que revelem a diferença entre uma forma de heterogeneidade mostrada marcada e outra não-marcada. Essa marcação por vezes é unívoca, principalmente quando estão presentes sinais como as aspas ou o itálico. Contudo, quando o analista se vê diante de uma marca prosódica, a análise se complexiza porque a demarcação de uma entonação (variações de tom, ritmo ou intensidade), por exemplo, está sujeita a diferentes interpretações, incluindo todos os elementos de ordem contextual e enunciativa inerentes.

Nas formas de heterogeneidade mostrada marcada, há um "heterogêneo que emerge sob as espécies de sua *representação* pelo sujeito falante, ele mesmo, heterogêneo *mostrado*" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 179, itálico do original). A marcação destaca o próprio sujeito, que se mostra na cadeia linear do discurso. Neste caso, a heterogeneidade chama a atenção, confere corpo, ao mesmo tempo, para a palavra e para o sujeito, ambos marcados, ambos opacificados nessa ruptura metaenunciativa.

Em contrapartida, nas formas de heterogeneidade mostrada não-marcada, há um "heterogêneo que emerge de maneira *bruta, simplesmente manifesto*" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 179, itálico do original). Neste caso, as manifestações do sujeito e de seu dizer são identificáveis não por marcas fixas e cristalizadas pelo uso, mas por índices variados de ordem textual, paratextual ou contextual (por exemplo, a ironia), que podem ser depreendidos na ruptura metaenunciativa.

Havendo ou não marcação pelo sujeito do heterogêneo mostrado no seu discurso, a forma não-coincidente do dizer recebe um outro estatuto com relação ao restante do discurso: as rupturas metaenunciativas ostentam um estatuto complexo (o dizer se desdobra e retorna reflexivamente sobre ele mesmo), ao contrário do restante do discurso – fruto do imaginário subjetivo de linearidade e homogeneidade –, que ostenta um estatuto simples, um dizer simplesmente, sem desdobramentos enunciativos. No entanto, se estamos diante de uma forma marcada da heterogeneidade mostrada, o estatuto complexo desse dizer fica mais evidente, recebe um destaque que deixa mais à mostra a heterogeneidade enunciativa.

Tal qual o dialogismo aponta, ao mesmo tempo, para um atravessamento de outros discursos no discurso do sujeito (discurso do eu) e para um atravessamento do sujeito pela alteridade da situação de interlocução (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 59), também a heterogeneidade enunciativa acena para ambas as dimensões.

Nesse sentido, a teoria de Authier-Revuz trabalha com esses dois planos da heterogeneidade mostrada nas formas metaenunciativas que denunciam um dizer não-coincidente com ele mesmo e um sujeito não-coincidente com ele mesmo quando reconhece que essas formas sofrem direta influência da situação interlocutiva e "**se inserem no fio do discurso como marcas de uma atividade de *controle-regulagem do processo de comunicação***" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18, itálico do original, negrito nosso).

Conforme defendemos nesta tese, essa seria a face pragmático-interacional das não-coincidências do dizer, que, via de regra, são formas não-marcadas da heterogeneidade mostrada⁶⁹. Todavia, ao abordar essa face, não privilegiada em seus estudos, a autora diz que "essas fórmulas constituem uma espécie de *metadiscurso ingênuo*, comum, que especifica e explica o estatuto outro do elemento referido". (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 14, itálico do original).

⁶⁹ Frise-se que, conforme já referimos, uma forma que, normalmente, manifesta-se como não-marcada no fio do discurso, pode ser interpretada como marcada em função de um aspecto prosódico, por exemplo.

É importante notar que, embora Authier-Revuz reconheça que essas formas metaenunciativas também possam ser analisadas em suas funções comunicacionais, deixa claro que sua abordagem assim não as considera, pois, segundo o ponto de vista da teoria da heterogeneidade, essas formas ostentam estatuto complexo; porém, se enfocadas do ponto de vista do processo interacional (no sentido comunicacional-pragmático), essas mesmas formas são entendidas como mero metadiscurso ingênuo (estatuto simples, comum), como respostas instrumentais no contexto do gerenciamento de problemas na interação/comunicação (e não na dinâmica enunciativa). Authier-Revuz atribui estatuto simples e considera ingênuo essa abordagem pragmática das formas que ela trata como metaenunciativas (portanto, complexas), porque a autora entende que é apoiada na noção de homogeneidade discursiva e de sujeito controlador do dizer, manipulador de estratégias de efeitos previsíveis e calculados, à qual a teoria da heterogeneidade se opõe.

A propósito do subtítulo da presente seção, como anunciamos em nota, Authier-Revuz utiliza o termo *heterogeneidade(s) enunciativa(s)*, assim como *não-coincidências enunciativas*, considerados termos sinônimos em várias passagens da teoria, com ênfase para o plural, por três razões principais, destacadas pela autora:

Esse plural, que sublinho, é se se pode dizer, um plural múltiplo! Com efeito ele remete:

- a) aos quatro eixos sobre os quais, na enunciação, inscreve-se "o heterogêneo" [...];
- b) aos dois níveis articulados dos heterogêneos "representados na" e "constitutivos da" enunciação;
- c) à heterogeneidade teórica própria ao campo enunciativo, cujo reconhecimento não significa subscrever o projeto de um objeto interdisciplinar "total" (do tipo comunicacional, por exemplo)⁷⁰. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 14, aspas do original)

O item b) se refere aos dois planos que atuam de forma articulada na enunciação, a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva, conforme já discutiremos, nesta seção, na medida suficiente para os nossos objetivos de pesquisa. Já o item a) será tratado de

⁷⁰ Aqui a autora dirige a crítica às teorias com as quais dialoga e marca a diferença desde o início da construção da sua teoria: o outro da teoria da heterogeneidade de Authier-Revuz é toda e qualquer teoria que a linguista concebe que seja baseada na ideia de sujeito-origem do sentido, que trata a língua como instrumento e as formas metaenunciativas somente como estratégias operacionais de gestão de problemas comunicacionais ou pragmáticos. Essas teorias deixam-se "seduzir pela vontade do 'objeto total', ou de uma teoria todo-poderosa para tratar da linguagem ou do sujeito", conforme sintetiza Eni Orlandi ao destacar que a teoria de Authier-Revuz não cai nessa tentação, mas, "nem por isso ela deixa de pensar o sujeito de forma orgânica na análise enunciativa." (ORLANDI, 1998, p. 7, aspas do original).

forma mais detalhada mais adiante, ainda neste capítulo. Por sua vez, o item c) diz respeito a um tema que já abordamos neste capítulo e que dialoga com o item b), eis que:

É sob dois planos que se impõe, a meu ver, a dimensão do heterogêneo na enunciação: de um lado, da observação, nas realizações linguísticas, de *atos de heterogeneidade*; de outro lado, o da *heterogeneidade teórica*, que, em relação à linguística, afeta necessariamente o campo da enunciação – entendo, dessa forma, o inevitável não-fechamento do linguístico sobre ele mesmo no sentido formal, que proíbe falar de enunciação sem se apoiar – quer isso seja dito explicitamente ou não – em teorizações exteriores, particularmente sobre *sujeito*. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 173-174, itálico do original)

É nesse duplo plano que a autora vai trabalhar: os fatos observados a partir de suas formas, partindo da língua como ordem própria, e fazendo escolhas teóricas fora dos domínios da Linguística para teorizar sobre o jogo das heterogeneidades enunciativas.

Como se pode perceber, todos os aspectos tratados no bojo da teoria da heterogeneidade enunciativa, aqui sumariamente esboçados, estão entrelaçados. No entanto, por uma questão didática, damos ênfase a alguns temas dentro de cada seção deste capítulo.

Sendo assim, antes de detalharmos o conceito de modalização autonímica, eixo teórico central e articulado com o tema da heterogeneidade (já tratado) e das não-coincidências (ainda a ser tratado), abordaremos na próxima seção a inscrição das formas metaenunciativas (heterogêneas, não-coincidentes), no campo da metalinguagem e do metadiscurso.

3.3.3 As formas da modalização autonímica no campo da metalinguística

O retorno reflexivo próprio do modo enunciativo complexo da modalização autonímica deriva da propriedade inerente das línguas naturais que diz respeito à sua capacidade de autorreferenciar-se. Esse processo de autorreferenciação remete à característica da autorreflexividade das línguas: mecanismos do funcionamento linguístico-discursivo que permitem a remissão sobre estruturas da própria língua e que, sob a perspectiva enunciativa, devem ser considerados a partir do ato subjetivo de enunciar.

Authier-Revuz adota essa noção enquanto um "poder de reflexividade das línguas naturais", fazendo a oposição da concepção de metalinguagem natural (ponto de vista interno à língua) à de metalinguagem lógica (ponto de vista externo à língua). Refere que essa ideia já estava presente nos estudos de Roman Jakobson, que tratou das funções da linguagem, dentre elas a função metalinguística, bem como no "trabalho fundador de J. Rey-Debove", a partir do

qual constrói o conceito de modalização autonímica, sustentado, exatamente, na propriedade reflexiva da língua. Menciona, ainda, que esse poder de reflexividade da língua também foi objeto de estudo de Émile Benveniste (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 180).

Dentre as seis funções identificadas por Jakobson⁷¹, está a função metalinguística, que constitui a primeira constatação científica sistematizada de que os falantes, no uso de sua língua, realizam comentários sobre a sua própria linguagem, isto é, utilizam palavras da língua para explicar outras palavras da língua. Até então, a metalinguagem era tratada apenas como aquela utilizada pelos lógicos ou linguistas para se referirem à linguagem. A função metalinguística, assim, estaria centrada no código da língua e seria manifestada pelo usuários em discursos cotidianos, não especializados. Destaca Jakobson:

Uma distinção foi feita na Lógica moderna, entre dois níveis de linguagem, a "linguagem objeto", que fala de objetos, e a "metalinguagem", que fala da linguagem. Mas a metalinguagem não é apenas um instrumento científico necessário, utilizado pelos lógicos e pelos linguistas; desempenha também papel importante em nossa linguagem cotidiana. [...] praticamos a metalinguagem sem nos dar conta do caráter metalinguístico de nossas operações (2005[1963], p. 127, aspas do original, sublinhado nosso).

Os estudos de Jakobson abriram caminho para a pesquisa mais ampla sobre a função metalinguística – que hoje é preferencialmente chamada de metadiscursiva, tendo em vista que a língua é concebida em sua dimensão discursiva, para além do código – e a reflexividade da linguagem, como o faz Josette Rey-Debove⁷² no nível semiótico, da qual Authier-Revuz toma a noção de conotação autonímica para desenvolver, no nível enunciativo, a noção de modalização autonímica, conforme explicaremos com mais detalhe na seção seguinte. Adiantamos que a conotação autonímica, no âmbito do estudo dos signos, é o fenômeno linguístico em que se acumulam as funções de uso (função denotativa, referência ao mundo) e menção (função conotativa, referência ao signo, comentário reflexivo).

Sobre o poder da reflexividade nas línguas naturais associado à afirmação lacaniana de que "não há metalinguagem", Authier-Revuz esclarece que essa ideia não nega a existência de

⁷¹ As seis funções da linguagem estudadas por Jakobson (2005[1963]) são: a função referencial (centrada no objeto), a função poética (centrada na mensagem), a função fática (centrada no meio/canal da comunicação), a função emotiva (centrada no emissor), a função conativa (centrada no destinatário) e a função metalinguística (centrada no código).

⁷² A obra que serviu de referência para que Authier-Revuz desenvolvesse o conceito de modalização autonímica foi: J. Rey-Debove, *Le métalangage*, Paris, Le Robert, 1978. (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 86)

tal propriedade linguística, mas enfatiza que o que não existe é uma posição exterior à linguagem da qual o sujeito pudesse tomá-la como objeto e referir-se a ela:

Central na teoria lacaniana do sujeito, que assume que não há, para o "ser falante" que é o homem, lugar fora da ordem da linguagem na e pela qual ele é constituído como sujeito, essa tese se opõe diretamente às concepções de enunciação como utilização do instrumento língua por um sujeito que, para comunicar seu pensamento, estaria sempre em posição de, a partir de uma exterioridade do dito pensamento, avaliar e controlar, com domínio real sobre eles, o instrumento e sua utilização (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 181, aspas do original).

O processo de reflexividade ocorre, pois, em uma dimensão interna, na e pela linguagem. Nessa dinâmica, o enunciador constitui-se como um "descriptor tão particular do sentido das palavras [...], quando as comenta ao mesmo tempo em que as enuncia, através da laçada reflexiva de um dizer que se volta explicitamente sobre si mesmo" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 29).

Na teoria da heterogeneidade, essa autorreflexividade adquire um caráter opacificante, já que a operação de retorno ao dizer, unindo as funções de uso e menção à palavra, faz com que esta se destaque na cadeia enunciativa por tornar-se opaca, visível na sua qualidade de palavra (signo), em detrimento da sua função de referência às coisas do mundo, sem, contudo, abandonar essa função primordial.

3.3.4 A modalização autonímica: ruptura ligada opacificante

A teoria da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) está apoiada no estudo de uma modalidade específica da reflexividade metaenunciativa denominada pela autora de modalização autonímica, que abrange as formas heterogêneas consubstanciadas nas não-coincidências do dizer, que podem ser entendidas também como formas metaenunciativas ou expressões metaenunciativas.

Como vimos, Authier-Revuz estuda esse tipo particular de formas reflexivas tendo como apoio teorias externas à Linguística. Para estudar a modalização autonímica, ela toma a descrição semiótico-linguística de Josette Rey-Debove, que trata das formas da conotação autonímica, inseridas no contexto da metalinguagem natural. Partindo da noção inicial de autonomia, Rey-Debove diz: "Tome um signo, fale dele e você terá uma autonomia" (REY-DEBOVE, 1978, p. 144 apud FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 78). Assim, adaptaremos os

exemplos oferecidos em Flores e Teixeira (2005, p. 78-81) para ilustrar os conceitos trabalhados nesta seção.

Por exemplo, na frase "a *árvore* é frondosa", o locutor faz uso da palavra *árvore*, pois fala de um elemento da natureza composto de tronco, galhos, folhas, raízes, etc (referência ao mundo); já na frase "a palavra *árvore* tem três sílabas", o locutor faz apenas menção (e não uso) da palavra *árvore*, configurando-se, neste caso, uma autodesignação do signo, que caracteriza a autonímia. O signo comum (em uso) pertence a uma semiótica simples e o signo autonímico (em menção) pertence a uma semiótica complexa, nos termos de Rey-Debove, ou seja, o signo autonímico é um outro signo, homônimo do primeiro, que representa um todo com significante e significado. Para esta autora, o significante é parte constitutiva do significado do signo autonímico, pelo que atribui à autonímia um estatuto semiótico complexo.

Diferentemente, na frase "Ele é um *marginal*, como dizem hoje em dia", o locutor fala de uma pessoa que vive à margem da sociedade (referência ao mundo) e, também, da palavra *marginal*. Neste caso, a palavra torna-se objeto do dizer ao mesmo tempo em que é empregada, acumulando-se as funções de uso do signo e menção ao signo. A esse fenômeno Rey-Debove denomina conotação autonímica, uma estrutura em que se acumulam as duas semióticas. A análise dessa autora é feita, portanto, no nível semiótico.

Por sua vez, Authier-Revuz, ao considerar o mesmo exemplo anterior – "Ele é um *marginal*, como dizem hoje em dia" –, dirá que se trata de modalização autonímica, ainda que se valha da mesma noção abarcada pela conotação autonímica. Em suma, podemos dizer que o mesmo fato linguístico classificado por Rey-Debove como de conotação autonímica será classificado por Authier-Revuz como de modalização autonímica. A diferença está em que a primeira, por trabalhar no nível semiótico, considera o fenômeno como um fato de polissemia em que se reúnem a semiótica denotativa e a metalinguística, ao passo que a segunda considera o fenômeno como um "fato de enunciação modalizado por uma representação opacificante" (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 82).

A modalização autonímica implica, assim, o acúmulo das funções de uso das palavras (território do dizer, da transparência, da coincidência) e de menção às palavras (território do comentário sobre o dizer, da opacificação, da não-coincidência): a palavra é usada para expressar um sentido e, ao mesmo tempo, constitui um objeto do dizer. Dito de outro modo, as formas metaenunciativas, que modalizam o dizer autonimicamente, dividem a enunciação em dois territórios: o da transparência – do uso padrão das palavras, da nomeação às coisas do

mundo, da ilusória homogeneidade (coincidência) – e o da opacificação – da menção às palavras (sob a forma de um comentário crítico ou uma interrogação que interrompem o fluxo discursivo "normal" ao denunciarem a inconveniência de uma palavra ou a falta da mesma), do retorno reflexivo opacificante, da metaenunciatividade, da heterogeneidade (não-coincidência).

Em síntese, as formas da heterogeneidade mostrada reveladas na configuração enunciativa complexa da modalização autonímica apresentam as seguintes características (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 180, *itálico e aspas do original*):

- São *formas* metaenunciativas, "isoláveis como tais sobre a cadeia, que têm – combinadas com propriedades sintático-semânticas – a propriedade de referir a um segmento dado da cadeia."

- "São formas *estritamente reflexivas*" que correspondem, em *um* único ato enunciativo do dizer, "ao desdobramento de um elemento por um comentário 'simultâneo' – nos limites da linearidade – desse dizer." São formas autodialógicas que dependem da autorrecepção: nos termos de Bakhtin, "aquele [dialogismo] *do locutor com sua própria palavra*, do encontro de seu próprio dizer pelo enunciador (às vezes com surpresa), da resposta que ele produz (heterogêneo manifestado na produção [...])."

- "São formas *opacificantes* da representação do dizer, isto é, o elemento para a enunciação a que elas se referem é um fragmento de cadeia que associa significado e significante [...], e não somente um conteúdo que poderia ter um sinônimo [...]."

É fundamental no contexto desta tese diferenciar as formas metaenunciativas daquelas que, também amparadas pela propriedade da reflexividade natural das línguas, podem ser classificadas como metadiscursivas. Tomemos os seguintes exemplos:

- a) A palavra *caridade* vem do latim *charitas*.
- b) A palavra *caridade*, na acepção do autor, não era bem-vinda.
- c) Trata-se de falar agora sobre *caridade*, se é que essa palavra convém.

No exemplo a), temos um uso da autonímia linguística, em que a autonímia designa uma unidade da língua. Já no exemplo b), temos um uso metadiscursivo, em que a autonímia designa um segmento do discurso atribuído a um outro locutor. Por sua vez, somente no exemplo c) temos um uso autonímico de natureza metaenunciativa, porque, neste caso, a autonímia se inscreve no dizer de um enunciador, que desdobra (duplica) o seu dizer ao enunciar ("se é que essa palavra convém") a propósito de sua própria enunciação (*caridade*). São essas

formas da modalização autonímica, como mostra o exemplo c), que interessarão ao estudo de Authier Revuz (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 80).

Essa duplicação do dizer promovida pela modalização autonímica suspende o caráter de evidência do sentido, eis que a enunciação é "atravessada por sua autorrepresentação opacificante" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 14), conforme explica a autora em algumas passagens:

[...] estes enunciados [metaenunciativos] apresentam um traço comum: em um ponto de seu desenrolar, o dizer representa-se como não falando por si, o signo, em vez de preenchê-lo, transparente, no apagamento de si, de sua função mediadora, interpõe-se como real, presença, corpo – objeto encontrado no trajeto do dizer e que se impõe a ele como objeto; a enunciação desse signo, em vez de se realizar "simplesmente", no esquecimento que acompanha as evidências inquestionáveis, desdobra-se como um comentário de si mesma. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 14, aspas e negrito do original, sublinhado nosso)

Particularmente abordo o campo da heterogeneidade enunciativa pela observação e descrição sistemática das formas metaenunciativas (opacificantes) pelas quais, durante o trajeto, no fio do discurso, os enunciadores duplicam a enunciação com um elemento, com uma representação reflexiva desta. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 174, sublinhado nosso)

Por oposição ao modo de dizer "simples" – "padrão" – de um elemento X, esta modalidade enunciativa de desdobramento do dizer de X pela representação desse dizer sinaliza – através da suspensão "da evidência" do uso de X – a descoberta em X, por parte do enunciador, de "alguma coisa" que não passa despercebida e à qual seu comentário responde. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 29, aspas do original, sublinhado nosso)

O comentário reflexivo opacificante, resultado do processo de duplicação do uso de um termo específico do dizer, relativiza, de alguma forma, esse termo, questionando o seu caráter absoluto de obviedade, característico do uso padrão das palavras. Isso ocorre porque "a modalização autonímica confere a um elemento do dizer o estatuto de uma 'maneira de dizer', relativizada (mesmo que seja para valorizá-la) dentre outras." (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 82-83, aspas simples do original).

Na dinâmica desse modo enunciativo desdobrado complexo, o sujeito-enunciador, clivado, dividido – heterogêneo e não-coincidente consigo mesmo –, atua como um "autocomentador de si mesmo" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84) ou um "glosador de suas palavras" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 29), acusando problemas enunciativos encontrados no

trajeto do dizer por meio de glosas, que revelam que esse dizer não é óbvio e que o desdobram pela explicitação dos sentidos no aqui e no agora da enunciação.

Tais problemas enunciativos encontrados pelo sujeito-enunciador na topografia⁷³ de seu dizer, que quebram a linearidade do caminho por ele percorrido na construção dos sentidos, dizem respeito a, por exemplo,

distanciamento em relação ao interlocutor que não forma "um" com ele (*X, se você concorda...*), inapropriação em seu discurso de palavras vindas de um outro discurso (*X, como diz...*), falha entre a palavra e a coisa (*X, a palavra não é apropriada*). (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 29, aspas e itálico do original)

No entanto, essa quebra na linearidade discursiva, inerente ao modo de dizer complexo e desdobrado, vem sempre acompanhada do movimento concomitante de retorno reflexivo que une, que enlaça o dizer, tornando-o opaco. Para explicar essa propriedade fundamental da modalização autonímica, a opacificação, Authier-Revuz toma de empréstimo uma das características da noção de autonímia, desenvolvida por Rey-Debove, qual seja, o "bloqueio da sinonímia".

Para explicar o bloqueio da sinonímia gerado pela autonímia e, por conseguinte, pelo processo de modalização autonímica, esclarecem Flores e Teixeira (2005, p. 80) que, "se o significante é parte constitutiva do significado do signo autonímico, nenhum outro signo pode ser considerado, com seu significante próprio, como tendo o mesmo significado". Os autores apresentam o seguinte exemplo:

- a) A capital da França foi ocupada durante a guerra.
- b) A capital da França é um grupo nominal complexo.

No exemplo a), podemos substituir "a capital da França" por "Paris", o que não é possível no exemplo b). "A autonímia, em sua estrutura semiótica, implica a irreducibilidade – a não-transparência – do significante, ou seja, a opacificação" (AUTHIER-REVUZ, 1995, p. 25 apud FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 81), termo que tanto Rey-Debove quanto Authier-

⁷³ "Na topografia de problemas enunciativos apresentados explicitamente por esses comentários do enunciador [...] aparece o problema do *sentido* 'que não é óbvio' para um elemento X do dizer, mostrado através de glosas que desdobram o dizer desse elemento pela explicitação aqui e agora do seu sentido." (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 29, aspas e itálico do original)

Revuz tomam da reflexão feita pela vertente lógico-filosófica apresentada por François Récanati⁷⁴.

Para a melhor compreensão da dicotomia transparência-opacidade na língua, esse autor apresenta uma interessante analogia a partir da filosofia moderna da linguagem acerca do "duplo destino dos signos". Vejamos:

O signo é como um vidro transparente que permite ver outra coisa além dele próprio e essa transparência vem do fato de representar a coisa significada sem ele mesmo se refletir nessa representação. No entanto, o signo pode também não remeter a outra coisa a não ser ele mesmo, perdendo a transparência que permitia ver a coisa através dele, sendo aí que se torna opaco. Em outras palavras, quando o locutor se serve do signo, fazendo *uso* dele, é transparente, pois, nesse caso, o que o signo é ele próprio como signo não aparece: o que aparece é a coisa significada. Inversamente, pode-se tratar o signo como coisa, mencioná-lo, colocá-lo entre aspas, opacificando-o (RÉCANATI, 1979, p. 15-47 apud FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 81, itálico do original)

A partir dessa reflexão, Authier-Revuz forma as suas definições acerca do fenômeno da opacificação, afirmando que

o signo comum é transparente porque, ao mesmo tempo em que se apaga diante da coisa nomeada, tolera a sinonímia de um termo por outro. **Já o signo autonímico é opaco, opacidade que resulta de uma interposição, no "trajeto" que leva à coisa designada, de uma consideração sobre o próprio signo.** [...] o uso do termo *opacificação* [fica restrito] a esse fenômeno de *interposição*, que suspende a sinonímia, como na *menção* – emprego dito opaco do signo – mas não suspende a designação do objeto por intermédio do signo. (AUTHIER-REVUZ, 1995, p. 32 apud FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 81, aspas e itálico do original, negrito e sublinhado nossos)

A dinâmica da modalização autonímica fica nesse excerto resumida, faltando apenas enfatizar o movimento de laçada reflexiva ou retorno reflexivo que o fenômeno da opacificação acarreta, de forma concomitante à interrupção do dizer pelo comentário metaenunciativo, ou seja, a modalização autonímica provoca uma interposição de um comentário sobre o próprio signo (menção), movimento este que o opacifica, destacando a sua condição de signo e não de designação da coisa do mundo (uso), sem, contudo, impedir que ele cumpra a sua função de designação da coisa.

⁷⁴ A obra que serviu de referência para as autoras desenvolverem a noção de transparência e opacidade/opacificação em suas teorias foi: F. Récanati, *La transparence et la énonciation*, Paris, Seuil, 1979. (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 87)

Esse movimento se traduz no que a autora também chama de *ruptura ligada* (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 27; 2004, p. 182) ou *ruptura-sutura* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 182), termos que oferecem uma visão quase pictórica do processamento que ocorre na modalização autonímica. Trata-se de um aspecto formal, no sentido estrutural, da modalização autonímica: "[...] essa *ruptura* produzida pelo jogo de *duas* construções é combinada com um *elo* regular entre o elemento X da frase de base e o elemento – metalinguístico ou autonímico – que o designa na glosa metaenunciativa [...]" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 181, itálico do original).

O tecido enunciativo é perfurado, rasgado pela interposição da glosa metaenunciativa, mas, ao mesmo tempo, esse tecido é costurado ou suturado pelo movimento de laçada reflexiva opacificante, uma força de coesão do discurso que impede a sua dispersão, de um lado, pela ilusão de homogeneidade que mantém o sujeito acreditando na sua unicidade e na unicidade de seu dizer, e, de outro, pelo processo de opacificação do signo, que, mesmo ganhando corpo enquanto objeto da língua, não perde a sua função de nomeação do objeto do mundo na sua condição de transparência original.

A ruptura ligada torna o signo opaco, mas não a ponto de impedir que, através dele, se vislumbre a coisa por ele designada, não com a nitidez típica da transparência, pois no meio do trajeto de nomeação à coisa existe uma ruptura que dá corpo à palavra e a torna mais (ou tão) visível quanto a coisa que ela designa; contudo, essa coisa passa a ser vista com outros olhos, os olhos de quem percebe um sentido relativizado ou impreciso por meio do comentário de um sujeito-enunciador que denuncia as falhas ou hesitações de seu dizer.

Para finalizar, apresentamos uma síntese do fenômeno enunciativo da modalização autonímica, destacando características que lhe são fundamentais:

Esta configuração toca duplamente a *língua* enquanto sistema de signos. Apresentando 1) um desdobramento, a *distância interna* que o atravessa por causa da reflexividade, e 2) uma alteração da transparência interpondo no dizer seu registro como *maneira de dizer*, **essa configuração enunciativa é definida, formalmente, como um fato de língua** – sustentado na mobilização da categoria linguística da autonímia – e não como um "comportamento" comunicacional (de "distanciamento", por exemplo); e, via opacificação, o que ela torna visível é um enunciador lutando com as palavras, com a materialidade da língua. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 182, aspas e itálico do original, negrito e sublinhado nossos)

Em suma, a modalização autonímica, tal qual a heterogeneidade enunciativa de quem é fruto, consiste num jogo de aparentes contradições, que é o "jogo de um que 'junta' e de não-

um que 'esgarça', como um modo de costura aparente, que ressalta em um mesmo movimento a falha da não-coincidência enunciativa (contrariamente ao modo da superfície una) e sua sutura metaenunciativa (contrariamente ao modo da ruptura 'bruta' do lapso)" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 26-27). Esse jogo é inerente à língua, de forma constitutiva. É um fato de língua.

As formas da modalização autonímica apresentam um caráter dúplice que se manifesta de forma concomitante: por um lado, ruptura, por outro, coesão. Essa é a natureza estrutural de seu funcionamento. Nesse jogo, fica evidenciada a luta do sujeito-enunciador com as palavras, com as suas e com as do outro que o constitui.

3.3.5 As não-coincidências do dizer e suas representações metaenunciativas

A partir do conceito de heterogeneidade enunciativa, Authier-Revuz trabalha com a modalização autonímica enquanto configuração enunciativa atravessada por sua autorrepresentação opacificante, como acabamos de ver. Nesse processo, a linguista identifica que essa representação da enunciação se mostra no fio do discurso como uma não-coincidência com ela mesma:

Essa configuração enunciativa complexa da **modalidade autonímica representa a enunciação como uma "não-coincidência com ela mesma", em que o enunciador não se "faz uno" no seu dizer, mas produz uma clivagem nesse dizer, distanciando-se de suas palavras, como autocomentador de si mesmo.** Esse desdobramento aparece, na representação que a enunciação dá de si mesma, como associado a uma junção, no âmbito do dizer, de **fatos pontuais do "não-um", do desvio, da heterogeneidade, da não-coincidência,** manifestando-se em várias dimensões da enunciação. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84, aspas do original, negrito nosso)

Esses fatos pontuais da heterogeneidade se manifestam, sob a forma de não-coincidências, em diferentes dimensões da enunciação: na relação entre os interlocutores, que se reconhecem como não redutíveis ao 'mesmo'; na relação entre as palavras e as coisas (no processo de nomear), reconhecida como problemática; no discurso sobre si mesmo, reconhecido como atravessado pela presença de palavras ou de sentidos provenientes de outros discursos; nas palavras reconhecidas como atravessadas por outros sentidos ou outras palavras, configurando-se um processo polissêmico ou homonímico.

A autora refere que essas formas de representação do dizer desdobrado em si exercem, na enunciação, "uma **função complexa e contraditória**", eis que, ao contrário da imagem que

elas oferecem quanto a um dizer afetado por fatos de não-coincidência, "pode-se opor a concepção de um dizer atravessado de forma imanente, e não acidental, de um modo 'constitutivo'" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 84-85). Para Authier-Revuz, o real constitutivo do dizer são justamente as não-coincidências, o heterogêneo, o não-um, pois é aquilo do qual o sujeito não pode escapar, é aquilo que permanece, que está onipresente na língua. Essa realidade não-coincidente convive, em um mesmo espaço, com a luta do sujeito contra essa realidade heterogênea, negando-a, desconhecendo-a.

Relativamente a essas **não-coincidências, que são, ao meu ver, o real constitutivo do dizer, isto é, aquilo do qual não se pode escapar**, as formas de *representação reflexiva* do dizer adquirem então um estatuto complexo: elas dão lugar, nas representações que dão dela, no fio do discurso, às não-coincidências que o afetam, das quais **elas (as formas de representação) aparecem como algo emergente, fazendo assim com que sejam reconhecidas. Mas esse é, ao mesmo tempo, sob o modo do desconhecimento e denegando as não-coincidências, o caráter inevitável das condições constitutivas da enunciação**, e reafirmam assim o fantasma do *um* da enunciação no mesmo lugar onde se acha desenhado o *não-um*. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 85, itálico do original, negrito e sublinhado nossos)

O espaço das não-coincidências abriga, ao mesmo tempo, uma forma heterogênea que emerge no fio do discurso, que, por isso, é passível de reconhecimento, e uma reafirmação da ilusão de homogeneidade da enunciação, que mantém o sujeito no seu dizer. Dito de outro modo, no mesmo ponto da enunciação onde o heterogêneo aflora na superfície discursiva, aflora também a ilusão subjetiva de homogeneidade que sustenta o dizer do sujeito.

Sem apoiar-se nesse imaginário de unicidade, o sujeito não conseguiria sustentar o seu discurso, que se dissiparia. O sujeito, ao se encontrar com o heterogêneo nesses pontos específicos do discurso, considera o resto do discurso como derivando da homogeneidade e do seu controle enunciativo. É nessa relação que articula o imaginário da coincidência com o real das não-coincidências que emergem as glosas metaenunciativas, que ostentam, assim, a sua natureza dúplice e aparentemente contraditória, típica da modalização autonímica: dispersão e coesão; rompimento e costura; ruptura ligada.

O fragmento a seguir destaca, com riqueza de imagens e metáforas, a dinâmica que ocorre nos pontos de não-coincidências do dizer, o movimento enunciativo de ruptura ligada:

Este espaço de não-coincidências onde se faz o sentido, nutrido dessas heterogeneidades que o distinguem da fixidez una do signo, é também, indissociavelmente, aquele onde ele poderia desfazer-se, se não o protegesse,

opondo-se à sua dispersão, uma força de ligação, de coesão, de UM que faz "obter" uma fala, que faz com que obter uma fala seja, entre outros, fazer "ter junto" o que não faz outro sentido senão o de não ser um. **É no ápice desta contradição, que aguça a tensão entre o um e o não-um onde se produz a enunciação, que aparece a configuração enunciativa complexa da reflexividade opacificante**: lá onde o lapso, por exemplo, faz furo de não-um no tecido do dizer, lá onde, ao contrário, em um discurso enunciado sem choque e sob um modo padrão (sem opacificação), é de forma não-visível que jogam as distâncias das não-coincidências onde o discurso se constitui, na superfície aparentemente unida que ele desenrola e que é aquela em que, de fato, **da mais cerrada das redes de "costuras" ou de colagens invisíveis, a modalidade autonímica – sobre a qual no plano formal se tem destacado o caráter de "ruptura ligada"** – aparece, ela, nesse jogo de um que "junta" e de não-um que "esgarça", como um modo da costura aparente, que ressalta em **um mesmo movimento a falha da não-coincidência enunciativa** (contrariamente ao modo da superfície una), e **sua sutura metaenunciativa** (contrariamente ao modo da ruptura "bruta" do lapso). (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 26-27, aspas do original, negrito e sublinhado nossos)

Desse excerto, que praticamente sintetiza tanto o movimento de ruptura ligada – inerente aos espaços de não-coincidências do dizer que caracterizam a modalização autonímica – quanto a função enunciativa e discursiva exercida por esses pontos não-coincidentes, podemos inferir que as glosas metaenunciativas não podem ser concebidas como meras estratégias aptas à gestão de problemas interacionais ou pragmáticos (nessa perspectiva, não se discute o papel do sujeito enquanto efeito de linguagem). Sua função vai muito além disso: além de dizer muito do sujeito e da sua relação com o outro (na intersubjetividade que o constitui), no nosso entender, essa função está na base enunciativa de todo discurso, já que é por meio da enunciação que a língua é convertida em discurso.

As glosas metaenunciativas que revelam o jogo dispersante das não-coincidências do dizer atuam como forças de proteção essenciais para a manutenção do próprio discurso, que é descrito por Authier-Revuz como um imenso tecido pleno de perfurações (produzidas pelos pontos do não-um que esgarça) costuradas, remendadas, suturadas (pelo um que junta). São esses remendos, são essas suturas ("como em um corpo de cicatrizes") que garantem a coesão discursiva, a manutenção do sujeito na sua fala, amparado na crença ilusória de unicidade e homogeneidade da língua.

Está claro que se trata de uma coesão no plano enunciativo⁷⁵ (não no plano textual, como esse termo costuma ser usado pelas teorias de matriz textual ou interacional-pragmática), muito

⁷⁵ Authier-Revuz chega a utilizar o termo *coesão enunciativa*, embora não quando desenvolve sua teorização sobre as não-coincidências (2004, p. 249). No contexto da explicação do funcionamento enunciativo das não-

embora possam existir também elementos de coesão textual inseridos nas formas metaenunciativas, tais como anáforas e catáforas⁷⁶, o que, sob a abordagem da teoria desenvolvida por Authier-Revuz, recebem tratamento estritamente enunciativo.

Por essa razão, Authier-Revuz destaca que "as glosas metaenunciativas não são da ordem do ornamento" e "tocam o coração do sujeito e do sentido", pois

[...] através dessas formas que testemunham o modo pelo qual um dizer "se mantém" no jogo dispersante das não-coincidências, pelo traçado de suturas com que elas reasseguram sua unidade, como em um corpo de cicatrizes que atesta sua coesão no lugar de suas feridas fechadas; elas são, para um sujeito que é sujeito a ser falante, isto é, a ser pego na linguagem, jogos sérios de outro modo, eu entendo fundamentais, que o de estratégias interativas em espelho, que jogam, tocando – com seu modo singular de serem presos na linguagem, que é em particular um modo singular de "se colocar" nessas ou de "fazer com" essas não-coincidências e o que elas inscrevem de divisão fundadora e de ameaça de desligamento – o coração do sujeito e do sentido. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 27, aspas do original, negrito e sublinhado nossos)

Na dinâmica da modalização autonímica, a enunciação sofre uma alteração – "no duplo sentido de alteração e de alteridade" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83) – no seu curso "normal" pela emergência pontual de um fato não-coincidente, que pode se manifestar de várias formas: não-coincidências entre as palavras e as coisas; não-coincidências das palavras consigo mesmas; não-coincidências interdiscursivas (ou não-coincidências do discurso consigo mesmo); não-coincidências interlocutivas.

Em síntese, o desdobrar-se do sujeito e do seu discurso revela uma não-co incidência na medida em que o sujeito-enunciador se divide em duas funções (dizer e comentar o dizer), no mesmo passo em que a enunciação é cindida (a voz do eu dá lugar à voz do outro, ambas presentes) e, concomitantemente, essa cisão promove, como vimos, um movimento reflexivo de ligação, de coesão enunciativa. O outro, em Authier-Revuz, toma várias feições: pode ser o Outro do inconsciente de Lacan, pode ser outro discurso, outra língua, outra palavra, outro sentido para a palavra, outro registro para a palavra, outro enunciador, etc.

coincidências, a autora utiliza o termo *coesão* como sinônimo de "ligação" no sentido de afirmar a existência de uma "força de ligação, de coesão" que protege o discurso e o sentido das forças de dispersão atuantes no jogo das heterogeneidades enunciativas (1998, p. 191).

⁷⁶ Fazemos tal observação com base no levantamento que realizamos em *corpus*; porém, esses fenômenos não foram objeto de estudo por extrapolarem os propósitos de pesquisa. Quanto às anáforas, do ponto de vista dos estudos textuais, verificamos a presença tanto de anáforas diretas quanto indiretas (MARCUSCHI, 2001, p. 217-258). Do ponto de vista enunciativo, encontramos as "pseudo-anáforas", nos termos propostos por Authier-Revuz (p. ex., 1998, p. 20/101; 2004, p. 146/181). Novos estudos merecem ser feitos com base nessa observação empírica.

As não-coincidências entre as palavras e as coisas "representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos... na produção da 'palavra exata', plenamente adequada à coisa". A autora apresenta alguns exemplos: *como dizer?; como diria? X; X, por assim dizer; X, maneira de dizer; X, é preferível dizer Y; X, não, mas não encontro a palavra; não há palavra; X é a palavra; X, não há outra palavra; etc.* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83, reticências e aspas do original).

Explica a autora que essa área de não-coincidência do dizer

é colocada como constitutiva na dupla perspectiva, de uma parte, da oposição reconhecida pela linguística entre o "quadriculado de distinções" (J. C. Milner) da língua – sistema finito de unidades discretas – e o contínuo, as infinitas singularidades do real a nomear, inscrevendo um "jogo" inevitável na nomeação e, de outra parte, em termos lacanianos, do real como radicalmente heterogêneo à ordem simbólica, isto é, da falta (constitutiva do sujeito como falho) de "captura do objeto pela letra" desembocando sobre a "perda" inerente à linguagem, à qual responde, de maneiras opostas, a escritura – que "habita" essa falta – e a produção dos mitos consoladores – as diversas línguas "perfeitas" que a recusam. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 194, aspas do original, sublinhado nosso)

Por sua vez, as não-coincidências das palavras consigo mesmas evidenciam o fato de que as palavras são polissêmicas, carentes de precisão e completude, razão pela qual surge a necessidade de o sujeito-enunciador especificar ou restringir os seus sentidos nos diferentes contextos (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83 apud HILGERT, 2012, p. 119).

Esse tipo está presente "nas glosas que designam, ao modo da rejeição – por especificação de um sentido contra outro – ou, ao contrário, da integração ao sentido, fatos de polissemia, de homonímia, de trocadilho, etc." A autora oferece alguns exemplos: *X, em sentido próprio, figurado; X, nos dois sentidos; X em todos os sentidos da palavra; X, não no sentido...; X, é o caso de dizê-lo; se ousa dizer, etc.* (AUTHIER REVUZ, 2004, p. 83/183).

Segundo a autora, a não-coincidência das palavras consigo mesmas

é colocada – contra as abordagens "monossemizantes", que reduzem a dimensão do equívoco do dizer a fenômenos lúdicos ou acidentais, na perspectiva da recepção – como consubstancial ao jogo do que Lacan chama *Lalangue*, na língua, que devota fundamentalmente o sistema linguístico de unidades distintas, e os enunciados, ao equívoco de uma homonímia generalizada [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 194, aspas do original, sublinhado nosso)

Já as não-coincidências interdiscursivas (AUTHIER-REVUZ, 2011b) ou não-coincidências do discurso consigo mesmo estão presentes em "glosas que assinalam, no discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso", ou seja, "que traçam no discurso, através das relações mais diversas com o outro, uma fronteira interior/exterior." Esse traçado depende, portanto, de uma "interdiscursividade mostrada". (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83/183). A autora apresenta alguns exemplos, tais como: *X, como diz fulano; para retomar as palavras de...; como se diz lá; como se diz por aí, neste meio; como se dizia; X, no sentido de tal discurso; X, no sentido em que fulano emprega; etc.* (AUTHIER REVUZ, 2004, p. 83/183).

Explica a linguista que a não-coincidência do discurso consigo mesmo

é concebida como constitutiva tendo por referência o dialogismo bakhtiniano (considerando que toda palavra, por se produzir em "meio" ao já-dito de outros discursos, é habitada por um discurso outro) e a teorização do interdiscurso no quadro da análise do discurso (cf. M. Pêcheux) que, através de uma evolução que dá cada vez mais lugar à heterogeneidade das próprias formações discursivas, sustenta o princípio fundamentalmente exteriorizante para o dizer em sua determinação por um "isso fala, em outro lugar, antes e independentemente". (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 193, aspas e itálico do original, sublinhado nosso)

Por fim, as não-coincidências interlocutivas, "entre enunciador e destinatário", estão presentes em "glosas que – segundo modos muito diversos [...] – representam o fato de que um elemento não é imediatamente ou não é absolutamente *compartilhado* – no sentido de comum – pelos dois protagonistas da enunciação". Esta modalidade possui natureza essencialmente interativa. A autora oferece alguns exemplos: *digamos X; passe-me a expressão; dê-me o termo exato; como você diz; X, se você quiser; X, compreenda...; X, se você vê o que quero dizer, etc.* "(...) [Essas formas], segundo modalidades variadas, tentam *conjurar* a não-coincidência, isto é, reinstaurar um UM de coenunciação no ponto em que ele é ameaçado". Ao contrário, ocorrem formas "que assumem, nesse ponto, a não-coincidência", como em: *X, sei que você não gosta da palavra; X, como você não diz; X, assim como você ousa dizer, etc.* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83/182-183, itálico e maiúsculas do original)

Essa área de não-coincidência do dizer

com bases teóricas pós-freudianas, é colocada como constitutiva da enunciação: para além das diferenças psicológicas e sociais – espaço onde se inscrevem as "estratégias interativas", os cálculos, cálculos dos cálculos do outro..., que por mais sofisticados que sejam, remetem sempre a uma relação dual, em espelho, e decorrem do "two body psychology" no qual "o outro

aparece como o reflexo do mesmo por meio de uma regra de conversão" – é uma distância estrutural, irreduzível que, pelo fato do inconsciente, singular, marca a relação de dois sujeitos, radicalmente "não-simetrizáveis", para retomar a expressão de J. C. Milner, quer dizer "de que de nenhum ponto de vista a diferença pode ser preenchida", qualquer que seja o cálculo ou a estratégia. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 193, aspas e itálico do original, sublinhado nosso)

Nesse excerto, Authier-Revuz esboça a mesma crítica que repete em vários de seus trabalhos, marcando a diferença de sua concepção teórica acerca dessas formas da não-coincidência que, por outro viés (teorias pragmático-comunicacionais ou interacionais), são concebidas como estratégias de gestão de problemas na interação, sem a consideração, para a autora essencial, da concepção de sujeito efeito da linguagem e de seu dizer atravessado pelo inconsciente. Enfatiza, nesse fragmento, que a distância entre os interlocutores é estrutural (interna), para além da evidente distância inerente à situação de interlocução, o que os torna não-simetrizáveis de um ponto de vista estrutural, não acidental.

A autora diz, ainda:

É nessa relação que articula um imaginário da coincidência a um real de não-coincidência que se inscreve, como os outros tipos de glosas [...], o conjunto das glosas metaenunciativas, que fazem funcionar explicitamente a distância entre os sujeitos falantes, isto é, produzindo figuras da não-coincidência interlocutiva (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 86)

Nesse sentido, a autora entende que o campo da não-coincidência interlocutiva é constitutiva da enunciação, porque funciona na dimensão permanente da enunciação, na articulação do plano do real da não-coincidência com o plano do imaginário da coincidência que sustenta o discurso do sujeito.

Entendemos que essa modalidade de não-coincidência interlocutiva é especial com relação às demais no sentido de que expõe de forma mais evidente a relação entre a interlocução propriamente dita e a dimensão enunciativa; depara-se com os sujeitos falantes na fronteira entre a interlocução e a enunciação, dois aspectos que entendemos não podem deixar de estar articuladas em uma abordagem dos fenômenos enunciativos que, conforme reivindicamos nesta tese, também têm sua face pragmática.

É especial, também, porque, na nossa percepção, o campo das não-coincidências interlocutivas facilita a "conversa" com os outros três, já que o que a define é a explicitação da convocação do tu enunciativo, o que pode se mostrar nas demais construções das não-coincidências, bastando, para isso, que o tu esteja explicitado.

Nesse sentido, Authier-Revuz, embora reconheça a existência dessa imbricação entre os quatro campos, não explora o tema, exceção seja feita aos campos das não-coincidências interdiscursivas e interlocutivas a cuja interrelação dedicou um artigo específico⁷⁷. Nesse artigo, a autora denomina a referida interrelação como "interferências de alteridades no coração do dizer" (AUTHIER-REVUZ, 2011b, p. 6).

Nosso ponto de vista se aproxima dos postulados de Authier-Revuz nos aspectos essenciais de sua teoria, mas se afasta quando a autora a fecha em torno de uma concepção de sujeito radicalmente dominado pelo inconsciente e destituído de qualquer controle sobre o seu dizer, como em muitos momentos deixa entrever. No entanto, em muitos outros pontos da teoria da heterogeneidade, a autora deixa margem para o reconhecimento do "outro lado" das não-coincidências do dizer, o que nos leva ao abalizamento da hipótese geral levantada nesta tese, qual seja, a de que as não-coincidências do dizer comportam uma face pragmática de parentetização.

Nas palavras da autora:

É claramente no âmbito dessa segunda concepção da co-enunciação, como marcada fundamentalmente por um não-um irreduzível, mas baseando-se, ao mesmo tempo, num fantasma de UM não menos irreduzível, que inscrevo o funcionamento das glosas metaenunciativas que põem em jogo explicitamente a dimensão interlocutiva. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 88, maiúsculas do original)

Authier-Revuz inscreve o funcionamento das glosas interlocutivas, bem como de todas as demais, na perspectiva da heterogeneidade enunciativa, opondo-se firmemente às concepções interacionais ou pragmático-comunicacionais que deixam de assim tratá-las. Contudo, não deixa de reconhecer a influência da situação de interlocução concreta na produção enunciativa dos sujeitos falantes. A diferença está em que ela atribui às formas metaenunciativas compreendidas do ponto de vista da heterogeneidade um estatuto enunciativo complexo, ao passo que se as mesmas formas forem concebidas do ponto de vista das teorias pragmáticas ou interacionais, o estatuto atribuído a elas é simples, de metadiscorso ingênuo (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 14), eis que apoiadas na noção da homogeneidade da língua ou, ao menos, sem problematizar essa noção.

⁷⁷ "Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer" (AUTHIER-REVUZ, 2011b, p. 6-20).

[inseridas na perspectiva da heterogeneidade enunciativa], essas glosas metaenunciativas relacionadas ao não-um interlocutivo têm um estatuto enunciativo complexo. **Não se trata de negar a realidade no processo co-enunciativo das estratégias "comunicacionais" de gestão de fatos de não-um, que o enunciador aí inscreve, ao modo da representação que ele lhes dá e, nesse nível de realidade, de recusar radicalmente o caráter operatório das categorias empregadas nas análises conversacionais,** evocadas acima. Mas, para articular tais imagens de "regulagem" da co-enunciação ao real do não-um que, constitutivamente, a afeta, o estatuto dessas glosas desloca-se do estatuto simples, de resposta funcional a uma dificuldade local de comunicação – aquela que elas revestem – para aquele "sintomático", se quisermos, de marca – afloramento, irrupção,... – e de máscara do não-um constitutivo da relação interlocutiva [...] (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 88, aspas do original, negrito e sublinhado nossos)

Como já dissemos neste trabalho, Authier-Revuz reconhece a importância da interlocução como um fator específico da dialogização do discurso (2004, p. 41-48). Todavia, depara-se de forma mais clara com a questão dos falantes reais e com a situação de interação concreta quando trata das não-coincidências do dizer de natureza interlocutiva, a elas dedicando um artigo específico⁷⁸, que cremos ser a síntese da teoria da heterogeneidade, apontando para novos horizontes de estudo das formas metaenunciativas em geral. Nesse texto, a autora estende a maior parte das considerações para os demais campos das não-coincidências.

Seguindo uma margem interpretativa proporcionada pela teoria da heterogeneidade, entendemos que Authier-Revuz compreende que as formas metaenunciativas – que mostram, pontualmente no fio do discurso, fatos das não-coincidências do dizer – devem ser reconhecidas em um plano duplo: face de estratégia comunicativa, que ela designa como "[representação de] operações de 'gestão' local dos pontos de não-um" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 85), e face enunciativa, reveladora da negociação obrigatória de todo sujeito-enunciador com as heterogeneidades que afetam o seu dizer de forma inescapável, nos moldes da dinâmica do jogo do um e do não-um, que caracteriza a modalização autonímica.

Na palavras da autora:

A função dessas formas metaenunciativas deve, a meu ver, ser reconhecida em um plano duplo: aquele em que elas representam operações de "gestão" local dos pontos de não-um – precaução, correção, diferenciação, etc. –, que pode ser descrito em termos de "estratégias comunicacionais", e o plano no qual elas manifestam, num modo que não depende da intencionalidade, a negociação obrigatória de qualquer enunciador com o fato das não-coincidências que afetam irredutivelmente seu dizer: negociação que consiste em reconhecer, nesse

⁷⁸ V. AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 81-103.

dizer, o jogo do não-um, mas ao modo da *denegação*, pela representação que dele é dada – a de um acidente, uma falha local, preservando e até reafirmando assim, nos próprios lugares em que ele é questionado, o fantasma de coincidência, de UM, necessário ao sujeito falante. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 85-86, *italico e maiúsculas do original, negrito e sublinhado nossos*)

A interpretação desse reconhecimento das glosas metaenunciativas em um plano duplo pela autora advém de uma leitura mais ampla de seus vários trabalhos, nos quais deixa entrever a dupla face das expressões de metaenunciação, mas nunca abdicando de sua descrição basilar dentro do marco teórico das heterogeneidades enunciativas.

Por fim, observamos que cada campo de não-coincidência constitui um universo complexo de manifestação dos fenômenos metaenunciativos, com formulações variadas e dinâmicas próprias de funcionamento dentro da dinâmica mais ampla da modalização autonímica. Cabe estabelecermos as grandes diferenças entre eles, nas palavras da autora:

Poderá ser notado que se os dois primeiros parâmetros de não-coincidência – interlocução, interdiscurso – são cobertos pelo dialogismo bakhtiniano bastante sensível ao heterogêneo ligado às "pessoas" e ao peso sócio-histórico nas palavras, não ocorre o mesmo para os dois seguintes, ligado ao real da língua – como ordem própria estranha às coisas e como espaço de equívoco – dimensão que lhe é bastante estranha. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 183, *aspas do original, sublinhado nossos*)

Destacamos, ainda, que todos os campos de não-coincidências descritos por Authier-Revuz estão presentes no *corpus* desta pesquisa, sendo o campo das *não-coincidências interlocutivas* e o das *não-coincidências entre as palavras e as coisas* os de maior ocorrência, ao passo que o campo das *não-coincidências das palavras consigo mesmas* é menos frequente, conforme veremos quando das análises propriamente ditas.

4 A PARENTETIZAÇÃO E A TEORIA DE CLÉLIA SPINARDI JUBRAN

4.1 A ORIGEM DO TERMO E A TRADIÇÃO DE ESTUDOS DOS PARÊNTESES

Em trabalho de fôlego, Stefen Schneider (2007) desenvolve uma pesquisa ampla acerca do fenômeno linguístico dos parênteses e escreve uma das poucas obras sobre o tema de que temos notícia. Seu estudo resulta da combinação entre a abordagem sintática e a pragmática, que pode ser considerada uma perspectiva não discursiva, que, tradicionalmente, tem predominado nessa área. Atualmente, podemos distinguir, *grosso modo*, duas perspectivas teóricas de estudos sobre a parentetização: perspectivas que partem de teorias do texto e do discurso (abordagem textual-discursiva ou textual-interativa) e perspectivas que partem de teorias que não tratam do texto nem do discurso (abordagem que aqui chamamos de não discursiva ou não textual-discursiva).

A partir de uma perspectiva não discursiva, foi desenvolvida a maior parte dos trabalhos sobre parênteses e a língua estudada nesses trabalhos é majoritariamente a inglesa (*parenthetical* ou *parenthetical clause*). O próprio linguista aponta, no prefácio de seu livro, que o tema dos parênteses (ou parentéticos) tem atraído com frequência a atenção dos estudiosos, mas não na intensidade necessária, uma vez que há inúmeros artigos a respeito, mas raramente encontram-se livros dedicados ao tema (SCHNEIDER, 2007, p. IX).

Em contrapartida, o trabalho de Schneider (2007) trata, de forma profunda, monográfica e com extenso inventário, dos parênteses constituídos por orações reduzidas (*reduced parenthetical clauses*) com função mitigadora (atenuadora)⁷⁹ nas línguas francesa, italiana e espanhola. Interessante observar que o linguista assevera que as abordagens tradicionais não dão conta de um tratamento metodológico adequado do fenômeno, razão pela qual prefere manter certa independência e analisar o fenômeno dos parênteses a partir de vários níveis de análise (pragmático, semântico, sintático e prosódico), embora reconheça a influência dessas tradições em seu trabalho (SCHNEIDER, 2007, p. IX/19).

No contexto de uma tese que, por um lado, defende o reconhecimento da existência do fenômeno da parentetização de natureza metaenunciativa e, que, por outro, não encontra na literatura especializada um lugar de descrição e classificação específica desse fenômeno, é

⁷⁹ Atenuação aqui entendida como um fenômeno linguístico-pragmático que se define pela mitigação da força ilocucionária dos atos de fala.

interessante observar que o primeiro exemplo apresentado por Schneider para explicar o que entende por orações reduzidas parentéticas, já na introdução de seu livro, é uma expressão de parentetização metaenunciativa do campo das não-coincidências interlocutivas (*digamos*)⁸⁰ (SCHNEIDER, 2007, p. 1). Isso indica que o fenômeno possui relevância científica e alta recorrência em *corpora* de fala, mas ainda reivindica o seu reconhecimento como uma classe própria a ser investigada e inventariada.

Schneider (2007, p. 19) apresenta um panorama completo e detalhado acerca das origens do termo parênteses e o seu uso em várias línguas europeias, aspectos que nos ajudam a entender os critérios pelos quais, tradicionalmente, esse fenômeno linguístico foi sendo definido.

A palavra *paréntesis*, do grego clássico, foi originalmente usada na retórica para referir-se à inserção de um pensamento na continuidade do discurso, de forma intencional e consciente. Havia também o termo *parémpôsis*, caído em desuso, que aponta para a ideia de casualidade, improvisação, referindo-se a um pensamento não planejado que surge enquanto outro está sendo desenvolvido. Observe-se que ambos os termos foram considerados *figura sententiae*, isto é, uma *figura de pensamento* ou *figura semântica* teoricamente independente de qualquer forma linguística particular, o que também implica a ideia de que o pensamento inserido deve ser manifestado com uma frase completa. No latim, também havia dois termos para designar a ideia de parênteses: *interpositio* e *interclusio*.

O autor levanta uma série de termos usados em várias línguas europeias (alemão, inglês, francês, italiano e espanhol) para se referir a essa realidade linguística dos parênteses. Em algumas línguas, há vários termos diferentes para nomear o fenômeno linguístico e, em algumas delas, alguns desses termos coincide ou não com o nome dos sinais gráficos que, no passado, já eram usados por escribas e impressores para marcar a presença dessas inserções no discurso.

Ainda, qualifica a definição de parênteses como "um conceito problemático", "flexível" e "vago", diante do que apresenta os seis critérios mais utilizados na literatura para definir parênteses, a partir dos quais elabora os seus próprios critérios, apoiando-se mais fortemente nos critérios sintático e pragmático. (SCHNEIDER, 2007, p. 19/22-34/74/77-78).

Os critérios definidores da parentetização, destacados por Schneider (2007, p. 22-34) são os seguintes: prosódia, interrupção da oração hospedeira, falta de um nexos direto, caráter

⁸⁰ O exemplo original, em francês, é: "L2 [...] on est quelques centaines - à être encore des locuteurs **disons** naturels de la langue [...]". Na tradução ao português: "L2 [...] somos algumas centenas que ainda são falantes, **digamos**, naturais da língua".

oracional, relação com a oração hospedeira, função comunicativa. O autor acrescenta que esses critérios englobam quase todos os níveis de análise linguística, da fonologia à pragmática, os mais frequentes na literatura internacional especializada, com a ressalva de que não há menção aos estudos discursivos, em especial os brasileiros. Vejamos os principais critérios destacados pelo autor:

1) Prosódia: a maioria dos autores entende que as estruturas parentéticas ostentam um padrão prosódico típico, sobretudo no que se refere à frequência fundamental, ao ritmo de fala e às pausas. Tanto é assim que há terminologia própria a nomear os fenômenos prosódicos manifestados nos parênteses, a exemplo do termo *entonação parentética*. Vários pesquisadores indicam que os parentéticos são pronunciados com um tom mais baixo, isto é, os parênteses apresentam uma entonação de baixo nível plano, dentre outras marcas prosódicas prototípicas. O autor menciona que a pausa, embora possa estar presente antes e depois dos parênteses, não é considerada um traço prosódico definidor.

2) Interrupção da oração hospedeira: a interrupção da oração ou da frase hospedeira ou posição dentro da hospedeira é a segunda característica normalmente apresentada para definir os parênteses e, eventualmente, é considerada como fator exclusivo de definição, neste caso, de acordo com uma abordagem sintática.

3) Ausência de um nexos direto: o terceiro critério destacado é a ausência de um nexos ligando o parentético à oração hospedeira. O autor cita Schwyzer (1939) que postula que, originalmente, os parentéticos foram orações assindéticas, mas considera que podem ser unidos à oração hospedeira por uma partícula ou uma conjunção, construção esta que afirma ter sido frequente no grego clássico e no latim.

4) Caráter oracional: vários autores entendem que os parentéticos possuem natureza de oração (completa ou reduzida), o que se comprova pela terminologia utilizada nos diferentes autores, por exemplo, termos como oração parentética, frase incidental, frase parentética, inciso oracional, oração incidental. No entanto, o autor informa que o ponto de vista oposto é igualmente difundido, a exemplo das abordagens fonológicas, que consideram que qualquer tipo de expressão pode ser parentética. Muitos autores entendem que a natureza dos parênteses é extremamente variável e que não são caracterizados por uma estrutura específica.

5) Relação com a oração hospedeira: esse critério está relacionado ao critério da ausência de nexos direto entre a oração parentética e a hospedeira e uma possível interação sintática ou semântica entre o parentético e a oração hospedeira. Em que pese esse critério não

seja comumente tratado como definidor exclusivo, esse tipo de relação tem sido bastante discutido na literatura; por exemplo, uns entendem que os parentéticos possuem independência sintática, outros entendem que não.

6) Função comunicativa: a maioria dos autores discute acerca do papel comunicativo desempenhado pelos parentéticos e tenta descrevê-lo. Contudo, Schneider menciona que poucos desses autores delinham suas definições de parênteses com base na função comunicativa, a exemplo de Schwyzer.

O autor encerra o capítulo no qual apresenta os critérios supramencionados fazendo uma síntese conclusiva. Afirma que, desde a retórica clássica, o conceito de parêntese já era definido de diferentes pontos de vista: intencionalidade *versus* acidentalidade, pensamento *versus* formulação linguística real, inserção de uma frase completa *versus* inserção de partes da frase. Na Linguística moderna, outros pontos de vista e critérios foram acrescentados e, em razão da grande variedade desses critérios, o conceito segue sendo muito flexível e excessivamente dependente dos critérios que cada autor desenvolve. Afirma que, em geral, as definições sintáticas são mais estritas; que, de acordo com o critério prosódico, praticamente qualquer construção sintática pode ser parentética; e que as definições pragmáticas também selecionam sequências que não são abordadas pela maioria das definições sintáticas.

Schneider (2007, p. 34-35) conclui que o conceito de parênteses é certamente vago, deixando entrever que o critério que considera mais seguro para definir parênteses é o sintático, que, aliás, foi o mais considerado pelos autores pesquisados, em franco predomínio dessa perspectiva na literatura norte-americana e europeia. Repise-se que o critério sintático, aliado ao pragmático, conformou o norte teórico-metodológico das descrições e análises das orações parentéticas reduzidas que Schneider empreendeu.

Em obra recente e partindo de *corpus* de língua escrita com marcas de oralidade, Catalina Fuentes Rodríguez (talvez a autora que mais tenha se dedicado aos parentéticos em língua espanhola) avança em seus estudos da parentetização pelo viés sintático. Reivindica uma abordagem global, textual, uma "metodologia integradora" para o estudo dos parênteses, bem como o estabelecimento de critérios claros para a definição do que é ou não parentético. Aponta, assim como Schneider (2007), para a existência de abundância terminológica na "ampla e diversa bibliografia sobre o tema da periferia e/ou da pausa", que gera confusões ao incluir "estruturas afins" na classe dos parênteses. (FUENTES RODRÍGUEZ, 2018, p. 7-9/11).

4.2 A TEORIA DA PARENTETIZAÇÃO DE CLÉLIA SPINARDI JUBRAN

Em linha de oposição à abordagem teórica de Schneider (2007) e de Fuentes Rodríguez (2018), que privilegiam o enfoque sintático combinado com o pragmático, encontram-se os estudos realizados sob perspectiva teórica diversa, a saber, os estudos brasileiros, que se caracterizam por assumirem um viés textual-discursivo ou textual-interativo na abordagem do fenômeno da parentetização, assim denominado pela maioria dos autores que estudam o tema no Brasil.

O movimento teórico que vai da língua ou da estrutura da língua (sistema) ao discurso aproxima a abordagem que os estudos brasileiros conferem ao tema da parentetização da abordagem enunciativa, eleita como suporte teórico de base para o desenvolvimento desta tese.

A linguista que mais se dedicou ao tema da parentetização na língua portuguesa foi Clélia Spinardi Jubran, cujos trabalhos servem de fundamento teórico para a maioria das pesquisas sobre parênteses no Brasil e também em Portugal.

A teoria concebida por Jubran se desenvolveu no contexto do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), cujas pesquisas tiveram início no ano de 1987. O PGPF foi idealizado e coordenado por Ataliba Teixeira de Castilho, do qual resultaram os dez volumes da Gramática do Português Falado, elaborados por mais de 30 pesquisadores de várias universidades brasileiras, todos baseados em trabalho de *corpus* (Projeto NURC/BR), um ponto que também aproxima a presente pesquisa dessa tradição de estudos da língua oral no Brasil:

O PGPF reuniu entre 1988 e 2000 cerca de 32 pesquisadores, ligados a 12 universidades brasileiras, distribuídos pelos seguintes GTs: (1) Fonética e 7 Fonologia, coordenado inicialmente por João Antônio de Moraes, e posteriormente por Maria Bernadete Marques Abaurre; (2) Morfologia Derivacional e Flexional, coordenado por Margarida Basílio e Ângela Cecília de Souza Rodrigues, respectivamente; (3) Sintaxe das Classes de Palavras, coordenado inicialmente por Rodolfo Ilari, e posteriormente por Maria Helena de Moura Neves; (4) Sintaxe das Relações Gramaticais, coordenado inicialmente por Fernando Tarallo, e posteriormente por Mary Aizawa Kato; (5) Organização Textual-Interativa, coordenado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Como dados para as análises, foram usadas as gravações do Projeto NURC. (CASTILHO, 2005, p. 6-7)

No âmbito do PGPF, nasceu o Grupo de Organização Textual-interativa, responsável por estudos sobre a organização textual interativa do texto falado, coordenado por Ingedore

Grunfeld Villaça Koch⁸¹. O Grupo "enfrentou o desafio de elaborar uma proposta teórica para a análise do texto falado, que ficou conhecida como perspectiva textual-interativa" (JUBRAN, 2015, p. 28).

4.2.1 A perspectiva textual-interativa

A perspectiva textual-interativa apoia-se na concepção de linguagem como "uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente com relação ao outro" (JUBRAN, 2015, p. 32), ou seja, a linguagem é considerada uma "atividade de interação social" (p. 33). A escolha do texto como produto dessa interação e como objeto de estudo são fundamentos assumidos pela perspectiva textual-interativa, que tem em suas raízes epistemológicas e teóricas a articulação de três áreas da Linguística que se ocupam do funcionamento da língua em uso, quais sejam, a Pragmática, a Linguística Textual e a Análise da Conversação.

A ideia de estabelecer uma abordagem múltipla a compor a perspectiva textual-interativa nasce da própria natureza do objeto de estudo fala, que exige a mobilização de várias áreas para dar conta de sua explicação enquanto fenômeno multifacetado, uma ideia compartilhada pela perspectiva da interface teórica defendida na presente tese.

Neste ponto, fazemos um parêntese para dizer que, embora nesta tese não trabalhemos a partir da perspectiva do texto, é necessário adotarmos uma posição acerca do tema. A noção de texto que nos interessa no contexto do presente trabalho sintoniza com a ideia de que o texto é o lugar por excelência da interação no qual a construção dos sentidos se dá em uma relação interior-exterior da língua, ou seja, é um processo que indica um movimento, e não um produto acabado. Concebemos o texto como a materialização concreta da enunciação, instância pressuposta a que não temos acesso de forma direta, e sim mediada pelo enunciado (texto oral, escrito ou imagético). O enunciado, como produto da enunciação, é materializado em texto, instância concreta a que o pesquisador tem acesso para trabalhar os fatos de língua.

⁸¹ Ao finalizar seus trabalhos, o Grupo de Organização Textual-Interativa era integrado pelos seguintes pesquisadores: Ingedore Grunfeld Villaça Koch (UNICAMP), Luiz Antônio Marcuschi (UFPE), Leonor Lopes Fávero (USP), Maria Lúcia Victório de Oliveira Andrade (USP), Hudinilson Urbano (USP), Zilda Gaspar Oliveira Aquino (USP), Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (PUC-SP), Luiz Carlos Travaglia (UFU-MG), José Gaston Hilgert (UPF-RS), Giselle Machline de Oliveira e Silva (UFRJ), Mercedes Sanfelice Risso (UNESP-Assis) e Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (UNESP-São José do Rio Preto) (JUBRAN, 2015, p. 27).

Essa visão se opõe a ideia de texto como um lugar no qual os sentidos estão prontos e aptos a serem apreendidos de forma objetiva pelo sujeito; ao contrário, o sujeito é elemento central na construção dos sentidos no texto (discurso) e deixa as suas marcas na superfície da língua. Para além da subjetividade, é a intersubjetividade, que a constitui, que se manifesta de forma privilegiada em alguns pontos do texto (discurso), como é o caso das expressões de parentetização metaenunciativa.

No contexto desta tese, de base enunciativa, sempre preferiremos os termos *discurso* e *enunciado* em vez de *texto*. Nesse sentido, cremos que é importante distinguir as noções de texto e de discurso, ainda que entendamos que operam de forma imbricada, mas, quando dizemos *texto*, queremos apenas dar ênfase à materialização do discurso, à manifestação concreta dos fenômenos discursivos na superfície da língua, o material de trabalho do pesquisador, aquilo que ele pode observar e analisar de forma palpável. Nesse sentido, adotamos a diferença entre texto e discurso oferecida por Fiorin (2012, p. 148)⁸²: o discurso é do plano do conteúdo e o texto é do plano da expressão.

Assim, entendemos que o discurso é da ordem da imanência e do conteúdo; o texto é da ordem da expressão, da manifestação. O texto é a manifestação do discurso por meio de um plano da expressão, o que significa que um mesmo discurso pode ser manifestado por textos diversos. Por outro lado, certas relações que se estabelecem entre o texto e o discurso dão uma dimensão sensível ao conteúdo, porque este não é apenas veiculado pelo plano da expressão, mas recriado nele.

A seu turno e em síntese, Jubran (2007, p. 312-327) apresenta os cinco princípios que, de forma interligada, fundamentam a perspectiva textual-interativa: as propriedades e funções textuais são definidas no uso da língua; os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística; as regularidades relacionadas ao processamento de procedimentos de construção textual devem ser levantadas; as funções textuais são conjugadas com as funções interacionais (princípio da gradiência); o estabelecimento de classes não-discretas de elementos deve ser realizado.

Destacamos o princípio da gradiência, segundo o qual "a análise das estratégias de elaboração textual não dicotomiza as funções textual e interativa" (JUBRAN, 2015, p. 33), ao

⁸² Adotamos a diferenciação entre texto e discurso de Fiorin (2012, p. 148), embora entendamos que essa distinção atue mais na ordem da praticidade para a análise linguística, pois ambas as posições são defensáveis: texto e discurso são duas faces do mesmo fenômeno ou não há distinção entre um e outro.

contrário, considera-as duas dimensões que atuam de forma imbricada no texto, havendo, no entanto, a dominância de uma ou de outra. Melhor esclarece a autora:

[...] quando um determinado procedimento de construção textual atua preponderantemente na organização informacional do texto, decresce a manifestação das contingências da interlocução, sem que se obliterem as demandas pragmáticas para a ocorrência desse procedimento. Por outro lado, quando um procedimento de textualização apresenta uma tendência mais acentuada para focalizar a atividade enunciativa, sinalizando o predomínio da função interacional, sua funcionalidade no andamento do fluxo informacional passa a segundo plano, sem que, com isso, sejam anuladas as suas implicações no desenvolvimento do texto. (JUBRAN, 2015, p. 33)

Assim, no contexto da perspectiva textual-interativa, a parentetização (JUBRAN, 2015) é considerada uma atividade ou estratégia de construção textual (texto falado ou escrito), ao lado de outras, tais como a repetição, a hesitação, a correção e o parafraseamento.

4.2.2 O conceito de tópico discursivo (JUBRAN, 2015)

A autora manifesta a importância e a complexidade de se definir uma categoria como unidade de análise no contexto de uma abordagem de natureza textual-interativa do português falado:

A fixação de critérios para a apreensão de uma unidade de análise de natureza textual é dificultada por um conjunto de fatos como a interferência de pressuposições e conhecimentos compartilhados pelos falantes durante a conversação; a fluidez e dinamicidade com que se desenvolve a conversa, muitas vezes com sobreposições de vozes e ausências de marcas formais que permitam nítidas delimitações dos segmentos textuais; a atuação de elementos não verbais, como gestos, olhares, expressões fisionômicas, aos quais o analista nem sempre tem acesso. (JUBRAN, 2015, p. 86)

Diante desse quadro, a autora reafirma a "necessidade de uma base objetiva para a caracterização de uma unidade transfrástica" (p. 86) que seja operacional, mas que ofereça segurança e objetividade quando da identificação das unidades textuais, elegendo, para tanto, a categoria do tópico discursivo. Concebe essa categoria como unidade analítica e apresenta duas propriedades que a caracterizam: a centração e a organicidade. A partir delas, define tópico discursivo como uma "categoria abstrata e analítica, com a qual se opera na descrição da organização tópica de um texto" (p. 87).

A propriedade tópica da centração abrange três traços: concernência (relação de interdependência entre elementos textuais), relevância (proeminência desses elementos na constituição do conjunto referencial) e pontualização (localização desse conjunto referencial em determinado ponto do texto). Esses traços oferecem critérios para o reconhecimento do estatuto tópico de determinado fragmento textual.

Já a propriedade tópica da organicidade, que se manifesta por relações de interdependência entre os tópicos, ocorre simultaneamente em dois planos: no plano hierárquico e no plano linear. O primeiro diz respeito às dependências de superordenação e subordenação entre os assuntos e o seu grau de abrangência, indo de um tópico mais amplo até um mais particular; o segundo diz respeito às articulações estabelecidas entre os tópicos quanto à sua distribuição na linearidade textual e se caracterizam por dois fenômenos: a continuidade e a descontinuidade.

As noções de continuidade e descontinuidade tópicas são importantes para o entendimento do conceito de parentetização em Jubran (2015) e, por conseguinte, para que se percebam os pontos que unem a sua teoria com a teoria da heterogeneidade de Authier-Revuz, em especial, a ideia de parêntese como desvio ou ruptura.

Nas palavras da autora:

A continuidade decorre de uma organização sequencial dos tópicos, de forma que a abertura de um se dá após o fechamento do outro, precedente. Em outros termos, ela se define por uma relação de adjacência entre segmentos tópicos, que ocorre na circunstância específica de esgotamento do tópico anterior e mudança para um novo tópico. (JUBRAN, 2015, p. 92)

Jubran afirma que "a descontinuidade decorre de uma **perturbação** da sequencialidade linear" do texto, que ocorre da seguinte forma:

- a. um tópico introduz-se na linha do texto antes de ter sido esgotado o precedente, podendo haver ou não o retorno deste, após a **interrupção**;
- b. um tópico é apenas anunciado em determinado(s) momento(s) no texto, para somente ser desenvolvido em uma etapa posterior da conversação;
- c. um tópico já abordado anteriormente é reintroduzido em um ponto posterior do texto, de modo que os seus segmentos coconstituintes ficam distanciados na linearidade textual. (JUBRAN, 2015, p. 94, **negritos nossos**)

A partir dessas diretrizes, Jubran apresenta três tipos de descontinuidade tópica, que se apresentam como critérios de sua definição: a ruptura tópica, a cisão de tópico (subtipos inserção e alternância) e a expansão tópica. A descontinuidade tópica é definida:

- a. pela **suspensão definitiva** de um tópico, quando um novo tópico provoca seu **corte**, ocasionando uma **ruptura** caracterizada pelo não retorno do **interrompido**;
- b. pela **cisão** de um tópico em partes, que se apresentam de forma não adjacente na linearidade do texto, em decorrência da **intercalação**, no seu interior, de outro(s) tópico(s);
- c. pela expansão posterior de um tópico apenas anunciado anteriormente. (JUBRAN, 2015, p. 95, negritos nossos)

É importante a apresentação desses aspectos relativos ao tópico discursivo porque será a partir dessa unidade de análise que Jubran irá desenvolver toda a sua teoria da parentetização. Observe-se que grifamos alguns termos nos trechos acima no intuito de chamar a atenção para os traços semânticos em comum na definição de parêntese de Jubran e a definição de ruptura metaenunciativa em Authier-Revuz, já apresentada neste trabalho.

4.2.3 O conceito de parentetização (JUBRAN, 2015) e sua problematização

Antes de mais nada, queremos frisar que o entendimento mais aprofundado do conceito de parentetização, no âmbito da teoria de Jubran (2015), implica interpretá-lo à luz de outros conceitos desenvolvidos em sua teoria, em especial, do conceito de tópico discursivo (JUBRAN, 2015, p. 85-126), que a autora pormenoriza ao detalhe. A complexidade desse construto conceitual exigiria que dominássemos uma área dos estudos linguísticos que, reconhecemos, não é de nosso domínio e escapa, por conseguinte, aos objetivos desta tese.

A ideia é delinear as diretrizes do conceito de Jubran para possibilitar a sua compreensão a partir de uma ótica teórica interna e básica, em atenção aos nossos objetivos de pesquisa, sem a imposição do nosso referencial teórico de base⁸³, com o fim de tecer uma análise crítica do conceito de parentetização de Jubran, ainda que sob a forma de esboço. A crítica é feita tendo em mira o reconhecimento da grandeza do trabalho dessa linguista brasileira, que deixou um importante legado para a Linguística. Seu trabalho, ao ser revisado criticamente, faz girar a roda da ciência linguística, que é o que se espera de uma pesquisa que pretende contribuir para a ampliação dos estudos na área.

⁸³ Está claro que tal afirmação não exime o processo dialógico de interpretação (compreensão) dos fatos do mundo (inclusive os linguísticos) que se dá a partir de um conjunto de valores prévios que determinam as feições desse processo de interpretar (compreender). A língua e o signo linguístico não são neutros, são ideológicos; o intérprete sempre atribuirá valor àquilo que interpreta.

Tomando por base a noção de tópico discursivo é que Jubran irá definir parênteses, enfoque que se afasta, portanto, dos enfoques dominantes nos estudos da área, notadamente na Europa, conforme a compilação de estudos e critérios definidores levantados por Schneider (2007) e Fuentes Rodríguez (2018). A maioria dos estudos seguem uma linha não textual ou discursiva e, partem, portanto, de uma perspectiva sintática ou pragmática⁸⁴, que consideram como unidade de análise, via de regra, segmentos frasais, oracionais ou os atos de fala, e não o texto ou o discurso. A consideração do tópico discursivo como unidade de análise é um construto teórico de Jubran (2015), que, inserido num movimento teórico e metodológico textual-interativo, influenciou e segue influenciando fortemente os trabalhos produzidos em língua portuguesa⁸⁵, no Brasil e em Portugal.

Jubran desenvolve seus trabalhos sobre parentetização em diversos momentos (por exemplo, 1999, 2009), mas é na obra *A construção do texto falado*, publicada em 2015⁸⁶ e por ela organizada, que expõe de forma completa e revisada a sua teoria da parentetização. Essa obra integra a Gramática do Português Culto Falado no Brasil, resultado de um longo percurso de estudos iniciados pelo Grupo Organização Textual-interativa, no bojo do Projeto de Gramática do Português Falado, conforme já mencionamos.

Ainda nessa obra, no artigo "Parentetização", a autora desenvolve um único conceito de parentetização, que, no entanto, desdobra-se em vários aspectos, tendo em vista a presença de vários termos diferentes (mas afins) para nomear o fenômeno.

Ao lermos as primeiras páginas em que Jubran desenvolve o conceito de parênteses, deparamo-nos com uma explanação que poderia gerar uma sorte de confusões conceituais num cenário de definições, por vezes, tautológicas. Nesse passo, corroboramos o que Schneider (2007) e Fuentes Rodríguez (2018) nos informam no sentido de que o tema dos parênteses é

⁸⁴ Referimo-nos aos estudos com que tivemos contato pela bibliografia sobre parênteses, em especial, pelas duas obras de linguistas dedicados a esse tema (SCHNEIDER, 2007 e FUENTES RODRÍGUEZ, 2018), lembrando que ambos os autores destacam a escassez de trabalhos específicos que aprofundem o tema da parentetização. Quanto à abordagem pragmática, devemos dizer que existe uma variedade de abordagens dentro da grande área chamada Pragmática, desde as mais "ortodoxas" (próximas à sua origem lógica) até as mais distantes dessa origem, conforme refere Rajagopalan (2010), que reivindica uma "Nova Pragmática".

⁸⁵ Ver: PAIVA, Crisicene Lara Barbosa. *Proposta teórico-metodológica para análise de inserções parentéticas em chat educacional no ensino de língua espanhola*. 2013. Tese (Doutorado em Letras/Filologia) – Faculdade de Ciências e Letras/Faculdade de Filologia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Universidade de Salamanca, Araraquara/Salamanca, 2013, p. 85-87.

⁸⁶ Em 2006, essa obra já havia sido publicada, pela Editora da UNICAMP, com organização de Clélia Spinardi Jubran e Ingedore Koch. Em 2015, sai a publicação da mesma obra pela Editora Contexto, com organização exclusiva do volume por Clélia Spinardi Jubran, que, igualmente, revisa e amplia alguns pontos de seus dois artigos constantes dessa obra, intitulados "Parentetização" e "Tópico discursivo". A autora realizou as maiores modificações neste último.

nebuloso e é, neste cenário, que propomos seja reconhecida uma categoria própria de parêntese, não descrita na literatura sobre o tema: os parênteses metaenunciativos.

Para alcançarmos esse objetivo, é necessário entendermos melhor a mais importante teoria discursiva da parentetização em língua portuguesa.

Jubran inicia a seção intitulada "Parênteses: uma modalidade de inserção" discorrendo acerca do conceito de "centração tópica" ("concentração da interação verbal em um determinado conjunto de referentes, explícitos ou inferíveis, concernentes entre si"), que define como um parâmetro para reconhecer uma inserção dentro de um segmento tópico, "porque **os elementos inseridos não são atinentes à construção tópica** dessas unidades textuais. Por esse motivo, **as inserções têm a natureza de desvio tópico**" (JUBRAN, 2015, p. 280, negritos nossos).

Iniciando a análise das ideias acima delineadas, podemos dizer que o conceito de centração tópica é dotado de certa vagueza e circularidade, pois não deixa claro o que significa "conjunto de referentes concernentes entre si". No mesmo sentido, não está claro o que significa que a centração é parâmetro para definir inserção "porque os elementos inseridos não são atinentes" ao tópico. Perguntamos qual a extensão semântica dos termos "referentes", "concernentes" e "atinentes"? De imediato, percebemos que as primeiras tentativas de definição já abririam margem a várias interpretações, em especial, quando fossem aplicadas a segmentos de fala em *corpus*.

No entanto, as respostas a esses questionamentos se encontram no outro artigo, já referido, em que a autora trata do tema do tópico discursivo. A compreensão dos conceitos desenvolvidos nesse artigo específico é condição *sine qua non* para a compreensão do conceito de parentetização desenvolvido. Encontramos as seguintes definições acerca da propriedade da centração tópica, já mencionadas brevemente neste capítulo:

a. *concernência*: relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto específico de referentes (objetos de discurso) explícitos ou inferíveis, instaurando no texto como alvo da interação;

b. *relevância*: proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;

c. *pontualização*: localização desse referencial em determinado momento do texto falado, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos, interacionalmente instauradas. (JUBRAN, 2015, p. 87, itálicos do original)

Do que até aqui dissemos, já podemos inferir que Jubran (2015) considera que *inserção* é gênero do qual *parênteses* é espécie (uma modalidade). Temos, em princípio, uma primeira distinção entre os termos *inserção* (mais geral) e *parênteses* (específico). Podemos inferir, também, que as inserções (gênero) são desvios tópicos porque não são dotadas de centração.

A seguir, a autora afirma que a propriedade da centração também é um critério que serve para classificar as inserções em dois subtipos e passa a descrevê-los:

Além de possibilitar o reconhecimento de inserções, o critério da centração tópica pode ser aplicado à observação do segmento inserido, levando à constatação de duas modalidades de inserção:

a. a primeira, de maior extensão textual, tem estatuto tópico, porque instaura uma outra centração dentro do segmento tópico em que ocorre, provocando a divisão desse segmento em partes não contíguas na linearidade do texto. Nesse caso, teríamos, por exemplo, um esquema como "tópico A (tópico B inserido) retorno ao tópico A";

b. a segunda, de menor extensão textual, não tem estatuto tópico, por não constituir uma nova centração e, portanto, por não projetar e desenvolver um outro tópico discursivo dentro do que estava em curso. Nesse caso, o elemento inserido provoca uma breve suspensão do tópico no qual se encaixa, de modo que não ocorre a cisão desse tópico em porções textuais nitidamente separáveis, porque a sua interrupção é momentânea e a retomada é imediata. Teríamos, então, "tópico A (suspensão momentânea do tópico A) continuidade do tópico A". (JUBRAN, 2015, p. 280, sublinhados nossos)

As inserções (gênero) comportam dois tipos de inserções: a primeira, mais extensa, que constitui um tópico novo inserido em outro tópico maior que estava em curso, em esquema teríamos "tópico A (tópico B inserido) retorno ao tópico A"; a segunda, mais curta, que constitui uma breve suspensão do tópico em curso, em esquema teríamos "tópico A (suspensão momentânea do tópico A) continuidade do tópico A". Assim, Jubran propõe uma tipologia bipartida do que ela chama de inserção (tipo a. e tipo b.) e, logo após, esclarece que "os parênteses integram-se nesse segundo grupo" (p.280), ou seja, os parênteses não possuem natureza tópica, são de menor extensão e suspendem brevemente um tópico em curso, que, após a suspensão, retomará seu curso normal.

Numa análise inicial, já percebemos que essa dinâmica estrutural do elemento inserido (parêntese) está em harmonia com a estrutura dos parênteses metaenunciativos, que seguem os movimentos de ruptura (ligada) inerentes à modalização autonímica.

Após a apresentação das duas modalidades de inserção, Jubran formula uma definição mais completa, postulando que os parênteses são "**uma modalidade de inserção, definida como breves desvios de um tópico discursivo, que não afetam a coesão do segmento tópico dentro do qual ocorrem**" (2015, p. 280, grifos nossos).

O movimento de ruptura descrito por Jubran guarda relação com o movimento de ruptura descrito por Authier-Revuz. No entanto, ao complementar a definição, Jubran define que essas rupturas parentéticas "não afetam a coesão do segmento tópico dentro do qual ocorrem". *Mutatis mutandis*, essa noção se afasta do movimento completo da modalização autonímica. Não temos instrumentos teóricos suficientes para adentrar o âmbito da teoria de Jubran e argumentar em sentido contrário, tentando entender por que excluiu dos parênteses a sua função coesiva ou talvez essa não seja a interpretação correta do postulado, que deixamos para outros pesquisadores refletirem.

O que podemos afirmar é que, do ponto de vista da teoria da heterogeneidade, essas rupturas promovidas pelos parênteses provocam dois movimentos simultâneos: ruptura e coesão, nos termos já amplamente discutidos ao longo desta tese. Os parênteses metaenunciativos rompem o dizer (nesse aspecto ambas as teorias se aproximam), ao mesmo tempo que costuram esse dizer, formando o que Authier-Revuz (1998, p. 27; 2004, p. 182) chama de ruptura ligada ou ruptura sutura (nesse aspecto ambas as teorias se afastam).

Diante da definição bipartida das inserções, a autora apresenta dois exemplos, extraídos de inquéritos do Projeto NURC/BR, que ilustram o que acabou de explicar (tipologia das inserções):

(1)

Inf. – nós temos que confiar... no sistema democrático... porque é através desse sistema democrático que nós podemos ... obter *como já disse anteriormente e repito* ... toda ... uma série eNorme de reivindicações... [DID REC 131]

(2)⁸⁷

L2 – mas eu tenho a impressão que ela acabou se vendo mais

L1 – [()

L2 – ou menos numa () mais ou menos ()

L1 – [cerceada não é?

⁸⁷ Sentimos a necessidade de consultar o inquérito original do qual esse segmento foi retirado, para melhor contextualização e compreensão do exemplo apresentado por Jubran: L1 e L2 são duas mulheres, uma advogada e outra pedagoga (esposa de advogado), que conversam sobre uma Procuradora Geral do Estado que enfrentou dificuldades no exercício desse cargo em razão de atuar num meio predominantemente masculino (nos anos 1970).

L2 – cerceada ela chegou a um ponto ... *eu não a conheço eu a vi duas ou três vezes eu nunca conversei com ela () mas pelo que chega a gente de terceiros...* parece que ela (ao menos) tentou lutar e::

L1 – não

L2 – não conseguiu ... ela também está não sei a impressão

[

L1 – (insegurança né?)

L2 – que eu tenho pelo menos ... ela também está meia:... desiludida

[D2 SP 360] (JUBRAN, 2015, p. 281, itálicos do original)

Com esses dois exemplos, Jubran quis ilustrar não somente as inserções parentéticas, mas também os dois critérios (textual e frástico) definidores do processo de parentetização. No exemplo (1), a expressão "como já disse anteriormente e repito" é considerada parentética por ambos os critérios, pois a frase "não tem a sua estrutura sintática conturbada" (p. 281), aspecto definidor para a perspectiva sintática (frástica). Já no exemplo (2), a expressão maior destacada em itálico é considerada parentética para a perspectiva textual, mas não para a perspectiva frástica porque "não há, portanto, como em (1), a continuidade sintática da frase suspensa pelo parêntese" (p. 281, sublinhado nosso):

Sob a perspectiva textual, os segmentos em itálico tanto em (1) quanto em (2) são considerados casos de inserção parentética porque têm a peculiaridade do desvio tópico: eles se constituem como informações paralelas ao tópico discursivo em curso. Conclui-se assim que, em uma análise textual, particularmente de texto falado, o traço de complementação sintática da frase que comporta a inserção não é, por si só, definidor do processo de parentetização. (JUBRAN, 2015, p. 282, sublinhado nosso)

A análise mais profunda dos parênteses no contexto da teoria de Jubran (2015) cresce em complexidade quando tomados, em conjunto, os conceitos de *centração* e *organicidade*, considerados como "propriedades definidoras do tópico discursivo", eis que dessas propriedades derivam várias definições, tais como *continuidade* e *descontinuidade*, que a autora subdivide em três tipos (*ruptura tópica*, *cisão do tópico* – categoria na qual inclui a *inserção* e a *alternância* – e *expansão tópica*) (JUBRAN, 2015, p. 87-103). Fazemos essa observação apenas a título de ilustração do complexo construto teórico concebido por Jubran, sem, no entanto, termos a intenção de desenvolver essas noções, que, como já dissemos, vão muito além dos alcances desta pesquisa.

Destacamos a variedade de termos utilizados por Jubran para definir os parênteses (*ruptura*, *cisão*, *corte*, *inserção*, *encarte*, *interrupção*, *suspensão* etc.), todos termos que se afinam

com os termos utilizados por Authier-Revuz quando descreve as formas da modalização autonímica (ruptura, cisão, perfuração, enxerto, inserção, suspensão, interrupção, etc.)

A propósito de alguma avaliação negativa atribuída ao uso de termos como, por exemplo, *desvio*, Jubran pondera que os parênteses têm destacado papel na construção dos sentidos, razão pela qual "não podem ser consideradas como desvios descartáveis do texto, porque a contextualização interacional do que está sendo falado orienta a própria compreensão da fala" (JUBRAN, 2015, p. 282).

Ainda na linha teórica dos estudos do texto, Koch (2018a, 2018b) se refere ao fenômeno da parentetização com o termo *inserção*, dispensando os termos *parênteses*, *parentetização* ou *inserção parentética*. Por um lado, parece que Koch está em busca de uma denominação mais adequada para o fenômeno, mas, por outro, parece não destoar dos postulados da teoria de Jubran (2015).

De toda forma, em conformidade com a perspectiva teórica de base, adotada para o desenvolvimento desta pesquisa, consideramos todos esses termos legítimos para nomear o fenômeno por nós denominado de parentetização metaenunciativa, que se define por sua própria natureza de metaenunciado (não por outro critério), com a ressalva de que esse desvio, essa ruptura sempre implicará um outro movimento concomitante, de desdobramento da enunciação sobre ela mesma (laçada reflexiva).

Os parênteses metaenunciativos, nos termos por nós defendidos, caracterizam-se pela dinâmica de ruptura ligada, pontos específicos na cadeia discursiva que faz emergir o sujeito que, clivado, deixa suas marcas no fio do discurso, ao mostrar que ele não diz sozinho, mas com o(s) outro(s).

Em sintonia com o que propomos nesta tese, concebemos que esses metaenunciados parentéticos exercem não só funções enunciativas, mas também funções pragmáticas relevantes, no sentido que Jubran define com relação aos parênteses do ponto de vista da perspectiva textual-interativa:

Nesse sentido, o parêntese acaba sinalizando relações interpessoais, e sua interposição no tópico em curso decorre da avaliação mútua dos agentes da interlocução [...].

Confirma-se, desse modo, **a dimensão pragmática dos parênteses**: eles materializam a atividade interacional no texto falado, contextualizando-o na situação de enunciação. Confirma-se também que, desviando-se do tópico em que se encartam, os parênteses acabam atuando sobre a dimensão ideacional do texto, pela interferência, no significado dos enunciados tópicos, dos dados

pragmáticos que introduzem (JUBRAN, 2015, p. 284-285, **negrito e sublinhado** nossos).

A seguir, trataremos das classes e das funções desempenhadas pelos parênteses segundo a perspectiva textual-interacional de Jubran, que nos fornece muitos elementos para a composição da interface teórica aqui proposta para a descrição e a análise dos fenômenos da parentetização metaenunciativa.

4.2.4 As classes de parênteses e suas funções (JUBRAN, 2015)

Jubran (2015, p. 302-303) apresenta um quadro esquemático das quatro grandes classes de parênteses e suas funções textual-interativas específicas, concebidas a partir de análises em *corpus* de língua falada do português brasileiro (NURC/BR):

Classe	Foco	Funções
a	Conteúdo tópico	a) exemplificação b) detalhamento de informação c) ressalva d) retoque e correção
	Elaboração tópica	Formulação linguística a) explicitação do significado de palavras b) indicação de mudança de registro c) verbalização da atividade formulativa d) sinalização de busca de denominações e) solicitação de colaboração do interlocutor na seleção lexical
	Estrutura tópica	a) marcação de subdivisões de um quadro tópico b) marcação de retomada do tópico c) marcação do estatuto discursivo de um fragmento do texto
b	Locutor	a) qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico b) manifestação de interesse ou desinteresse pelo tópico c) indicação de desconhecimento do tópico d) manifestações atitudinais do locutor em relação ao tópico e) indicação da fonte enunciativa do discurso
c	Interlocutor	a) estabelecer inteligibilidade do tópico b) evocar conhecimento partilhado do tópico c) testar a compreensão do locutor d) instaurar convivência com o interlocutor e) chamar a atenção do interlocutor para um elemento do tópico f) atribuir qualificações ao interlocutor para a abordagem do tópico
d	Ato comunicativo	a) sinalização de interferências de dados externos ao ato comunicativo

		b) estabelecimento da modalidade do ato comunicativo c) estabelecimento de condições para a realização ou o prosseguimento do ato comunicativo d) avaliação do ato comunicativo e) negociação de turnos
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 4 – Classes e funções dos parênteses (JUBRAN, 2015, p. 302-303)

Sob uma perspectiva textual-discursiva, essa é a classificação mais detalhada que encontramos na literatura, razão pela qual nos serve como ponto de partida para pensarmos na proposta de classificação da parentetização metaenunciativa. Essa classificação ganha em complexidade quando analisamos os exemplos utilizados pela autora para ilustrar cada classe e subclasse.

A classificação de Jubran (2015) deriva diretamente de todos os conceitos e princípios que estão na base de sua teoria da parentetização, portanto, deve ser interpretada de forma sistemática e a partir da unidade de análise desvio tópico.

No nosso entender, o critério da topicidade oferece certa dificuldade ao analista, que, diante de enunciados em *corpus* de fala, tem que decidir se o segmento em questão ostenta ou não estatuto tópico. Conforme registraremos no capítulo dedicado às análises propriamente ditas, verificamos essa dificuldade ao analisarmos as transcrições realizadas pelos transcritores do Projeto NURC/SP, que demonstraram grande oscilação na marcação das inserções parentéticas seguindo o critério do desvio temático de Jubran (2015) no que se refere aos metaenunciados (também descritos por Jubran enquanto marcadores discursivos em sua maioria): os travessões duplos nem sempre estavam presentes nesses parênteses.

Por outro lado, também encontramos dificuldades para a identificação dos fenômenos quando do levantamento das formas metaenunciativas no nosso *corpus* de pesquisa sob outros critérios (os da metaenunciação), assim definidos para a identificação dos fenômenos em *corpus*. Em outras palavras, essas dificuldades são inerentes ao processo de pesquisa em linguagem, cujas categorias são deslizantes, escorregadias.

Nesse mesmo sentido, ao apresentar as classes e as funções dos parênteses da primeira classe (A), referente ao "parênteses focalizadores do conteúdo tópico" (p. 303), a própria autora reconhece tal dificuldade e relativiza o parâmetro do desvio tópico, bem como questiona a sua eficácia operacional na definição desse tipo de parênteses.

Nas palavras da autora:

Os casos de parentetização englobados nesse tipo estão na situação-limite de reconhecimento de um segmento textual como parentético ou não, porque atenuam a propriedade de desvio tópico particularizadora de parentetização, na medida em que, enfocando o conteúdo tópico, mantêm algum traço de aproximação com ele. São esclarecimentos, analogias, exemplificações, justificativas, correções, ressalvas, retoques, reiteração ou desdobramento de informações tópicas.

Pelo fato de esses parênteses guardarem proximidade com o tópico discursivo em desenvolvimento, é menos operacional o critério do desvio tópico para a sua identificação, que se fundamentará, então, nas propriedades formais de parentetização (cf. item "Marcas formais de inserção parentética"). É através das marcas formais do processo parentético que podemos discernir quando esclarecimentos, exemplificações e analogias, por exemplo, adquirem ou não estatuto de parênteses. (JUBRAN, 2015, p. 303)

O fragmento em destaque renderia uma análise crítica profunda, tendo em vista que a autora transfere o parâmetro de identificação dos parênteses focalizadores do conteúdo tópico (classe A) para as "marcas formais do processo parentético", o que exigiria uma explicação mais detalhada; deixamos de realizá-la porque essa discussão estaria mais orientada ao conceito geral de parentetização do que ao conceito específico de parentetização metaenunciativa, objeto de nossa pesquisa. Frise-se que, sob os nossos critérios de identificação dos parênteses metaenunciativos, prescindimos da verificação da presença de marcas formais.

Voltando ao Quadro 1, vemos que a maioria dos tipos e funções textual-interativas dos parênteses é de natureza metadiscursiva. Na verdade, apenas na classe A estariam catalogados alguns tipos de parênteses com estatuto tópico, lembrando sempre que a primeira tipologia bipartida das inserções parte da classificação das inserções em tópicas (tipo a.) e não tópicas (tipo b.).

Assim, a classe A da classificação de Jubran (2015, p. 302-303) abrange três tipos de parênteses: os que focalizam o conteúdo tópico, os que focalizam a formulação linguística e os que focalizam a estrutura tópica. Os primeiros são de natureza tópica e os outros dois são de natureza metadiscursiva. De outra parte, nas classes B, C e D, encontram-se apenas parênteses de natureza metadiscursiva.

Em artigo publicado alguns anos antes da edição da obra que estamos consultando como referência da teoria de Jubran (2015), a linguista havia publicado um artigo muito interessante sobre a parentetização metadiscursiva, que se tornou referência nos estudos em língua portuguesa. Nesse artigo, Jubran (2009) diferencia a referenciação tópica da referenciação metadiscursiva. Vejamos:

Nessa definição de tópico discursivo⁸⁸ fica evidente que está em causa uma modalidade de referenciação – a que chamarei tópica –, em que os referentes constituem entidades do universo discursivo sobre o qual se fala. A referenciação metadiscursiva não se coaduna com a tópica, pois, dada a sua especificidade de auto-reflexividade discursiva, ela instaura referentes de outra ordem, na medida em que estampa no texto a própria atividade enunciativa, o "fazer discursivo" gerador do texto. (JUBRAN, 2009, p. 295, aspas do original)

Neste momento, importa apresentarmos a diferença entre ambos os tipos de referenciação, para melhor compreensão da classificação de Jubran (2015, p. 302-303). Por ora, traçaremos breves linhas sobre o que entendemos por metadiscorso e metaenunciação, na medida suficiente para a compreensão dos temas tratados na presente seção.

Na classe A, pois, encontramos um tipo de parêntese no qual se estabelece uma referenciação tópica (que não nos interessa como objeto de pesquisa, mas que nos ajuda a refletir sobre o fenômeno da parentetização em geral) e dois tipos nos quais as relações estabelecidas configuram uma referenciação metadiscursiva (foco na formulação linguística e na estrutura tópica). Na classe B, estão os parênteses com foco no locutor; na classe C, os com foco no interlocutor; e, na classe D, os com foco no ato comunicativo. Nas classes B, C e D estão incluídos os parênteses nos quais se estabelece uma referenciação metadiscursiva.

Dentre os vários subtipos alocados em cada classe de parênteses metadiscursivos, temos alguns de natureza metaenunciativa, que destacaremos a seguir.

Para diferenciar as noções de metadiscorso e de metaenunciação, tomemos dois exemplos utilizados pela autora para ilustrar o subtipo d) da classe A: parênteses com foco na "formulação linguística" que tem por função a "sinalização de busca de denominações" (JUBRAN, 2015, p. 302). Essa diferenciação é nossa, pois Jubran classifica ambos os trechos em itálico – exemplos (42) e (43) – como parênteses metadiscursivos; as breves análises que seguem os exemplos também são nossas:

(42)

Inf. – bom ... outra coisa que nós vamos ver ... nos slides na na aula que vem ... é a extrema precisão do desenho ... eles conseguem chegar a uma fidelidade linear ... da natureza ... à extrema exatidão do desenho ... *ou precisão* ... e eles conseguem chegar ... a é óbvio uma evolução certo? [EF SP 405] (JUBRAN, 2015, p. 310, itálico do original)

⁸⁸ Em essência, a mesma noção apresentada na seção 4.2.2: "[...] a unidade de análise proposta pela perspectiva textual-interativa é a do tópico discursivo, que tem por traço básico a *centração*, ou seja, a propriedade de concentração da interação verbal em um conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância em determinado ponto do texto." (JUBRAN, 2009, p. 295, itálico do original)

No exemplo (42), a busca de denominações é sinalizada no discurso por marcadores discursivos como *mais precisamente, sobretudo, ou, isto é, quer dizer*, que indicam, na maior parte das vezes, um processamento discursivo de natureza parafrástica, muito comum na fala. Neste caso, essa busca lexical se manifestou na superfície discursiva por meio de uma paráfrase (*exatidão ou / isto é precisão*) com função de deixar claro para os interlocutores alunos (tratava-se de uma aula) a palavra que julga ser mais exata ou correta para expressar o sentido que deseja comunicar naquele momento da interação (*precisão*, e não *exatidão*). As paráfrases são atividades de reformulação que "implicam algum deslocamento de sentido" (HILGERT, 2015, p. 257) e têm natureza metadiscursiva porque revelam o discurso como objeto de discurso, ou seja, de forma autorreflexiva, o discurso referencia o próprio discurso.

Nessa paráfrase, a expressão metadiscursiva (*precisão*) se reporta mais ao conteúdo semântico da palavra cujo sentido quer esclarecer (*exatidão*) do que ao uso da palavra em si (*exatidão*). Essa será a diferença básica entre metadiscorso (o enunciado metadiscursivo remete ao conteúdo semântico da palavra, ao dito) e metaenunciação (o metaenunciado remete à menção à palavra, a uma maneira de dizer; remete ao dizer em si, não ao dito). Frise-se, ainda, que a noção de metadiscorso é mais ampla, por isso nela está incluída a noção de metaenunciação: toda expressão metaenunciativa é também metadiscursiva, mas o inverso não é verdadeiro.

(43)

Inf. – pronto ... foi mais fácil ainda José do que a sua ... resposta ... não é? ele foi mais prático ... *vamos dizer assim* ... não é que você esteja incorreto de jeito nenhum mas é que ele foi ele resumiu ... não é? ele foi bem rápido pronto... [DID REC 337] (JUBRAN, 2015, p. 310, itálico do original)

Já no exemplo (43), a busca por denominações é sinalizada no discurso por formas tipicamente metaenunciativas como *digamos assim, podemos dizer assim, vamos dizer assim*, que indicam que a palavra ou expressão escolhida apenas se aproxima daquela que o sujeito gostaria de utilizar. São formulações aproximativas, muito comuns na fala. Os metaenunciados desse tipo são compostos por verbos *dicendi* e se traduzem num dizer (*vamos dizer assim*) sobre o dizer (*prático*), e não sobre o dito (conteúdo semântico da palavra *prático*). Na concepção defendida nesta tese, trata-se de um metaenunciado parentético situado no campo das não-coincidências interlocutivas (p. ex., *digamos assim, vamos dizer assim*), que se caracterizam pela manifestação explícita do tu enunciativo, neste caso, por meio do nós inclusivo, que se

situa na fronteira com o campo das não-coincidências entre as palavras e as coisas (p. ex., *por assim dizer, assim, vamos dizer assim*), que denunciam a imprecisão ou inadequação de uma palavra, gerando um efeito de relativização dessa palavra.

Observe-se que emerge desse fragmento um jogo de imagens no qual a expressão metaenunciativa tem papel destacado: o locutor introduz uma crítica indireta ao seu interlocutor (José), comparando uma resposta deste com outra resposta, dada por outra pessoa, à qual o locutor tece um elogio ("ele foi mais prático"). O metaenunciado surge para suavizar o impacto negativo que esse elogio poderia ter sobre o interlocutor José, relativizando a força da palavra "prático", com a convocação do interlocutor para aceitar e compartilhar o uso dessa palavra por meio do nós inclusivo ("vamos dizer assim").

Estabelecida essa diferenciação, ao analisarmos a extensa classificação de Jubran (2015, p. 302-303) e, principalmente, os exemplos que autora oferece para ilustrar cada tipo e subtipo de parênteses (todos de natureza metadiscursiva, segundo a sua teoria), vemos que muitos desses exemplos ilustram casos de parentetização metaenunciativa. Comentaremos alguns deles.

Segundo os critérios de classificação em tipos elaborados por Jubran (2015, p. 302-329) e a partir dos exemplos por ela apresentados, visualizamos os seguintes casos de parênteses metaenunciativos, de forma esquemática:

Classe	Foco	Função em Jubran (2015)	Exemplo/Página	Expressão de parentetização metaenunciativa	Tipo de metaenunciado (cf. Authier-Revuz, 1998, 2004)
a	Formulação linguística	b) indicação de mudança de registro	(37) / 307	<i>como se diz na gíria</i>	não-coincidência interdiscursiva
		c) verbalização da atividade formulativa	(38) / 308	<i>como é que se diz</i>	não-coincidência das palavras com as coisas
		d) sinalização de busca de denominações	(43) / 310	<i>vamos dizer assim</i>	não-coincidência interlocutiva
		e) solicitação de colaboração do interlocutor na seleção lexical	(45) / 311	<i>como é o nome?</i>	não-coincidência das palavras com as coisas
	Estrutura tópica	c) marcação do estatuto discursivo de um fragmento do texto	(51) / 315	<i>assim</i>	não-coincidência das palavras com as coisas
b	Locutor	e) indicação da fonte enunciativa do discurso	318	não há nos exemplos de Jubran nenhuma expressão metaenunciativa, mas cabe aqui a expressão <i>como se diz na gíria</i> ,	não-coincidência interdiscursiva ou do discurso consigo mesmo

				exemplo da classe A, subtipo b	
c	Interlocutor	não há nenhuma função metaenunciativa, mas entendemos que cabe aqui "sinalização de inadequação de vocábulo ou expressão e convite para compartilhar o seu uso"	-	<i>vamos dizer assim</i>	não-coincidência interlocutiva

Quadro 5 – Expressões de parentetização metaenunciativa identificadas a partir da classificação de classes e funções dos parênteses de Jubran (2015, p. 302-329)

Vejamos cada um dos exemplos citados no Quadro 2, retirados do contexto da classificação de Jubran (2015, p. 302-329) e a nossa sugestão de classificação da perspectiva da metaenunciação e das não-coincidências do dizer (AUTHIER-REVUZ, 2004, 1998):

(37)

Inf. – eu tenho impressão que se para o homem é é horrível para a mulher então ia ser muito pior acho que isso é uma profissão que para a mulher aí não ... já era né? *como se diz na gíria* não dá eu acho ... e essas são outras profissões que que fisicamente a mulher não tenha condições de enfrentar não é? [DID REC 78] (JUBRAN, 2015, p. 307, itálico do original, negrito e sublinhado nossos)

Esse exemplo foi utilizado para ilustrar um subtipo de parênteses dentro da classe A (foco na formulação linguística do tópico), que tem por função indicar uma mudança de registro na fala do locutor (b). Dessa ótica, pode-se dizer que o sujeito utiliza a expressão *como se diz na gíria* para sinalizar para o interlocutor que utilizou uma expressão com registro diferente (a *gíria já era*) do que vinha utilizando na interação. Do ponto de vista da enunciação, a expressão *como se diz na gíria* é um comentário metaenunciativo – do tipo não-coincidência do discurso consigo mesmo – que o sujeito enunciator faz sobre a expressão *já era* (escopo), que indica que esse dizer não é seu, é de outra fonte enunciativa, ou seja, vem dos falares da gíria.

(38)

Inf. –uma vez ... ele era tesoureiro ... outra vez vice-presidente ... outra agora ele é ... eu disse vice-presidente ainda agora ... né? ... mas não ... vice-presidente é o outro ... ele foi no ano passado ... ele é ... *como é que se diz* a pessoa que cuida do clube ... que toma ... não ... não é ecônomo ... é o que toma conta assim da ... dessa parte ... que ele tem que cuidar dessas obras tudo ... diretor de patrimônio... é isso ... né? ... então a gente ... quando tem também esses encontros ... [DID POA 45] (JUBRAN, 2015, p. 308, itálico do original, negrito e sublinhado nossos)

(45)

L1 – o governo acha ... o governo acha que a solução do ... do chamado ...

como é o nome?

L2 – é a UPC ou ...

L1 – é UPC e ...

L2 – índice de ...

L1 – índice de correção monetária ... é a solução para ... éh ... corrigir a inflação [D2 RJ 355] (JUBRAN, 2015, p. 311, itálico do original, negrito e sublinhado nossos)

O exemplo (38) foi apresentado pela autora para ilustrar um subtipo de parênteses dentro da classe A (foco na formulação linguística do tópico), que tem por função indicar uma "verbalização da atividade formulativa" (c), ao passo que o exemplo (45) ilustra, dentro da mesma classe, um subtipo cuja função assinala uma "solicitação de colaboração do interlocutor na seleção lexical" (e). Do ponto de vista da metaenunciação, ambas as expressões (*como é que se diz e como é o nome*) se consubstanciam em uma não-coincidência entre as palavras e as coisas que se traduz pela busca por uma nomeação ou busca da palavra exata que o sujeito quer usar e, em dado momento interacional, não encontra. Assim, ou o sujeito processa essa busca no seu próprio turno, deixando as várias marcas da construção dessa busca estampadas no fio do discurso oral (exemplo 38) ou, então, em construção colaborativa, solicita ajuda a seu interlocutor e a busca iniciada no turno do locutor tem sua solução no turno de seu interlocutor (exemplo 45).

(43)

Inf. – pronto ... foi mais fácil ainda José do que a sua ... resposta ... não é? Ele foi mais prático ... *yamos dizer assim* ... não é que você esteja incorreto de jeito nenhum mas é que ele foi ele resumiu ... não é? ele foi bem rápido pronto ... [DID REC 337] (JUBRAN, 2015, p. 310, itálico do original, negrito e sublinhado nossos)

(51)

Inf. – nós temos a nossa... nossa antiga capital que é uma cidade maravilhosa mesmo ... encantadora com praias belíssimas com serra na própria cidade ... lá pela Tijuca para Santa Teresa ... mas ... *assim* ... nesses comentários *assim* um pouco rápidos há outros outras coisas também ... impressionantes e:: encantadoras [DID POA 48] (JUBRAN, 2015, p. 315, itálico do original, negrito e sublinhado nossos)

Os exemplos (43) e (51) também ilustram subtipos de parênteses dentro da classe A (foco na formulação linguística do tópico e foco na estruturação tópica, respectivamente), sendo que o primeiro tem por função a "sinalização de busca de denominações" (d) e o segundo, a função de "marcação do estatuto discursivo de um fragmento no texto" (c). Do ponto de vista da metaenunciação, tanto as expressões destacadas nos dois exemplos anteriores (38) e (45) quanto nos que agora analisamos (43) e (51) (*vamos dizer assim* e *assim*), revelam uma não-coincidência coincidência entre as palavras e as coisas e todas elas, em maior ou menor grau, se voltam para a "busca de denominações".

Contudo, enquanto as expressões dos exemplos (38) e (45) manifestavam a busca lexical pura e simples, as duas expressões dos exemplos (43) e (51) indicam uma relativização da palavra comentada, já que o sujeito, ao detectar que essa palavra pode ser inadequada ou imprecisa, denuncia esse "defeito" com o metaenunciado. Como já mencionamos, a expressão *vamos dizer assim* apresenta duas classificações, ficando na fronteira existente entre a não-coincidência entre as palavras e as coisas (efeitos de relativização de uma palavra imprecisa ou inadequada) e a não-coincidência interlocutiva, já que a perífrase verbal "vamos dizer" convoca o tu da enunciação por meio de um nós inclusivo.

Já a expressão *assim* aparece de forma repetida no fragmento (exemplo 51) e se refere ao escopo "nesses comentários um pouco rápidos". Com o uso de *assim*, o locutor sinaliza para o seu interlocutor que está falando de forma superficial, pouco aprofundada ou, ainda, que não há tempo ou ele não se sente em condições de dizer tudo o que gostaria de dizer sobre a cidade do Rio de Janeiro, qualificada pelo locutor como maravilhosa e encantadora. O parêntese metaenunciativo *assim* tem a função de retirar a responsabilidade sobre o dizer, ao mesmo tempo que relativiza a palavra comentada. É como se o sujeito se desculpasse por tecer "esses comentários um pouco rápidos", destacando um jogo de imagens nessa interação.

Quanto à classe B (parênteses com foco no locutor) em sua função de "indicação da fonte enunciativa do discurso", não encontramos nenhum exemplo de expressão de parentetização metaenunciativa na classificação de Jubran. No entanto, o tipo metaenunciativo que mais caracteriza a evidência de outra fonte enunciativa no discurso do eu que enuncia é a não-coincidência do discurso consigo mesmo, que entendemos que exerce ambas as funções, encaixando-se bem numa classificação que alude à fonte e outra que alude à mudança de registro, à semelhança do que ocorre com a classe A acerca da formulação linguística do tópico,

item b. Caberia nessa classificação sugerida o exemplo, já analisado anteriormente (primeiro exemplo após o Quadro 2), no qual se destacava a expressão *como se diz na gíria*.

Por fim, vale uma última sugestão, quanto à classe C, na qual Jubran inclui os parênteses com foco no interlocutor. Aqui caberia a expressão *vamos dizer assim*, já analisada, que, conforme já referimos, situa-se na fronteira existente entre a não-coincidência entre as palavras e as coisas, gerando efeitos de relativização de uma palavra que parece imprecisa ou inadequada ao sujeito tendo em vista a sua recepção pelo interlocutor, e a não-coincidência interlocutiva, pela convocação do tu enunciativo expresso com o futuro perifrástico "vamos dizer" por meio de um nós inclusivo.

As reflexões delineadas a partir da classificação de Jubran (2015, p. 302-303) sobre o foco e a função das inserções parentéticas nos servem para a elaboração da nossa proposta de classificação dos parênteses de natureza metaenunciativa, o que efetivamente faremos no capítulo a seguir, relativo às análises propriamente ditas.

5 A PARENTETIZAÇÃO METAENUNCIATIVA: ANÁLISES DOS FATOS EM *CORPUS* DE LÍNGUA FALADA

5.1 PALAVRAS PRELIMINARES

Antes de adentrarmos nas análises propriamente ditas, vamos tecer algumas considerações teóricas pontuais sobre a dinâmica da modalização autonímica, que embasa a identificação e o funcionamento estrutural dos parênteses metaenunciativos. A maioria das questões postas mais adiante surgiram, exatamente, a partir da exploração dos fenômenos em *corpus*, por isso estão situadas neste capítulo, dedicado às análises.

Na sequência, apresentaremos, de forma esquemática, os movimentos principais da modalização autonímica, sob a forma de dois esboços gráficos, para melhor compreensão do fenômeno da parentetização metaenunciativa, no intuito de que, quando da leitura das análises propriamente ditas, já se tenha em mente tal representação visual, que decorre da explicação detalhada que se desenvolveu ao longo desta tese e, de forma mais pontual, dos arrazoados desenvolvidos na seção 5.2.1.

Quanto às transcrições, como já mencionamos neste trabalho, sentimos a necessidade de retranscrever os fragmentos que apresentamos ao longo da tese porque entendemos que a transcrição é um processo enunciativo (FLORES, 2006), que envolve a subjetividade do transcritor ao interpretar os fatos linguísticos a serem transcritos; de toda sorte, nossas transcrições não diferiram sobremaneira das realizadas pelos transcritores do Projeto NURC/SP, as quais merecem ser destacadas e sem as quais dificilmente conseguiríamos compreender certos segmentos de fala nos inquéritos, conforme já referimos em passagens anteriores deste trabalho.

Ao selecionarmos os fragmentos para análise, percebemos que algumas formas metaenunciativas haviam sido marcadas pelos transcritores do Projeto NURC/SP com travessões duplos, que, segundo as normas de transcrição, são indicativos de "desvio temático" ou "comentários que quebram a sequência temática da exposição". Tais marcações interessam aos objetivos deste trabalho, uma vez que indicam que, em alguns trechos dos inquéritos, os transcritores perceberam mais claramente o caráter parentético dessas formas. Dizemos isso porque essas marcações, no geral, apresentaram oscilações, ainda que algumas expressões de

parentetização metaenunciativa tenham se manifestado em número elevado, inclusive dentro de um mesmo inquérito (a mesma expressão ora foi marcada, ora não).

Ainda nesse sentido, é importante esclarecer que, apesar de termos feito novas transcrições dos fragmentos selecionados para análise, decidimos manter as marcações com travessões duplos na exata forma em que se apresentaram nas transcrições originais, por dois motivos principais: de um lado, para sabermos em que pontos do discurso os transcritores do Projeto NURC/SP perceberam a presença de um desvio produzido pelas formas metaenunciativas e, de outro, para não gerar confusões quanto a divergências de critérios de transcrição e suas interpretações. Embora, em nossas transcrições, sigamos as normas do Projeto NURC/SP, conforme anunciado no capítulo dedicado aos procedimentos metodológicos, no tocante ao tema dos travessões duplos, que marcam a existência de um desvio tópico (critério de Jubran adotado pelo Projeto NURC/SP), nossa tendência seria marcar todas as ocorrências do que chamamos de parênteses metaenunciativos, já que defendemos nesta tese outro critério para a identificação dessas rupturas: a sua natureza metaenunciativa. Contudo, deixamos de fazê-lo pelas razões explicadas acima.

Observamos, por fim, que decidimos não reproduzir toda a dinâmica dos turnos conversacionais, as sobreposições de falas, etc, pois, para o nosso objeto de estudo, para mostrar a dinâmica de funcionamento dos parênteses metaenunciativos, não vimos necessidade da reprodução das trocas conversacionais, além do que seria acrescentar mais um fator à já complexa manifestação dos fenômenos em estudo. Com isso, não queremos dizer que não se pudessem fazer cruzamentos entre a dinâmica conversacional e o funcionamento das expressões em estudo.

De toda forma, quando a construção dos enunciados parentéticos foi colaborativa, julgamos importante apresentar alguns exemplos de trechos (v. Fragmento 4, Fragmento 12, Fragmento 15) em que se evidenciaram essas trocas conversacionais, em confirmação às características das formas metaenunciativas encontradas por Authier-Revuz em suas pesquisas (1998, p. 20).

5.2 DESENHANDO A MODALIZAÇÃO AUTONÍMICA: O FUNCIONAMENTO ESTRUTURAL DOS PARÊNTESES METAENUNCIATIVOS

5.2.1 Paradas sobre palavras

Tomamos de empréstimo de Authier-Revuz o termo *paradas-sobre-palavras* (AUTHIER-REVUZ, 2011a)⁸⁹, porquanto nos fornece uma imagem quase pictórica do funcionamento da modalização autonímica, mostrado nas não-coincidências enunciativas.

Ao usar esse termo, a autora não está falando de nada do que já não houvesse falado ao longo de seus inúmeros trabalhos. Ao contrário, trata novamente do tema da modalização autonímica e das não-coincidências do dizer; contudo, chama a atenção para outros aspectos da dinâmica metaenunciativa, oferecendo imagens de seu movimento por meio de termos como *paradas, retornos, voltas, laços, laçadas*.

Nesse artigo específico, embora trabalhe com *corpus* composto de textos literários, todas as suas considerações teóricas poderiam ser aplicadas, *ipsis litteris*, a um *corpus* de língua falada. Segundo a autora, tanto a modalidade de língua escrita quanto a de língua oral apresentam a mesma "sofisticação metaenunciativa", já que as fronteiras entre elas são fluidas, reconhecendo "uma solidariedade de práticas languageiras" e

uma unidade do dizer espontâneo e da mais apurada escrita literária: em todos os casos está em jogo uma mesma materialidade da língua e um mesmo desafio subjetivo essencial, a maneira singular, para um sujeito, que é sujeito por ser falante, de se 'colocar', pelo seu dizer, na linguagem. (AUTHIER-REVUZ, 2011a, p. 654)

O termo *parada-sobre-palavras* diz respeito a dois aspectos enunciativos interrelacionados: de um lado, a dinâmica da relação estabelecida entre o dizer (escopo) e a forma metaenunciativa (parêntese), que implica, ao mesmo tempo, uma ruptura do tecido do dizer e uma costura desse tecido por meio dos laços opacificantes que envolvem o escopo (alvo do comentário reflexivo) e, de outro lado, no plano temporal da enunciação, essa parada implica uma suspensão do tempo do desenrolar "normal" da enunciação na linearidade da cadeia discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 102).

Percebemos a questão do tempo da enunciação somente após análise dos fatos em *corpus*, em especial quando nos deparamos com as diferenças que os fragmentos manifestaram com relação aos movimentos que nós denominamos nesta tese de *laçada para trás e laçada para frente*. Buscamos apoio na teoria da heterogeneidade e encontramos explicações em um

⁸⁹ "Paradas sobre palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita" (AUTHIER-REVUZ, 2011a, p. 651-679). O termo *parada(s) sobre palavras* é grafado com hífen ou sem hífen.

artigo que trata da dimensão temporal da enunciação⁹⁰, que se relaciona com a dinâmica expressa pelo termo *paradas- sobre-palavras*.

A atividade enunciativa, como todo processo, exige um tempo para se realizar e está restrita à limitação da linearidade da cadeia discursiva (um início que tende a um final), pois o andamento desta está intimamente ligado à materialidade linear do próprio significante, por sua vez, "substancialmente ligado ao tempo na medida em que o desenvolvimento linear da cadeia possa aparecer como uma materialização [...] do desenrolar do tempo e ser tratado como tal pelos sujeitos" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 86).

Os sujeitos, assim como imaginariamente se creem unos, homogêneos e senhores absolutos de seus dizeres, também se creem dotados de poderes capazes de suspender momentaneamente o tempo no decorrer da duração do comentário metaenunciativo. Authier-Revuz assevera que se trata de micromovimentos que se dão no plano do ilusório. Acrescenta que, "estendendo a duração da 'ruptura' metaenunciativa a um limite em que o fio poderia correr o risco de se romper [...]",

(...) além da relação com o sentido, com a designação, com o outro que está em causa no recurso à metaenunciação, manifestada pelas glosas no discurso, elas (as glosas metaenunciativas) testemunham também [...] os modos de inscrição no tempo, modos mais ou menos marcados, em particular, pela tentativa de retê-lo, de pará-lo... (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 104, itálico do original, sublinhado nosso)

Interessante observar que justamente quando Authier-Revuz trata da suspensão temporal produzida pelas formas de metaenunciação, no referido artigo, é quando tangencia de forma mais direta o tema das *incisas reflexivas*, *incisas parentéticas* ou *incisas metaenunciativas* (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 100-101), que a autora define como de funcionamento "mais livre do que o dos 'parênteses' classicamente descritos [...], que corresponde a uma verdadeira ruptura sintática" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.19-20, aspas do original, sublinhado nosso).

No levantamento em *corpus*, encontramos essas incisas descritas pela autora, que são formas de parênteses metaenunciativos que podem, inclusive, quebrar a ordem canônica sintática ou sintagmática entre os elementos na frase.

Authier-Revuz afirma que:

⁹⁰ "Jogos metaenunciativos com o tempo" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 83-105).

[...] no plano de organização sintática da frase de base na qual ela se insere, a incisa reflexiva aparece como um elemento verdadeiramente heterogêneo. Essa exterioridade em relação ao fio sintático aparece, normalmente, destacada, materializada: na escrita, por estar entre aspas ou entre parênteses, realçando de forma material o desdobramento em um segundo fio discursivo; no oral, por um desvio entonativo, isto é, uma mudança de altura [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.101, itálico do original, sublinhado nosso).

Nesse trecho, a autora adentra o campo de estudos dos parênteses, teorizando sobre essas incisivas reflexivas que chegam a interromper a ordem sintática e que, na escrita, se materializam sob a forma de aspas ou parênteses. Enfatizamos que também os travessões podem marcar de forma gráfica as interrupções (sintáticas ou não) provocadas pelos parênteses, a exemplo do que ocorre nas transcrições do Projeto NURC/SP, conforme mencionamos acima. Na língua escrita, os travessões também exercem essa função, assim como as vírgulas.

Ademais, é interessante observar que, assim como os teóricos dos parênteses em geral, Authier-Revuz também identifica, como característica definidora desse fenômeno na oralidade, traços entonativos ou prosódicos diferenciados. A seu turno, Jubran (2015), com base nos achados de Tenani (1995)⁹¹ também indica, como aspectos delimitadores dos parênteses, o que chama de "marcas prosódicas", tais como "mudança na velocidade e na tessitura" e, ainda, "a presença de pausas antes e depois dos parênteses [...] que, embora frequente, é facultativa." (JUBRAN, 2015, p. 286).

Na exploração do nosso *corpus* de pesquisa, também identificamos variações na prosódia, na entonação ou na cadência em alguns dos metaenunciados parentéticos levantados, ao que faremos referência nas análises na medida em que sirvam aos objetivos de pesquisa; contudo, esse aspecto não foi considerado como objeto de estudo desta tese porque entendemos que uma investigação dessa natureza merece um estudo próprio e pormenorizado, tal o grau de complexidade dos fatores que envolve. Um estudo dos traços entonacionais e prosódicos dos parênteses, que apure o valor metaenunciativo ou, em geral, metalinguístico da entonação (como sugere, em estudo recente e detalhado, SAUNIER, 2020), pode ser feito por outros vieses discursivos e até mesmo enunciativos.

⁹¹ No Brasil, um trabalho de referência sobre os aspectos prosódicos dos parênteses é o da pesquisadora Luciani Tenani. Trata-se de uma Dissertação de Mestrado de cuja banca examinadora participaram a Profa. Clélia Jubran e a Profa. Ingedore Koch, ambas pesquisadoras do Projeto da Gramática do Português Falado (TENANI, Luciani Ester. *Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do Projeto da Gramática do Português Falado*. Orientadora: Maria Bernadete Marques Abaurre. 1996. 189 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996).

Quando Authier-Revuz teoriza sobre as incisivas metaenunciativas, aproximando a sua teoria à teoria clássica dos parênteses, desta não se distancia muito no sentido de que considera como elemento característico dessas incisivas o corte sintático ou sintagmático, associando-as à parada no tempo da enunciação que provocam:

Esse é o modo pelo qual as **incisivas metaenunciativas** se inserem no fio do enunciado – aquele em que uma *ruptura sintática* radical opera com uma *articulação referencial* precisa em um ponto do enunciado – que eu considero como constituindo **uma figura de suspensão do desenrolar do enunciado, que dessa forma parece parar, reter o tempo que se desenrola**, numa espécie de *extrafio sintático*, **próprio desta construção enxertada**. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 102, itálico do original, negrito e sublinhado nossos).

Em contrapartida, os parênteses metaenunciativos que descrevemos e analisamos nesta tese não se definem a modo dos parênteses tradicionalmente considerados, pelo critério de interrupção sintática (SCHNEIDER, 2007; FUENTES RODRÍGUEZ, 2018), nem mesmo pelo critério do desvio tópico ou temático (JUBRAN, 2015). Os parênteses metaenunciativos, na linha defendida nesta tese, definem-se pela sua própria natureza metaenunciativa, ou seja, pela ruptura que promovem no plano enunciativo (ruptura ligada), com todas as peculiaridades dos movimentos inerentes à dinâmica da modalização autonímica explanados ao longo deste trabalho e que, de forma visual e esquemática, queremos representar a seguir.

Portanto, fica claro que do interior da teoria da heterogeneidade enunciativa conseguimos extrair justificativas para a aproximação à teoria da parentetização nos termos propostos nesta tese.

Quando, na maior parte dos textos que compõem a sua teoria da heterogeneidade, Authier-Revuz utiliza o termo *retorno reflexivo*, descrito como uma propriedade linguística típica da atividade metaenunciativa, dá a entender que esse movimento ocorre apenas em um sentido: *retorno reflexivo, volta reflexiva*. Porém, quando a linguista também enfatiza os termos *paradas-sobre palavras* (AUTHIER-REVUZ, 2011a), *laçada reflexiva* (AUTHIER-REVUZ, 1995)⁹², *laço(s) reflexivo(s)* e variantes (AUTHIER-REVUZ, 1998; 2011a), essa ideia de movimento de "regresso" fica relativizada.

⁹² Já no título dessa obra fundamental da autora aparece o termo *laçada reflexiva* ou *laço(s) reflexivo(s)* assim traduzida ao português a expressão francesa *boucles réflexives* (AUTHIER-REVUZ, 1995). Esses termos se repetirão em alguns outros textos da autora (p. ex., AUTHIER-REVUZ, 1998; 2011a).

Evidencia-se, assim, que esse retorno reflexivo diz mais respeito a um "desdobrar-se do dizer sobre si mesmo" do que a um "direcionar-se" em determinado sentido quando a autora, igualmente valendo-se do termo *retorno*, trata da dimensão temporal da enunciação, destacando os "micromovimentos de antecipação" que caracterizam "algumas dessas figuras de metaenunciação, através das quais o tempo da enunciação é apresentado em descompasso com o da emissão, isto é, deslocado da coincidência do tempo da enunciação/tempo da emissão" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 87). Entenda-se aqui tempo da enunciação como o tempo do desdobramento metaenunciativo e tempo da emissão como o tempo do dizer a palavra sobre a qual incidiu ou incidirá o retorno reflexivo (emissão do escopo)⁹³.

Registre-se, por fim, que também Jubran encontrou o movimento de antecipação do dizer em seus levantamentos de expressões parentéticas em língua falada (p. ex., 2015, p. 310, ex. 44).

Nas duas próximas seções, apresentaremos os dois movimentos básicos⁹⁴ das laçadas reflexivas encontrados no *corpus*.

5.2.2 Dinâmica dos parênteses metaenunciativos com laçada para trás

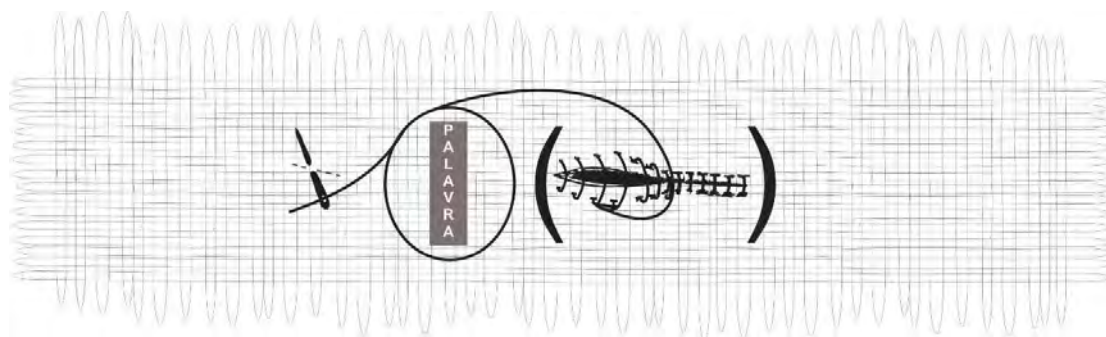


Figura 2 – Parentetização metaenunciativa com laçada para trás – volta ao dizer

5.2.3 Dinâmica dos parênteses metaenunciativos com laçada para frente

⁹³ Entendemos, com Authier-Revuz, que todo processo de emissão também é um processo de enunciação, mas tomamos a diferença mais para fins de explicação, sem, contudo, pretendemos desenvolvê-la.

⁹⁴ Authier-Revuz descreve outros movimentos mais complexos no mesmo artigo em que se aproxima do tema da parentetização – ao identificar, dentre as características das formas da modalização autonímica, a presença de incisivas opacificantes – e, também, em que descreve os movimentos da modalização autonímica com relação à dimensão temporal da enunciação: "Jogos metaenunciativos com o tempo" (1998, p. 83-105)

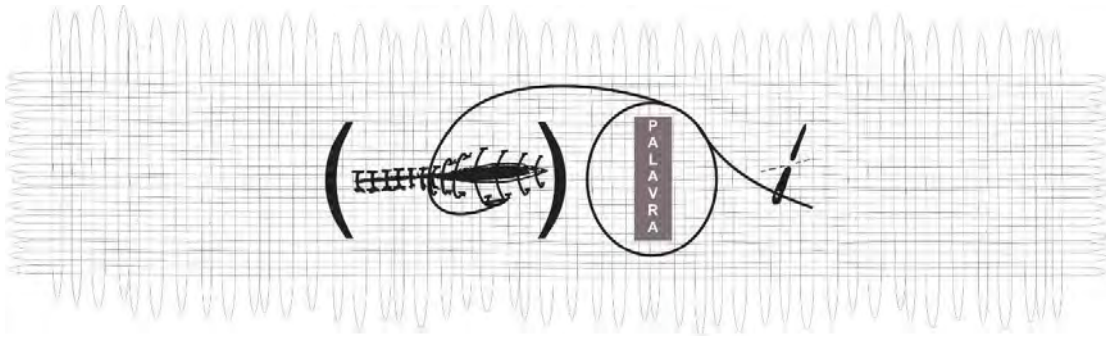


Figura 3 – Parentetização metaenunciativa com laçada para frente – antecipação ao dizer

5.3 AS ANÁLISES DA PARENTETIZAÇÃO METAENUNCIATIVA EM *CORPUS*

5.3.1 Não-coincidências entre as palavras e as coisas

O espaço das não-coincidências entre as palavras e as coisas "representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos... na produção da 'palavra exata', plenamente adequada à coisa". (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83, reticências e aspas do original). Por exemplo: *como dizer?*; *como diria? X; X, por assim dizer; X, maneira de dizer; X, é preferível dizer Y; X, não, mas não encontro a palavra; não há palavra; X é a palavra; X, não há outra palavra* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83, reticências e aspas do original).

Authier-Revuz (1998, p. 24/194) divide essas figuras metaenunciativas em três grandes grupos (todos presentes no *corpus* desta tese, mas não em todos os subtipos):

- figuras do um realizado na nomeação, considerado sob o ângulo da coincidência do enunciador com seu dizer (fazendo jogar intencionalidade, desejo pessoal, normas coletivas: *X e eu digo bem X'*; *ousou dizer X, o que se pode, o que é preciso chamar X'*) ou da coincidência da palavra com a coisa (*X, é a palavra, exata, justa, que convém; X no sentido estrito; X propriamente dito*);
- figuras da adequação visada, representando uma enunciação entre o dizer e o não dizer (*o que se poderia chamar X'*; *eu não digo X' mas quase; direi X?*), ou uma nomeação entre duas palavras (*X, eu falho dizendo Y; X, eu deveria dizer Y?*; *X, ou antes Y; X, não Y; X ou Y*);
- figuras da falta da nomeação, considerada seja no plano do modo de dizer ausente para ele mesmo (nas modalidades "suspensivas": *se se pode dizer* ou "anuladoras": *o eu não direi X que*) ou que apresentam uma imperfeição (*X, eu emprego X' na falta de algo melhor, por comodidade, provisoriamente; X, por assim dizer*), seja no plano da distância descrita entre a

palavra e a coisa (distância especificada: *X, é um eufemismo*; ou distância fluida: *X, entre aspas*).

5.3.1.1 Figuras da falta da nomeação

5.3.1.1.1 A busca por uma nomeação: *como é que se chama? como se diz?*

Antes de apresentarmos os exemplos, cabe uma observação quanto à classificação desse subgrupo no âmbito das não-coincidências entre as palavras e as coisas. Quando Authier-Revuz define os três grandes grupos e apresenta os exemplos possíveis dentro de cada um deles, não vemos nenhum que indique a procura por uma nomeação por parte do enunciador.

Pelos nomes que ela atribui aos tipos, cremos que essa função melhor se encaixaria no grupo relativo às figuras da falta de nomeação, apesar de que, nos subgrupos apresentados, não vislumbramos nenhum que se aproxime da indicação de um processo de busca da palavra. Poderíamos pensar em incluir essa função no outro grupo referente às figuras da adequação visada, pelo fato de estar entre o dizer e o não dizer.

Diante disso, decidimos situar essas figuras dentro do grupo da falta de nomeação e criamos um subgrupo que sugere diretamente o processo de busca por uma palavra.

Na verdade, a autora só vai considerar esses casos, sem classificá-los, mas apresentando exemplos, no texto em que ela trata dos jogos metaenunciativos com o tempo (o mesmo texto em que trata das incisivas parentéticas), conforme já referimos (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 83-105).

Vejamos o seguinte fragmento:

Fragmento 1 (NURC/SP, DID 250, g.n.)

(Tema: *dinheiro, banco, finanças, bolsa*)

L – com referência... ao::s::... aos::... interesses pecuniÁrios dos trabalhaDOres... ((tossiu)) eu tenho (a) impressão de que... o Fundo de Garantia... se estiver em ordem... não é? responde... resta saber tamb/ é também se a fábrica manteve em dia os seus pagamentos... a: referentes a::... **como é que se chama?** ao INPS... quer dizer a::... a assistência:: previdencial... quer dizer aposentadorIa... a que o trabalhador que... concorre para o INPS tem direito né?

Quando Authier-Revuz trata de formas que indicam a busca lexical pelo enunciador, o que a linguista quer destacar é a posição do elemento metaenunciativo com relação ao seu

escopo, descrevendo expressões de não-coincidência entre a palavra e a coisa em que é unânime a posição anterior da expressão com relação ao seu escopo (posição confirmada no levantamento do *corpus*, conforme se verá), ou seja, nos casos em que o metaenunciado se antecipa ao dizer opacificado, o que ocorre pela própria estrutura desse tipo de relação metaenunciativa, já que a busca por uma palavra é sempre projetada para frente na cadeia enunciativa. Diz a autora:

No lugar ANTES DE X, isto é, nos comentários ocorridos na cadeia antes da emissão material de X, três principais figuras são observadas.

a. Os exemplos [...] são aqueles em que há a PROCURA de um X, o qual é apresentado no enunciado como não-imediatamente "disponível". Ao contrário de uma enunciação-padrão de X, o que se sobressai nesses casos é o fato de se decompor a enunciação em dois momentos sucessivos: (1º) o momento da procura, onde falta a palavra X e (2º) o momento da emissão de X, concluindo essa busca, passando pelas questões de léxico – do tipo *encontrar* [...], *saber* [...], *procurar* [...] – e de modalização, da forma interrogativa – do tipo *como dizer?* [...], *como eu digo?* *como vou chamar isso?* *o que é que eu vou dizer?* etc. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 88, itálico e maiúsculas e itálicos do original, sublinhado nosso)

Observando o Fragmento 1, vemos que o parêntese metaenunciativo ("como é que se chama?") se situa antes do escopo ("INPS") na linearidade da cadeia enunciativa. A enunciação se divide em dois momentos, o da busca da palavra que faltou e o do encontro da palavra (emissão). A busca da palavra se dá mediante uma fórmula interrogativa (de frequência majoritária no *corpus*) composta com o verbo *chamar* (também de frequência majoritária no *corpus*), que se vincula diretamente ao problema de nomeação com o qual o sujeito se depara.

O que esse tipo de parêntese deixa à mostra é a temporalidade da enunciação, questão relacionada aos movimentos das laçadas reflexivas opacificantes, que saem do metaenunciado (neste caso, "como é que se chama?") em direção ao escopo ("INPS").

De uma forma geral, o movimento que, no contexto desta tese, nós denominamos de *laçada para frente*, que ocorre quando o escopo da expressão metaenunciativa é emitido depois desta, sugere um maior controle enunciativo por parte do sujeito-locutor no sentido de que ele pode já ter em mente a palavra que vai enunciar, mas, diante da falha no dizer, ganha tempo para a emissão dessa palavra ao antecipar a enunciação da forma metaenunciativa (parêntese) com relação ao seu escopo, a exemplo do que descreve Authier-Revuz quanto ao que ela chama de *jogos metaenunciativos com o tempo* (1998, p. 83). A pesquisa em *corpus* nos autoriza a falar de uma tendência, a ser verificada caso a caso.

Essa característica fica mais evidente nas não-coincidências entre as palavras e as coisas, em especial, no subtipo de que estamos tratando, que revela uma falta de palavras para nomear a coisa referente, "um modo de dizer ausente para ele mesmo" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 24), que se manifesta, de forma unânime, com o movimento de laçada para frente (v. Quadro 7), que permite ao enunciador "estender" o tempo da enunciação. Isso se aplica, em geral, a todos os outros tipos de não-coincidências em que ocorra a laçada para frente, de forma mais ou menos explícita, a depender de outros fatores enunciativos ou interacionais.

O Fragmento 1, que exemplifica os parênteses que manifestam a busca lexical pelo sujeito para nomear as coisas ("como é que se chama?"), revela que a resposta à ausência da palavra exata ou mais adequada "era desde já conhecida do enunciador" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 89), emitindo-a em momento posterior ao parêntese (laçada para frente).

Nos fragmentos que evidenciam um trabalho de gerenciamento do tempo da enunciação pelo sujeito, manifesta-se o que aqui chamamos de *dúvida simulada*, uma vez que o sujeito enunciador deixa marcas na superfície discursiva indicativas de que, ao antecipar a forma metaenunciativa com relação ao seu escopo, já sabia ou tinha uma ideia de qual palavra iria empregar, o que não significa que não pudesse haver falhas nesse dizer mesmo podendo prever a palavra a ser emitida. O que queremos enfatizar é que, nestes casos, existe um tempo enunciativo maior do que na laçada para trás que, gerenciado pelo sujeito, permite uma previsibilidade que implica um maior grau de controle do dizer pelo enunciador.

Isso fica mais claro em alguns fragmentos do que em outros. No caso do Fragmento 1, o locutor é especializado na área jurídica⁹⁵ e demonstra conhecer bem as áreas sobre as quais o documentador formula-lhe perguntas específicas. Desde a primeira pergunta, os temas são bem direcionados para áreas de domínio do locutor (embora esse declare, modestamente, que não conhece nada da área bancária), o que se repete até a última pergunta da entrevista (Tema: dinheiro, banco, finanças, bolsa).

A dúvida simulada, neste caso, fica evidenciada pelo tempo que o locutor, conhecedor do assunto⁹⁶, ganha ao mostrar sua falha dentro do parêntese quando estende o tempo e procura

⁹⁵ O locutor do inquérito DID 250 informa, já no início da entrevista, que é licenciado em História e em Ciências Jurídicas e Sociais (Direito). Consta no *site* que a sua profissão é professor universitário, o que o informante esclarece ao longo da entrevista: é professor na Faculdade de Direito, provavelmente na USP. Pelo detalhamento das informações prestadas e pelo domínio de jargão especializado, percebe-se que conhece a área jurídica, embora declare não ser um advogado militante nem consultor de empresas.

⁹⁶ As formulações interrogativas indicativas de busca por uma palavra corroboram as nossas impressões analíticas: ao longo da interação pudemos perceber a clara construção de um *ethos* (ou autoimagem) de modéstia pelo sujeito-enunciador.

em seu dizer a palavra "INPS", direcionando a laçada reflexiva para frente (para o escopo "INPS"). Comprovando que a dúvida é simulada, na sequência imediata ao escopo, o sujeito realiza duas paráfrases explicativas do termo opacificado ("INPS"): "quer dizer a assistência previdencial", "quer dizer aposentadoria". Também operam em favor dessa caracterização a ausência de hesitações, repetições ou alongamentos vocálicos longos, frequentes entre o metaenunciado e a formulação do parêntese metaenunciativo (v. Fragmentos 2 e 3, mais adiante, em comparação). No Fragmento 1, existem pausas antes do metaenunciado, mas entre o metaenunciado e o escopo o dizer é imediato, sem nenhuma hesitação.

Trata-se de uma dúvida que não elimina a falha, obviamente. Apenas queremos enfatizar que, com a laçada para frente, neste caso do Fragmento 1, o enunciador procura ganhar mais tempo para emitir a palavra "INPS" (já conhecida) ao mesmo tempo que processa a falha (até mesmo de memória)⁹⁷ dentro do parêntese metaenunciativo. Pode-se tratar de uma falha estrategicamente proposital, para gerar efeitos pragmáticos no interlocutor, o que é corroborado pela afirmação de Authier-Revuz nesse sentido: "há que se observar a extrema frequência dessas buscas de palavra na *escrita* ou nos textos orais 'preparados', onde a representação da busca deriva de algo *deliberado* e não de uma restrição funcional" (1998, p. 88, *itálico e aspas do original*).⁹⁸

Contudo, o mesmo não ocorre nos casos em que o sujeito, de forma clara, manifesta o que aqui chamamos de *dúvida real*, como ocorre nos casos extremos (mas não somente nestes) em que o sujeito, mesmo com a colaboração de seu(s) parceiro(s) de interlocução e apesar de inúmeras tentativas, não encontra nenhuma palavra para a nomeação desejada, ocasionando um movimento que chamamos de *ruptura sem laçada*. Esse movimento teve uma alta frequência nesse subtipo (se comparado com os demais movimentos) do campo das não-coincidências entre as palavras e as coisas (subtipo relativo à busca lexical), que se mostrou fértil para a manifestação desse fenômeno específico. Contudo, em princípio, a ruptura sem laçada pode ocorrer em qualquer campo das não-coincidências, como, de fato, apresentou mais uma

⁹⁷ Não pretendemos entender as razões das falhas do dizer dos sujeitos, já que trabalhamos com as marcas enunciativas que afloram na superfície discursiva; contudo, mencionamos a questão da falha de memória porque, ao escutarmos os inquéritos do *corpus*, por vezes, essa questão da memória parece bastante evidente, mas é um fator muito difícil de aferir com o nosso instrumental teórico.

⁹⁸ Entendemos que o gênero com o qual trabalhamos nesta tese ostenta um grau de monitoramento grande por parte dos locutores, um texto oral com muitas marcas de escrituralidade, um gênero híbrido. De toda forma, não é nosso objetivo relacionar os fenômenos enunciativos em estudo ao gênero propriamente dito.

ocorrência em todo o *corpus*, no campo das não-coincidências interlocutivas, no inquérito D2 62 (v. seção 5.3.4.1.1).

Por sua complexidade, entendemos que muitas das formas metaenunciativas que ficaram sem exercer a sua função opacificadora típica das laçadas reflexivas perderam a sua natureza metaenunciativa ou, ao menos, passaram a se situar na fronteira da modalização autonímica com outras formas, com "fenômenos diversamente 'vizinhos'" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 18, aspas do original).

Citamos como exemplos de formas que revelam a busca de nomeação sem laçada reflexiva no contexto de uma dúvida real dos sujeitos-locutores. São formas com potencial metaenunciativo, mas que, na verdade, não se realizam como tal.

Ruptura sem laçada	Inquérito
-- não sei como é que se chama esse grampo moderno agora --	D2 396
-- como é que chama essa esse negócio aqui meu Deus do céu --	D2 396
ai nem sei como é que eles na linguagem teatral não sei como eles chamam os que tomam parte os que colaboram	DID 234
não me lembro como é que era esse nome	DID 18
-- puxa eu não sei como é que eu posso ter esquecido esse nome --	DID 18
-- ai como é que chama aquele negócio que é feito com quiabo? --	DID 235
como é que chama isso?	D2 343

Quadro 6 – Exemplos de expressões que revelam o movimento de *ruptura sem laçada* – não-co incidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca por uma nomeação)

Nas estruturas que se constroem sem laçada reflexiva, percebemos uma tendência à formulação de enunciados não prototípicos, mais extensos e nos quais o sujeito mostra algum grau de indignação com as suas falhas no dizer, embora também existam no *corpus* fórmulas prototípicas da busca por uma nomeação (v. último exemplo do quadro acima: "como é que chama isso?", D2 343).

Também coexistem, dentro de um mesmo inquérito, metaenunciados que produzem o movimento completo da modalização autonímica (com laçada reflexiva) com outros enunciados sem laçada, que, como referimos, perdem seu caráter metaenunciativo ou, ao menos, situam-se na fronteira da modalização autonímica com outras formas vizinhas. Essas

diferentes formas podem coexistir, inclusive, em um mesmo enunciador, que pode oscilar entre esses dois tipos de produção enunciativa, até mesmo em zonas discursivas próximas.

No que se refere ao movimento das laçadas e à posição do metaenunciado parentético com relação ao seu escopo, apresentamos os seguintes exemplos:

Laçada para frente	Inquérito
<u>-- como é que se diz? --</u> tem que ser descascado	DID 18
<u>-- como poderia chamar? --</u> um chão	DID 18
<u>como é que se diz</u> ahn pagamentos parciais	DID 250
<u>-- como é que a gente fala? --</u> de uma definição	DID 235
<u>-- como é que chama? --</u> no ginásio de Campinas	D2 396
<u>como se diz? me falta o nome</u> a revelação do filme	DID 161
<u>eu não sei bem o termo</u> uma uma cobertura assim	DID 137

Quadro 7 – Exemplos do movimento de *laçada para frente* – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca por uma nomeação)

A seguir, apresentamos um levantamento, por inquérito, dos três principais tipos de movimentos enunciativos detectados no *corpus* – laçada para frente, laçada para trás e ruptura sem laçada –, característicos dos parênteses metaenunciativos. Trabalhamos com números aproximados, conforme advertimos no capítulo acerca dos procedimentos metodológicos adotados nesta tese, uma vez que nosso interesse é descrever os movimentos e apontar tendências, sempre a título de exemplificação e ilustração dos conceitos teóricos trabalhados.

Nesse sentido, recorde-se que trabalhamos com um número fechado de expressões, ou seja, a manifestação dos parênteses metaenunciativos, em suas diferentes tipologias de composição no *corpus*, é muito maior do que os números abaixo possam indicar. Cabe observar, ainda, que o subtipo da busca por uma nomeação, dentro das não-coincidências entre as palavras e as coisas, foi o que apresentou a maior variedade na composição das formas metaenunciativas (menos cristalizadas) com relação aos outros quatro campos de não-coincidências.

Expressões: *como é que se chama* e variantes

Com laçada para frente	Com laçada para trás	Sem laçada	Inquérito
3	0	4	D2 343

2	0	1	DID 161
1	0	0	D2 333
1	0	3	D2 396
2	0	3	DID 18
1	0	2	DID 137
0	0	4	DID 234
1	0	3	DID 235
1	0	0	DID 242
3	0	0	DID 250
TOTAL = 15	TOTAL = 0	TOTAL = 20	

Tabela 1 – Distribuição dos movimentos de *laçada* por inquérito – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca por uma nomeação)

Com a tabela acima nossa intenção foi apresentar uma visão geral da distribuição dos movimentos das laçadas, para mostrar que 1) as laçadas para frente são de ocorrência unânime nesse subtipo de não-coincidência entre as palavras e as coisas (busca por uma nomeação); 2) as laçadas para trás não tiveram nenhuma ocorrência; 3) as rupturas sem laçada são muito frequentes; 4) existem inquéritos em que não há nenhuma manifestação dos parênteses metaenunciativos que indiquem uma busca lexical pelo sujeito (considerando os nossos critérios metodológicos). Esse detalhamento nos pareceu relevante nesse subtipo que mostra o processamento de procura pela palavra certa, no qual a dimensão temporal da enunciação ou os "jogos metaenunciativos com o tempo" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 83) ganham destaque.

No subtipo em estudo, também encontramos parênteses metaenunciativos ao modo das incisivas reflexivas descritas por Authier-Revuz (1998, p. 101), que interrompem a ordem sintática ou sintagmática de elementos que mantêm forte elo de determinação entre si (determinante + nome). Apresentamos dois exemplos nesse sentido:

Fragmento 2 (NURC/SP, DID 235, g.n.)

(Tema: *alimentação*)

DOC – se você fosse vegetariA:na como é que você se alimentaria?

L – partindo de uma:... de uma:... -- **como é que a gente fala?** -- ... de uma **definição**... vegetariA:na eu iria comer vegetais né? ((riu))

Fragmento 3 (NURC/SP, D2 343, g.n.)

(Tema: a cidade, o comércio)

L1 – e:: sempre... quem manda é::... os::... a::... — como é que se diz? — ... especulação imobiliária né?

A partir de pesquisa em que realizou extenso levantamento de formas metaenunciativas típicas da língua oral (presentes também da escrita), conforme já referimos neste trabalho, Authier-Revuz destaca como uma das características gerais das formas metaenunciativas encontradas em *corpus* "a relação entre as trocas em diálogo (X dito por um/comentário sobre esse X enunciado pelo outro) [...]" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20). Encontramos no *corpus* alguns exemplos dessa dinâmica, presentes no campo das não-coincidências entre as palavras e as coisas, no subtipo referente à falta de nomeação:

Fragmento 4 (NURC/SP, D2 343, g.n.)

(Tema: a cidade, o comércio)

L2 – eu até que compro bastante coisa eu acho

L1 – chega no as/ no sábado... vai numa::... sei lá... () — como é que chama? —

L2 – éh:: **José Paulino?**

L1 – José Paulino fazer compra né?

No fragmento acima vemos que L1 processa a busca por uma nomeação ("como é que chama?") e L2, imediatamente, encontra a palavra, escopo da atividade metaenunciativa produzida por L1 ("José Paulino"). Talvez L1 pudesse chegar ao termo que buscava, mas aceitou e concordou com a palavra encontrada por L2, em explícito trabalho de colaboração conjunta na construção do metaenunciado parentético e seus laços opacificantes.

Em suma, as funções enunciativo-pragmáticas exercidas pelos parênteses metaenunciativos em que se desenvolvem as não-coincidências entre as palavras e as coisas (subtipo busca lexical) podem se resumir na necessidade interacional do sujeito-locutor de otimizar os seus enunciados buscando a precisão dos sentidos, com vistas à intercompreensão e à argumentação, que são dimensões que, articuladas ao processo enunciativo, andam juntas, no nosso entender. O sujeito-locutor faz uma parada no dizer projetando a laçada sempre para frente na tentativa de encontrar a melhor palavra para dizer o que ele deseja dizer com vistas a influenciar o seu interlocutor. Com frequência, essa otimização do dizer não acontece, produzindo-se o que aqui chamamos de ruptura sem laçada.

Conforme já mencionamos anteriormente, o tipo parentético que mostra uma não-coincidência entre as palavras e as coisas com função de indicar o processo de procura da palavra pelo enunciador apresentou grande variedade de composição das formas metaenunciativas, contrastando com outros tipos, como as não-coincidências interlocutivas do tipo *digamos*, que se compõem com estruturas mais fixas e cristalizadas.

A tabela abaixo ilustra a distribuição e frequência dos verbos *dicendi* no subtipo da busca lexical:

CHAMAR	DIZER	FALAR	SEM VERBO EXPLÍCITO
7	6	1	2

Tabela 2 – Frequência de uso dos verbos *dicendi* nas não-coincidências entre as palavras e as coisas (subtipo busca por uma nomeação)

No Quadro 7, apresentado mais acima quando tratávamos dos movimentos das laçadas, temos alguns exemplos que ilustram a distribuição do uso dos verbos *dicendi*, conforme mostra a Tabela 2: *chamar* ("como é que chama?", D2 396); *dizer* ("como se diz?", DID 161); *falar* ("como é que a gente fala?", DID 235); *sem verbo dicendi explícito* ("eu não sei bem o termo", DID 137).

A maior frequência na composição dos parênteses metaenunciativos desse subtipo se deu com o verbo *chamar*, sendo a maioria das formas compostas com a estrutura *como é que (chama)*, típica da oralidade, tanto pela construção em si (*é que*) quanto pelo uso do verbo *chamar* ou, ainda, pela ausência da partícula *se (chamar-se)*, uma tendência do português brasileiro que se confirma na variante culta da língua falada, objeto deste estudo. Tal resultado também foi verificado em nosso estudo anterior, que tratou somente das não-coincidências interdiscursivas, mas que registrou a presença de construções similares (ALMEIDA, 2017).

Quanto à transcrição das formas da não-coincidência entre as palavras e as coisas do subgrupo em análise (*como é que chama?* e variantes), realizada pelos transcritores do Projeto NURC/SP, encontramos várias ocorrências de marcação dos parênteses por meio de travessões duplos, o que se interpreta como a identificação de desvio temático provocado pelas expressões do subgrupo em questão, ou seja, de uma forma geral, os transcritores tenderam a identificar e marcar a inserção parentética metaenunciativa do tipo *como é que chama?* e variantes.

5.3.1.2 Figuras do um realizado na nomeação

5.3.1.2.1 A busca pela transparência na nomeação: *propriamente dito*

Os parênteses deste subgrupo funcionam de forma diferente com relação ao subgrupo anterior. Neste caso, o sujeito tenta restaurar o um (homogêneo) por meio de formas metaenunciativas que indicam que a palavra é exata, perfeitamente adequada à coisa nomeada, evocando uma "coincidência da palavra com a coisa" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 194), na tentativa de diminuir a distância que separa os referentes da sua nomeação ou a distância que separa as palavras das coisas.

Ao mesmo tempo que o sujeito instaura um metaenunciado que aponta para a nomeação exata, justa para o referente, perfeitamente adequada à coisa, também deixa entrever que existem outros sentidos para a palavra, que não são próprios, verdadeiros ou adequados para aquela nomeação. Assim, o sujeito sinaliza essa heterogeneidade configurada na variedade de sentidos que a língua possibilita por meio da representação de uma homogeneidade.

Vejamos os seguintes exemplos:

Fragmento 5 (NURC/SP, DID 18, g.n.)

(Tema: a casa, o terreno, vegetais, agricultura, animais, gado)

L – e o:: o freio é/ ele consiste vamos dizer num metal... que entra na boca do cavalo... esse é o **PROpriamente dito**...

Fragmento 6 (NURC/SP, EF 153, g.n.)

(Tema: o cinema brasileiro na década de 30 – conferência)

L – nesse encontro de HOje... eu não me preocupei com a faceta **propriamente esTÉTica** do cinema brasileiro... se o fizesse:... precisaria abordar longamente pelo menos a obra de Mário Peixoto e Humberto Mauro

Podemos compreender que o grupo das não-coincidências entre as palavras e as coisas, que mostra a busca de um ideal de transparência na nomeação, situa-se na fronteira com as não-coincidências das palavras consigo mesmas (que veremos mais adiante), porquanto o grupo em questão não deixa de fazer uma especificação do sentido do escopo.

No Fragmento 5, a forma *propriamente dito* é o parêntese metaenunciativo que opacifica a palavra "freio" (escopo), que é destacada em seu sentido próprio, verdadeiro, o que é também uma restrição, uma especificação do sentido da palavra "freio". Todavia, entendemos que prevalece o critério adotado pela teoria da heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.

24/194)⁹⁹, que vê, nas formas do tipo *propriamente dito*, o um realizado na nomeação tomado sob o ângulo da coincidência da palavra com a coisa: a representação do desejo de homogeneidade do sujeito, que mostra na superfície discursiva a correspondência exata, própria, verdadeira entre o signo e o referente que é por ele nomeado, como se não houvesse nenhum obstáculo nesse trajeto de nomeação, como se existisse um sentido próprio que adequasse plenamente a palavra à coisa. Portanto, o sujeito faz esse movimento enunciativo ancorado na ilusão de transparência da linguagem, de unicidade e homogeneidade do discurso.

Aliada à questão das fronteiras permeáveis existentes entre os quatro campos de não-coincidências do dizer, está a questão da proximidade desses campos também na cadeia enunciativa. Não raro, nos fragmentos extraídos do *corpus*, verificamos o uso de dois ou mais tipos de não-coincidências em um mesmo enunciado, do que é exemplo o trecho que segue:

Fragmento 7 (NURC/SP, D2 255, g.n.)

(Tema: *transportes e viagens, cinema, televisão, rádio e teatro, os meios de comunicação e difusão, a cidade e o comércio*)

DOC – com respeito: a/ao **transporte:...** **aéreo vamos dizer** ((fala muito rápido)) **propriamente Dito...** nós gostaríamos que o senhor nos descrevesse... o:... o atendiMENto o funcionamento **vamos dizer** ((fala muito rápido)) do (...)

No fragmento acima, o sujeito se vale de duas formas metaenunciativas, de dois campos diferentes do dizer, para formular uma pergunta aos locutores (trata-se de um inquérito do tipo D2). O parêntese metaenunciativo "vamos dizer propriamente dito" é composto por dois metaenunciados contíguos, cada qual mantendo uma relação diferente com o escopo "transporte aéreo". Com *vamos dizer*, o sujeito, ao identificar alguma inadequação ou imprecisão no escopo, convoca o tu enunciativo, por meio de um nós inclusivo, para aceitar e compartilhar esse dizer (dizer em uma só voz), o que configura uma não-coincidência interlocutiva, conforme veremos em seção própria. Na sequência imediata, como forma de reparação à relativização expressa por *vamos dizer*, o sujeito faz um movimento oposto, evocando o sentido próprio,

⁹⁹ A fronteira que percebemos existir entre os dois campos mencionados justifica-se também pelo cotejo dos exemplos apresentados por Authier-Revuz para ilustrar cada um desses campos, os quais se encontram, no nosso entender, em uma zona semântica muito próxima. Para ilustrar o campo das não-coincidências entre as palavras e as coisas, a autora cita, dentre outros, os exemplos: *X, no sentido estrito; X, propriamente dito* (1998, p. 24/194, negrito e sublinhado nossos). Já para ilustrar o campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas, cita, dentre outros: *X, no sentido próprio, figurado; X, nos dois sentidos; X em todos os sentidos da palavra* (2004, p. 83/183, negrito e sublinhado nossos).

verdadeiro da forma "transporte aéreo", o que configura uma não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca pela transparência na nomeação).

Em termos pragmáticos, compreendemos que a não-coincidência entre as palavras e as coisas, quando revela um desejo de transparência das palavras, é motivada pelos efeitos que o sujeito, com maior ou menor consciência ou intencionalidade, causa no seu parceiro de interlocução, até mesmo num sentido de assegurar a intercompreensão.

Baseamos essa afirmação nos exemplos levantados no *corpus*, em especial porque, contrariamente ao subgrupo anterior (busca lexical), que não apresentou nenhuma ocorrência de inserção parentética nos inquéritos do tipo *elocução formal* (EF), o grupo em análise (busca pela transparência na nomeação) consta entre as formas metaenunciativas que estão presentes nas referidas elocuições formais, que consistem não em diálogos ou entrevistas, mas sim em aulas, palestras ou conferências.

Essa observação aponta para uma tendência, que talvez possa ser explicada pela própria natureza desse tipo de inquérito, caracterizado pela necessidade de esclarecimentos terminológicos, explicações, definições e conceitos, que determina as feições dos parênteses que se mostram na superfície discursiva desse tipo de metaenunciados.

Alia-se a essa observação outra tendência, atinente às especificações dos sentidos (não-coincidências das palavras consigo mesmas), campo também presente nas elocuições formais, diante de outros campos ou subtipos nelas ausentes ou pouco frequentes (como o das não-coincidências interlocutivas e interdiscursivas). Trata-se de impressões que devem ser aprofundadas em outro estudo.

Quanto ao movimento das laçadas e à posição do metaenunciado parentético com relação ao seu escopo, apresentamos os seguintes exemplos:

Laçada para trás e para frente	Inquérito
esse é o freio <u>propriamente dito</u>	DID 18
indivíduo de formação universitária <u>propriamente dita</u>	D2 62
eu vi nascer <u>propriamente</u> a televisão	D2 333
desde o tema pré-iconográfico [...] até o iconográfico <u>propriamente</u>	EF 405
não me preocupei com a faceta <u>propriamente estética</u> do cinema brasileiro	EF 153

Quadro 8 – Exemplos do movimento de *laçada para trás e para frente* – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca pela transparência na nomeação)

Vemos que o movimento das laçadas não se apresenta de forma unidirecional nem tão determinante na configuração do próprio grupo, como ocorre no caso do subgrupo anterior, relativo à busca por uma nomeação, que, por suas características, autoriza-nos a afirmar que a laçada para frente é constitutiva daquele subtipo. Por outro lado, não podemos afirmar que o movimento de laçada para trás seja constitutivo do subgrupo em análise, porque ocorre de forma bidirecional, mas podemos afirmar que é um movimento predominante no *corpus*.

A distribuição das laçadas se deu da seguinte forma no grupo sob análise:

Expressões: *propriamente dito* e variantes

Com laçada para frente	Com laçada para trás	Forma típica?	Inquérito
0	1	sim	D2 62
0	1	sim	D2 62
0	1	sim	D2 333
0	1	sim	DID 137
0	1	sim	DID 242
0	1	sim	DID 242
0	1	sim	DID 255
0	1	sim	EF 405
1	0	sim	EF 153
0	1	sim	DID 18
0	1	não	DID 18
TOTAL = 1	TOTAL = 10		

Tabela 3 – Distribuição dos movimentos de *laçada* por inquérito – não-coincidência entre as palavras e as coisas (subtipo busca pela transparência na nomeação)

Como já dissemos, o movimento de laçada para trás teve ocorrência quase unânime, havendo apenas uma ocorrência de laçada para frente ("faceta **propriamente estética** do cinema brasileiro" – EF 153) , o que diferencia a dinâmica enunciativa entre este grupo e o subgrupo da busca pela palavra. Neste subgrupo, predomina a volta reflexiva, em detrimento da antecipação do metaenunciado ao dizer; de outra parte, isso indica uma flexibilidade maior quanto às possibilidades de laçada, sem, no entanto, interferir sobremaneira nos sentidos que emanam das diferentes posições do metaenunciado com relação ao escopo.

No Fragmento 6, a relação metaenunciativa estabelecida entre o escopo ("estética") e o metaenunciado ("propriamente") permite a inversão da posição deste com relação àquele, ou seja, em vez de dizer "faceta propriamente estética" (Fragmento 6), o sujeito poderia enunciar "faceta estética propriamente", com implicações nos níveis enunciativo e semântico, mas, estruturalmente, sem impedimentos para essa inversão. De todo modo, a laçada para frente (Fragmento 6), que tangencia mais diretamente a dimensão temporal da enunciação em razão da antecipação do metaenunciado ao escopo, sempre interfere, em algum grau, na previsibilidade do que o sujeito irá dizer, já que o trabalho de gerenciamento do tempo entre enunciar (metaenunciado) e emitir (escopo) fica mais evidente.

Ao compararmos o Fragmento 5 (laçada para trás) com o Fragmento 6 (laçada para frente), percebemos que, neste último, quando o sujeito enuncia "propriamente", já tem em mente a palavra que vai emitir na sequência, antecipando o esclarecimento quanto ao sentido que quer imprimir a essa palavra que ainda dirá, como se o tempo a mais que ganhou ao antecipar a produção do parêntese do metadizer lhe permitisse formular o seguinte raciocínio: "a palavra que vou dizer em seguida deve ser entendida em seu sentido verdadeiro, pois corresponde exatamente à coisa que quero nomear". De outra parte, a laçada para trás, típica da posição mais característica desse subgrupo (parêntese posterior ao escopo), não oferece essa possibilidade de interpretação, funcionando mais como uma ênfase ao sentido verdadeiro da palavra já dita.

Ademais, percebemos que as formas do tipo *propriamente dito* também operam ao modo das incisivas reflexivas, produzindo interrupções no nível sintático e sintagmático, tanto quando a laçada é voltada para trás (p. ex, "eu vi *nascer propriamente a televisão*", D2 333) quanto quando a laçada é projetada para frente, como no caso do Fragmento 6 ("não me preocupei com a *faceta propriamente estética* do cinema brasileiro").

No que respeita à tipicidade das composições dos metaenunciados parentéticos, verificamos apenas uma construção atípica dentre as demais, que seguiram sempre a composição típica *propriamente dito/dita* ou apenas *propriamente*, conforme indica o quadro acima.

A forma atípica encontrada está inserida em um fragmento interacional em que o documentador simula ignorância sobre determinado assunto sobre o qual formula a pergunta ao locutor, recurso este frequente nos inquéritos do Projeto NURC/BR para estimular a produção

linguística pelos locutores. No fragmento em destaque, o locutor percebe a simulação e a denuncia, produzindo uma figura que evoca a transparência da palavra.

Fragmento 8 (NURC/SP, DID 18, g.n.)

(Tema: a casa, o terreno, vegetais, agricultura, animais, gado)

L – há gado de corte e gado de leite:... a:qui em Campinas o gado era o gado de leite ... e lá em:: Barretos era gado de corte... a::

DOC – pode dizer a distinção de um e de outro que nós não sabemos

L – ((riu)) o **gado de leite** natu/ como diz/ ah:::... **é que também a:s próprias palavras já estão dizendo né?**

DOC – sim

L – o gado de leite é pra produção de leite... e o gado de corte é pra carne...

O parêntese metaenunciativo joga com a suposta transparência da expressão "gado de leite", que, para o sujeito, é dotada de tamanha obviedade que manifesta ser desnecessário explicar-lhe o sentido, uma vez que essas palavras "falam por si próprias".

Os parênteses metaenunciativos que abrigam uma não-coincidência entre as palavras e as coisas do tipo *propriamente dito* não apresentaram composições diferentes significativas em termos de frequência, já que, via de regra, se compuseram pela forma nominal *dito* ou *dita*, portanto do verbo *dicendi* dizer, quando explícito, ou apenas pelo advérbio *propriamente*, quando tais formas nominais estão ausentes da composição. São expressões mais cristalizadas do que as do subtipo anterior (busca da palavra), mas também pode apresentar composições variadas e avaliadas como atípicas dentro do contexto do *corpus* em análise, como comprova o Fragmento 8.

Quanto à transcrição das formas da não-coincidência entre as palavras e as coisas do tipo *propriamente dito* (e variantes), realizada pelos transcritores do Projeto NURC/SP, não encontramos nenhuma ocorrência de marcação dos parênteses por meio de travessões duplos, o que se interpreta como a não identificação de desvio temático provocado pelas formas em questão. Algumas explicações podem ser pensadas para essa ausência de marcação dos parênteses metaenunciativos. Uma delas diz respeito à própria estrutura composicional das expressões, que, não só por sua curta extensão, mas talvez por sua natureza adverbial, mostram-se mais integradas aos demais elementos da frase, ainda que rupturas sintáticas e sintagmáticas tenham sido observadas (p. ex., "*faceta propriamente estética*", EF 153, Fragmento 6; "*nascer propriamente a televisão*, D2 333).

5.3.2 Não-coincidências das palavras consigo mesmas

O campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas evidenciam o fato de que as palavras são polissêmicas, carentes de precisão e completude, razão pela qual surge a necessidade de o sujeito-enunciador especificar ou restringir os seus sentidos nos diferentes contextos (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83 apud HILGERT, 2012, p. 119). Esse tipo está presente "nas glosas que designam, ao modo da rejeição – por especificação de um sentido contra outro – ou, ao contrário, da integração ao sentido, fatos de polissemia, de homonímia, de trocadilho, etc." (AUTHIER REVUZ, 2004, p. 83). Por exemplo: *X, em sentido próprio, figurado; X, nos dois sentidos; X em todos os sentidos da palavra; X, não no sentido...; X, é o caso de dizê-lo; se ousar dizer* (AUTHIER REVUZ, 2004, p. 83/183).

Authier-Revuz (1998, p. 25/195) reúne "as figuras que, pontualmente, testemunham o encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras" em quatro grandes grupos (todos presentes no *corpus*, mas nem sempre em frequência relevante para a análise):

- respostas de fixação de um sentido (*X, no sentido de p; X, não no sentido de q; X, sem jogo de palavra*);
- figuras do dizer alterado pelo encontro do não-um: desculpas, reservas, modalidades irrealizantes do dizer, ligadas ao jogo de um "sentido a mais" (*eu falhei dizendo X; seria preciso dizer X; X, se ousar dizer*);
- o sentido estendido no não-um (*X, também no sentido de q; no sentido de p e no sentido de q; nos dois sentidos da palavra; em todos os sentidos da palavra*);
- o dizer reassegurado pelo não-um, frequentemente imprevisto, do sentido (*X, é o caso de dizer; X, esta é a palavra!; X, para dizê-lo em uma palavra preciosamente ambígua*).

A autora aprofunda o estudo desse campo de não-coincidência do dizer em texto específico¹⁰⁰ no qual detalha os mecanismos de funcionamento desse tipo de "glosa de redução do não-um" (1998, p. 49), ou seja, comentários metaenunciativos que, ao especificarem o sentido de uma palavra, ao mesmo tempo reduzem as inúmeras possibilidades ofertadas pela realidade polissêmica da língua (heterogeneidade) e atestam a ruptura da evidência homogeneizante das palavras.

5.3.2.1 A fixação do sentido: *no sentido (de), em termos (de)*

¹⁰⁰ "O enunciador glosador de suas palavras: explicitação e interpretação" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 29-49).

Esse subgrupo de não-coincidências das palavras consigo mesmas revelam o trabalho do enunciador para fixar um sentido dentre todos os que a realidade inescapável da polissemia pode oferecer.

Em vista disso, leciona Authier-Revuz:

[...] a operação de fixação da mobilidade potencial do sentido de uma unidade do dizer é também solidariamente uma atestação da realidade enunciativa do não-um do sentido, ao qual essa operação opõe o trabalho ativo de especificação de *um* sentido, preenchendo, no plano segundo, metaenunciativo, do desdobramento do dizer, a "falha" do primeiro plano, através de uma operação contextual de eliminação em X de um sentido inoportuno que, no entanto, X autoriza ou favorece. Esta oposição diferencial, negativa, em relação a um *outro sentido de q* específico (mais ou menos preciso) contra o qual o enunciador coloca "seu" sentido, apresenta-se – através da variedade de suas formas – como constitutiva do sentido das glosas de fixação do sentido de X. (AUTHIER REVUZ, 1998, p. 31, itálico e aspas do original, sublinhado nosso)

A linguista discrimina três modos pelos quais o enunciador pode realizar a operação metaenunciativa de fixação do sentido ou três "modos de descrição metaenunciativa do sentido de uma unidade lexical": por meio de glosas só na forma negativa (*X, não no sentido de q*); glosas na forma dupla (*X no sentido de p e não no sentido de q*) e glosas exclusivamente na forma positiva (*X, no sentido de p*), sendo estas últimas as mais utilizadas (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 32-33), conforme comprovam os exemplos levantados no *corpus* desta pesquisa.

Vejamos os fragmentos a seguir:

Fragmento 9 (NURC/SP, EF 156, g.n.)

(Tema: *estética no Brasil na década de 30 – conferência*)

L – então para ele o impressionismo foi antes de tudo um movimento **DEespera::do... no sentido de... que... tentava fixAR... o que não tinha possibilidade de ser fiXAdo... tentava REter aquilo que estava desaparecendo que era a natureza natural...** a natureza exterior ao homem... tentava reter o instante... que é impossível da gente::... reter...

Fragmento 10 (NURC/SP, EF 377, g.n.)

(Tema: *os instrumentos da vida intelectual – aula universitária*)

L – É significativo esse número de acerto esse número de erros?... É **significativo em termos estaTÍsticos... em termos QUANtitativos?**... (né?) então:... o que nós fazemos? nós compaRA::mos::... esses resulTAdos... com padrões... determinados

No Fragmento 9, o enunciador restringe a abrangência do sentido da palavra "desesperado" (escopo) por meio do parêntese metaenunciativo "no sentido de que tentava fixar o que não tinha possibilidade de ser fixado". Essa especificação do sentido da palavra "desesperado" ocorre por meio de um metaenunciado longo, que difere das composições prototípicas das não-coincidências das palavras consigo mesmas: "no sentido + adjetivo" ("no sentido freudiano"; "no sentido freudiano do termo", por exemplo). No *corpus*, a estrutura prototípica formada com a palavra "sentido" teve apenas uma ocorrência ("num sentido amplo", EF 153). Por outro lado, encontramos, com certa frequência, essa mesma estrutura formada com a palavra "termos" (em termos + adjetivo), do que é exemplo o Fragmento 10.

Outra característica dos parênteses de fixação positiva do sentido, como é o caso do exemplo do Fragmento 9, diz respeito à possibilidade desse tipo de metaenunciado ser parafraseável, com a presença ou não de sinonímia, conforme descreve Authier-Revuz (1998, p. 33-34). No processo de fixação de um sentido dentre os vários possíveis, o enunciador recorre, com frequência, a esse recurso, reforçando qual o sentido está sendo alvo da especificação.

No Fragmento 9, o enunciador se vale do recurso da paráfrase para melhor explicar o metaenunciado destinado a especificar o sentido de "desesperado" no contexto de um enunciado maior que trata da estética da pintura do ponto de vista de um determinado autor, que entende o impressionismo como um movimento desesperado. Assim, o enunciador especifica o sentido dessa palavra por meio de um metaenunciado que ainda é vago (leia-se: "fixar o que não podia ser fixado"), razão pela qual sente a necessidade de especificar ainda mais o sentido por meio da paráfrase (leia-se: "o impressionismo foi um movimento desesperado no sentido de que tentava fixar o que não podia ser fixado, ou seja, tentava reter a natureza natural, que estava desaparecendo").

Julgamos que a paráfrase explicativa acima descrita também integra o grande parêntese metaenunciativo introduzido pela forma "no sentido de". Interessante observar que, na continuação do parêntese, seguem-se outras reformulações parafrásticas de termos nele contidos ("a natureza exterior ao homem... tentava reter o instante, que é impossível da gente reter").

Por sua vez, o Fragmento 10 traz como parêntese metaenunciativo uma composição mais próxima da construção prototípica das não-coincidências das palavras consigo mesmas, como já mencionamos: "no sentido + adjetivo". No lugar da palavra "sentido", a palavra

preferencial no *corpus*, utilizada para formar os metaenunciados de fixação de um sentido, foi o substantivo "termos", compondo a fórmula "em termos + adjetivo" (Fragmento 10) ou "em termos de + substantivo" (p. ex., "em termos de progresso", D2 343).

Vemos no fragmento em análise que o enunciador, num primeiro movimento, especifica o sentido do adjetivo "significativo" (escopo) por meio do metaenunciado "em termos estatísticos", fazendo alusão ao sentido estatístico do termo; num segundo movimento, reforça essa fixação do sentido com o uso de uma paráfrase por sinonímia ("em termos quantitativos"). Ambos os movimentos integram o parêntese metaenunciativo do Fragmento 10.

Em sintonia com o que observamos na seção anterior, quando tratamos das formas do tipo *propriamente dito*, chamamos a atenção para uma característica dos inquéritos do tipo elocuições formais, de onde retiramos os Fragmentos 9 e 10. Ambos apresentam metaenunciados parentéticos que contêm o recurso da paráfrase, o que talvez possa ser explicado pela própria natureza desse tipo de inquérito, caracterizado pela necessidade de esclarecimentos terminológicos, explicações, definições e conceitos. O levantamento no *corpus* aponta que o campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas está presente em todos os inquéritos do tipo elocuições formais.

Ademais, encontramos no *corpus* um exemplo do tipo "glosas na forma dupla", que fixa o sentido da palavra pela negação de um sentido que o sujeito não quer evocar, enfatizando, na forma positiva, qual o sentido o sujeito quer especificar: "acrescentam o conteúdo negativo ao conteúdo positivo da especificação de um sentido p, **X no sentido de p e não no sentido de q**, constituindo, assim, uma figura de fixação 'máxima' do 'jogo' do sentido em X". (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 33, negrito e aspas do original), conforme mostra o seguinte fragmento:

Fragmento 11 (NURC/SP, D2 62, g.n.)

(Tema: tempo cronológico, instituições, ensino, profissões)

L1 – mas pega um clínico geral ((fala em tom mais baixo))... por incrível que pareça é o que ma::is... esTUda... ()... é o que tem a maiOR especialização... em compensação é o mais injustiçado... pediatria...
L2 – ele ele estaria dentro do caso do engenheiro civil então **o clínico geral?** assim de:... **em termos NÃO de estudo digamos mas de:... de campo de serviço?**

O sentido fixado duplamente no metaenunciado do Fragmento 11 atinge o máximo grau de especificação, já que o enunciador deixa claro que o "clínico geral" (escopo) deve ser entendido aqui não no sentido de sua formação, mas no sentido de sua atuação profissional.

Neste ponto, cabe uma observação quanto à abundância, no *corpus*, do uso da expressão *em termos/em termos de*, que, em alguns inquéritos, foi empregada como uma verdadeira forma-tique¹⁰¹ (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 101) ou tique discursivo (FRANCKEL, 2020, p. 7). Na maior parte dos casos, a referida expressão não desempenhava nenhuma função metaenunciativa no discurso, fator que tornou bastante complexa a tarefa de identificação e delimitação, em *corpus*, do parêntese metaenunciativo nesses casos. Salvo as que realmente exercem função metaenunciativa, as demais (maioria) são aquelas formas referidas por Authier-Revuz como fronteiriças, homônimas ou "vizinhas", mas que não modalizam o dizer de modo autônomico. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 18).

Para oferecer uma ideia da frequência da expressão *em termos/em termos de* em alguns inquéritos, exercendo funções metaenunciativas ou não, apresentamos a tabela a seguir:

Expressão *em termos/em termos de*

FREQUÊNCIA (todas as funções)	INQUÉRITO
20	D2 62
19	D2 255
17	D2 343
4	DID 137
4	EF 377
0	EF 153
0	D2 360
0	DID 18

Tabela 4 – Frequência da expressão *em termos/em termos de* em alguns inquéritos – todas as funções

Considerando apenas as funções metaenunciativas, a tabela abaixo indica a distribuição dos usos de *em termos/em termos de* e de *no sentido/no sentido de* e variantes nos inquéritos em que essas formas se manifestaram:

¹⁰¹ Aprofundaremos o tema dos tiques linguísticos quando tratarmos das não-coincidências interlocutivas, campo que favorece a produção dessas formas, embora em qualquer campo das não-coincidências esse fenômeno pode ocorrer, alguns com maior, outros com menor frequência.

EM TERMOS/ EM TERMOS DE	NO SENTIDO/ NO SENTIDO DE	INQUÉRITO
6	0	D2 62
1	1	D2 255
1	1	D2 333
6	0	D2 343
0	1	D2 360
0	1	DID 18
1	0	DID 137
0	1	EF 153
0	1	EF 156
4	1	EF 377
0	1	EF 405
TOTAL = 19	TOTAL = 8	

Tabela 5 – Frequência da expressão *em termos de x no sentido de* e variantes por inquérito – função metaenunciativa

Authier-Revuz destaca como uma das características gerais das formas metaenunciativas encontradas em *corpus* de língua falada e escrita, já mencionado, "a relação entre as trocas em diálogo (X dito por um/comentário sobre esse X enunciado pelo outro) [...]" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20). Encontramos no *corpus* alguns exemplos dessa dinâmica, presentes no campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas, no subtipo referente à resposta de fixação de um sentido:

Fragmento 12 (NURC/SP, D2 62, g.n.)

(Tema: *tempo cronológico, instituições, ensino, profissões*)

DOC – e em outros campos assim:... por exemplo ligado à **construçã:o**... ou então?...

L1 – ()

L2 – à **construção** ((fala em sobreposição))

L1 – **você diz assim em termos de processamento de dados aplicados a construções (assim)?**

No fragmento acima vemos que o documentador dá continuidade a uma pergunta que já havia dirigido aos locutores anteriormente, questionando-os, agora, a respeito de "outros campos ligados à construção civil". A pergunta é bastante genérica e L1 não entende de imediato a que o documentador se refere, associando "construção" com "processamento de

dados", que era o tema que ele (L1) vinha desenvolvendo nos turnos anteriores. Assim, L1 começa a formular uma resposta ou pergunta, mas L2 toma o turno e repete o escopo "construção". Na sequência, L1 produz um metaenunciado que fixa o sentido da palavra "construção" sob a forma de pergunta, solicitando que o documentador confirme a especificação do sentido fixado por ele (L1) para a palavra "construção". O Fragmento 12 é exemplo de um evidente trabalho de colaboração conjunta na construção do metaenunciado parentético e seus laços opacificantes.

No sentido das fronteiras que permitem o contato entre os quatro campos de não-coincidências, com interferências mútuas, poderíamos argumentar que a não-coincidência enunciativa identificada no Fragmento 12, que, pela fixação do sentido evocada, situa-se no campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas, entrecruza-se com o campo das não-coincidências interlocutivas, pela convocação do tu explicitada na forma *você*, com a qual L1 dirige ao documentador a pergunta embutida no parêntese metaenunciativo (entendemos que "você diz assim" equivale enunciativamente a "digamos assim", "vamos dizer assim").

Aliada à questão das fronteiras permeáveis existentes entre os quatro campos de não-coincidências do dizer, está a questão da proximidade desses campos também na cadeia enunciativa. No Fragmento 12, podemos dizer que se manifestam três campos de não-coincidências enunciativas. Além dos dois já mencionados (uma não-coincidência das palavras consigo mesmas que se funde com uma não-coincidência interlocutiva), temos a presença de uma não-coincidência entre as palavras e as coisas mostrada na forma *assim*, que se repete no metaenunciado. Essa forma, em particular, é muito abundante no *corpus* e, também por isso, oferece grande complexidade em sua identificação na função metaenunciativa¹⁰². Está incluída no subgrupo das não-coincidências entre as palavras e as coisas porque remete à falta de nomeação (não por ausência, mas por inadequação), no qual também se situam formas como *por assim dizer*¹⁰³, que denuncia que a palavra que nomeia a realidade pretendida pelo sujeito apresenta algum grau de imperfeição (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 24).

¹⁰² As razões que nos levaram a não incluir o estudo da forma *assim*, como exemplo de não-coincidência entre as palavras e as coisas, dizem respeito à sua não prototipicidade, de um lado, e à sua elevada frequência no *corpus*, de outro. Esses fatores, aliados à grande versatilidade de usos de *assim* (inclusive como forma-tique), torna a tarefa do pesquisador ainda mais complexa no sentido da identificação de sua função metaenunciativa. A forma *assim* não foi estudada por Authier-Revuz de forma isolada, e sim integrada na composição de outras formas metaenunciativas (*digamos assim*, *por assim dizer*, etc), pelo que renderia um interessante estudo.

¹⁰³ Apesar de ser uma forma prototípica, deixamos de incluir *por assim dizer* em nosso estudo pela simples razão de sua frequência no *corpus*: apenas quatro ocorrências. Por isso, demos preferência ao estudo da forma *propriamente dito*, que foi mais abundante e ofereceu melhores condições de análise.

5.3.2.2 A ampliação do sentido: *num sentido amplo, em termos gerais*

O subtipo representado nesta seção remete aos metaenunciados que não produzem uma fixação de um sentido dentre vários outros, como ocorre no subgrupo anteriormente analisado, já que não há uma fórmula restritiva para essa especificação. Ao contrário, o subtipo que remete a um sentido estendido na heterogeneidade das não-coincidências diz respeito a uma ampliação no espectro do sentido da palavra alvo do comentário metaenunciativo. Com o uso dessas formas, o enunciador não se interessa por fixar um sentido para a palavra comentada, e sim atribuir a ela uma "plurivocidade virtual" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 45).

Entendemos que se trata de um liame tênue a separar os dois subgrupos, pois a expansão do sentido também poderia ser compreendida como uma forma de especificação, por oposição ao sentido do um (que luta contra a heterogeneidade da polissemia da língua); no caso do subtipo relativo à ampliação do sentido, a evocação a uma pluralidade de sentidos ou a uma abertura no campo semântico da palavra parece fazer o movimento contrário: explicita a heterogeneidade e contra ela não demonstra pretender lutar.

São exemplos desse subtipo os fragmentos que seguem:

Fragmento 13 (NURC/SP, EF 153, g.n.)

(Tema: *o cinema brasileiro na década de 30 – conferência*)

L1 – foram abordados... os problemas da **CL**asse **cinematoGRÁfica** brasileira... **num sentido AMplo**... e que abrangia toda gente que no Brasil tinha sua atividade... ligada.. ao cinema... isto é em primeiro lugar... o setor do **coMÉR**cio cinematográfico

Fragmento 14 (NURC/SP, D2 343, g.n.)

(Tema: *a cidade, o comércio*)

L2 – quanto mais você está rodeado por máquinas mais você perde o contato com::... com ciclos que são naturais... isso dá mais **angústia** assim... **falando bem em termos gerais**...

No Fragmento 13, o escopo "classe cinematográfica brasileira" é estendido para o sentido amplo da palavra (neste caso, uma expressão maior cujo núcleo é "classe"). O enunciador não deseja fixar apenas um sentido para o escopo, e sim esclarecer ao interlocutor que a "classe cinematográfica brasileira" devem ser compreendida de forma abrangente, e não de forma específica ou particular.

Isso se comprova na continuação desse enunciado, em que podemos perceber a presença de uma paráfrase do próprio termo "sentido amplo" contido no parêntese metaenunciativo (a classe cinematográfica brasileira "abrangia toda gente que no Brasil tinha sua atividade ligada ao cinema"), reforçada por uma exemplificação que é apresentada na sequência: "o setor do comércio cinematográfico" também está incluído no sentido amplo que o enunciador quer atribuir ao escopo "classe cinematográfica brasileira". Logo em seguida, o enunciador elenca uma série de exemplos de profissionais que representam essa amplitude da classe cinematográfica brasileira, ao integrarem uma comissão definida pelo governo (composta por "comerciantes de cinema, produtores, educadores, jornalistas" e qualificada pelo enunciador como "um saco de gatos"), para atender às suas reivindicações.

No Fragmento 14, ocorre algo similar. O metaenunciado "falando bem em termos gerais" estende o sentido da palavra "angústia" (escopo), proferida em meio a um enunciado que trata da distância do homem com relação à natureza.

Após o parêntese também vemos a presença de paráfrase explicativa, não de elementos do metaenunciado ou do próprio escopo, mas de enunciado realizado antes do parêntese – "quanto mais você está rodeado por máquinas mais você perde o contato com ciclos que são naturais" –, que, após o parêntese, é explicado como "quanto mais você se distancia da natureza, mais você perde a percepção a noção de que as coisas se dão em ciclos". Esses "termos", essas ideias são gerais para explicar a "angústia" referida no escopo como consequência do afastamento do homem com relação ao seu entorno natural. A palavra "angústia" deve ser entendida nesse sentido mais abrangente.

Tendo em vista o funcionamento similar dos dois subgrupos em estudo (fixação do sentido e ampliação do sentido), no âmbito das não-coincidências das palavras consigo mesmas, no que tange aos movimentos da modalização autonímica, bem como às características de composição e de interrupção sintática, as considerações que faremos a seguir referem-se a ambos os subtipos.

Quanto ao movimento das laçadas e à posição do escopo com relação ao metaenunciado, apresentam-se da seguinte forma no campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas:

Laçada para trás	Inquérito
depende do modelo em termos funcionalistas	EF 377

o povo americano não é um povo feliz em termos de condições materiais	D2 343
a inteligência segundo Binet [...] é mais simples no sentido do indivíduo realizar tarefas mais simples	EF 377
sua experiência de fazenda experiência nesse caso no sentido de descrever por exemplo a casa da fazenda	DID 18
isso dá mais angústia assim falando bem em termos gerais	D2 343
foram abordados os problemas da classe cinematográfica num sentido amplo	EF 153

Quadro 9 – Exemplos do movimento de *laçada para trás* – não-coincidência das palavras consigo mesmas (subtipos fixação do sentido e ampliação do sentido)

A modo de complementação do quadro anteriormente apresentado, vemos que a distribuição das laçadas, por inquérito, ocorreu da seguinte forma nos dois subgrupos sob análise:

Expressões: *em termos de*, *no sentido de* e variantes

Com laçada para frente	Com laçada para trás	Forma típica?	Inquérito
0	6	sim	D2 62
0	2	sim	D2 255
0	2	sim	D2 333
0	6	1 não	D2 343
0	1	sim	D2 360
0	1	sim	DID 18
0	1	sim	DID 137
0	1	sim	EF 153
0	1	sim	EF 156
0	5	sim	EF 377
0	1	sim	EF 405
TOTAL = 0	TOTAL = 27		

Tabela 6 – Distribuição dos movimentos de *laçada* por inquérito – não-coincidência das palavras consigo mesmas (subtipos fixação do sentido e ampliação do sentido)

Observando o Quadro 9 e a Tabela 6, concluímos que as laçadas se apresentam, em todas as ocorrências, sob a forma de volta reflexiva unidirecional, o que sinaliza que o movimento de laçada para trás é determinante na configuração das não-coincidências das palavras consigo mesmas. Dito de outro modo, a fixação ou a ampliação do sentido que se desenvolve dentro do parêntese vem sempre após a emissão da palavra que configura o escopo da atividade metaenunciativa (v. Fragmentos 9 a 14). Essa característica, manifestada na totalidade dos casos levantados no *corpus*, autoriza-nos a afirmar que a laçada para trás é constitutiva do campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas.

Com base no Quadro 9, podemos afirmar, ainda, que as expressões metaenunciativas consubstanciadas em não-coincidências das palavras consigo mesmas (dois subtipos), na sua quase totalidade, são compostas com verbos *dicendi* em sua forma implícita. A única exceção encontrada no *corpus* foi o metaenunciado "**angústia** assim **falando bem em termos gerais**" (Fragmento 14), que apresenta uma forma de composição atípica dentro dos dois subtipos em estudo: o verbo *dicendi* "falar" se mostra explícito na forma nominal do gerúndio.

Quanto ao aspecto de funcionamento dos parênteses metaenunciativos a modo de incisivas reflexivas, nos termos descritos por Authier-Revuz (1998, p. 101), verificamos que, nos dois subtipos em estudo, não houve nenhuma ocorrência, eis que não produziram nenhuma interrupção na ordem sintática ou sintagmática dos elementos na frase.

As funções enunciativo-pragmáticas exercidas pelos parênteses metaenunciativos em que se desenvolvem as não-coincidências das palavras consigo mesmas, seja quando restringem o sentido ou quando o estendem, podem se resumir na necessidade interacional do sujeito-locutor de otimizar os seus enunciados buscando a precisão dos sentidos, com vistas à intercompreensão e à argumentação, dimensões que, articuladas ao processo enunciativo, andam juntas, no nosso entender. O sujeito-locutor faz uma parada no dizer projetando a laçada ou para frente ou para trás na tentativa de precisar ou especificar de alguma forma o sentido que melhor expressa o que ele deseja expressar para o seu interlocutor.

Por fim, devemos dizer que, quanto à transcrição das formas da não-coincidência das palavras consigo mesmas, realizada pelos transcritores do Projeto NURC/SP, não encontramos nenhuma ocorrência de marcação dos parênteses por meio de travessões duplos, o que se interpreta como a não identificação de desvio temático provocado pelas formas em questão. As possíveis explicações para essa ausência de marcação são as mesmas que já expusemos quando tratamos das expressões do tipo *propriamente dito*: uma delas diz respeito à própria estrutura

composicional das expressões, que, não só por sua curta extensão, mas talvez por sua natureza adverbial, mostram-se mais integradas aos demais elementos da frase.

5.3.3 Não-coincidências interdiscursivas ou do discurso consigo mesmo

O espaço das não-coincidências interdiscursivas estão presentes em "glosas que assinalam, no discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso", ou seja, "que traçam no discurso, através das relações mais diversas com o outro, uma fronteira interior/exterior." Esse traçado é desenhado "através de um leque completo de relações com o outro – do acordo ao conflito", que depende, portanto, de uma "interdiscursividade mostrada". (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83/183). A autora apresenta alguns exemplos, tais como: *X, como diz fulano; para retomar as palavras de...; como se diz lá; como se diz por aí, neste meio; como se dizia; X, no sentido de tal discurso; X, no sentido em que fulano emprega* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83/183).

Explica a autora que essa área de não-co incidência do dizer

é concebida como constitutiva tendo por referência o dialogismo bakhtiniano (considerando que *toda palavra, por se produzir em "meio" ao já-dito de outros discursos, é habitada por um discurso outro*) e a teorização do interdiscurso no quadro da análise do discurso (cf. M. Pêcheux) que, através de uma evolução que dá cada vez mais lugar à heterogeneidade das próprias formações discursivas, sustenta o princípio fundamentalmente exteriorizante para o dizer em sua determinação por um "isso fala, em outro lugar, antes e independentemente". (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 193, aspas e itálico do original, sublinhado nosso)

Assim, esse campo de não-coincidências do dizer é o que explicita de forma mais clara a presença do outro no discurso do eu, a relação dialógica constitutiva de todo discurso. Nesse sentido, Authier-Revuz (1998, p. 22-23), especifica alguns tipos de fronteira entre o eu e o outro, destacadas pelas glosas metaenunciativas interdiscursivas, por meio das quais "um discurso produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si" (muitas dessas fronteiras estão presentes no *corpus* desta tese, mas nem sempre em frequência relevante para a análise):

- balizagem ou incerteza do traçado (desde o elemento "citado" com todas as precisões, até a retomada não marcada);
- exterior "apropriado" ao objeto do dizer (isto é, em que uma palavra "não de si" se impõe como palavra "disto do qual se fala"; por exemplo, palavra de um outro lugar, de uma outra

- época, de uma outra teoria, de uma outra pessoa, da qual se fala, e que se impõe como apropriada a esse objeto) vs. associado ao discurso (isto é, que se impõe ao discurso em apoio, conflito, associação de idéias, a partir do campo de força do interdiscurso);
- maneira de dizer outra tomada como "roupagem" outra para um mesmo conteúdo vs. como ponto de vista outro sobre o real;
 - exterioridade de uma palavra ou do sentido de uma palavra (*X, no sentido cristão, no sentido de Bourdieu*);
 - tipo de outro: outra língua, região, época, registro, "socioleto", discurso teórico, posição política;
 - o exterior do repetido no singular (imagens da relação com a estereotipia).

5.3.3.1 Um exterior apropriado ao objeto do dizer

Um dos tipos de fronteira entre o dizer do sujeito (eu) e do outro (exterior) é o que sinaliza para uma voz exterior que é apropriada ao dizer do sujeito em dois sentidos: no sentido de adequação e de apropriação. O outro que constitui o eu fica evidenciado em alguns pontos do discurso, em que a heterogeneidade de vozes se mostra em uma não-coincidência do discurso com ele mesmo.

Os dois subtipos abaixo manifestam a mesma característica desse exterior do qual o sujeito se apropria e adequa ao seu dizer, deixando expostas as marcas do outro no discurso do eu. Concebemos esses dois subtipos de forma diferente apenas porque o seu funcionamento estrutural difere quanto à forma composicional e, também, quanto aos movimentos da modalização autonímica (laçadas).

5.3.3.1.1 Um outro dizer: *como se diz, como se falava*

O subtipo um outro dizer, assim por nós intitulado, diz respeito às construções mais prototípicas das não-coincidências do discurso consigo mesmo, que se formam com a partícula *como* + verbo *dicendi* (*como se diz, como se falava*) e apresentam grande variação em sua forma composicional, além de mobilidade quanto ao movimento de laçadas reflexivas.

Fragmento 15 (NURC/SP, D2 62, g.n.)

(Tema: tempo cronológico, instituições, ensino, profissões)

L1 – realmente foram acabando com essas reservas aí... vegeTAIS ((fala em sobreposição))

L2 – mas é o **progresso** né?

L1 – é seria o **proGRE**so que está cheGANdo né? dizem que é o **progresso dizem** né?... sei lá ((riu))

L2 – **dizem** né? ((fala mimética em sobreposição)) progresso mal controlado

O Fragmento 15 é exemplo da "relação entre as trocas em diálogo (X dito por um/comentário sobre esse X enunciado pelo outro) [...]" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20), uma das características gerais das formas metaenunciativas. Neste caso, o comentário "dizem" enunciado por L1 se refere ao escopo ("progresso"), enunciado por L2 e repetido por L1 no seu turno.

Com o metaenunciado "dizem", o sujeito-locutor L1 traz a voz do outro – indeterminada e indeterminável, uma voz geral – para marcar a discordância acerca da ideia, expressa por L2, de que o progresso (escopo) implica necessariamente a destruição das reservas vegetais. Ao mesmo tempo que discorda dessa voz exterior, esconde-se atrás dela, já que não expõe a sua contrariedade de uma forma mais direta ou veemente perante o seu interlocutor.

Convocando essa voz geral do senso comum que diz que progresso implica destruição do meio ambiente, deixa marcas no discurso que mostram a sua contrariedade a essa posição, tentando justificá-la ao mesmo tempo que se posiciona, mas de uma forma atenuada, tanto pelo uso do tempo verbal Futuro do Pretérito quanto pela atribuição a essa voz geral da responsabilidade do seu dizer: "é seria o progresso"; "dizem que é o progresso" (não sou eu quem digo, todos dizem).

Para reforçar sua posição, ainda que ocultando o eu da enunciação atrás dessa voz geral, produz uma forma metaenunciativa do tipo não-coincidência interdiscursiva sem partícula explícita ("dizem"), que equivale semanticamente a "como dizem" (ALMEIDA, 2017), seguida de outras duas partículas, que ajudam na construção dos efeitos argumentativos tendo em vista o seu interlocutor: com o fático "né?", apela pela concordância do sujeito-locutor L2; com "sei lá", retira de si, mais uma vez, o peso da responsabilidade de seu dizer.

Ato contínuo, o seu parceiro de interlocução (L2) corrobora todo esse processo construindo os sentidos em colaboração, ao enunciar também "dizem né?", mas, diferentemente de seu parceiro L1, esboça a sua opinião de forma um pouco mais direta ("é o progresso mal controlado"), na tentativa de justificar e reparar o seu enunciado anterior ("mas é o progresso

né?"), sinalizando para L1 que há modelos distintos de progresso e que ele também não concorda com a ideia de destruição da natureza pelo progresso.

No que se refere ao tipo de "outro", o subgrupo em análise apresenta os seguintes, exemplificativamente:

Tipo de "outro"	Exemplo	Inquérito
outro tempo, outra época	deixando o leite pra talhar <u>como se falava</u>	DID 18
	música fina <u>como se dizia</u>	EF 153
	ciências exatas <u>como chamava-se no meu tempo</u>	D2 360
outro registro	vive na dele <u>como se diz na gíria</u>	D2 255
outro jargão	ter o disponível <u>como eles dizem em linguagem bancária</u>	DID 250
outra pessoa, específica, conhecida	hotel que <u>como diz a minha esposa deve ter sido feito pra receber o Pedro Álvares Cabral</u>	DID209
outras vozes, o senso comum	fazer a vaca descer o leite <u>como se diz</u>	DID 18
	como se diz <u>deu um estalo na cabeça dela</u>	DID 208
	dizem que é o progresso <u>dizem</u> né?	D2 62

Quadro 10 – Tipos de "outro" – não-coincidências interdiscursivas (subtipo um outro dizer)

Quanto ao movimento das laçadas e à posição do escopo com relação ao metaenunciado parentético, apresentam-se da seguinte forma no campo das não-coincidências interdiscursivas (subtipo um outro dizer):

Laçada para trás e para frente	Inquérito
o arreio ele tem uma parte na frente que a sela não tem que é o Santo Antônio <u>como se diz</u>	DID 18
antigamente se fazia coalhada só deixando o leite pra talhar <u>como se falava</u>	DID 18
pegamos um desses CB <u>que eles chamam</u> né? e o avião quase caiu comigo	D2 255
pela Rádio Educadora Paulista havia também música fina ahn <u>como se dizia</u>	EF 153
essa menina agora há questão de meia dúzia de anos por qualquer motivo <u>como se diz</u> deu um estalo na cabeça dela então tornou-se advogada	DID 208

há dois canais em Paris num horário que nós chamamos <i>nobre</i>	D2 333
até que nos indicaram o Hotel Chile hotel que como diz a minha esposa <i>deve ter sido feito pra receber o Pedro Álvares Cabral</i>	DID 208

Quadro 11 – Exemplos do movimento de *laçada para trás e para frente* – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um outro dizer)

A distribuição dos movimentos das laçadas ocorreu da seguinte forma nesse subgrupo das não-coincidências interdiscursivas (um outro dizer):

Expressões: *como se diz* e variantes

Com laçada para frente	Com laçada para trás	Inquérito
0	3	D2 255
0	3	D2 396
0	3	DID 18
2	0	DID 208
1	1	D2 333
0	2	D2 62
0	2	DID 250
0	1	D2 360
0	1	EF 153
TOTAL = 3	TOTAL = 16	

Tabela 7 – Distribuição dos movimentos de *laçada* por inquérito – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um outro dizer)

Da observação do Quadro 11 e da Tabela 7, podemos verificar que predomina o movimento de laçada para trás, mas a estrutura dos metaenunciados interdiscursivos iniciados prototipicamente pela partícula *como* permitem que as laçadas se projetem também para frente. Neste subtipo, predomina a volta reflexiva, em detrimento da antecipação do metaenunciado ao dizer; de outra parte, isso indica uma flexibilidade maior quanto às possibilidades de laçada, que terá implicações enunciativas e pragmáticas importantes.

Tomemos o exemplo extraído do inquérito DID 208 ("essa menina agora há questão de meia dúzia de anos por qualquer motivo **como se diz** *deu um estalo na cabeça dela* então tornou-se advogada"), em que a laçada foi projetada para frente, antecipando o metaenunciado à emissão do escopo ("deu um estalo na cabeça dela"). Do ponto de vista unicamente estrutural,

o metaenunciado poderia situar-se após a emissão do escopo: "(...) por qualquer motivo **deu um estalo na cabeça dela como se diz**", que, aliás, foi a posição preferencial do parêntese metaenunciativo neste subgrupo.

Portanto, a presença de laçadas bidirecionais autoriza-nos a dizer que essa bidirecionalidade, que está associada à mobilidade dos parênteses, é constitutiva do subtipo um outro dizer, no campo das não-coincidências interdiscursivas.

Contudo, a direção da laçada interfere sobremaneira no tempo da enunciação, nos sentidos e nos efeitos pragmáticos advindos da relação escopo – metaenunciado. No caso do exemplo acima, o enunciado que integra o escopo contém um dizer popular (*dar um estalo na cabeça*), talvez não cristalizado como tal, mas que o sujeito identifica, previamente, que pode ser interpretado pelo interlocutor como pertencente ao seu repertório. Assim, o sujeito sinaliza, antecipadamente, que vai utilizar uma palavra ou expressão que não é sua, mas oriunda de uma voz geral.

Por hipótese, se a laçada fosse para trás, típica da posição mais característica desse subgrupo (parêntese posterior ao escopo), não ofereceria essa possibilidade de advertência prévia ao interlocutor, funcionando mais como uma indicação da fonte enunciativa desse dizer popular, já dito.

De modo que a laçada para frente, que toca mais diretamente na dimensão temporal da enunciação em razão da antecipação do metaenunciado ao escopo, sempre interfere, em algum grau, na previsibilidade do que o sujeito irá dizer, já que o trabalho de gerenciamento do tempo entre enunciar (metaenunciado) e emitir (escopo) fica mais evidente.

Ademais, no subtipo em estudo percebemos a presença de parênteses metaenunciativos ao modo das incisivas reflexivas descritas por Authier-Revuz (1998, p. 101), que interrompem a ordem sintática ou sintagmática de elementos que mantêm forte elo de determinação entre si (nome + adjetivo), como é o caso do exemplo "há dois canais em Paris num **horário que nós chamamos nobre**" (D2 333).

A propósito desse último metaenunciado citado, verificamos, no *corpus*, a presença de construções compostas com a partícula *que*, com o mesmo valor semântico dos metaenunciados iniciados pela partícula *como* ("um horário *como* nós chamamos nobre"; "um horário nobre *como* nós chamamos"). Trata-se de uma construção não prototípica que revela uma marca de oralidade e certo grau de coloquialidade, ou seja, a diferença entre as expressões iniciadas pela partícula *que* (no lugar de *como*) está no nível pragmático, não estrutural (ALMEIDA, 2017).

Em suma, quanto à estrutura composicional dos metaenunciados do subtipo em questão, temos: iniciados pela partícula *como* (*como se diz*); iniciados pela partícula *que* com valor de *como* (*que nós chamamos*); sem partícula explícita (*dizem*) com valor de *como dizem*.

Os diferentes verbos *dicendi* que compõem os metaenunciados parentéticos do subtipo um outro dizer assim se distribuem:

DIZER	CHAMAR	FALAR
12	8	1

Tabela 8 – Frequência de uso dos verbos *dicendi* nas não-coincidências interdiscursivas (subtipo um outro dizer)

O verbo preferencial na composição dos metaenunciados parentéticos do subtipo um outro dizer é o verbo *dizer*, o que se dará de forma diferente no próximo subtipo que analisaremos a seguir.

No que diz respeito à transcrição das formas da não-coincidência interdiscursiva do subtipo um outro dizer e variantes, realizada pelos transcritores do Projeto NURC/SP, não encontramos nenhuma ocorrência de marcação dos parênteses por meio de travessões duplos, o que se interpreta como a não identificação de desvio temático provocado pelas formas em questão, ainda que rupturas sintáticas e sintagmáticas tenham sido observadas, conforme se percebe dos exemplos apresentados nesta seção.

As possíveis explicações para essa ausência de marcação, como já afirmamos nesta tese, estão fora do nosso alcance e dos objetivos deste trabalho. Especulamos que isso pode ter ocorrido porque a própria expressão não indicou de forma clara a quebra na sequência temática da exposição, talvez pela ausência de traços prosódicos marcantes, uma vez que muitas dessas expressões são emitidas sem nenhum diferencial prosódico ou entonacional, embora a literatura aponte que eles existem. Para nós, esse aspecto não interfere na definição do fenômeno em estudo, já que defendemos que esse tipo de parêntese é definido pela sua própria natureza metaenunciativa, que promove uma ruptura ligada no nível do dizer, independentemente de qualquer outro fator.

5.3.3.1.2 Um dizer por rodeios: *o que se chama, o chamado*

A partir de pesquisa em que realizou extenso levantamento de formas metaenunciativas típicas da língua oral (presentes também da escrita), conforme já mencionamos, Authier-Revuz destaca como uma das características gerais das formas metaenunciativas encontradas em *corpus* "tipos sintáticos que correspondem a 'soluções gramaticais' diversas de inscrição do desdobramento sobre o fio [...] [como, por exemplo, construções] do tipo nomeação por rodeios (*o que eu chamo X'*)" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20).

Apesar da autora denominar esse tipo de construção como "nomeação", não se trata de uma não-coincidência entre as palavras e as coisas, e sim uma não-coincidência do discurso consigo mesmo, conforme esclarece:

Lembremos que o "outro" dessas heterogeneidades não é de maneira alguma redutível apenas à presença num discurso do discurso de *um* outro, mas está relacionado a um conjunto muito mais amplo de fatos de *não-coincidência* na enunciação [como, por exemplo, a] **não-coincidência do discurso com ele mesmo**, atravessado por um outro discurso cf. por exemplo **isso que ele chama de X'**; *X para retomar seus termos; X para falar familiarmente*) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 134, aspas e itálico do original, negrito e sublinhado nossos).

É defensável, no entanto, que entre esses dois campos (não-coincidência interdiscursiva e não-coincidência entre as palavras e as coisas) existam interferências mútuas, formando uma zona de contato na já referida fronteira permeável ou móvel, que une os quatro campos de não-coincidências do dizer.

No que se refere às diferenças entre os subtipos que estamos analisando, a maior delas está na estrutura composicional, que se compõe, nas construções por rodeios, de forma unânime no *corpus*, pelo verbo *chamar*: *o que* + verbo *chamar*. Igualmente, apresenta uma variante composta pela forma nominal do particípio do verbo *chamar*: *chamado, chamadas*.

Encontramos no *corpus* alguns exemplos dessa construção por rodeios (e também da variante formada pelo particípio do verbo *chamar*), presentes no campo das não-coincidências do discurso consigo mesmo. Esse tipo de construção é recorrente na língua oral, confirmando nossos estudos anteriores, em que essa formulação também foi levantada nas não-coincidências interdiscursivas (ALMEIDA, 2017).

Fragmento 16 (NURC/SP, DID 250, g.n.)

(*Tema: dinheiro, banco, finanças, bolsa*)

L – e então:... haverá um acordo com referência:... àquilo:... àquilo:.. que o:::.. trabalhador nesse caso tem direito a receber... OU... se não se comprova a causa justa... o trabalhador dispenSAdo... recorre à Justiça do Trabalho fazendo o que se chama uma reclamação...

A construção "o que se chama" é considerada um dizer por rodeios porque o enunciador poderia ter optado por dizer "simplesmente": "(...) fazendo uma reclamação", sem interpor o comentário parentético. Contudo, essas construções por rodeios são muito comuns, tanto na língua escrita quanto na língua falada.

O principal efeito dessa interposição por rodeios é evocar outra fonte enunciativa para o dizer. Neste caso, a presença da partícula *se* ("se chama", como marca de impessoalização) poderia, em tese, indicar que esse "outro" trazido para dentro do discurso do eu resultaria de uma voz geral, do senso comum, segundo a qual todos chamam de "reclamação" à realidade nomeada por esse termo.

No entanto, a evocação desse "todos" restringe-se a todos os membros de um grupo especializado, já que o termo "reclamação" não está empregado no sentido comum, e sim no sentido jurídico. O locutor do inquérito DID 250, conforme já referimos em outro momento, é formado em Direito e leciona nessa área, provavelmente na USP, razão pela qual demonstrou grande conhecimento e domínio de jargões da área jurídica ao longo da entrevista, que versou sobre assuntos jurídicos, bancários e afins.

A palavra "reclamação", no contexto em que o locutor a utiliza, significa "ação trabalhista", ou seja, não se trata de uma voz geral, mas de uma voz especializada, oriunda de um grupo muito especializado dentro da grande área do Direito. É uma palavra que, mesmo falantes mais cultos, que não tenham intimidade com a área jurídica, podem desconhecer.

Portanto, o sujeito-locutor desse inquérito, quando se apropria dessa voz que diz "reclamação", enuncia na qualidade de especialista e esse "todos" a que remete com "o que se chama" são todos os membros desse grupo especializado. O sujeito, ao mesmo tempo que evoca os seus pares para dizer, com eles, "reclamação", sinaliza para seu interlocutor que esse termo advém de outra fonte enunciativa, mas que não lhe é estranha.

As construções por rodeios que poderíamos chamar de clássicas são compostas pela estrutura "o que + verbo *chamar* + nome" na forma conjugada, que aceita poucas variações, tais como "do que se chamava", "aquilo que se chama" e assim por diante. A variante que difere dessa composição é a formada pela estrutura "(o) + particípio v. *chamar* + nome", que podemos dizer que é uma espécie de redução da estrutura principal, como o mesmo valor semântico (ALMEIDA, 2017).

O segmento "fazendo **o que se chama** uma reclamação" equivale semanticamente a "fazendo **a chamada** reclamação", posto que ambas as construções possuem valor apassivador e remetem a uma outra fonte enunciativa, a princípio, indeterminada e geral, mas que, conforme a situação enunciativa, como ocorre no caso do Fragmento 16, pode estar restrita a um grupo, uma coletividade especializada, ainda que não indicada de forma direta pelo enunciador.

No que se refere ao tipo de "outro", o subgrupo em análise apresenta os seguintes, exemplificativamente:

Tipo de "outro"	Exemplo	Inquérito
outro tempo, outra época	<u>aquilo que os antigos chamavam</u> o cavalo de batalha	D2 255
outro jargão, voz estrangeira	aí aparece <u>o que eles chamam de</u> cheque cruzado	DID 250
	o problema é <u>o que eles chamam de</u> <i>head hunter</i>	D2 360
outra nacionalidade, coletividade	há dois canais em Paris num horário <u>que nós chamamos</u> nobre	D2 333
outras vozes, o senso comum	<u>aquilo que se chama</u> barrigueira	DID 18
	<u>aquilo que se chama</u> palha de arroz	DID 18
	há muito também <u>da chamada</u> pornochanchada	D2 333

Quadro 12 – Tipos de "outro" – não-coincidências interdiscursivas (subtipo um dizer por rodeios)

Quanto ao movimento das laçadas e à posição do escopo com relação ao metaenunciado parentético, apresentam-se da seguinte forma nesse subgrupo das não-coincidências do discurso consigo mesmo (um dizer por rodeios):

Laçada para trás e para frente	Inquérito
correio foi durante muito tempo <u>aquilo que os antigos chamavam</u> o cavalo de batalha	D2 255
o arreo é preso no cavalo por uma por <u>aquilo que se chama</u> barrigueira	DID 18

os bancos ... fornecem ... é verdade que eles não fornecem com a presteza necessária ... <u>o que se chama</u> um extrato de conta ...	DID 250
em vez de receber diretamente no meu banco deposita na conta dele num outro banco ... aí aparece <u>o que eles chamam de</u> cheque cruzado	DID 250
eu só sei que o milho que se planta mais hoje é <u>o chamado</u> milho híbrido	DID 18
deixa eu ver quem é que entrou aí Galeria dos Cristais <u>chamada</u> como existem outras galerias hoje	D2 396
infelizmente há muito também <u>da chamada</u> pornochanchada	D2 333

Quadro 13 – Exemplos do movimento de *laçada para trás e para frente* – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um dizer por rodeios)

Os movimentos das laçadas se distribuíram da seguinte forma nesse subtipo de não-coincidência interdiscursiva:

Expressões: *o que se chama* e variantes

Com laçada para frente	Com laçada para trás	Inquérito
5	0	DID 250
4	0	DID 18
1	2	D2 396
2	0	D2 255
2	0	D2 333
1	0	D2 360
1	0	EF 153
TOTAL = 16	TOTAL = 2	

Tabela 9 – Distribuição dos movimentos de *laçada* por inquérito – não-coincidência interdiscursiva (subtipo um dizer por rodeios)

O movimento de laçada para frente teve ocorrência quase unânime, por força da rigidez sintática e sintagmática da própria composição "o que + verbo *chamar*", que aceita poucas variações, resumidas às contrações ou combinações com preposições ("**naquilo que nós costumamos chamar de sociedade de consumo**"), além da conjugação dos verbos *dicendi* em diferentes tempos. No entanto, houve duas ocorrências de laçada para trás no mesmo inquérito, em expressões atípicas do tipo "**Galeria dos Cristais chamada**" (D2 396). Essa posição chama

a atenção, pois a tendência é compor uma laçada para frente nestes casos da variante formada pelo particípio do verbo *chamar* ("chamada Galeria dos Cristais").

Se considerarmos apenas o subtipo principal ("o que + verbo *chamar*"), sem a variante formada pelo particípio, podemos afirmar que a laçada para frente é constitutiva do subtipo um dizer por rodeios, no campo das não-coincidências interdiscursivas. Contudo, a presença de laçadas bidirecionais na variante composta pelo particípio do verbo *chamar* nos autoriza a dizer que essa bidirecionalidade, que está associada à mobilidade dos parênteses, é constitutiva dessa variante específica, não do tipo principal.

No subtipo um dizer por rodeios, portanto, predomina a antecipação reflexiva ao dizer, em detrimento da volta ao metaenunciado; de outra parte, a presença de casos de laçada para trás indica uma flexibilidade maior quanto às possibilidades de laçada, embora restritas à variante que permite essa mobilidade, o que, de todo modo, implica nuances de sentidos e efeitos pragmáticos distintos.

Assim, a laçada para frente, que tangencia mais diretamente a dimensão temporal da enunciação em razão da antecipação do metaenunciado ao escopo, sempre interfere, em algum grau, na previsibilidade do que o sujeito irá dizer, já que o trabalho de gerenciamento do tempo entre enunciar (metaenunciado) e emitir (escopo) fica mais evidente. Essa é a característica unânime nas construções do tipo "o que + verbo *chamar*" ("**o que se chama um extrato de conta**", DID 250) e predominante na sua variante composta pelo particípio nominal ("**os chamados cavadores**", EF 153).

Neste subtipo, também encontramos parênteses metaenunciativos que funcionam ao modo das incisivas reflexivas descritas por Authier-Revuz (1998, p. 101), que interrompem a ordem sintática ou sintagmática de elementos que mantêm forte elo de determinação entre si (determinante + nome), do que são exemplos as construções do tipo *chamados*, formadas pelo particípio nominal do verbo chamar ("**os chamados cavadores**", EF 153).

Aliada à questão das fronteiras permeáveis existentes entre os quatro campos de não-coincidências do dizer, está a questão da proximidade desses campos também na cadeia enunciativa. Não raro, nos fragmentos extraídos do *corpus*, verificamos o uso de dois ou mais tipos de não-coincidências em um mesmo enunciado, do que é exemplo o trecho que segue:

Fragmento 17 (NURC/SP, DID 250, g.n.)

(Tema: *dinheiro, banco, finanças, bolsa*)

L – bem o banco faz o: o::... o que se chama o::... ((estalo com a língua indicando decepção pela falta da palavra)) como é que se e/ como é que eles chamam essa essa folha de informações? o cadastro bancário...

No Fragmento 17, o enunciador-locutor inicia o comentário parentético com uma não-coincidência interdiscursiva do tipo construção por rodeios ("o que se chama o..."), mas ocorre uma falha nesse dizer e esboça um primeiro movimento de ruptura sem laçada (não encontra o escopo). Não desistindo de encontrar a palavra que procura para dizer o que quer dizer, intercala dois parênteses com não-coincidências entre as palavras e as coisas do subtipo busca lexical ("como é que se", abortado, seguido imediatamente por "como é que eles chamam?"), para, por fim, encontrar a palavra ou expressão "cadastro bancário", que é o escopo dos três parênteses metaenunciativos produzidos nesse curto fragmento. O escopo "cadastro bancário" frustra, portanto, o movimento de ruptura sem laçada esboçado inicialmente.

Conforme já mencionamos anteriormente, o tipo parentético que mostra uma não-coincidência do discurso consigo mesmo, considerando ambos os subtipos (um outro dizer e um dizer por rodeios), apresentou grande variedade de composição das formas metaenunciativas, contrastando com outros tipos, como as não-coincidências interlocutivas do tipo *digamos*, que se compõem com estruturas mais fixas e cristalizadas.

O verbo de uso unânime na composição dos metaenunciados parentéticos do subtipo um dizer por rodeios é o verbo *chamar*, que também está presente no subgrupo um outro dizer (no qual o verbo preferencial é *dizer*).

Assim como no subtipo anterior, quanto à transcrição realizada pelos transcritores do Projeto NURC/SP das formas da não-coincidência interdiscursiva no subgrupo um dizer por rodeios, não encontramos nenhuma ocorrência de marcação dos parênteses por meio de travessões duplos, o que se interpreta como a não identificação de desvio temático provocado pelas expressões do subgrupo em questão.

Algumas explicações podem ser pensadas para essa ausência de marcação no subgrupo em análise. Uma delas diz respeito à própria estrutura composicional das expressões do tipo "o que + verbo *chamar*", que apresentam elevado grau de integração com relação aos demais elementos da frase, impedindo, inclusive, a mobilidade do metaenunciado e do escopo. Essa afirmação, no entanto, merece uma ressalva quanto à variante do tipo *chamados* ("os **chamados cavadores**", EF 153, laçada para frente), que, apesar de se mostrar muito integrada aos demais elementos da frase, apresentou mobilidade ("**Galeria dos Cristais chamada**", D2 396, laçada para trás).

De todo modo, julgamos que os metaenunciados formados por uma construção por rodeios são os que mais dificuldade oferecem no sentido de sua identificação como ruptura ou desvio, em especial, se tomado o critério do desvio temático (JUBRAN, 2015, p. 280), adotado pelo Projeto NURC/SP). Em contrapartida, se o critério adotado for o por nós proposto (a natureza metaenunciativa da expressão), existirá sempre uma ruptura a ser identificada na linearidade enunciativa quando as não-coincidências do dizer estiverem presentes.

5.3.4 Não-coincidências interlocutivas

Esse campo de não-coincidências ocorre "entre enunciador e destinatário" e estão presentes em "glosas que – segundo modos muito diversos [...] – representam o fato de que um elemento não é imediatamente ou não é absolutamente *compartilhado* – no sentido de comum – pelos dois protagonistas da enunciação". Por exemplo: *digamos X; passe-me a expressão; dê-me o termo exato; como você diz; etc.*"(...) [Essas formas], segundo modalidades variadas, tentam *conjurar* a não-coincidência, isto é, reinstaurar um UM de coenunciação no ponto em que ele é ameaçado". Ao contrário, ocorrem formas "que assumem, nesse ponto, a não-coincidência", como em: *X, sei que você não gosta da palavra; X, como você não diz* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83/182-183, itálico e maiúsculas do original)

Assim, Authier-Revuz (1998, p. 22) divide essas figuras metaenunciativas em dois grandes grupos, ambos presentes no *corpus* desta pesquisa (mas não em todos os seus subtipos e nem com frequência relevante para a análise):

- aquelas expressões usadas para conjurar o fato de que uma maneira de dizer ou um sentido não são inteiramente compartilhados entre ambos os interlocutores, por estratégias diversas (injunção a dizer em uma só voz: *digamos X*; apelo à boa vontade do outro: *X, permita-me dizer...*; suspensão do dizer ao querer do outro: *X, se quiser, se entende o que eu quero dizer*);
- ou, ao contrário, 2) aquelas expressões usadas para marcar o heterogêneo, indicando que "as palavras que eu digo não são as suas" (*X, como você(s) não diz(em)*; *X, eu sei bem que você(s) não gosta(m) da palavra*) ou que "as palavras que eu digo são as suas, não as minhas" (*X, como você(s) acaba(m) de dizer, como você(s) gosta(m) de dizer*).

5.3.4.1 Um dizer ou um sentido não inteiramente compartilhados entre os interlocutores

5.3.4.1.1 Uma injunção a dizer em uma só voz: *digamos, vamos dizer*

Os metaenunciados parentéticos que emergem nesse subtipo de não-coincidências do dizer revelam uma ordem (mais ou menos impositiva), expressa pelo verbo *dizer* na pessoa *nós* (sob a forma de um *nós* inclusivo) ou no modo imperativo (*digamos*) ou por meio do futuro perifrástico (*vamos dizer*), pela qual o locutor-enunciador convoca o alocutário-enunciatário a compartilhar com ele o uso de determinada palavra.

Vejamos os seguintes exemplos:

Fragmento 18 (NURC/SP, D2 343, g.n.)

(Tema: a cidade, o comércio)

L1 – será que esse daí não é o perigo lá que o:... Nostradamus falou para o ano dois mil?... ele falou que a:... vinha um novo:... anticristo... você pode interpretar o anticristo como **digamos**... um novo... **entre parênteses computador**... um novo sistema né?

No Fragmento 18, os locutores falam sobre os perigos de uma nova ordem mundial que cria cada vez mais interdependências mútuas dentro do sistema capitalista. Nesse contexto, L1 trata de "um novo anticristo", que seria "um novo sistema" instaurado pela era dos computadores (lembrando que a entrevista ocorreu no início dos anos 1970). Em seu percurso enunciativo, antes de emitir a palavra "computador" (escopo), o sujeito modaliza o seu dizer duplamente, convocando o interlocutor a aceitar e compartilhar com ele o uso da palavra "computador", que, por apresentar um grau maior de inadequação, recebe outra laçada opacificante, agora por meio da forma metaenunciativa *entre parênteses*, que o sujeito utiliza como sinônima de *entre aspas*, como "uma fala sob vigilância, sob controle [...] que se opõe a uma fala do 'deixar acontecer', abandonada a si mesma, que se perde" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 219).

As duas formas produzem duas laçadas para frente sobre um mesmo escopo ("computador"), sendo que este, na verdade, foi interrompido pela inserção parentética "entre parênteses": o escopo de "digamos" seria "um novo computador", no meio do qual é embutida a forma "entre parênteses", que, por sua vez, tem por escopo "computador".

A convocação dirigida ao alocutário por meio da forma "digamos" adquire nuances de ordem, pois parte de uma decisão unilateral do enunciador, instaurando uma enunciação em que o *nós*, em uníssono, fala de forma conjunta pelos dois parceiros de interlocução, como se

esse dizer fosse emitido em uma única voz. Essa voz, à qual o alocutário é "obrigado" a aderir, dá mostras de que não é homogênea nem óbvia.

Apesar do tom impositivo, conferido pelo modo imperativo, o uso do nós inclusivo contribui para amenizar o tom autoritário da expressão. O Fragmento 18 representa um universo de expressões similares (*digamos* e a sua variante *digamos assim*), de amplo uso no *corpus*, que sugerem que prevalece o efeito de convite ao de ordem propriamente dita. Um convite ao interlocutor aceitar uma maneira de dizer imperfeita. Essa imperfeição é detectada pelo enunciador, que, antes mesmo de emitir a palavra, antecipa-se e acusa que essa palavra tem um problema (laçada para frente), mas a solução encontrada para resolvê-lo é convidando o seu parceiro de interlocução a compartilhar do uso dessa palavra, de alguma forma, defeituosa. No fragmento sob análise, vemos que a palavra mais adequada para o dizer do enunciador é "sistema" ("um novo sistema né?"), com a qual faz uma paráfrase para explicar melhor o que quis dizer com a palavra (imperfeita) "computador".

O maior ou menor efeito impositivo inerente a esse tipo de expressão parentética (*digamos*), no entanto, está mais relacionada à posição ocupada pelo metaenunciado com relação ao seu escopo, dentro da cadeia enunciativa, do que exatamente pela força do modo verbal empregado. O direcionamento da laçada reflexiva interfere substancialmente nestes casos, que, no campo das não-coincidências interlocutivas, apresenta bastante mobilidade, como vemos nos Fragmentos 18 e 19, no Quadro 14 e na Tabela 10.

Como ocorre no Fragmento 18, o escopo ("novo computador") se situa em posição posterior ao parêntese metaenunciativo ("digamos"), portanto o movimento de laçada é para frente, com evidências de um trabalho de gerenciamento do tempo da enunciação pelo sujeito com o qual procura ganhar tempo, de forma mais ou menos consciente ou intencional. Esse gerenciamento temporal permite ao sujeito ter uma previsibilidade do que vai dizer, o que implica um maior grau de controle desse dizer. Quando o sujeito diz "digamos", detecta antecipadamente que a palavra que vai emitir na sequência apresenta algum tipo de "ruído", algum grau de imprecisão ou inadequação.

Em suma, no caso do Fragmento 18, com o movimento de laçada para frente, o enunciador estende o tempo da enunciação antes de emitir o escopo "novo computador", inclusive interpondo no meio dele outro parêntese metaenunciativo ("entre parênteses"), ao mesmo tempo que processa a falha dentro desse complexo parêntese, que fragmenta o próprio escopo do comentário: "digamos... um novo... entre parênteses computador".

Como já mencionamos, o sujeito usou a expressão *entre parênteses* como sinônima de *entre aspas*, para marcar enfaticamente (já havia sinalizado com "digamos") que antecipa algum problema na palavra que irá emitir ("computador") e, ao mesmo tempo, marcar que esse dizer ("computador") não é seu. A propósito, encontramos no *corpus* apenas uma ocorrência da forma metaenunciativa *entre aspas* ("o indivíduo artista se sente:: **artista entre aspas**", inquérito DID 161).

A forma metaenunciativa *entre parênteses* situa-se naquela zona fronteira de contato entre os diferentes campos das não-coincidências, pois, nesse metaenunciado, a heterogeneidade mostrada marcada pelo sujeito indica, por um lado, que usa a palavra de forma relativizada, colocando um senão sobre ela, modalizando o seu dizer com uma não-co incidência entre as palavras e as coisas (subtipo falta da nomeação), que se entrecruza com uma não-co incidência do discurso consigo mesmo (subtipo um outro dizer) ao sinalizar para o interlocutor que esse discurso não é seu, que a palavra "computador" não é sua, vem de outra fonte enunciativa não indicada explicitamente.

Fragmento 19 (NURC/SP, DID 18, g.n.)

(Tema: a casa, o terreno, vegetais, agricultura, animais, gado)

L1 – tem uma diferença **vamos dizer GRANde**... porque o gado de leite:: ele é muito ma:is delicado... como::... o animal é um animal ma:is **sensível vamos dizer**... e: precisa ser traTAdo... ele :: praticamente::... estabulado todos os dias...

Os metaenunciados parentéticos *vamos dizer* exercem funções muito similares às de *digamos*. Em vez de utilizar o modo imperativo, essas expressões são compostas formalmente por uma perífrase verbal (verbo auxiliar *ir* no presente + verbo *dizer* no infinitivo), que também revelam uma ordem (mais ou menos impositiva) expressa por uma perífrase que indica futuro.

Assim como ocorre com relação à forma *digamos*, o nós inclusivo ameniza o tom autoritário de *vamos dizer*, prevalecendo o efeito de convite ao interlocutor para aceitar e compartilhar uma maneira de dizer palavra, de alguma forma, defeituosa ("a palavra não é boa/adequada, não expressa bem o que eu quero dizer e/ou eu sei que você não aceita essa palavra, mas, mesmo assim, vou (vamos) dizê-la").

O maior ou menor efeito impositivo inerente a esse tipo de expressão parentética, no entanto, está mais relacionada à posição ocupada pelo metaenunciado com relação ao seu escopo, dentro da cadeia enunciativa, do que exatamente pela força do modo verbal empregado,

que indica futuro; entretanto, a ideia de futuro se perde quando o movimento de laçada é para trás (a palavra foi dita em tempo que já passou).

De modo que o direcionamento da laçada reflexiva interfere substancialmente nestes casos, que, no campo das não-coincidências interlocutivas, apresenta bastante mobilidade, conforme já referimos (v. Fragmentos 18 e 19; Quadro 14 e Tabela 10).

No Fragmento 19, o locutor explica ao documentador a diferença entre gado de leite e gado de corte, a propósito de pergunta a ele dirigida. Em vez de dizer "simplesmente" "tem uma diferença grande", o sujeito modaliza seu dizer interpondo, entre elementos tão unidos quanto o nome e o seu qualificativo, um parêntese metaenunciativo que rompe essa ordem linear. Neste caso, *vamos dizer* exerce sua função futura de anunciar o que será dito na sequência enunciativa, formando uma laçada para frente que alcança a palavra "grande" (escopo), em um trabalho de gerenciamento do tempo da enunciação que antecipa o comentário à palavra opacificada. Tal movimento indica um maior controle do dizer por parte do enunciador.

Em zona discursiva próxima, o sujeito produz outro metaenunciado com a mesma forma *vamos dizer*, só que, desta vez, produzindo uma laçada em sentido contrário – para trás –, alcançando a palavra "sensível" (escopo). Neste caso, o parêntese metaenunciativo se situa em posição posterior à emissão do escopo.

Os dois movimentos de laçadas presentes no Fragmento 19 permitem aferirmos os diferentes graus de imposição da forma *vamos dizer*, que é maior quando a laçada é para trás, porquanto a palavra já foi enunciada por decisão unilateral do enunciador e agora lhe resta metaenunciar com alguma fórmula reparadora e, para isso, convoca o tu para dizer junto com ele "vamos dizer juntos a palavra sensível?".

Com o emprego de *vamos dizer*, o sujeito-enunciador (eu) incita o alocutário-enunciatário (tu) a compartilhar o uso de uma palavra já enunciada na cadeia (laçada para trás) ou por enunciar (laçada para frente), a aceitar essa maneira de dizer como a mais adequada na situação enunciativa.

Haja vista o funcionamento similar das duas expressões no âmbito das não-coincidências interlocutivas, quanto aos movimentos da modalização autonímica, as considerações que faremos a seguir referem-se a ambas as formas parentéticas: *digamos* e *vamos dizer*.

No que concerne ao movimento das laçadas e à posição do escopo com relação ao metaenunciado, apresentam-se da seguinte forma no campo das não-coincidências interlocutivas:

Laçada para trás e para frente	Inquérito
a tulha é uma vamos dizer um barracão fechado	DID 18
mas isso em quantidade ínfima vamos dizer	DID 18
há dois tipos vamos dizer fundamentais de cultura de gado	DID 18
tem uma palavra vamos dizer eh literária pra dizer ordenha	DID 18
o homem então frauda vamos dizer assim a intenção da vaca	DID 18
havia muita confiança muita liberdade muita vamos dizer assim muita honestidade	D2 396
o forte do hospital vamos dizer assim são médicos né?	DID 251
e a parte digamos recreativa do jornal?	D2 255
you não tem valor próprio nenhum mas a sociedade digamos te dá valor	D2 343
you não possui uma um controle -- digamos assim -- em cima de você	D2 62
existe por exemplo proveito digamos monetário para ela ou não?	D2 62
esse cheque é o cheque digamos comum	DID 250
eles não poderiam ir lá orar digamos porque eles não veriam a as imagens	EF 405
tentou uma primeira crítica digamos ahn de estrutura da pintura	EF 156

Quadro 14 – Exemplos do movimento de *laçada para trás e para frente* – não-coincidência interlocutiva (subtipo injunção a dizer em uma só voz)

Para complementar o quadro anteriormente apresentado, verificamos que a distribuição das laçadas, por inquérito, ocorreu da seguinte forma no subtipo injunção a dizer em uma só voz:

Expressões: *digamos*, *vamos dizer* e variantes

Com laçada para frente		Com laçada para trás		Forma típica?	Inquérito
DIGAMOS	VAMOS DIZER	DIGAMOS	VAMOS DIZER		
0	31	0	8	sim	DID 18
2	4	0	7	sim	D2 255
4	0	3	0	sim	D2 343

3	0	3	0	sim	D2 62
TOTAL = 9	TOTAL = 35	TOTAL = 6	TOTAL = 15		

Tabela 10 – Distribuição dos movimentos de *laçada* nos inquéritos com maiores ocorrências – não-coincidência interlocutiva (subtipo injunção a dizer em uma só voz)

Observando o Quadro 14 e a Tabela 10, concluímos que as *laçadas* se apresentam, em todas as ocorrências, tanto sob a forma de volta reflexiva quanto sob a forma de antecipação reflexiva ao dizer, ou seja, os movimentos bidirecionais das *laçadas* reflexivas são determinantes na configuração das não-coincidências interlocutivas. O comentário que se desenvolve dentro do parêntese vem tanto antes quanto após a emissão da palavra que configura o escopo da atividade metaenunciativa (v. Fragmentos 18 e 19). Essa característica, manifestada nos inquéritos levantados, autoriza-nos a afirmar que as não-coincidências interlocutivas do subgrupo injunção a dizer em uma só voz se caracterizam por movimentos de *laçadas* opacificantes bidirecionais, com predominância do movimento para frente, que antecipa o metaenunciado com relação ao escopo.

Ainda sobre os movimentos de *laçadas*, é interessante observar que encontramos um caso de ruptura sem *laçada*, conforme denominamos nesta tese os movimentos, muito frequentes no campo das não-coincidências entre as palavras e as coisas (relativo ao subtipo da busca lexical), caracterizados pelas formas potencialmente metaenunciativas, mas que ficaram sem exercer a sua função opacificadora típica das *laçadas* reflexivas, passando a se situar na fronteira da modalização autonímica com outras formas, com "fenômenos diversamente 'vizinhos'" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 18, aspas do original).

O caso de ruptura sem *laçada* encontrado no campo das não-coincidências interlocutivas se manifestou no inquérito D2 62 – "havendo mais conjunto havendo mais **digamos assim** o aluno está..." – em fragmento em que o enunciador começou a projetar a *laçada* para frente, mas abortou o movimento ao continuar desenvolvendo o enunciado em outro sentido, deixando de procurar a palavra mais adequada que começou a esboçar quando disse "conjunto". Da leitura do fragmento, percebemos que o enunciador não se contentou com essa palavra, o que se comprova pela repetição da construção "havendo mais", inserindo, imediatamente, o parêntese metaenunciativo "digamos assim", que não enlaça em nenhuma palavra emitida na sequência do enunciado.

Trata-se de um exemplo que comprova que o fenômeno da ruptura sem *laçada* pode ocorrer, em tese, em qualquer campo das não-coincidências; comprova, também, a existência

de uma zona fronteira móvel entre os quatro espaços de não-coincidências, já que, neste caso, a expressão *digamos assim*, com projeção de laçada para frente, aproxima-se do espaço das não-coincidências entre as palavras e as coisas, pois o enunciador esboça a procura de uma palavra mais adequada para o seu dizer. Authier-Revuz reconhece essa aproximação específica (1995, p. 650), mas não amplia o tema para os quatro campos.

Quanto à tipicidade das formas e sua estrutura composicional, verificamos que as expressões metaenunciativas consubstanciadas em não-coincidências interlocutivas (subtipo injunção a dizer em uma só voz), na sua totalidade, são típicas porque tendem a ser fixas (não sujeita a variantes) e compostas somente com o verbo *dizer* em sua forma explícita. As únicas variantes que tiveram incidência (baixa) no *corpus* foram *digamos assim* e *vamos dizer assim*.

No que concerne ao aspecto de funcionamento dos parênteses metaenunciativos a modo de incisivas reflexivas, nos termos descritos por Authier-Revuz (1998, p. 101), verificamos que há mobilidade bidirecional nas laçadas, o que, aliado à tendência à cristalização e estereotipia dessas formas (conforme se verá a seguir), as interrupções da ordem sintática ou sintagmática dos elementos na frase fica favorecida (v. Fragmentos 18 e 19).

Na análise das formas *digamos* e *vamos dizer* presentes no *corpus*, encontramos seu uso vinculado à produção dos assim chamados tiques linguísticos, que também se manifestam nos parênteses de natureza metaenunciativa e a esse aspecto queremos dar atenção neste ponto da análise.

O levantamento em *corpus* confirma os estudos que indicam que expressões como *digamos* e *vamos dizer* podem aflorar na superfície discursiva como tiques. Authier-Revuz refere que os tiques linguísticos podem ocorrer em qualquer um dos campos de não-coincidências do dizer; entretanto, alguns são mais propícios, como é o caso das não-coincidências interlocutivas, em especial, de formas como *digamos* e suas variantes (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 89; 94-95), cuja ocorrência é atestada, também, em outros trabalhos (p. ex., FRANCKEL, 2020, p. 7).

Para oferecer uma ideia panorâmica da distribuição dos usos das expressões *digamos* e *vamos dizer* (e suas variantes *digamos assim* e *vamos dizer assim*), apresentamos a seguinte tabela, que mostra a frequência geral dessas formas no *corpus*, exercendo funções discursivas diversas, inclusive metaenunciativas:

DIGAMOS	VAMOS DIZER	INQUÉRITO
0	39	DID 18
21	0	D2 343
2	11	D2 255
8	2	D2 62
5	1	DID 250
4	3	D2 396
4	3	DID 242
2	1	D2 333
0	2	EF 377
1	0	D2 360
0	1	DID 251
1	0	EF 156
1	0	EF 405
TOTAL = 49	TOTAL = 63	

Tabela 11 – Frequência das expressões *digamos*, *vamos dizer* e variantes por inquérito – todas as funções

Podemos fazer algumas observações a partir da tabela acima. Da totalidade dos 20 inquéritos integrantes do *corpus*, 8 não manifestaram nenhuma expressão do tipo *digamos*; 10 não manifestaram nenhuma expressão do tipo *vamos dizer*. Há inquéritos em que essas expressões se manifestam claramente como tique linguístico, pela alta frequência associada à uma preferência absoluta por uma das duas expressões (v. caso DID 18, em que o locutor enunciou 38 vezes *vamos dizer* contra 1 vez do documentador e, em contrapartida, não enunciou nenhuma vez a expressão *digamos*; caso D2 343, em que L1 enunciou 19 vezes *digamos* contra 2 vezes de L2 e, em contrapartida, não enunciou nenhuma vez a expressão *vamos dizer*).

Considerando apenas as funções metaenunciativas, a tabela abaixo indica a distribuição dos usos de *digamos/digamos assim* e de *vamos dizer/vamos dizer assim* nos inquéritos em que essas formas se manifestaram:

DIGAMOS / DIGAMOS ASSIM	VAMOS DIZER / VAMOS DIZER ASSIM	INQUÉRITO
0	39	DID 18

7	0	D2 343
2	11	D2 255
6	0	D2 62
5	0	DID 250
2	2	D2 396
2	3	DID 242
2	1	D2 333
0	2	EF 377
1	0	D2 360
0	1	DID 251
1	0	EF 156
1	0	EF 405
TOTAL = 29	TOTAL = 59	

Tabela 12 – Frequência das expressões *digamos*, *vamos dizer* e variantes por inquérito – função metaenunciativa

Da observação da tabela acima, concluímos que o cenário mudou pouco com relação aos números totais de frequência em alguns inquéritos. Entretanto, a grande maioria das formas enunciadas pelo locutor L1 do inquérito D2 343 não tinha caráter metaenunciativo; o documentador do inquérito D2 255 manteve a frequência, ou seja, enunciou 10 vezes *vamos dizer/vamos dizer assim* e 2 vezes *digamos*, todas com função metaenunciativa (além de 1 vez *vamos dizer* do locutor L1, também metaenunciativa); de outra parte, o locutor do inquérito DID 18 manteve a mesma frequência, ou seja, esse locutor enunciou 38 vezes *vamos dizer* com função metaenunciativa (além de 1 vez *vamos dizer* do documentador, também metaenunciativa).

Proporcionalmente, o documentador do inquérito D2 255 chamou a atenção não só pelos traços prosódicos e entonacionais (ritmo acelerado, tom de ansiedade) ao enunciar as formas metaenunciativas, conforme trataremos logo a seguir, mas também porque fez poucas e rápidas intervenções (dividiu as perguntas com outra documentadora). Já o locutor do DID 18 chama a atenção pelo elevado número de produções de *vamos dizer* (sem variantes e sem nenhuma ocorrência de *digamos*), considerando que sua entrevista durou 45 minutos (em média, 1 *vamos dizer* por minuto, praticamente). Em comum, podemos destacar que ambos emitem a forma *vamos dizer* de modo quase incompreensível em muitos trechos, como um automatismo.

Podemos dizer, ainda, que os tiques metaenunciativos emitidos pelo documentador do inquérito D2 255 produziram interrupções mais severas da ordem sintática e sintagmática, no âmbito do próprio escopo.

Authier-Revuz esclarece que essas formas

remetem a uma espécie de risco difuso e impreciso de não-coincidência do dizer, ligando-se quase aleatoriamente a qualquer termo. É o caso do *digamos* "tique" de linguagem, pontuando o discurso de certos enunciadores, permanentemente ou em determinadas situações. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 94, aspas do original)

Nesse sentido, de todos os inquéritos, destacam-se os inquéritos DID 18 e D2 255, que apresentam formas sugestivas de tique linguístico, pela frequência e por traços entonacionais e prosódicos percebidos da escuta geral das entrevistas. Tomando apenas as funções metaenunciativas (Tabela 12), consideramos que *vamos dizer* tem o uso preferencial dos falantes e pode ser caracterizado como tique de linguagem nos termos definidos por Authier-Revuz, que trata dessas formas apenas enquanto não-coincidências do dizer. Contudo, se tomarmos tanto as funções metaenunciativas quanto as não metaenunciativas (Tabela 11), podemos afirmar que ambas as expressões – *digamos* e *vamos dizer* (com variantes) – podem ser caracterizadas como formas-tique.

A título de ilustração, destacamos o Inquérito D2 255, no qual um dos documentadores emite a forma *vamos dizer* e variantes (*vamos dizer assim*, *assim*) como forma-tique. Apresentamos a seguir a totalidade das intervenções do documentador nas quais ele emite os tiques (havia dois documentadores nesta entrevista, um homem e uma mulher), na ordem das perguntas que ele dirige aos locutores (L1 e L2) separadamente ou aos dois simultaneamente.

Fragmentos 20 (NURC/SP, D2, Inquérito 255, g.n.)

(Tema: a casa, o terreno, vegetais, agricultura, animais, gado)

DOC – com respeito: a/ao **transporte:...** aéreo **vamos dizer** ((fala rápido)) propriamente DIto ... nós gostaríamos que o senhor nos descrevesse... o:... o atendiMENTo o funcionamento **vamos dizer** ((fala muito rápido)) do (...)

DOC – é... o:... senhor teria alguma:... ou teRIam... (**vamos dizer**) ((fala em tom muito baixo, de forma quase incompreensível)) algumas **particulariDAdes** ainda referente a transportes?... talvez não mencionadas aqui na (...)

DOC – o professor... C... gostaria de falar ainda:: ... **vamos dizer** ((fala muito rápido)) **alguma coisa** algum... o lado **CRítico vamos dizer assim** da televisão?

DOC – com respeito::... ao telefone (**vamos dizer**) ((fala em tom muito baixo, de forma quase incompreensível)) eu gostaria que o senhor colocasse: o **signifiCAdo vamos dizer** ((fala muito rápido))... do telefone:: para as comunicações

DOC – (...) outras revistas o senhor citaria assim::... da **imprensa... vamos dizer assim** ((fala em tom mais baixo))

DOC – bem... (eu) acho que agora nós:: () falá/ que o senhor falasse um pouQUInho sobre:... a ciDAde o **comércio... vamos dizer assim** ((fala muito rápido em tom muito baixo)) um assunto... assim meio **aBERto... vamos dizer assim** ((fala muito rápido em tom mais baixo))

DOC – professor C professor R poderiam no:s... mencionar **vamos dizer** ((fala muito rápido em tom muito baixo)) **na escala de::**... – – não sei se seria certo – – **vaLOres**... os problemas... de uma ciDAde::... de uma cidade (comum)

Como os tiques linguísticos têm a característica de se aderir fácil e aleatoriamente a qualquer elemento do enunciado, a interrupção sintática e sintagmática fica favorecida, como podemos observar nos fragmentos em destaque, o que, por vezes, dificulta a identificação do próprio escopo do metaenunciado, que também pode ser fracionado.

O inquérito D2 255 começa com intervenções da documentadora. Somente após iniciada a entrevista, intervém o documentador. Quando ele assume a entrevista, na sua primeira intervenção, já emite a expressão *vamos dizer* duas vezes, sendo a última pronunciada de forma entrecortada. Esse primeiro fragmento já dá a impressão de tratar-se de um tique de linguagem, o que se confirma ao longo da interação, pois, na maioria das suas intervenções, enunciou repetidamente a mesma expressão (ou variantes como *vamos dizer assim* ou apenas *assim*), emitida com tom de voz mais baixo (às vezes muito baixo) e com muita (ou extrema) rapidez, como se fosse desnecessário o interlocutor compreender o que ele diz, como se falasse com ele mesmo de um lugar que ele mesmo desconhece. Em muitos momentos, produz enunciados incompletos, interrompidos por ele mesmo.

É nítida a interferência do inconsciente nesse tipo de emissão, configurando uma *forma-tique* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 101) ou um *tique discursivo* (FRANCKEL, 2020, p. 7)¹⁰⁴, ambos categorizados pelos autores, cada qual em sua seara, como expressões de metaenunciação.

Com base no extenso inventário que realizou em *corpus* de língua falada e escrita, Authier-Revuz destaca como uma das características gerais das formas metaenunciativas

¹⁰⁴ Em estudo recente, embora distante do estudo de Authier-Revuz, Jean-Jacques Franckel (2020, p. 7), ao tratar da forma *digamos* na função metaenunciativa, refere que outras expressões compostas com o verbo *dizer* estão relacionadas com *digamos* nessa função, inclusive podendo tornar-se "tiques discursivos", a exemplo da expressão *vamos dizer* (no francês, *on va dire*).

encontradas em *corpus* a tendência ao "congelamento, em diversos níveis, observáveis nas formas" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20). Esse congelamento é a tendência de algumas formas metaenunciativas à cristalização e à estereotipia, como é o caso dos fragmentos destacados do inquérito D2 255.

Ainda acerca desse tópico, é importante esclarecer que os tiques metalinguísticos das glosas reflexivas faz evidenciar de maneira ainda mais aguda "a relação profunda e singular do enunciador – no(s) parâmetro(s) de não-coincidência e no tipo de negociação com essa não-coincidência que aí são ditos – com o fato da enunciação" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 95). O enunciador se centra de forma mais profunda no dizer, não tanto no seu conteúdo (o dito), o que se percebe nos Fragmentos 20 (D2 255), diante de enunciados incompletos e interrupções abruptas verificáveis no dizer do documentador desse inquérito.

Em suma, as funções enunciativo-pragmáticas exercidas pelos parênteses metaenunciativos em que se desenvolvem as não-coincidências interlocutivas (subtipo injunção a dizer em uma só voz) podem se resumir no compartilhamento de responsabilidades entre o sujeito-locutor e o sujeito-alocutário pelo uso de uma palavra inadequada. O sujeito-locutor faz uma parada no dizer sobre a palavra considerada por ele incerta em alguma medida e suspende essa responsabilidade por alguns instantes, dividindo-a com o sujeito-alocutário.

Quanto à transcrição de *digamos*, *vamos dizer* e variantes nos inquéritos do *corpus*, encontramos algumas poucas ocorrências de marcação dos parênteses por meio de travessões duplos, o que se interpreta como a não identificação unívoca, pelos transcritores do Projeto NURC/SP, de desvio temático provocado pelas expressões em questão, ou seja, de uma forma geral, os transcritores oscilaram na interpretação dos segmentos nos quais foram enunciados os referidos comentários parentéticos.

Tomando como amostra os quatro inquéritos nos quais houve maior incidência das formas metaenunciativas *digamos*, *vamos dizer* e variantes – DID 18, D2 255, D2 343 e D2 62 – (v. Tabela 10), podemos concluir que, de um total de 65 ocorrências, apenas 1 metaenunciado foi marcado entre travessões duplos ("um controle – – **digamos assim** – – em cima de você", D2 62). De toda forma, no geral, houve uma tendência à marcação das variantes *digamos assim* e *vamos dizer assim* como metaenunciados parentéticos nos inquéritos do *corpus*, em detrimento das formas *digamos* e *vamos dizer* (sem a composição com *assim*), que raramente receberam marcação indicativa de desvio pelos transcritores do Projeto NURC/SP.

Como já referimos em mais de uma oportunidade neste trabalho, existe uma fronteira permeável entre os quatro tipos de não-coincidências do dizer, que "conversam" entre si na medida em que um campo pode interferir no outro. Essa fronteira é composta de maneira frequente a partir do ponto de vista da não-coincidência interlocutiva, que coloca em xeque a dimensão enunciativa frente à dimensão interacional concreta.

Embora Authier-Revuz reconheça que existe uma interrelação entre os campos não-coincidentes do dizer, mencionando, a propósito, a não-coincidência interlocutiva e a não-coincidência entre as palavras e as coisas (1995, p. 650), ela não explora de forma ampla esse entrecruzamento, conforme já mencionamos; exceção seja feita aos campos das não-coincidências interdiscursivas e interlocutivas a cuja interrelação denomina "interferências de alteridades no coração do dizer" (AUTHIER-REVUZ, 2011b, p. 6).

Alguns exemplos do *corpus* atestam a referida fronteira permeável: "**como é que diríamos assim?**" (Inquérito D2 62), em que a busca pela palavra exata (não-coincidência entre as palavras e as coisas) se entrecruza com a convocação do tu para enunciar em conjunto a palavra mais adequada (não-coincidência interlocutiva); "**você diz em termos de processamento de dados aplicados a construções assim?**" (Fragmento 12), em que a fixação do sentido evocada (não-coincidência das palavras consigo mesmas) entrecruza-se com o campo das não-coincidências interlocutivas, pela convocação do tu explicitada na forma *você*; "**você pode interpretar o anticristo como digamos um novo entre parênteses computador**" (Fragmento 18), em que a relativização da palavra "computador" (não-coincidência entre as palavras e as coisas) entrecruza-se com uma não-coincidência do discurso consigo mesmo ao sinalizar que essa palavra vem de outra fonte enunciativa não indicada explicitamente, estando presente, ainda, em zona discursiva contígua, uma forma metaenunciativa pertencente ao campo das não-coincidências interlocutivas ("digamos").

5.4 OS TIPOS E AS FUNÇÕES DOS PARÊNTESES METAENUNCIATIVOS

Apresentamos nesta seção um quadro com a síntese das análises que realizamos em *corpus* e cujos resultados, em detalhe, encontram-se na seção anterior.

Foco na língua		Foco na língua	
Não-coincidência entre as palavras e as coisas		Não-coincidência das palavras consigo mesmas	
Busca por uma nomeação	Busca pela transparência na nomeação	Fixação do sentido	Ampliação do sentido
<i>como é que se diz? tem que ser descascado</i>	<i>freio propriamente dito</i>	modelo <i>em termos</i> funcionalistas	problemas <i>num sentido amplo</i>
<i>como poderia chamar? um chão</i>	<i>faceta propriamente estética</i>	feliz <i>em termos de</i> condições materiais	angústia <i>falando bem em termos gerais</i>
Função pragmática geral ↓	Função pragmática geral ↓	Função pragmática geral ↓	Função pragmática geral ↓
assegurar a intercompreensão; argumentar	assegurar a intercompreensão; argumentar	assegurar a intercompreensão; argumentar	assegurar a intercompreensão; argumentar
Foco no interdiscurso		Foco no interlocutor	
Não-coincidência do discurso consigo mesmo		Não-coincidência interlocutiva	
Um outro dizer	Um dizer por rodeios	Injunção a dizer em uma só voz	Injunção a dizer em uma só voz
vive na dele <i>como se diz na gíria</i>	<i>o que eles chamam de</i> cheque cruzado	a parte <i>digamos</i> recreativa	quantidade ínfima <i>vamos dizer</i>
talhar <i>como se falava</i>	<i>o chamado</i> milho híbrido	um controle <i>digamos assim</i>	<i>vamos dizer assim</i> muita liberdade
Função pragmática geral ↓	Função pragmática geral ↓	Função pragmática geral ↓	Função pragmática geral ↓
atribuir a outrem a responsabilidade pelas palavras ditas; argumentar	atribuir a outrem a responsabilidade pelas palavras ditas; argumentar	convocar o interlocutor a aceitar e compartilhar o uso de uma palavra; argumentar	convocar o interlocutor a aceitar e compartilhar o uso de uma palavra; argumentar

Quadro 15 – Tipos e funções da parentetização metaenunciativa – expressões levantadas em *corpus*

5.5 O SUJEITO DA PARENTETIZAÇÃO METAENUNCIATIVA

Antes de mais nada, queremos dizer que esta breve reflexão sobre a complexa e debatida questão do sujeito está situada neste capítulo porque deriva da articulação da interpretação da teoria da heterogeneidade neste aspecto com a observação dos fenômenos em *corpus*, dos quais emanaram sentidos que permitiram formularmos uma noção própria de sujeito que atendesse à concepção de parentetização metaenunciativa nos termos propostos na presente tese.

Embora esta tese não seja voltada para o estudo da questão do sujeito, não tivemos como fugir da análise da questão na profundidade e na medida em que essa discussão serviu aos objetivos de pesquisa.

Desde o início da pesquisa, percebemos como ponto nevrálgico da interface que propomos a questão do sujeito. Como poderíamos conciliar a concepção de sujeito-efeito da

linguagem, defendida na teoria da heterogeneidade enunciativa, com a concepção de sujeito-origem do sentido, concepção esta elaborada pela própria teoria da heterogeneidade para qualificar epistemologicamente as teorias do tipo pragmático-comunicacionais-interacionais e para, com elas, estabelecer uma linha de oposição?

Uma tarefa desafiadora na qual vislumbramos um caminho possível de aproximação entre ambas as teorias, de um lado, por relativizarmos certas afirmações de Authier-Revuz que nos pareciam por demais categóricas com relação às chamadas por ela de teorias do tipo pragmático-comunicativas ou interacionais; de outro, por termos como hipótese geral do trabalho que a própria teoria da heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz ofereceria fundamentos teóricos aptos a embasarem a aproximação teórica proposta, chegando à sua comprovação, bem como à comprovação de outra hipótese (derivada da primeira) no sentido de que estaríamos autorizados a denominar o fenômeno em estudo de parentetização metaenunciativa.

O percurso das análises dos fenômenos em *corpus* é que nos deram uma resposta para a pergunta: Quem é o sujeito da parentetização metaenunciativa? Essa resposta adveio da percepção de que as fronteiras entre o sujeito da enunciação e o sujeito da interação ou da interlocução não são rígidas, pois os sentidos por eles produzidos se mesclam, por vezes, se confundem nas "(...) formas mais explícitas, mais intencionais, mais delimitadas da presença do outro no discurso." (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 22)

Esse sujeito que, com maior ou menor intencionalidade, com maior ou menor consciência de seu dizer, faz o outro vir à tona no seu discurso não é sempre o mesmo: é mutante e suas palavras são caleidoscópicas, tantas são as possibilidades de sentido que delas emanam, ora sem que o sujeito se dê conta disso, ora manipulando sentidos tal qual um estrategista.

Essa noção de sujeito permeou a escritura desta tese, que encontra nas palavras de Authier-Revuz um fundamento, tanto para propor o estudo dos fenômenos em interface quanto para reconhecer que o inconsciente não destitui por completo o controle do dizer pelo sujeito¹⁰⁵, eis que

¹⁰⁵ De trabalho que também sustenta que as não-coincidências do dizer possuem um componente pragmático, ao mesmo tempo que propõe um sujeito que não é totalmente destituído do controle do dizer pelo inconsciente, destacamos a seguinte passagem para reflexão: "Vários psicanalistas, todos de orientação freudiana, entre eles Lacan, seu maior discípulo, assumem que o inconsciente, no sentido psicanalítico do termo, não é tão 'inconsciente' assim. O inconsciente é uma categoria descritiva para falar sobre uma parte do ser onde ele oculta seus desejos reprimidos, e, com certeza, essa não é uma parte que esteja em coma. O sujeito pode não ter controle sobre o inconsciente, e de fato não tem, mas é consciente de sua presença e sabe, mais ou menos, o que guarda lá [...]" (FONSECA, 2015, p. 53).

[por um lado,] essas não-coincidências constitutivas destituem o enunciador de uma posição de domínio enunciativo [...]; por outro lado, é em cada um desses pontos, onde o enunciador apresenta sua enunciação como afetada por um heterogêneo que lhe escapa, isto é, que lhe subtrai uma parte do domínio de seu dizer, que, desdobrando-se em metaenunciador, o enunciador produz a figura de um sujeito que ocupa diretamente uma posição de domínio, de exterioridade, em relação ao seu dizer [...]. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 85)

Authier-Revuz evita o sujeito origem do sentido mas se depara com o falante real e a situação de interlocução na descrição do funcionamento das não-coincidências interlocutivas, que julgamos serem um campo de heterogeneidade enunciativa especial, um exemplo privilegiado de não-coincidência do dizer, por propiciar uma reflexão teórica que obriga a conexão ou articulação de instâncias que, no nosso entender, andam sempre juntas: enunciação-discurso-interlocução, com seus sujeitos efeitos de linguagem, de um lado, e a situação concreta de interlocução, com seus falantes reais, de outro.

A configuração das não-coincidências interlocutivas mereceram um artigo próprio de Authier-Revuz, que consideramos uma síntese dos principais pontos de sua teoria, ao mesmo tempo que um esforço de articulação (não tão evidente) entre esses dois planos (enunciação-interlocução), que resultam nas duas funções reconhecidas pela linguista para essas formas de heterogeneidade mostrada: função enunciativa e função pragmático-comunicacional (a modo de estratégia) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 85). Interessante observar que a autora estende essa reflexão aos quatro campos de não-coincidências (p. 84), o que nos fornece mais um argumento nessa abertura teórica para legitimarmos a interface proposta na presente pesquisa.

Apesar de reconhecer tanto a existência do sujeito-origem como a possibilidade de seu estudo, é enfática ao longo de seus vários trabalhos que a teoria da heterogeneidade por ela concebida se funda no conceito de sujeito-efeito de "um sentido que escapa à [sua] intencionalidade" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 170). Entendemos, em contrapartida, que as fronteiras para o estudo dos fenômenos enunciativos, seja sob a concepção de um sujeito como efeito ou como origem do sentido, não são intransponíveis, como a própria autora deixou entrever quando propôs o estudo das formas metaenunciativas em um duplo plano (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 85), como já referimos; contudo, essas fronteiras precisam ser definidas de forma clara, tal como o faz Authier-Revuz em seus estudos, tal como tentamos esboçar na presente tese.

No que tange ao nosso posicionamento quanto à questão do sujeito, cremos que a abertura proporcionada pela própria teoria de Authier-Revuz serve de fundamento para defendermos dois aspectos que entendemos interrelacionados: a dupla face dos fenômenos de metaenunciação – como não-coincidência do dizer e como estratégia pragmático-comunicacional – e a compreensão do sujeito como efeito de um jogo entre o domínio e o não domínio enunciativo, entre o descontrole inconsciente e o controle consciente sobre o dizer, ou seja, "um sujeito nem livre nem assujeitado" (POSSENTI, 2000, p. 94) ou "um sujeito estratégico, ainda que clivado" (CAVALCANTE; BRITO; GIERING; PINTO, 2019, p. 104)

O sujeito que propomos e que justifica a articulação entre as teorias que colocamos em diálogo nesta tese revelam-se nos pontos que deixam à mostra a heterogeneidade enunciativa de um dizer não-coincidente, lugares de encontro entre os dois tipos de sujeito, que oscilam, dentro de um *continuum*, entre uma posição (ilusória) de domínio enunciativo – como se estivesse de fora de seu dizer e pudesse objetificá-lo, manipulando-o conforme a sua intenção (consciente) – e uma posição na qual o sujeito é totalmente destituído de domínio enunciativo pelo inconsciente e pelo interdiscurso (os já-ditos de outros discursos que lhe chegam sem que saiba de onde), estabelecendo uma luta de negociação com essa heterogeneidade, na tentativa de restaurar a unicidade (ilusória) e o controle de um dizer sem falhas (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 85).

Conforme já referimos neste trabalho, a ideia de um *continuum* é bastante utilizada em estudos linguísticos (por exemplo, para mostrar os graus de escrituralidade e oralidade na língua, como o proposto por Koch e Oesterreicher (2013 [1985]) e reformulado por Marcuschi (2007, p. 41). No âmbito dos estudos enunciativos, Authier-Revuz sugere (embora não desenvolva) um *continuum* para aferir os graus de maior ou menor percepção da emergência do outro no fio do discurso (2004, p. 13/18).

Pensamos que um *continuum* que considere os graus de maior ou menor controle do dizer pelo sujeito, aferível na materialidade discursiva, deva estar articulado, de alguma forma, com o supramencionado *continuum* sugerido por Authier-Revuz. Delineamos essa proposta apenas sob a forma de sugestão, para que outros trabalhos e outras teorias surjam e levem a efeito essa empreitada audaciosa, que vai muito além dos objetivos desta pesquisa.

5.6 SÍNTESE CONCLUSIVA: OS MOVIMENTOS E OS SENTIDOS DA PARENTETIZAÇÃO METAENUNCIATIVA

De tudo o que desenvolvemos e expusemos neste capítulo e em atenção aos objetivos específicos propostos nesta tese, podemos concluir que:

1) Não houve diferenças significativas na ocorrência dos parênteses metaenunciativos no que se refere aos tipos de inquéritos (D2, DID e EF). Independentemente desse fator, houve inquéritos do mesmo tipo em que os parênteses metaenunciativos praticamente não ocorreram (p. ex., DID 251) e outros em que a ocorrência foi abundante (p. ex., DID 18).

1.1) Percebemos uma tendência à manifestação dos campos das não-coincidências entre as palavras e as coisas (subtipo busca da transparência na nomeação: *propriamente dito*) e das não-coincidências das palavras consigo mesmas (subtipo fixação do sentido: *em termos de*) nos inquéritos do tipo elocuições formais, talvez pela necessidade de esclarecimentos terminológicos, explicações, definições e conceitos.

1.2) Percebemos, também, que há temas que favorecem mais a produção metaenunciativa do sujeito do que outros (variável que não foi objeto de nossa pesquisa), o que guarda relação, por um lado, com a maneira como a pergunta é formulada e dirigida ao entrevistado, incluindo o seu grau de generalidade (por ex., "Poderia falar tudo o que você sabe sobre...?" ou "Como se chama aquela parte do animal...?") e, por outro, com a maior ou menor quantidade de intervenções do documentador (p. ex., 149 intervenções no DID 18, em 45 min de entrevista em face de 46 intervenções no DID 251, em 40 min de entrevista). Levantamos esse aspecto como resultado de uma observação panorâmica dos inquéritos do *corpus*.

2) Os parênteses metaenunciativos podem ser agrupados em dois grandes campos, de acordo com o tipo de não-coincidência do dizer que nele se manifesta.

2.1) Não-coincidências entre as palavras e as coisas e não-coincidências das palavras consigo mesmas: os parênteses metaenunciativos se manifestam preponderantemente em relação ao real da língua como ordem própria e como espaço do equívoco (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 194; 2004, p. 183).

2.2) Não-coincidências interdiscursivas e não-coincidências interlocutivas: os parênteses metaenunciativos se manifestam preponderantemente em relação aos interlocutores reais e ao peso sociohistórico das palavras (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 194; 2004, p. 183).

3) Existe um entrecruzamento dos quatro campos das não-coincidências, reconhecido por Authier-Revuz (1995, p. 650), mas não explorado, salvo no que tange às zonas de contato

entre as não-coincidências interlocutivas e interdiscursivas (AUTHIER-REVUZ, 2011b). Entendemos que essa fronteira maleável entre um campo e outro é frequentemente favorecida a partir do campo das não-coincidências interlocutivas, bastando para isso a convocação do tu enunciativo, mas pode ocorrer entre todos os campos.

3.1) As fronteiras entre os campos de não-coincidências ocorrem em dois sentidos: no sentido da interferência de um campo em outro (item 3, acima) e no sentido da proximidade entre os campos dentro da cadeia enunciativa, espaços em que dois ou mais campos podem combinar-se de forma contígua ou em zonas discursivas próximas.

4) Os parênteses metaenunciativos apresentam as seguintes características:

4.1) São comentários do enunciador que se interpõem na linearidade da cadeia enunciativa e promovem um retorno reflexivo opacificante de uma ou mais palavras – que já foi(foram) dita(s) (volta ao dizer) ou será(serão) dita(s) (antecipação do dizer) –, de modo que são formas de natureza essencialmente metaenunciativa.

4.2) Destacam uma palavra (ou conjunto de palavras) dentre todas na linearidade discursiva porque, no processo de opacificação, o parêntese metaenunciativo dá corpo à palavra à qual se refere, tornando-a visível: a palavra continua fazendo referência ao mundo como todas as outras (num dizer normal, simples e transparente) e, simultaneamente, coloca-se como objeto do discurso, alvo de um comentário metaenunciativo (uso e menção).

4.3) Essas formas metaenunciativas operam dois processos simultâneos, inerentes à modalização autonímica do dizer: ao mesmo tempo que promovem o rompimento do tecido enunciativo, promovem a costura do mesmo por meio de uma laçada reflexiva, que, conforme item 4.1, pode-se dar tanto sob a forma de uma volta, ou seja, o laço se dirige à palavra anteposta ao parêntese metaenunciativo (laçada para trás), quanto sob a forma de uma antecipação, ou seja, o laço se dirige à palavra posposta ao parêntese metaenunciativo (laçada para frente).

4.4) A dinâmica da modalização autonímica, descrita no item 4.3, que caracteriza os parênteses metaenunciativos, denomina-se ruptura ligada (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 27; 2004, p. 182).

4.5) A ruptura ligada integra um movimento mais amplo, também derivado da modalização autonímica, chamado de parada-sobre-palavras (AUTHIER-REVUZ, 2011a), que diz respeito a dois aspectos interrelacionados: de um lado, a dinâmica da ruptura ligada e, de outro, no plano temporal, essa parada implica uma suspensão do tempo do desenrolar "normal" da enunciação na linearidade da cadeia discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 102).

4.6) O movimento das laçadas interferem, especialmente, no plano temporal da enunciação.

4.6.1) Se a laçada for para frente (posição da antecipação ao dizer), o trabalho de gerenciamento do tempo da enunciação fica mais evidenciado na materialidade discursiva, uma vez que o enunciador estende o tempo da enunciação e ganha mais tempo enquanto processa o comentário parentético antecipadamente à emissão da palavra opacificada.

4.6.2) Se a laçada for para trás (posição da volta do dizer sobre ele mesmo), esse movimento nem sempre deixa explícito na superfície discursiva o gerenciamento do tempo pelo sujeito, embora ele sempre exista, em algum grau.

4.6.3) A evidência do trabalho de gerenciamento do tempo da enunciação pelo sujeito, quando produz laçadas para frente, implica um maior grau de controle enunciativo, noção que aproxima a dimensão enunciativa da dimensão pragmática do dizer.

4.6.4) Cada campo de não-coincidências apresenta uma dinâmica própria quanto à distribuição dos movimentos de laçadas: cada subtipo ou subgrupo que compõe cada um dos quatro espaços de não-coincidências do dizer organiza internamente os movimentos da modalização autonímica dentro dos parênteses metaenunciativos.

4.7) No campo das não-coincidências entre as palavras e as coisas o movimento das laçadas ocorre da seguinte forma: no subtipo relativo à busca por uma nomeação (p. ex., *como se chama?*), as laçadas para frente são unânimes, portanto constitutivas desse subtipo; no subtipo busca pela transparência na nomeação (p. ex., *propriamente dito*), as laçadas são bidirecionais, com predomínio das laçadas para frente.

4.7.1) Destaca-se, no primeiro subtipo, a ocorrência significativa do que denominamos de ruptura sem laçada, fenômeno que sinaliza a manifestação de formas com potencial metaenunciativo, mas que, no entanto, não se perfectibilizam pela ausência do escopo. As rupturas sem laçada ocorrem em situações enunciativas do que chamamos dúvida real, que contrasta com situações de dúvida simulada, fenômeno mais perceptível no subtipo da busca pela palavra, em que as laçadas para frente revelam que o gerenciamento do tempo entre a busca e a emissão da palavra (que pode não ocorrer) é ambiente favorável a uma maior previsibilidade da palavra a ser empregada, o que implica um maior grau de controle do dizer. Nos casos de ruptura sem laçada, observamos uma tendência a formulações não prototípicas, mais extensas e com demonstrações explícitas de inconformidade do sujeito pela falha na busca da palavra.

4.8) No campo das não-coincidências das palavras consigo mesmas, o movimento das laçadas ocorre da seguinte forma: tanto no subtipo relativo à fixação do sentido (p. ex., *em termos de*) quanto no subtipo relativo à ampliação do sentido (p. ex., *num sentido amplo*), as laçadas para trás são unânimes, portanto constitutivas de ambos os subtipos.

4.9) No campo das não-coincidências interdiscursivas, o movimento das laçadas ocorre da seguinte forma: no subtipo relativo a um outro dizer (p. ex., *como se diz*), as laçadas são bidirecionais, com predomínio das laçadas para trás, portanto a bidirecionalidade é constitutiva desse subtipo; no subtipo um dizer por rodeios (p. ex., *o que se chama*) as laçadas assim funcionam: nas construções do tipo "o que + v. *chamar* + nome", as laçadas para frente são unânimes, pelo fato de sua estrutura composicional não aceitar variações nem mobilidade do parêntese; nas construções do tipo "particípio v. *chamar* + nome", as laçadas são bidirecionais, com predomínio das laçadas para trás.

4.10) No campo das não-coincidências interlocutivas, o movimento das laçadas ocorre da seguinte forma: no subtipo injunção a dizer em uma só voz, representado pelos metaenunciados *digamos* e *vamos dizer*, as laçadas são bidirecionais, com predomínio das laçadas para frente, portanto a bidirecionalidade é constitutiva desse subtipo. Registramos no espaço das não-coincidências interlocutivas um caso de ruptura sem laçada, em que o sujeito diz o metaenunciado "digamos assim" e não emite o escopo. As rupturas sem laçada podem ocorrer, em princípio, em todos os campos de não-coincidências do dizer.

5) Em números absolutos, os movimentos das laçadas apresentaram uma frequência equitativa no *corpus*: laçada para frente (79) e laçada para trás (76).

5.1) No entanto, cada campo de não-co incidência enunciativa e, por vezes, cada subtipo dentro de um dos campos mostrou um funcionamento próprio quanto ao movimento das laçadas.

6) Os parênteses metaenunciativos podem funcionar a modo de incisivas reflexivas (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 101) com interrupção da ordem sintática e sintagmática. Essa interrupção ocorreu em todos os campos de não-coincidências, exceto no das não-coincidências das palavras consigo mesmas (subtipos fixação do sentido e ampliação do sentido).

7) Os parênteses metaenunciativos podem ser construídos colaborativamente entre os parceiros de interlocução (escopo produzido por um e comentário metaenunciativo produzido pelo outro) (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20). Esse fenômeno se manifestou em todos os campos de não-coincidências do dizer.

8) As formas metaenunciativas comportam estruturas composicionais diversas; cada subtipo dentro de um dos quatro campos apresenta uma forma de composição singular. Nesse sentido, comportam formas atípicas ou não prototípicas. Os campos das não-coincidências das palavras com as coisas e das não-coincidências interdiscursivas apresentaram maior variação composicional. Já os campos das não-coincidências das palavras consigo mesmas e das não-coincidências interlocutivas apresentaram menos variação e uma maior tendência à cristalização e estereotipia das formas, com manifestação dos chamados tiques linguísticos (congelamento das formas) (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20).

9) Em números absolutos, os campos apresentaram a seguinte frequência de ocorrência dos parênteses metaenunciativos: não-coincidências interlocutivas (65); não-coincidências entre as palavras e as coisas (46); não-coincidências interdiscursivas (37); não-coincidências das palavras consigo mesmas (27).

10) A identificação do fenômeno da parentetização metaenunciativa obedece exclusivamente ao critério da estrutura da modalização autonímica, ou seja, um parêntese metaenunciativo é definido pela sua própria natureza metaenunciativa, em detrimento de qualquer outro critério.

10.1) Quanto aos aspectos prosódicos e entonacionais, descartados em nosso trabalho como critério definidor – já que a parentetização metaenunciativa independe desses aspectos, tendo em vista que estes permanecem inalterados com muita frequência (não contabilizada por fugir aos objetivos da pesquisa) –, manifestaram-se como coadjuvantes na identificação dos tiques linguísticos, o que reforça a importância de estudos nesse sentido, que ficam sugeridos.

10.2) Portanto, os parênteses metaenunciativos comportam também formas congeladas ou cristalizadas sob a forma de tiques linguísticos, que não desnaturam o seu caráter de metaenunciado. Ao contrário, nesse tipo de parêntese, aflora de forma mais aguda a relação profunda do sujeito com o seu processo enunciativo (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 95), evidenciada pela influência do inconsciente na produção dessas formas.

10.3) O ambiente enunciativo das não-coincidências interlocutivas se mostrou mais favorável à enunciação de formas-tique específicas (como *digamos*, *vamos dizer* e variantes), confirmando as descrições de Authier-Revuz (AUTHIER-REVUZ, 1995, p. 650-655; 2004, p. 89/94-95) e de outros estudos recentes (FRANCKEL, 2020, p. 7).

11) Quanto às transcrições dos inquéritos realizadas pelos transcritores do Projeto NURC/SP, podemos afirmar que houve oscilações quanto à identificação e a consequente

marcação dos metaenunciados como parênteses (sinalizados com travessões duplos). No entanto, houve uma tendência maior à marcação dos metaenunciados do subtipo relativo à busca por uma nomeação (espaço das não-coincidências entre as palavras e as coisas) e, em menor medida, dos metaenunciados do subtipo injunção a dizer em uma só voz (espaço das não-coincidências interlocutivas).

12) As não-coincidências interlocutivas demonstraram ser o ponto de encontro entre as duas visões teóricas postas em reunião ou confronto nesta tese, confirmando que os fatos de enunciação e da interlocução real podem e devem ser conciliados em uma abordagem teórica que articule de forma orgânica o plano da enunciação e o plano da interlocução.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dizer que não é óbvio: as palavras se cindem, se duplicam, se transformam em outras, caleidoscópicas, jogando o jogo do um e do não-um, que diz muito sobre o sujeito. Dividido, clivado, atravessado pelo inconsciente, o sujeito tem o seu dizer cheio de falhas, faltas, fendas, furos, que denunciam essa falta de controle do dizer, mas que, imediatamente, o sujeito trata de remendar, costurar, suturar, na ilusão de recuperar as rédeas do dizer, na tentativa de mostrar para si mesmo e para o seu interlocutor que é ele quem comanda o dizer, domina as suas palavras.

As palavras – esses "puros seres de discurso"¹⁰⁶ – são seres imperfeitos, incompletos, lacunosos, imprecisos, defeituosos. O sujeito sai em busca da palavra; precisa de outra palavra; precisa trazer outra fonte enunciativa para dizer o que quer dizer; precisa especificar o sentido; precisa convocar o outro da interlocução para preencher o dizer. As palavras faltam, os sentidos não alcançam, essa falta de um dizer também é um dizer da falta¹⁰⁷.

Esse é o jogo das múltiplas heterogeneidades enunciativas que tentamos desenhar nesta tese, um jogo que acreditamos ser possível compreender não só sob a perspectiva enunciativa, mas sob outras perspectivas que contribuam para perceber outros sentidos, outras dimensões que afloram dessa dinâmica.

Authier-Revuz tomou um fato linguístico praticamente banal e construiu em torno dele uma teoria imensa, com muitos tentáculos ou, como alguém já disse, uma teoria oceânica, tal a abrangência profunda de seus postulados. De outra parte, Jubran teceu sua teoria da parentetização com não menos profundidade e complexidade, mas certamente com menos vastidão do que a de Authier-Revuz, que abarca o sujeito a partir dos recônditos do inconsciente (e isso não é pouco!).

Nesse caminho em que temas em comum se cruzam, em que ecos dialógicos de uma teoria ressoam na outra, encontramos argumentos dentro da própria teoria da heterogeneidade para conseguir colocar essas duas perspectivas em diálogo nesta tese a partir de uma convicção de natureza epistemológica, que nos motivou ao longo do percurso de pesquisa: os fatos de

¹⁰⁶ AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 252.

¹⁰⁷ AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010[1994]. p. 253-277.

língua não podem ser concebidos como objetos prontos e acabados, à espera de captura pelo pesquisador que resume o seu fazer científico a impor teorias sobre eles.

Entendemos que os fatos linguísticos a serem estudados têm algo a dizer e cabe ao pesquisador aproximar-se desses fatos com um aparato teórico-metodológico que permita tal escuta. Esse deve ser um movimento dinâmico entre pesquisador e pesquisado, que permita a verdadeira relação dialógica de interação entre todos os elementos envolvidos nesse processo de compreensão e interpretação.

Nesse sentido, a teoria das múltiplas heterogeneidades do dizer nos ensinou que as paradas sobre palavras são um elo de ligação, não só no âmbito dos movimentos da modalização autonímica, mas também permitem a aproximação de teorias consideradas díspares. A parada produzida dentro do parêntese é o lugar de encontro dos dois sujeitos, o da enunciação e o da interlocução.

Como defendido ao longo desta tese, e isso ficou mais claro com as análises em *corpus*, o campo das não-coincidências interlocutivas é terreno fértil para vislumbrarmos que tanto a dimensão enunciativa quanto a dimensão interlocutiva ou interacional são constitutivas da linguagem. Nesse momento da teoria, Authier-Revuz abre uma margem de interpretação que estende aos quatro campos das não-coincidências do dizer, ao afirmar que essas formas metaenunciativas devem ser reconhecidas em um plano duplo: como manifestações da heterogeneidade enunciativa e como estratégias pragmáticas.

O estudo do fenômeno em *corpus* empreendido nesta tese confirmou que o sujeito da parentetização metaenunciativa consegue manipular o tempo, o que se comprovou pela presença dos movimentos de laçada para frente, mecanismo enunciativo utilizado pelo enunciador para ganhar tempo, muitas vezes fingindo dúvida, simulando a busca da palavra exata, quando ele mesmo já sabe qual a palavra utilizar.

Por que o enunciador faz esses movimentos? Certamente porque tem algum grau de controle sobre o seu dizer, controle inclusive sobre o tempo do seu dizer; porque tem diante de si o interlocutor de carne e osso, sobre o qual cria imagens ou ideias que influenciarão toda a sua produção linguística, todo o seu processo de enunciar; porque tanto o sujeito-locutor quanto o sujeito-alocutário estão imersos em um ambiente cujos fatores culturais, idiossincráticos e situacionais não podem ser abstraídos nesse processo de interlocução e que, necessariamente, geram reflexos no processo enunciativo.

O sujeito enuncia com base em uma situação de interlocução concreta, que interfere diretamente na sua produção enunciativa tanto quanto (e esses graus deveriam ser objeto de alguma teoria ou interface teórica vindoura) os fatores advindos do inconsciente que atravessa inevitavelmente o seu dizer.

E isso não pode ser negado. De fato, não é negado nem pela teoria da heterogeneidade enunciativa, que, no entanto, desvia desse aspecto e se centra na dimensão heterogênea e constitutiva do dizer, à qual o sujeito não tem como fugir, eis que é mais forte do que ele, inevitável, incontrolável, inescapável. Da mesma forma, não há como o sujeito fugir da complexidade e variedade de fatores que influenciam o seu processo interlocutivo. Não há como fugir desse plano duplo articulado: a complexidade do inconsciente e a complexidade da interlocução. Cremos que a combinação entre essas duas esferas consegue dar conta de explicar com mais precisão o que ocorre nos fenômenos enunciativo-pragmáticos como a parentetização metaenunciativa.

Uma dimensão não exclui a outra, no nosso entender. Ao contrário, é desafio para a Linguística aproximar a dimensão enunciativa da dimensão interlocutiva do dizer, aproximar o sujeito efeito de linguagem do sujeito origem do dizer por meio de um arcabouço teórico que consiga conciliar ambas as abordagens do sujeito.

O "outro" da teoria da heterogeneidade de Authier-Revuz é toda e qualquer teoria baseada na ideia de sujeito-origem do sentido, que trata a língua como instrumento e as formas metaenunciativas, primordialmente, como estratégias operacionais de gestão de problemas comunicacionais ou pragmáticos.

As críticas da linguista francesa a essas teorias nem sempre são justas. Nem todas as teorias ditas pragmático-interacionais ou comunicacionais, atualmente, são fieis à sua raiz lógica (herdeiras dos atos de fala), porque, no mesmo passo que se distanciaram de suas origens, foram acompanhando os últimos movimentos da Linguística que vão da língua (enquanto sistema imanente) em direção ao discurso (língua em sua dimensão de uso real e enunciativo), tendo incorporado esses preceitos, em maior ou menor medida.

Entendemos que a concepção de sujeito não pode ser reducionista, ao contrário, defendemos, com apoio em outros teóricos brasileiros, que o sujeito da parentetização metaenunciativa deve ser compreendido como efeito de um jogo entre o domínio e o não domínio enunciativo, entre o descontrole inconsciente e o controle consciente sobre o dizer, ou

seja, "um sujeito nem livre nem assujeitado"¹⁰⁸ ou "um sujeito estratégico, ainda que clivado"¹⁰⁹. Essas duas definições, advindas de pesquisadores atuantes em áreas diversas, resumem o nosso entendimento acerca da questão do sujeito no âmbito dos estudos linguísticos.

Estamos cientes da nossa incompletude enquanto sujeitos pesquisadores e das faltas do nosso dizer. Na ânsia de tentar abarcar todos os sentidos que emanam dos discursos analisados, inevitavelmente, caímos na ilusão de um objeto total ou de uma teoria (ou mesmo conjunto de teorias) que possa dar conta de todas as facetas do fenômeno em estudo. Outros sentidos, outras leituras, em suas singularidades, poderão ser feitas sobre os mesmos fatos linguísticos que aqui nos propusemos a estudar. Esses fatos, certamente, já não serão os mesmos, pois cada olhar sobre eles lançados os interpretará e os ressignificará de forma irrepetível.

A vida e a língua são muito mais complexas do que as teorias, que sempre estão um passo atrás do dinamismo dos fatos que pretendem descrever. Nesse sentido, reafirmamos a nossa postura epistemológica, sempre aberta ao encontro de novas fronteiras teóricas. Mais do que testar e comprovar hipóteses e atender aos objetivos de pesquisa, esta tese teve como meta maior abrir caminhos, apontar possibilidades e viabilidades, ao defender a legitimidade de um estudo como o que aqui propusemos e desenvolvemos.

Por fim, devemos dizer que tentamos desenvolver este trabalho sem nos deixar seduzir pelo atrativo leito de Procusto, tarefa talvez impossível, pois o nosso olhar, por menos ortodoxo que seja, sempre é um olhar, um recorte. Desejamos que esse recorte não exclua partes vitais dos fenômenos em estudo. Eis o desafio da experiência subjetiva e dialógica da pesquisa (científica).

¹⁰⁸ POSSENTI, 2000, p. 94.

¹⁰⁹ CAVALCANTE; BRITO; GIERING; PINTO, 2019, p. 104.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lara Oleques de. *A atenuação metaenunciativa em interações face a face*. Orientador: José Gaston Hilgert. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Comunicação e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/USP, 1998.

ARESI, Fábio. *Síntese, organização e abertura do pensamento enunciativo de Émile Benveniste: uma exegese de 'O aparelho formal da enunciação'*. Orientador: Valdir do Nascimento Flores. 2012. 207 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Paradas sobre palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n. 3, v. 36, set/dez. 2011a, p. 651-679. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/18488>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, n. 1, v. 36, jan./mar. 2011b, p. 6-20.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.11-80.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A não-coincidência interlocutiva e seus reflexos metaenunciativos. In: *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 81-103.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A auto-representação opacificante do dizer em certas formas de "duplicação". In: *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 105-171.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades e rupturas: algumas considerações no campo enunciativo. In: *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 173-189.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras mantidas a distância. In: *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 217-237.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. As não-coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa – estudo lingüístico e discursivo da modalização autonímica. In: *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 13-28.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. O enunciador glosador de suas palavras: explicitação e interpretação. In: *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 29-51.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Jogos metaenunciativos com o tempo. In: *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 83-106.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Duas ou três coisas sobre as relações da língua com o que não é ela... In: *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p.165-175.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Enunciação e metaenunciação – heterogeneidades enunciativas e problemáticas do sujeito. In: *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 177-200.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse, 1995. Tome I.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 253-277.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 19, jul/dez 1990[1984], p. 25-42.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langages*. 19 année, n. 73, 1984, p. 98-111.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. Pref. Tzvetan Todorov. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1979], p. 393-410.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. Pref. Tzvetan Todorov. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1979], p. 307-335.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010[1929].

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética (A Teoria do Romance)*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998[1975].

BARROS, Juliene da Silva. *Intercalação, (Meta)enunciação e autoria: uma análise textual-discursiva da interposição*. Orientador: Sírio Possenti. 2003. 312 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem – Departamento de Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *A linguagem e os falantes: ideias linguísticas e sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2017.

BATTISTI, Elisa; OTHERO, Gabriel; FLORES, Valdir do Nascimento. *Conceitos básicos de linguística: sistemas conceituais*. São Paulo: Contexto, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. 6. ed. Campinas: Pontes, 2020 [1958]. p. 281-289.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. 6. ed. Campinas: Pontes, 2020 [1956]. p. 273-279.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989 [1970]. p. 81-90.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

BRITO, Mariza Angélica Paiva. O uso argumentativo das não coincidências do dizer. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, edição especial, n. 12, vol. 14, 2016. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/3ba2f687200cdd90ec5f6da82a34c768.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Estudos de Língua Falada: uma entrevista com Ataliba Teixeira de Castilho. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, n. 4, v. 3, mar/2005. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_4_entrevista_ataliba_teixeira_de_castilho.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1991, v. I - A ordem.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação. *Linha d'Água*. São Paulo, n. 24 (2), 2011, p. 259-276.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; GIERING, Maria Eduarda; PINTO, Rosalice Botelho Wakim Sousa. A negociação persuasiva para a análise da argumentação nos discursos. *(Con)Textos Linguísticos*. Vitória: UFES, n. 25, v. 13, 2019, p. 99-116.

CREMONESE, Lia Emília. *Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de linguística da enunciação*. Orientador: Valdir do Nascimento Flores. Coorientadora: Maria José Bocorny Finatto. 2007. 179 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras* v. 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 81-112.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. Teoria da Enunciação. In: ROMERO, Márcia et al. *Manual de Linguística: semântica, pragmática e enunciação*. Petrópolis: Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. A voz como objeto de uma antropologia da enunciação. *Working Papers em Linguística*. Florianópolis: UFSC, n. 19(2), ago./dez. 2018, p. 35-53. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2018v19n2p35>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, n. esp. (supl.), v. 50, dez. 2015, p. s90-s95.

FLORES, Valdir do Nascimento. Entre o *dizer* e o *mostrar*: a transcrição como modalidade de enunciação. *Organon*. Porto Alegre: UFRGS, n. 40/41, jan./dez. 2006, p. 61-75.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v. 36, n. 4. dez. 2001, p. 7-65.

FLORES, Valdir do Nascimento. Dialogismo e enunciação: elementos para uma epistemologia da linguística. *Linguagem & Ensino*. Pelotas: UFPEL, v. 1, n. 1, 1998, p. 5-34. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15472>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FONSECA, Carlos Magno Viana. *Uma abordagem retórico-argumentativa para as não-coincidências do dizer*. Mossoró: UERN, 2015.

FRANCKEL, Jean-Jacques. De l'énonciation à la méta-énonciation. *Corela – cognition, représentation, langage* [En ligne], HS-31, 02 juillet 2020. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/corela/11607>>. Acesso em: 19 out. 2020.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. *Parentéticos*. Madrid. Arco Libros, 2018.

HILGERT, José Gaston. Parafraseamento. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (Org.). *A construção do texto falado* (Gramática do português culto falado no Brasil, Coordenada por Ataliba T. Castilho). São Paulo: Contexto, 2015. vol. 1, p. 257-278.

HILGERT, José Gaston. Atenuação e cortesia em intervenções metaenunciativas na conversa. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014, p. 365-379.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos profiláticos na construção do sentido e da compreensão na conversa. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (Orgs.). *Comunicação na fala e na escrita* (Projetos Paralelos NURC/SP - Núcleo USP). São Paulo: Humanitas, 2013. p. 71-91.

HILGERT, José Gaston. A construção do sentido e da compreensão na conversa, mostrada em procedimentos meta-enunciativos. *Linha d'Água*. São Paulo, n. 25 (2), 2012, p. 106-129.

HILGERT, José Gaston. A oralidade em textos escritos: reflexões à luz de uma teoria de texto. *Calidoscópico*. São Leopoldo, v. 9, n. 3, set/dez 2011, p. 171-179.

HILGERT, José Gaston (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes*. Florianópolis: Insular, 2009.

HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. *Calidoscópico*. São Leopoldo, v. 5, n. 2, mai/ago 2007, p. 69-76.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2005[1963].

JUBRAN, Clélia Spinardi. Parentetização. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (Org.). *A construção do texto falado* (Gramática do português culto falado no Brasil, Coordenada por Ataliba T. Castilho). São Paulo: Contexto, 2015. vol. 1, p. 279-331.

JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi. O metadiscorso entre parênteses. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.38, n.3, set./dez. 2009, p. 293-303.

JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira; MORAIS, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth E.

- Vasconcellos; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007. p. 313-327.
- JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi. A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevista televisiva. In: BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, 1999. p. 9-19.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 15. ed. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2018a.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2018b.
- KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. *Linha D'água*. Trad. Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. São Paulo, v. 26, n. 1, 2013 [1985], p. 153-174.
- LEITE, Marli Quadros et al. A Análise da Conversação no Grupo de Trabalho 'Linguística do Texto e Análise da Conversação' da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, Anna Christina e LEITE, Marli Quadros (Orgs.). *Linguística de Texto e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 49-158.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, jul/dez 2001, p. 217-258.
- ORLANDI, Eni. Heterogeneidade teoricamente sustentada [Apresentação]. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- PAIVA, Crisciene Lara Barbosa. *Proposta teórico-metodológica para análise de inserções parentéticas em chat educacional no ensino de língua espanhola*. Orientadora: Anise D'Orange Ferreira/Mercedes Marcos Sánchez. 2013. 323 f. Tese (Doutorado em Letras/Filologia) – Faculdade de Ciências e Letras/Facultad de Filología. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Universidade de Salamanca, Araraquara/Salamanca, 2013.
- PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. *Revista Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 21, n.1, jan/jun. 2013, p. 239-258.
- PAVEAU, Marie-Anne. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. *Policromias*, Ano III, dez/2018, p. 21-45.

POSSENTI, Sírio. Metaenunciação: uma questão de interdiscurso e de relevância. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 9. n. 1, Belo Horizonte, jan/jun 2000, p. 91-108.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos* v. 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 353-391.

PRETI, Dino (Org.). *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.

ROMERO, Márcia; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRO, Pablo Nunes; FLORES, Valdir do Nascimento. *Manual de Linguística: semântica, pragmática e enunciação*. Petrópolis: Vozes, 2019.

SAUNIER, Evelyne. Sur une intonation à valeur métalinguistique. *Corela – cognition, représentation, langage* [En ligne], HS-31, 02 juillet 2020. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/corela/11622>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. Trad. Antônio Chelini et al. Pref. Isaac Nicolau Salum. Cultrix: São Paulo, 1975[1916].

SCHNEIDER, Stefan. *Reduced parenthetical clauses as mitigators. A corpus study of spoken French, Italian and Spanish*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 2007.

SILVA, Luiz Antônio da. Projeto NURC: histórico. *Linha d'Água*. São Paulo, n. 10, jul. 1996, p. 83-90.

SOBRAL, Adail. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2018. p. 123-150.

TENANI, Luciani Ester. *Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do Projeto da Gramática do Português Falado*. Orientadora: Maria Bernadete Marques Abaurre. 1996. 189 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do Nascimento. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, n. 16, v. 9, 2011, p. 406-425. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_16_entrevista.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

TOLDO, Cláudia. O *aparelho* formal da enunciação: que aparelho é este? *Desenredo*. Passo Fundo, v. 14, n. 3, set./dez. 2018, p. 424-434.

DE VOGUÉ, Sarah. Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, integração. In: DE VOGUÉ, Sarah; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 57-85.

ANEXO – Normas para transcrição - Projeto NURC/SP

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os... éh :: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	...a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá?

Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“...”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barREIra entre nós”...

*Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D2.

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc).
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: *tá?* você está brava?).
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois-pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

Fonte: PRETI, Dino (Org.). *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011. p. 17-18.